



# Festival do Folclore

## Olímpia-SP

### ANUÁRIO



Foto: Tatiána Azambuja

Estado Homenageado

# Rio Grande do Sul

Apresentação de grupos folclóricos • palestras • artesanato • comidas típicas

Jubileu de  
Ametista

Entrada franca



# 21 a 29 de Julho de 2012

Local: Recinto dos Festivais do Folclore



ANUÁRIO DO

# 48º FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA



**OLÍMPIA, CAPITAL DO FOLCLORE**

**ANO XXXIX - Nº 42 - JULHO DE 2012**



## **PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA - ESTADO DE SÃO PAULO**

Expediente: Avenida Menina Moça, n.º 800, Vila Hípica - CEP: 15400-000 - Olímpia - SP

Telefone: (17) 3281-6786 - Fax: (17) 3281-6941

Diretor: José Sant'anna (in memorian)

Diretor Executivo e de Edição: André Luiz Nakamura

Coordenadora Geral do Setor de Folclore: Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica: Ricardo Gonçalves - Tel. (17) 9201-9333

Impressão e Acabamento: RP Indústria Gráfica Ltda. - Gráfica São Sebastião

Rua Ângelo Fabrini n.º 383 - Jd. Urupês - S.J. Rio Preto-SP - Tel. (17) 3215-0700

Fotos: Jonas Olmos - Tel. (17) 3281-8145

Edição da Associação Olimpense de Defesa do Folclore Brasileiro.

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor.

Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, contanto que citada a fonte.

# SUMÁRIO



9 - Gaúcho - Um estado de espírito

16 - Danças Tradicionais, usos e Costumes Gaúchos

27 - Folclore Circense

38 - Exórdio à Paremiologia Olímpiense

59 - Calemburando

66 - Boi-bumbá

74 - Um estranho caso de vampirismo em Itambi

78 - Travalinguas

88 - A voz na Folia de Reis: exemplos de reisado de Olímpia

94 - As Falias e seus encontros

96 - O 47º Festival do Folclore de Olímpia

121 - O Dinâmico Folclore



CAPA

# RIO GRANDE DO SUL

## ESTADO HOMENAGEADO NO 48º FEFOL

*André Luiz Nakamura*

*Departamento de Folclore – Olímpia/SP*

Conquanto não integrasse o domínio português estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas, a relevância estratégica da região que atualmente compõe o Estado do Rio Grande do Sul atraiu inicialmente o interesse dos jesuítas em catequizar os índios das tribos guaranis, e dos bandeirantes paulistas, que ali realizaram atividades agropecuárias, ensejando a proliferação, nas pradarias gaúchas, das fazendas de gado, denominadas estâncias. Houve a primeira povoação nessas terras a partir de uma base militar criada em 1737, área que atualmente compõe o município do Rio Grande. No final do século XIX se deu a chegada dos imigrantes europeus, que concorreram para atribuir a esse fecundo Estado o título de “Europa Brasileira”.

Situado no extremo meridional do Brasil, com uma área de 281.748,5 km<sup>2</sup>, que corresponde a 3,32% do território brasileiro, o Rio Grande do Sul abriga cerca de 6% da população brasileira, a qual se distribui por um território que contém ampla diversidade cultural e fascinadoras paisagens.

De acordo com o Censo Demográfico 2010, a população do Estado remonta a 10.695.532 habitantes, ocupando o quinto lugar entre os Estados brasileiros.

Com PIB de US\$ 90 bilhões, é o maior produtor de grãos, o segundo polo comercial e o segundo polo da indústria de transformação nacional.

Alcança a terceira posição no Índice de Desenvolvimento Humano entre as unidades federativas do Brasil, ressaltando-se que, no que diz respeito aos indicadores sociais, distingue-se pelos seguintes aspectos: mortalidade infantil inferior a 13 óbitos por mil habitantes; uma das maiores expectativas de vida - superior a 74 anos; e uma taxa de alfabetização que supera 92%.

A produção econômica gaúcha também é digna de nota, detendo cerca de 6% do Produto Interno Bruto brasileiro, de modo a colocar o Estado em 4º lugar, ostentando um PIB per capita de aproximadamente 19 mil reais.

“O relevo apresenta altitudes que variam até 1.398 m, o clima subtropical caracteriza-se pelas baixas temperaturas e a vegetação é



diversificada com importantes áreas remanescentes da Mata Atlântica e a existência de campos, que caracterizam a Campanha Gaúcha e as terras altas do Planalto Meridional” (dados constantes do site do governo do Estado do Rio Grande do Sul).

Os símbolos oficiais desse exuberante Estado, definidos por legislação específica, são: “a Bandeira, o Hino e as Armas (Lei 5.213/66), a planta Erva-mate (Lei 7.439/80), a ave Quero-Quero (Lei 7.418/80), a flor Brinco-de-princesa (Decreto 38.400/98), o Cavalito Crioulo (Lei 11.826/02), a planta medicinal Marcela (Lei 11.858/02), a bebida Chimarrão (Lei 11.929/03) e o prato típico Churrasco (Lei 11.929/03)” (“Nossos símbolos: nosso orgulho!”. Organizado por Manoelito Carlos Savaris. Porto Alegre: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, 2008)”.

Quanto ao aspecto cultural, numa perspectiva abrangente, há que se ressaltar que, a partir do final da década de 40, em meio à edição do histórico “Manual de Danças Gaúchas”, de Paixão Côrtes e Barbosa

Lessa, acentuou-se consideravelmente a valorização das tradições populares no Rio Grande do Sul, de modo a acarretar uma pujante e gaudiosa identidade gauchesca cujos portadores se notabilizam por preservar com intrepidez a cultura popular da região.

Na seara gastronômica, prevalece o churrasco como o mais típico prato gaúcho, acompanhado do também tradicionalíssimo chimarrão, à base de erva-mate.

No que se refere às danças populares, o romantismo é sua grande característica, evidenciada nas figuras dos “peões” e das “prendas”, com seus respectivos sapateados e sarandeios, por eles garbosamente perpetrados, podendo ser, de imediato, identificados por seu incomparável estilo.



## CAPA



Grupos de projeção folclórica do Rio Grande do Sul configuram a imagem fotográfica que ilustra o cartaz do 48º FEFOL e a capa deste Anuário, representados por um par integrante de cada um deles, a seguir citados.

Da esquerda para a direita: Nilcéia e Dilceu, do Centro de Tradições Gaúchas “Querência do Imbé” – Imbé/RS; Magda e Adriano, do Centro de Tradições Gaúchas “Paixão Côrtes”, de Caxias do Sul/RS; Cláudia e Rogério, do Grupo de Tradição e Cultura “20 de Setembro”, de Xangri-Lá/RS; Rita e Rodrigo, do Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Serra”, de Osório/RS; Cintia e Alexander, do Centro de Tradições Gaúchas “Potreiro Grande”, de Tramandaí/RS (que já participou de nosso festival).

Crianças: Otávio, do Grupo de Tradição e Cultura “20 de Setembro”, e Isabella, do Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Serra”, de Osório/RS (presente em duas edições da nossa festa maior), grupos estes que marcarão presença no 48º Festival do Folclore de Olímpia/SP, do qual também participará o Grupo de Arte Essência Nativa, de São José do Sul/RS.

A fotografia (de Tatiana Azambuja) foi registrada em frente à sede do Grupo de Tradição e Cultura “20 de Setembro”, na cidade de Xangri-Lá/RS, em virtude de ter sido este o grupo gaúcho que mais vezes esteve presente no Festival do Folclore de Olímpia, com treze participações.

Mais informações e comentários sobre o Rio Grande do Sul estão disponíveis nos dois próximos artigos.

## GRUPOS PARTICIPANTES



### CTG Estância da Serra Osório/RS

Fundado em 02/04/1968. Lema: “Tradição:  
Marco do passado esteio do futuro”.

### CTG Paixão Côrtes Caxias do Sul/RS

Fundado em 07/04/1956. Lema: “Nas raízes do  
passado, firmamos o presente, rumo ao futuro”.



### CTG Potreiro Grande Tramandaí/RS

Fundado em 23/08/1957. Lema: “A hospita-  
lidade é a característica do bom gaúcho”.

### CTG Querência do Imbé Imbé/RS

Fundado em 15/06/1989. Lema: “Tradição,  
hospitalidade e civismo, unindo gerações”.



### Grupo de Arte Essência Nativa São José do Sul/RS

Fundado em 23/10/2011. Lema: “Fraternidade, ho-  
nestidade e amizade para cultivar as tradições”.



### Grupo de Tradição e Cultura 20 de Setembro Xangri-Lá/RS

Fundado em 18/04/1985. Lema: “A luta por um ideal”.

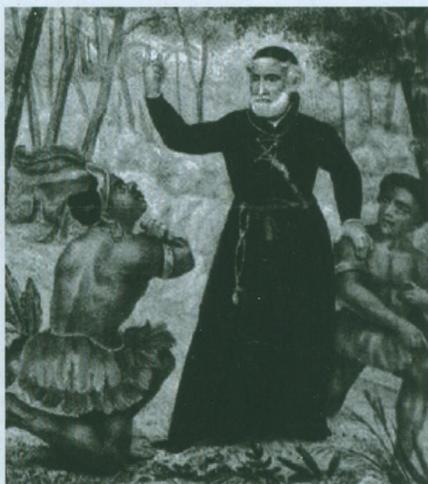


# GAÚCHO – UM ESTADO DE ESPÍRITO

Muito mais que um ser dos pampas, o gaúcho formou-se da miscigenação de várias etnias ao longo de uma história repleta de batalhas em defesa da fronteira do Brasil. Gente de toda raça foi formando um ser, que alguns chamam de “imaginário”, mas que é bem real e não é somente aquele que nasce no Rio Grande do Sul. A história nos conta o porquê.

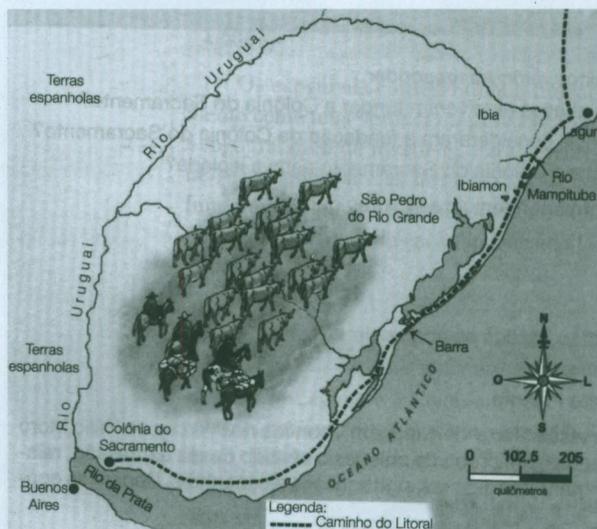
Rogério Pereira Bastos  
Diretor de Comunicação e  
Divulgação da CBTG\*

O Rio Grande do Sul, diferentemente dos demais estados teve sua colonização tardia e no sentido inverso, ou seja, de dentro pra fora do território. Foi com a chegada dos padres jesuítas, vindos da Espanha, que atravessaram a banda ocidental, do rio Uruguai, chegando na região noroeste do estado. Anterior a esse período, há registros de contatos realizados por europeus na costa do território, sem maiores pretensões.



Um primeiro momento é a chegada dos Jesuítas em 1626 para organizar os Guaranis em reduções que ocuparam mais da metade do território rio-grandense. De 1626 até 1638 formou-se a 1ª fase das reduções do Tape. Foram mais de 60, sendo que 18 delas no território onde hoje é o Rio Grande do Sul. Com as invasões holandesas na África, os portugueses ficaram sem escravos para as fazendas de cana-de-açúcar. Em São Paulo, os paulistas organizaram empresas chamadas “Bandeiras”, para caçar indígenas no Sul. Com a chegada dos Bandeirantes chega ao fim a 1ª fase das Missões.

Mesmo sem ser terras de Portugal, determinadas pelo Tratado de Tordesilhas, o Rio da Prata recebia a visita dos traficantes de escravos e contrabandistas de couro portugueses. Em 1680 fundaram a Colônia do Santíssimo Sacramento à margem do Rio, de frente para Buenos Aires, dividindo o controle do comércio com os espanhóis. Mal foi construída e já sofreu o primeiro ataque. A Colônia foi devolvida aos portugueses em 1681, por intervenção do Papa, pelo Tratado Provisional. Foram 97 anos de assédio espanhol à Colônia, somente terminando em 1777, com o Tratado de Santo Ildefonso, dando sua posse para a Espanha. Em troca, os portugueses ganhavam os Sete Povos das Missões.



O gado, deixado pelos jesuítas, na primeira fase das Missões, quando foram expulsos pelos Bandeirantes, soltou-se pelos campos e tornou-se selvagem, reproduzindo em no século XVI, ficou co-

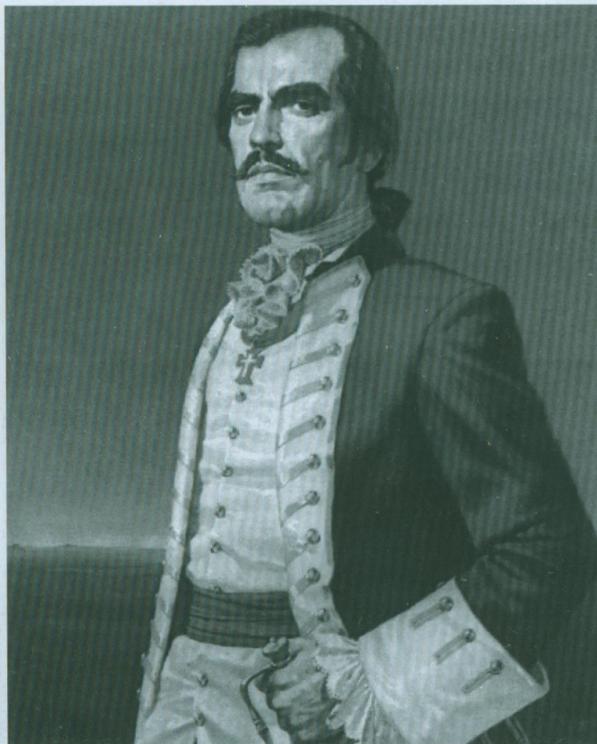


conhecida como idade do Couro onde se matava o gado, para retirar o couro, a graxa e a guampa. Além de Moeda de troca, o couro era usado como matéria-prima fundamental para a região pampeana.



Em 1682, os Jesuítas voltaram ao território, fundaram os chamados Sete Povos das Missões. As Missões chegaram a ter mais de 40.000 guaranis organizados em comunidades. A tecnologia trazida pelos padres ajudou a cativar os índios, como as ferramentas, que reduziam o tempo de construções e diminuía o uso da força no trabalho. São Miguel, por exemplo, era um povoado que tinha orçamentos, leis, chefes militares e escolas onde os índios guaranis aprendiam música e latim.

Ao final do século XVII é descoberto o Ouro nas Minas Gerais, a notícia ecoa pelo Brasil e entram em cena os tropeiros. Homens que desbravavam os caminhos, levam mulas para a mineração e acabam, por consequência, tirando a economia do sul do isolamento.



Cristóvão Pereira de Abreu, um dos

maiores tropeiros da história, construiu mais de 300 pontes. A abertura de estradas pelos campos de Viamão, Tramandaí, Mostardas, e outros lugares atraem moradores de Laguna. É o povoamento chegando pelas estradas abertas pelos tropeiros.

Em 1737, chega onde é hoje Rio Grande, com 250 homens, o Brigadeiro José da Silva Paes, para fundar a primeira povoação portuguesa na capitania do Sul e dar suporte para a Colônia do Sacramento.

No ano de 1750, com o Tratado de Madri, que redefiniu as fronteiras no sul do Brasil, Portugal promove a vinda, para o novo mundo, de casais açorianos, onde havia excesso de população. Na troca da Colônia do Sacramento pelos Sete Povos, surgiu um obstáculo: Onde colocar os guaranis, que se recusavam a sair do território? Um exército, formado por espanhóis e portugueses, atacaram os índios, na chamada Guerra Guaranítica. Na batalha de Caiboaté, 3 dias depois da morte de Sepé Tiarayú, mais de mil índios morreram em pouco mais de uma hora. Foi um verdadeiro massacre.



Em 1763, o governador de Buenos Aires, Pedro Cevallos, comandou a invasão espanhola. Avançaram sobre a Colônia do Sacramento, passaram pela fortaleza de Santa Tecla e ocuparam Rio Grande. O governo local se mudou às pressas para Viamão. Depois de 13 anos de ocupação, os fortes de São Martinho e Santa Tecla são retomados pelas tropas de Rafael Pinto Bandeira.

Nas chamadas “danças das fronteiras” no Rio Grande do Sul, devido a invasões, ataques, guerras, tratados, uma fronteira nunca caiu: Rio Pardo. O Forte Jesus-Maria-José (nomenclatura igual ao forte de Rio Grande), construído em 1751, ficou conhecido como “Tranqueira Invicta”, pois em nenhum momento foi subjugado pelos castelhanos.

A vitória sobre os espanhóis



garantiu a presença dos estancieiros militares, homens que, em troca de terras, cumpriam a tarefa de guardar as fronteiras. Os militares, como Rafael Pinto Bandeira, são os mais beneficiados com as sesmarias de terras para a criação de gado. A ocupação do território dá origem a uma aristocracia pastoril e também a homens soltos ao campo, sem moradia fixa, que se tornam soldados-peões das estâncias. Fora dos povoados, nascia uma casta diferente de homens, uma população de sem leis dominava os campos. Nasciam os gaudérios, índios vagos, que mais tarde ficariam conhecidos como: Gaúchos.

Em 1780, o gado selvagem estava começando a se extinguir, devido à ação predatória dos caçadores de couro. A economia sente o impacto. A reprodução do gado passa a depender das estâncias. José Pinto Martins, um cearense que produzia carne seca em Santa Cruz do Arati, no Ceará, decidiu transferir seus negócios para o sul, pois a crise havia se abatido por uma estiagem de três anos no nordeste. Nasciam as charqueadas no Rio Grande.

Mudanças que ocorreram na Europa (invasões napoleônicas) forçaram a vinda da família real portuguesa para o Brasil. Abria caminho para a Independência. A capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, em 1809, possuía 4 municípios: Rio Pardo, Santo Antonio da Patrulha, Porto Alegre e Rio Grande, somando 70.000 habitantes.



Buenos Aires pretendia unificar as Províncias do Prata, em uma confederação de repúblicas independentes. De 1811/1812 o Exército pacificador invade o Uruguai. De 1815 a 1820, seguidores de José Artigas, principal caudilho oriental atacam as missões. Mais de 5.000 voluntários vêm do Rio e tomam Montevidéu (1817). Artigas ainda fica para resistir por três anos. Finalmente, em 1825/28, um grupo de patriotas (Os 33 Orientais) deflagram um movimento de independência. Em 1828 nasceu a República Oriental do Uruguai.

O Ano de 1824 fica marcado pela chegada dos alemães no Rio Grande do Sul, na região onde é hoje São Leopoldo. Uma casa grande, estabelecida à margem do Rio dos Sinos, erguida para ser a real Feitoria do Linhamo e Cânhamo, uma empresa de fios estatal, acabou desativada em março de 1824, foi onde os imigrantes foram recebidos. As casas de Enxaimel foram marcas registradas da arquitetura alemã. Aos poucos eles recriaram a sua maneira de viver, seus hábitos e costumes, religiosidade e cultura foram se mesclando aos fatores locais e logo, ao se adaptarem, foram progredindo.

## A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Entre os anos de 1831 e 1840, o Brasil foi governado por regentes, pois o imperador era apenas uma criança. Foi um período conturbado onde eclodiram as revoltas nas províncias. Os rio-grandenses se rebelaram, tomaram a capital, exigindo atenção da corte e deram um exemplo, que poucos lugares no mundo fizeram: criaram uma república. Bento Gonçalves havia voltado da campanha da cisplatina, e em 1833 foi acusado de conspirar contra o Império. Levado ao Rio de Janeiro, volta fortalecido e, de quebra, derruba o acusador, José Mariani, Presidente da Província. Em abril de 1835 é elevado ao cargo de Comandante da Guarda Nacional.

O governo central aumentou os tributos e tomou medidas que prejudicavam o comércio no sul do Brasil. Além



de provocar a redução dos impostos do charque vindo do Prata, o governo aumentou o imposto taxado sobre o sal, elemento fundamental para a produção da carne seca nas charqueadas rio-grandenses. As correntes liberais cresciam no sul. O descontentamento com o governo imperial era enorme.



Para mandar um recado à corte no Rio de Janeiro, os farroupilhas invadiram Porto Alegre em 20 de setembro de 1835. Apavorado, o Presidente da Província, Fernandes Braga, fugiu para Rio Grande. Bento deu posse para o vice Marciano Ribeiro e reafirmou sua fidelidade ao Império. Rio Grande e Rio Pardo ainda estavam nas mãos dos Imperiais. Araújo Ribeiro, nomeado pelo governo imperial, tomou posse em Rio Grande e o farroupilha Bento Manoel Ribeiro estava ao seu lado. Era a ruptura definitiva. Em junho de 1835 os Imperiais retomaram Porto Alegre, que nunca mais voltou para as mãos dos farroupilhas.

Na batalha do Seival, Antonio de Souza Netto, instigado por outros liberais exaltados, proclamou a república. Era um caminho sem volta. Bento, que estava acampado em Viamão, tentando recuperar Porto Alegre, ficou sabendo da atitude de Netto e levanta acampamento, rumando para a fronteira. Cercado por tropas imperiais na ilha do Famfa, de um lado Bento Manoel Ribeiro e, do outro, pelas águas, o marinheiro inglês, John Grenfell, o exército de Bento Gonçalves é destruído e ele é feito prisioneiro, juntamente com outras lideranças farrapas.

## Cronologia da Revolução Farroupilha:

Em setembro de 1837, com auxílio da Maçonaria, Bento Gonçalves foge do Forte do Mar na Bahia.

No dia 30 de abril de 1838, após a vitória farroupilha na Batalha do Barro Vermelho e a tomada de Rio Pardo, os farroupilhas aprisionaram uma banda de uma unidade militar imperial e determinaram que o maestro Joaquim José de Mendanha compusesse uma música que foi batizada como Hino Farroupilha, deu origem ao Hino Rio-grandense.



**1839** – Os farroupilhas organizam uma expedição para tomar Laguna. David Canabarro comandou a expedição que tem o apoio de Giuseppe Garibaldi, comandante da Marinha Farroupilha. Nessa ocasião, Garibaldi fez transpor os lanchões Rio Pardo e Republicano, por terra, desde o rio Capivari até a foz do rio Tramandaí. Em 29 de julho foi proclamada a República Catarinense ou Juliana, que teve curta duração. Neste mesmo ano os farroupilhas instalaram a capital em Caçapava do Sul. Depois de perambular em

carretas, a capital farroupilha é instalada em Alegrete em 1841.

**1842** – Em 28 de setembro é nomeado Presidente da Província e comandante das tropas imperiais no Rio Grande do Sul, o Barão de Caxias. Em outubro os farroupilhas elegem 36 deputados para aprovação da Constituição Republicana. A 1º de dezembro, os farroupilhas instalaram a Assembleia Constituinte, em Alegrete. A Constituição não chegou a ser



votada.

**1844** – A 27 de janeiro, Bento Gonçalves e Onofre Pires duelam, em um embate conhecido por “Duelo de Bravos”. Onofre foi ferido por espada e morreu. Bento Gonçalves retirou-se da Revolução entregando a Presidência para Gomes Jardim e o comando do Exército para Davi Canabarro.



**1845** – Em 28 de fevereiro, os farroupilhas reunidos nos campos de Ponche Verde, município de Dom Pedrito, assinaram a paz, pondo fim à mais longa e importante revolução do Brasil. No dia seguinte, foi a vez dos imperiais assinarem.

Bento Gonçalves veio a falecer dois anos depois do fim da Revolução Farroupilha. Netto, insatisfeito com os termos da paz negociada, foi para o Uruguai. Já Davi Canabarro morreu em 1867, de gangrena, em sua fazenda em Santana do Livramento.



Em 1868 é fundada em Porto Alegre a Sociedade Partenon Literário, que teve importante papel na produção literária e intelectual da província. Nomes de destaque fizeram parte da Sociedade abolicionista, que fundou bibliotecas e alfabetizou com cursos noturnos, como Luciana de Abreu, Apolinário Porto Alegre,

 Múcio Teixeira e Caldre e Fião, e n t e outros.

Na década de 40 e 50 o tradicionalismo gaúcho nasce forte nas cidades. Em 1947 um grupo de alunos do colégio Júlio de Castilhos, na capital, realizou a primeira manifestação, conduzindo os restos mortais do General Davi Canabarro, pilchados e a cavalo, pelas ruas, numa época em que isso não era bem aceito pela sociedade cidadina.

Em 1948 fundaram o “35 CTG - Centro de Tradições Gaúchas”, proliferando-se pelo Rio Grande do Sul, Brasil e pelo mundo. Hoje, além do MTG do RS, mais 9 federações existem pelo Brasil, reunidos por uma Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha. E os CTGs fora do Brasil são interligados por uma Confederação Internacional da Tradição Gaúcha (CITG).

## A ERVA-MATE



Quando os conquistadores espanhóis chegaram à América do Sul o uso do mate já era praticado pelos indígenas, como elemento básico na alimentação dos guaranis, que habitavam vasto território banhado pelos rios Paraná, Uruguai, Paraguai. A partir do século XVII, os jesuítas, imbuídos por interesses comerciais e atraídos pelo valor nutritivo da erva-mate, trataram de desenvolver a cultura. Os índios não cultivavam a erva-mate; as plantas nasciam e cresciam de forma silvestre, nativa, propagadas pelos pássaros que se alimentavam da semente da erva.

## ○ CHIMARRÃO

Bebida típica de origem indígena, o chimarrão é uma espécie de chá feito por infusão de folhas de erva-mate, secas e moídas, colocadas em um recipiente



(cuia) e depois sorvido por meio de um canudo de metal (bomba).

A palavra "mate" é originária do quíchua, língua falada por alguns povos andinos. Mate significa recipiente, cuia (do vocábulo espanhol: cimarrón - selavagem), daí veio "chimarrão" ou mate-amargo. Porongueiro da família das cucurbitáceas é a planta que dá origem ao porongo, fruto de onde se confecciona a cuia. Avios de mate ou apetrechos são um conjunto de objetos ou utensílios que são usados para um determinado fim. Os avios de chimarrão são a cuia e a bomba. Outros incorporam chaleira (ou garrafa térmica), porta-cuia, bolsa de mate e aparador da erva.



O mate pronto, cevado, é formado de: cuia, erva-mate e a bomba. Cevar o mate é o ato de preparar, fechar o mate e cevador é a pessoa que faz o mate para servi-lo. O cevador toma o primeiro mate na roda de chimarrão e inicia servindo da direita para a esquerda (sentido anti-horário). Para receber ou entregar a cuia de mate, faz-se sempre com a mão direita. Caso contrário, a pessoa entrega com a mão esquerda, devendo dizer: "desculpe a mão" e o outro responderá: "é a mão do coração".

## PREPARO DO CHIMARRÃO



a) Colocar a erva na cuia, cerca de 2/3 da ca-

pacidade;

b) Acomodar a erva sobre um lado do recipiente, colocando a mão ou um aparador sobre o bocal da cuia;

c) Colocar água fria ou morna, (ponto do "chido"), pois a água muito quente dá à erva um gosto forte e estraga o mate;

d) Deixar a cuia descansar por alguns minutos para "inchar" a erva;

e) Com o bocal da bomba tapado com o dedo polegar (dedão), introduzi-la ao fundo da cuia sobre um encostado de erva.

Numa roda de chimarrão, todos são iguais, a hospitalidade, a confiança, a concórdia e a fraternidade estão presentes ao passar a cuia de mão em mão.

## A LENDA DO NEGRINHO DO PASTOREIO

No período da escravidão, tinha um estancieiro, muito malvado, tudo com ele era no grito e no relho. Numa terra sem lei, fazia o que bem queria, sem dar satisfação a ninguém. Entre os seus escravos havia um negrinho, que era encarregado de alguns animais, coisa muito comum nos tempos em que os campos das estâncias não conheciam a cerca de arame: quando muito alguma mangueira ou cerca de pedra erguida pelos escravos, que não podiam ficar parados. No mais, os limites dos campos eram rios, cerros, lagoas, capão de mato, cercados de árvores.

Era uma feita, o pobre negrinho, que já vivia sofrendo as maiores maldades às mãos do patrão, perdeu um cavalo tordilho no pastoreio. Apanhou muito atado a um palanque e depois, todo machucado e caindo, ainda foi mandado procurar o cavalo extraviado. Como a noite vinha chegando, ele agarrou um toquinho de vela e saiu campeando. Mas nada! O toquinho de vela acabou, o dia chegou, e ele teve que voltar para a





estância.

Então foi outra vez atado no palanque e desta vez apanhou tanto que morreu, ou pareceu morrer. Foi quando o estancieiro mandou abrir um formigueiro e atirou o negrinho para dentro, com o corpo banhado em sangue, todo machucado. No dia seguinte quando o patrão foi ver como estava o corpo do escravo, ficou surpreso ao ver o menino vivo, sem machucados, ao lado do tordilho.

Desde de então dia a lenda que quando perdemos algo devemos acender uma vela para o negrinho do pastoreio, o abençoado achador das coisas. Um naquinho de vela... um pedacinho de fumo... e lá vai ele, montado em seu tordilho branco, cavalcando para achar o que foi perdido.

## O CHURRASCO



Comemoramos no dia 24 de abril o dia da Tradição Gaúcha, o dia do Churrasco e do Chimarrão. A culinária é uma das características das culturas em qualquer tempo e em qualquer parte do mundo. Quando pensamos em determinado povo, país, ou época, logo nos remete a gastronomia, a forma especial de preparo, um tempero, quando não uma “cozinha” inteira. O Rio Grande do Sul, de cultura própria, de tradição tão presente e gastronomia tão variada quanto sedimentada pelo mundo todo através dos Centros de Tradições Gaúchas, possui um prato típico muito característico: O Churrasco.

“Churrasco” é palavra usada nos idiomas português e espanhol dos países platinos, para designar “um pedaço de carne assada nas brasas”.

“Comida típica do rio-grandense é tão simples quanto substancial na campanha, o churrasco consta do pedaço de carne cortada em tiras compridas e atiradas ao braseiro do fogão gaúcho” (João Cezimbra Jacques).

A carne preferida para o churrasco é a bovina, mas também são muito apreciados os cortes de suínos, ovinos, aves e os embutidos. Os principais tipos de carne para fazer o churrasco são: costela, picanha, maminha e alcatra.

Dante de Laytano, em seu livro “Cozinha Gaúcha: Estudo Histórico”, descreve como tipos de churrasco: “o churrasco de espeto é o mais popular; o churrasco assado com o couro consiste em retirar um pedaço de carne com o couro, podendo ser do peito, da anca, ou da costela. Esse tipo deve ser assado lentamente iniciando pelo lado do couro”.

O reconhecimento e a ligação feita entre o gaúcho e o churrasco fizeram com que uma palavra soe como sinônimo da outra. Por esta característica é que churrasco foi instituído por lei como “Prato típico do Estado do Rio Grande do Sul”.

*\*Assessor de Imprensa do MTG. Produtor e Diretor do Programa do Volmir Martins na BAND e Vozes Rurais no Terra Viva. Sócio Diretor da Bastos Produções Formado em História pela FAPA onde fez Pós Graduação em História contemporânea, Pós-Graduado pela FIJO/PUCRS em Administração no Terceiro Setor e Pós Graduando em Gestão Cultural no SENAC, tendo ocupado todos os cargos possíveis dentro do tradicionalismo gaúcho. De peões da entidade a conselheiro e secretário geral do MTG. Diretor da Bases de Marketing e eventos, com mais de 50 palestras anuais pelo comunicação pela FEPLAM, profissional em apresentação, locução, de Rádio e televisão.*



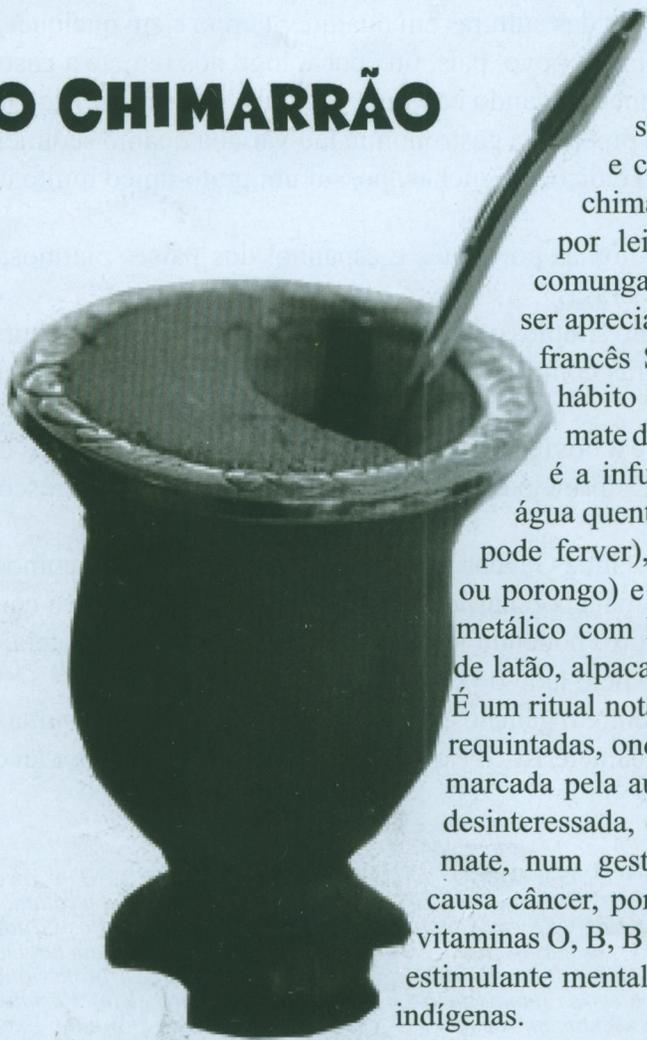
# DANÇAS TRADICIONAIS, USOS E COSTUMES GAÚCHOS

*Juarez Nunes da Silva*  
*Folclorista de Caxias do Sul/RS\**

## OS SÍMBOLOS, USOS E COSTUMES DO GAÚCHO

O Brasil é berço de um tipo de gente diferente cuja mescla de hábitos e costumes dá o tempero que torna a nossa terra um lugar bom de viver. E os gaúchos, forjados num cadinho racial de muita diversidade, têm costumes e hábitos que se misturam com os vizinhos do Prata, entre os quais citamos:

### O CHIMARRÃO



É costume no Rio Grande ouvir-se dizer: “O importante nesta vida é mate e cara alegre... o resto a gente faz”. Pois o chimarrão, bebida típica do gaúcho (instituída por lei), é um hábito que os rio-grandenses comungam com os argentinos e uruguaios, além de ser apreciado por muitos patrícios brasileiros. Foi o francês Saint-Hilaire que, em 1820, narrou esse hábito em passagem pelo sul, batizando a erva-mate de *Ilex paraguariensis*. O mate (chimarrão) é a infusão de folhas do pé de erva-mate, com água quente (o ponto é quando a chaleira chia – não pode ferver), servido em uma cuia (pequena cabaça ou porongo) e sorvido através de uma bomba (canudo metálico com haste, ponteira e coador), quase sempre de latão, alpaca ou prata, podendo ter detalhes em ouro. É um ritual notado ao se cruzar galpões, ranchos e salas requintadas, onde a personalidade dos homens simples é marcada pela autenticidade, cultivando-se uma amizade desinteressada, estendendo-se o braço para oferecer um mate, num gesto que deposita confiança. O mate não causa câncer, porém oferece glucógeno ao músculo, tem vitaminas O, B, B1, cálcio, magnésio, sódio, ferro e flúor. É estimulante mental e ajuda na digestão. É uma herança dos indígenas.



# O CHURRASCO



Não é necessário nenhum motivo especial para que se possa saborear um autêntico churrasco gaúcho, também comida típica no RGS (instituída por lei). Consiste na carne de gado, preferencialmente a costela, colocada em espetos de madeira ou de metal (aço inox), salgada com sal grosso (sem outros temperos) e colocada sobre fogo a lenha ou carvão incandescente. Quando está pronta, basta “bater” o sal, para retirar o excesso, e servir. A churrasqueira não pode ser a gás ou ter aparelho rotativo. Esse hábito também foi herdado dos indígenas.



## O ARROZ-DE-CARRETEIRO

Desde os primórdios o gaúcho tem preferência pela carne. Além do churrasco, feito com a carne fresca da rês recém-carneada, um dos carros-chefes da cozinha gaúcha é o



arroz-de-carreteiro, feito com carne seca, no Rio Grande do Sul denominada “charque” – carne bovina salgada e seca ao vento. Aliás, o charque foi um dos baluartes econômicos desse Estado e motivo também da Guerra dos Farrapos. Ainda hoje se aprecia esse prato típico do campesino, do tropeiro e do carreteiro.

## O CAFÉ-DE-CHALEIRA

Feito idealmente em chaleira de ferro, esse é um costume ainda praticado nos tempos atuais, nas fazendas e nos encontros galponeiros, para reviver o passado: tomar



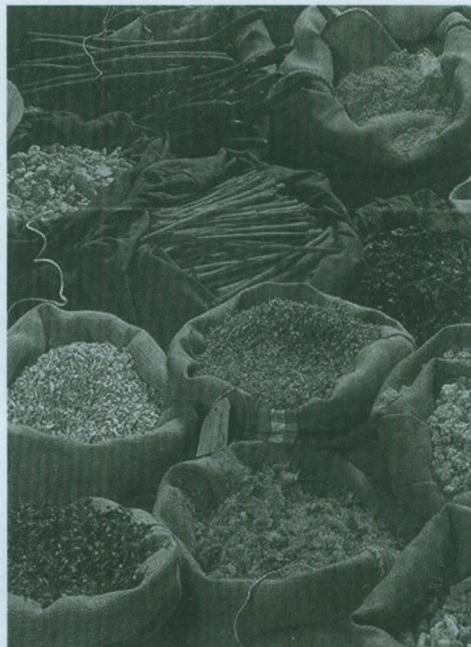
um café de chaleira ao amanhecer. Colocam-se duas colheres, ou a gosto, de café dentro de uma chaleira com água fervida. Mexe-se bem o pó com a água. Coloca-se novamente no fogo até levantar a fervura e depois se retira a chaleira do fogo. Para baixar o

pó, basta colocar um tição (graveto em brasa) dentro da chaleira, para provocar nova ebulição: e está pronto o café. Antigamente já vinha composto, isto é, já era preparado com açúcar queimado, não necessitando adoçar. Trata-se de uma bebida

“louca de especial”.

## A MEDICINA CAMPEIRA

A medicina intuitiva praticada pelo homem simples do povo é uma das manifestações folclóricas mais antigas do



universo. No Brasil trata-se de uma verdadeira instituição. No Rio Grande do Sul, os “profissionais” chamados de curandeiros são o benzedor, o justa ossi – arrumador de ossos – a parteira. Não se pode esquecer das figuras das avós, mães e comadres. Além das ervas, há a aplicação da **açoterapia**, isto é, quando se usa uma faca para “cortar o mal”. O inchume de um galo desaparece, passando-se a lâmina por cima de um instrumento cortante, em forma de cruz. Da mesma maneira, curam-se dores, inchumes, câimbras etc.

A **banhoterapia**, chamada de banhos de cura ou de defesa, utiliza ervas, salmouras, como os escalda-pés, banhos de assento, banhos sulfurosos etc.

A **belezoterapia** abrange o cuidado com a aparência pessoal. Por exemplo: tratar a pele do rosto com rodela de pepino. Tirar manchas da pele com a água de arroz. Fortificar os cabelos com babosa. O óleo de mocotó aromatizado com alecrim, alfavaca ou manjeriço tem a mesma finalidade. O mau hálito pode ser combatido mastigando-se cravo-da-índia. As rugas dos olhos podem ser amenizadas com banhos de salsa. A calvície pode ser tratada por meio da infusão de cachaça com



urtiga.

A calorterapia consiste no uso de emplastros ou compressas quentes ou até de um ferro em brasa para cauterizar ferimentos.

A canhoterapia é a mistura de cachaça com ervas medicinais para diversas finalidades, como abrir o apetite ou curar gripe, sarampo, espasmo, coqueluche, dor de dente, unha encravada e assim vai...

Além dessas, há a excretoterapia, uma das mais antigas práticas ligadas à medicina mágica e supersticiosa. Sangue, fezes, urina, saliva, espermatozoides, cera de ouvido e outros fluidos mais são largamente empregados nessa terapia. Por exemplo, o excremento seco do cão é utilizado para combater a coqueluche. O esterco fresco de gado sobre uma pisadura de arreo em um animal (cavalo) cura a ferida. O de capivara seco é um importante anti-hemorrágico. O sangue bovino ainda quente constitui um poderoso fortificante para quem é fraco dos pulmões. A queimadura produzida por uma fricção de laço

é curada com urina quente. *Para crescer bigode nos adolescentes, o bom é passar excremento fresco de galinha. Dizem que é tiro e queda... Mas, numa despensa campeira, não podem faltar açúcar, água, álcool, bicarbonato de sódio, cera, cinzas, creolina, enxofre, farinha de milho e mandioca, fumo, graxa, mel, óleo de mocotó, ovo, pólvora, querosene, sabão, sal, vinagre, entre outros. Não esqueçamos das ervas: açoita-cavalo para o reumatismo, caraguatá para catarros, guaco para tosses e bronquite, malva para infecções etc.*

## NOSSOS SÍMBOLOS

Além do chimarrão e do churrasco, são símbolos alusivos à cultura do Rio Grande do Sul:



**Ave:** o queroquero (*Belonopterus chilensis cayennensis* e *Belonopterus chilensis lampronotus*) é uma ave que habita nossos campos e faz alarido



diante da presença de estranhos (considerada uma sentinela dos pagos). Lei no 7.418, de 1980.

**Animal:** o cavalo crioulo, considerado patrimônio cultural do Estado, instituído pela Lei no 11.826, de 2002.

**Árvore:** a erva-mate (*Ilex paraguariensis*). As ervateiras são as árvores produtoras das folhas, que são trabalhadas no sapeco e depois secas no carijo (fumaça) ou barbaquá. Finalmente são cancheadas (trituradas) para o consumo da bebida típica: o chimarrão. Lei no 7.439, de 1980.



**Flor:** a brincadeira-de-princesa (*Fuchsia regia*) é uma espécie muito comum na região. Decreto no 38.400, de 1998.

**Planta Medicinal:** a espécie mais conhecida como marcela ou macela (*Achyrocline satureoides*). Lei no 11.858, de 2002.

**Nossa Bandeira:** o primeiro estandarte era de formato quadrado e não trazia o brasão atual. Foi criado na Guerra dos Farrapos pelo italiano Zambecari e apresentado em público em 1836, conduzido pelo major Gavião (Teixeira Nunes). O brasão foi criado por Bernardo Pires e somente apareceu em 1839. A atual bandeira do Rio Grande do Sul foi adotada em janeiro de 1966.

**Nosso Hino:** a música foi composta pela Banda Imperial, aprisionada pelos farrapos na tomada de Rio Pardo, em 1838. A composição é de autoria do maestro Joaquim José de Mendanha. A letra, escrita por Francisco Pinto Fontoura, somente foi introduzida por ocasião da propaganda republicana.

## OS LENÇOS E SUAS CORES

A origem do uso dos lenços de pescoço é incerta, mas atribui-se seu advento ao rei Luís XIV da França, ao imitar o efeito de uma cambraia branca que os croatas usavam em seus uniformes militares quando estavam acampados ao redor de



Paris. Com certeza foram os ibéricos que trouxeram esse hábito para a região do Prata. O lenço para os gaúchos, sempre de seda, franjado ou não, além de uma peça da indumentária era usado para não desgastar a gola das camisas, para conter o suor da testa e também para “cegar o corte de uma lâmina”, em caso de peleia.

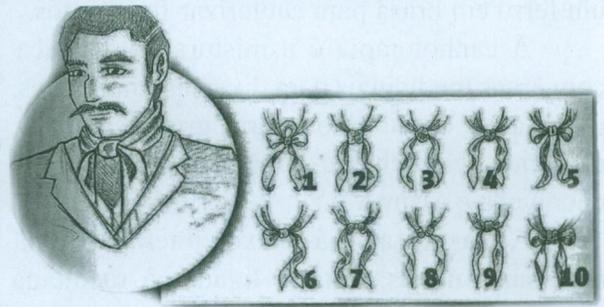
Mais tarde, foi utilizado como símbolo de filiação política, semelhante ao adotado pelos orientais e castelhanos (colorados, blancos e azules e blancos). Em 1893, os gaúchos dividiram-se em maragatos (lenço vermelho) e pica-paus (verde), quando se deu o início da Revolução Federalista. Em 1923, novamente dividiram-se em maragatos (vermelho) e chimangos governistas (branco). Somente em 1930 Getúlio Vargas conseguiu unir os gaúchos por ter na família as duas facções. O lenço pode ser vermelho, branco, azul, verde, amarelo, bege, preto (luto) e ainda mesclado de duas cores (carijó).

## OS NÓS DE LENÇOS

Não se encontra um gaúcho com a sua indumentária típica, a bombacha, sem um lenço no pescoço com um dos seguintes nós mais usados:

1. **CRUCIFIXO:** é o nó religioso, em forma de cruz.
2. **QUADRADO:** é o nó rapadura, quatro cantos ou maragato. Usado pelos opositores do governo em 1923. É o nó de Assis Brasil.
3. **SACO DE TOURO:** também conhecido como três galhos ou amizade.
4. **SOLEDADE:** papagaio, triangular ou coração de boi.
5. **DOIS TOPES:** ou borboleta, foi muito usado pelo Marechal Deodoro.
6. **PACHOLA:** é o nó de briga ou de ginetear (fácil de soltar).
7. **DUPLO:** ou dois corações, é uma variação do laço dos namorados.
8. **NAMORADOS:** é um nó alegre, usado pelos peões solteiros.
9. **COMUM:** simples, tradicional, chimango ou biscoito. Era usado pelos pacifistas nas revoluções de 1893 e 1923 contra os maragatos (federalistas).

10. **FARROUPILHA** ou **REPUBLICANO:** em forma de tope, foi usado pelos farrapos em 1835.



Os lenços podem ser usados à meia-espádua (1), sobre a cabeça. Com o tope abaixo do pescoço (2), à corsário, com o tope na nuca (3), sobre os ombros (4) e dobrado no pescoço, por dentro do colarinho ou por fora (5).

## MITOS E LENDAS

O gaúcho não é muito diferente dos patrícios brasileiros e tem seu imaginário supersticioso, acreditando em aparições, criaturas lendárias e mitológicas. Há um ditado muito comum no Rio Grande que diz: “Em bruxas não acredito, pero que las hay, las hay”, isto é, “Não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem”.

## OS MITOS



O gaúcho teme o diabo e dificilmente pronuncia essa palavra. Prefere dizer tinhoso, capeta, satanás, belzebu, demo etc. De maneira geral, a gauchada acredita que o diabo está preso por uma corrente ao pé do trono de Deus durante o ano inteiro e é solto na Sexta-feira da Paixão, dia de não fazer jogatina,



beberança, bailes, escutar rádio etc.

O **lobisomem**, dizem, é o sétimo filho homem de uma família, a menos que seja batizado pelo irmão mais velho. Normalmente é de raça branca, magro, olhos fundos, dentes salientes e pálido. Mora sozinho ou com a mãe. Não faz mal a ninguém, mas, se atacado, reage, mordendo cães e pessoas. Na região italiana, é chamado de Il Massarol.



A **bruxa** tem como arma o olho grande, matando animais, fazendo as crianças minguar, lavouras perder a safra e assim por diante. Também dizem que a sétima filha mulher fatalmente será bruxa se não for batizada pela irmã mais velha. Quando o gaúcho sai a cavalo pelo campo e ouve uma gargalhada passando por cima, pode ter certeza: é a bruxa.

O **sanguanel**, um mito gringo, constitui uma crença viva na região ítalo-gaúcha: trata-se de um ser pequeno, de cor vermelha que vive nos pinheirais. Seu prazer é roubar crianças. Elas ficam dias em poder do sanguanel, que as alimenta com água e mel e depois as liberta para suas casas.



## AS LENDAS

As mais famosas são:

A do **Boitatá**, a grande cobra guaçu-boi que comeu os olhos dos mortos e acabou explodindo com tanta luz. E o clarão da guaçu-boi espalhou-se pelos rincões, assustando os gaúchos.

A mais importante é a da **Salamanca do Jarau**, uma lagartixa que à noite se transformava em princesa moura e se enamorou de um sacristão. Eles passaram várias noites juntos até que o padre descobriu e mandou puni-lo. A Salamanca cavou túneis por debaixo da terra até chegar ao seu amado, salvando-o da punição. Infelizmente, "A Casa das Sete Mulheres" deturpou esse imaginário, chamando-a de demônio. O imaginário diz que a teiniaguá e o sacristão teriam sido os primeiros pais dos gaúchos.



A lenda do **Negrinho do Pastoreio** conta sobre um menino negrinho que cuidava de alguns animais numa fazenda onde o patrão era muito ruim. Um animal se perdeu no pastoreio e o garoto saiu com um toco de vela acesa para achá-lo no campo. Amanheceu e o animal não foi encontrado, fazendo com que o patrão mandasse palanquear o menino e surrá-lo. Depois, atirou-o num formigueiro. Até hoje, em várias cidades gaúchas há estátuas do negrinho no formigueiro e a cavalo, sempre rodeadas de velas acesas por seus devotos, que lhe pedem para encontrar algo que esteja perdido.

N a região serrana, há a lenda do **Gritador**, segundo a





um jovem maldoso deixou o seu animal encilhado para ir a um baile. Como demorava para sair, a mãe desencilhou o animal e soltou-o no pasto. Com raiva, o filho pegou a mãe pelos cabelos e encilhou-a. Como praga, ela rogou-lhe que nunca teria sossego e sentiria muita dor depois da morte. Ainda hoje, próximo dos Aparados da Serra, se ouvem, em noite de lua cheia, gritos inexplicáveis de alguém sentindo uma dor insuportável.

## A INDUMENTÁRIA HISTÓRICA GAÚCHA

Segundo Manoelito de Ornellas, “jamais se poderá afirmar a origem étnica unilateral de qualquer povo da terra”. Com base nessa assertiva, não podemos justificar, sob o ponto de vista racial, os hábitos e costumes do gaúcho. É sabido que o rio-grandense é fruto de um grande cadinho racial, em que índios, ibero-lusitanos, negros, açorianos, alemães, italianos e outras etnias colaboraram para a formação desse tipo brasileiro interessante. Mas há uma influência muito grande dos árabes, pois os ibero-lusitanos que aqui chegaram já não eram puros, uma vez que foram dominados pelos sarracenos (muçulmanos) por mais de 900 anos. Isso quer dizer que herdamos dos ibero-lusitanos, influenciados pelos árabes, a paixão pelos cavalos, além de apreciar ficar só, com os próprios pensamentos, mateando (tomando chimarrão), junto ao galpão (pequena moradia), que nada mais seria do que a representação da tenda de lona árabe.

E a bombacha – calças largas utilizadas pelos gaúchos – também tem origem com os



zuavos turcos. Pelos idos de 1857 até 1900, os zuavos usavam calças largas a que chamavam de seroual. Mais tarde, os ingleses, franceses e catalães também passaram a adotar as calças do mesmo feitio. Mas foi com a Guerra do Paraguai, em 1865, que esse traje passou a ser

empregado pelos gaúchos, trazido para a região platina como sobra dos uniformes que seriam utilizados pelos franceses, ingleses e turcos na Guerra da Criméia (1853-1856), contra os russos. Os soldados voluntários da pátria da Bahia, em 1865, também chamavam-se zuavos por usarem o seroual. Havia dois tipos de zuavo – os da bahia e os turcos. Os baianos receberam a alcunha de “zuavos”, pela semelhança dos seus uniformes com os antigos zuavos turcos (que usavam o seroual).

Assim, de traje inicialmente militar, a bombacha passou a fazer parte o vestuário civil, simbolizando aqueles que se dignificaram a defender a pátria e incorporando-se ao cotidiano do gaúcho sul-americano.

Os trajes típicos do gaúcho estão divididos por épocas, conforme o seu aparecimento.

Obs.: os grupos folclóricos são orientados pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho a representarem cada época, com a maior fidelidade possível, evitando a deturpação da indumentária.

Vejam as épocas:

### 1. ÉPOCA DO CHIRIPÁ PRIMITIVO OU CHANGADOR (1750-1820)



A expressão “chiripá” vem do quíchua e significa “contra o frio”. Trata-se de um pano em forma de saia preso à cintura por um cinturão de couro com fivela (figura 1). Nesse período, aparece a bota garrão de potro (couro retirado da perna do potro e seco para ser utilizado como calçado). Também surgem os chapéus de palha. O chiripá primitivo é adotado pelos peões (serventes das

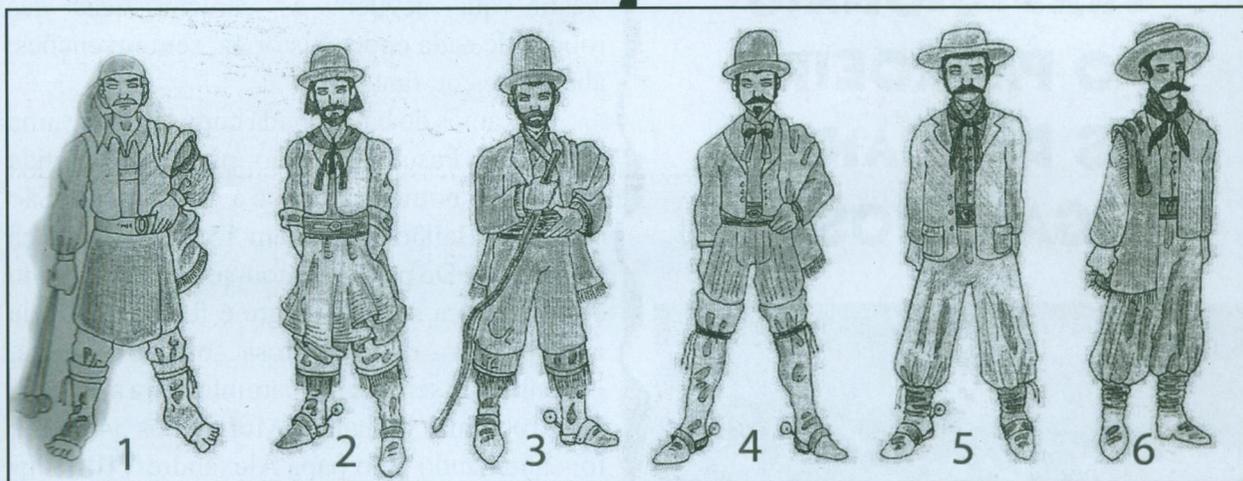


estâncias), que usam boleadeiras (três bolas presas com tiras de couro), faca na cintura ou garrucha. A mulher dessa época, por não ter condições econômicas, vestia-se pobremente.

## 2. ÉPOCA DO CHARQUEADOR (ESTANCIIEIRO) E DO CHIRIPÁ FARROUPILHA

Por ser o patrão, o estancieiro usava as “bragas” – calções justos nas coxas terminando nos joelhos (figura 3) – e, por baixo, ceroulas compridas com crivos, rendas ou franjas. As

Essa período vem de 1865 a t é nossos dias (figuras 5 e 6). O gaúcho passa a usar bombachas lisas ou com favos laterais. Veste-se com colete e paletó, camisa com botões e lenço ao pescoço. Sobre o cinturão-guaiaca, pode usar uma faixa. O chapéu é de feltro. O uso do pala (poncho) é opcional. As botas são de couro forte, podendo ter o cano em forma de fole de gaita (costume da região serrana). Às costas, sempre uma faca para as lides de campo. As botas são pretas ou marrons.



botas são fortes, podendo chegar acima dos joelhos (russilhonas) (figura 4). As camisas não têm botões e nos punhos possuem cordões para prender. Na cintura, faixas apertando o cóis das bragas. Também se pode usar jalecos (colete) ou véstia (do tipo casaquinho). Na cabeça ou no pescoço, um lenço de seda ao estilo dos piratas (do tipo touca, com as pontas para trás). O chapéu, de copa alta e abas estreitas de feltro, tem barbicachos de seda trabalhada. O cinturão é enfeitado com moedas de ouro ou prata. Também se usam esporas do tipo chilena, de prata. É a época do comércio de couros e derivados do gado (sebo, carne). O chiripá farroupilha (figura 2), mais utilizado pela peonada, é um pano quadrado passado por baixo das pernas e preso à cintura, como se fosse um fraldão. As ceroulas continuam iguais. As botas podem ser garrão de potro, e o cinturão aparece com pequenas bolsas (guaiacas). À cintura, sempre uma faca. O charqueador ou estancieiro leva à mão um chicote ou arreador. A mulher, esposa do estancieiro, adota a moda européia, com vestidos longos de seda ou veludo.

## 3. ÉPOCA DO GAÚCHO FAZENDEIRO (BOMBACHAS)

## 4. O TRAJE DA PRENDA TRADICIONALISTA

A indumentária da mulher (prenda) não tem origem, sendo uma invenção tradicionalista criada em 1949 (é folclórico, porém não histórico, podendo tornar-se). Ela pode usar vestido, saia e casaquinho, de uma ou duas peças, com a barra da saia no peito do pé, podendo ser godê, meio-godê, em panos, babados ou evasês, com cortes na cintura, cadeirão ou corte princesa. Deve ter mangas, pelo menos até o cotovelo. O decote é discreto, assim como os tecidos, sem cores chocantes ou fosforescentes nem transparências. Por baixo do vestido, usa-se saia de armação branca. Como roupa íntima, adota-se uma bombachinha branca até os joelhos. Os sapatos são de cor preta, branca ou bege. Ela pode usar fichu (espécie de lenço triangular) na cabeça, no pescoço ou nos ombros, xale, brincos discretos, até dois anéis, camafeu, capa de lã e leque.

O uso da indumentária gaúcha (pilcha) é regulado pela Lei no 8.813, de 10.01.89, e constitui um traje de honra, de gala, podendo substituir o smoking.

O autor e a esposa usam um t r a j e da época farroupilha,



chiripá à morteiro, ceroulas de franjas, cinturão-guaiaca, faixa bordada, colete e véstia, lenço à corsário e chapéu de copa alta com barbicacho de seda. A prenda usa um vestido com casaquinho, cujo modelo foi trazido dos antepassados imigrantes italianos, com o propósito de valorizar a cultura local.

## AS DANÇAS TRADICIONAIS E O PADROEIRO DOS DANÇANTES GAÚCHOS



Desde os tempos mais remotos da história dos povos, a dança sempre esteve presente na cultura humana, inicialmente ligada a manifestações de culto, como as de caça, de máscaras, guerreiras, nupciais, de iniciação, fúnebres, medicinais, de colheitas, lúdicas ou religiosas. E as danças folclóricas, nos dias de hoje, ainda se mantêm ligadas a manifestações de culto, evocando fatos épicos ou promovendo atos propiciatórios, a fim de estimular a coesão social. E dessa forma associa-se a música ao gesto, às cores, ao ritmo, dando mostras de manifestação de saúde, bem-estar, resistência física, alegria e vigor. Dançar é um exercício físico e mental que visa a harmonia dos movimentos corporais em relação ao ritmo da música, cuja temática busca a sintonia do estado psicossocial e cultural do dançante, sem perder a estética. A dança deve ser executada com a cabeça, e não somente com os pés. No dizer do folclorista Paixão Cortes, “a dança

exige mais: espiritualidade”.

E o gaúcho, gentílico que identifica o brasileiro que nasceu e vive no Rio Grande do Sul, preserva e divulga a cultura folclórica tradicionalista rio-grandense. E nesse contexto, as danças tradicionais estão classificadas em quatro gerações coreográficas, interligadas por hibridismos, que nos identificam no tempo e no espaço, caracterizando a presença social e histórica. Além das gerações, os pares – peão (homem) e prenda (mulher) – observam rigorosamente a vestimenta, o trajar, o bem-vestir, que seguem as características das roupas de cada época histórica, sem invenções, aberrações ou fantasia.

E antes do bailar, nada como acender uma vela a São Paschoal Bailão, para que a prenda arrume um bom par e dance a noite inteira. São Paschoal Bailão nasceu em 1540, em Valença (Espanha). De pastor tornou-se um franciscano cuja presença sempre alegre e festeira se fazia acompanhar de fervorosa oração rezada, encontrando sempre um caminho para a solução dos problemas humanos. Morreu aos 54 anos e foi canonizado pelo papa Alexandre VIII. Seus milagres espalharam-se pelos ibéricos e chegou até a Campanha Gaúcha, onde é venerado nos salões de bailes como o padroeiro dos bailantes gaúchos.

As gerações das danças tradicionais gaúchas partem dos reflexos europeus motivados pelas “módas” chegadas até os nossos rincões, além das manifestações da própria América. São elas:

## PRIMEIRA GERAÇÃO OU CONTINENTINOS

São aqueles de par solto e independente. A dama e o cavalheiro (prenda e peão) ora se aproximam, ora se afastam, simulando negações de namoriscos, fazendo linguagem mímica de conquista amorosa, sem toque dos corpos. A conversa se dá no olhar. O peão chama a atenção da prenda por meio de sapateios de forma máscula (não brutal). A prenda faz gestos singelos e recatados, com sarandeios, sem exageros. É freqüente a batida de palmas rítmicas e o castanholar dos dedos entre os pares. Citamos as danças: tirana do lenço (de influência espanhola), tatu com volta no meio (gaúcha – desenho 4), e tirana do



ombro (criação).

## SEGUNDA GERAÇÃO E A ETIQUETA

Trata-se das danças com influências da corte francesa, dos tempos de Luís XIV – o Rei Sol –, quando a etiqueta, o cerimonial, era a tônica. A dama e o cavalheiro tomam-se suavemente pelas mãos, executam giros lentos e fazem reverências um ao outro (minuetos). Nessa geração está a dança do caranguejo (brasileira – desenho 2) e a queromana (gaúcha).



## TERCEIRA GERAÇÃO E AS CONTRADANÇAS

Com influência européia, surgem as contradanças, em que homens e mulheres, aos pares, se postam em duas fileiras paralelas ou fazem um círculo dando as mãos ou os braços. Sob o comando de um mestre-sala iniciam a formação de figuras geométricas. Foi nessa geração que o homem deu “o braço à mulher”. São exemplos das danças em roda: rilo (de influência escocesa), cana-verde (portuguesa – desenho 6), pericón (influência francesa e platina) e siriri (brasileira). Como danças em fileiras opostas, temos: chimarrita (açoriana), maçanico (portuguesa), pezinho (portuguesa/açoriana) e vinte-e-quatro (local).

## QUARTA GERAÇÃO E OS BAILES ENLAÇADOS

Por volta de 1830, a valsa era a dança lúdica na França. Com ela iniciou-se a quarta geração, em que os pares podiam dançar independentes, soltos, sem comando. São danças dessa época: a valsa ou valsa campeira – desenho 5, o chotes gauchesco, a rancheira (gauchesca – desenho 3), a mazurca (galopeada ou marcada), o terol, a polquinha, a havaneira (cubana) – o ritmo mais dançado nos bailes gaúchos, o chotes-carreirinho (alemão), chotes-de-sete-voltas (gauchesco), o contrapasso, o bugiu (gauchesco), a chorosa, a sarna, o graxaim (gauchesco), o chamamê (argentino) e a milonga (platina).

## OS HIBRIDISMOS

São as junções da gerações. No dizer de Paixão Cortes: “Do que chegou, do que estava e do que ficou”. São elas:

1. de 1ª e 2ª gerações: anu (gauchesco);
2. de 1ª e 3ª gerações: balaio (brasileiro) e o sarrabalho (gauchesco);
3. de 1ª e 4ª gerações: chimarrita-balão (Portugal), chico sapateado (gauchesco – desenho 1), polca mancada (gauchesco), terol sapateado (gauchesco) e rancheira de carreirinha (criação); de 2ª e 4ª gerações: o chotes inglês (europeu);
4. de 3ª e 4ª gerações: a meia-canha ou polca de relação (influência platina).

Além dessas danças, os gaúchos também têm:

**DANÇAS RELIGIOSAS:** de São Gonçalo do Amarante, danças dos quicumbis e dos moçambiques.

**DANÇAS MASCULINAS:** chula, dança dos facões, fandango sapateado e chico-do-porrete.

**DANÇA ESPECIAL:** chotes das duas damas (um peão e duas prendas).

**DANÇAS ENSAIADAS:** o pau-de-fitas, a jardineira, a faca-maruja e



o masquê.

Assim, o gaúcho bailou de diversas formas e continua revivendo esses bailares e danças. Segundo o folclorista Paixão Cortes, nada é essencialmente nativo. Em seus bailes, o gaúcho, à semelhança do sertanejo, limitou-se a dançar o que a cidade próxima envia como novidade. No ambiente rural, é claro que essas danças sofreram influência do meio e da instrumentação típica. Modificadas ou não, chegaram ao continente americano provenientes da Europa e trazidas pelos conquistadores espanhóis e portugueses.

De onde as danças gaúchas vieram, pouco interessa. O certo é que ainda hoje animam as festas do Rio Grande tradicional e dão alegria aos forjadores da grandeza histórica do nosso chão. As danças tradicionais cultuadas pelo gaúcho são também gaúchas a partir do momento em que esse povo lhes deu música, detalhes, colorido e alma nativa, sem que elas perdessem a referência de época, grupo social e ambientação original.



*\* Artigo publicado no Anuário do 40º Festival do Folclore. O autor, na ocasião, era “Conselheiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho e Integrante da Comitativa do Centro de Tradições Gaúchas “Rancho Velho”, Caxias do Sul/RS”.*



o masquê.

Assim, o gaúcho bailou de diversas formas e continua revivendo esses bailares e danças. Segundo o folclorista Paixão Cortes, nada é essencialmente nativo. Em seus bailes, o gaúcho, à semelhança do sertanejo, limitou-se a dançar o que a cidade próxima envia como novidade. No ambiente rural, é claro que essas danças sofreram influência do meio e da instrumentação típica. Modificadas ou não, chegaram ao continente americano provenientes da Europa e trazidas pelos conquistadores espanhóis e portugueses.

De onde as danças gaúchas vieram, pouco interessa. O certo é que ainda hoje animam as festas do Rio Grande tradicional e dão alegria aos forjadores da grandeza histórica do nosso chão. As danças tradicionais cultuadas pelo gaúcho são também gaúchas a partir do momento em que esse povo lhes deu música, detalhes, colorido e alma nativa, sem que elas perdessem a referência de época, grupo social e ambientação original.



*\* Artigo publicado no Anuário do 40º Festival do Folclore. O autor, na ocasião, era “Conselheiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho e Integrante da Comitativa do Centro de Tradições Gaúchas “Rancho Velho”, Caxias do Sul/RS”.*



# Folclore Circense

*Iseli Bueno de Camargo*

*Departamento de Folclore - Olímpia/SP*



**S**e é que se permite falar em folclore circense... Como se fosse uma grande novidade! Para mim e, creio, para grande parte da população que compõe o imenso painel dos que vivem no interior dos vinte e tantos estados brasileiros, o circo é o próprio folclore.



O circo, para todos que vivem longe das novidades que as grandes cidades possuem, é o único veículo que, de uma só vez, mostra quase todas as manifestações folclóricas conhecidas, estudadas, analisadas, vividas. O circo é como que um painel que consegue comportar, sem estragar, a mistura do antigo com o moderno, do tolo com o sábio, do belo com o ridículo, da comédia com os dramas da vida, uma mistura que faz rir ou faz chorar, que é singela e nobre ao mesmo tempo.

Todos que entraram em um circo, especialmente há muitos anos, jamais poderão se esquecer do impacto que tiveram a felicidade de sentir. A magia que emana de um belo tigre ou onça sendo domados por mero ser humano, o inesperado acontecimento exalado das mãos frágeis de um mágico, o absurdo risível de um palhaço narigudo, de pés imensos, uma aberração ganhando todas do coadjuvante.

Sem perder muito tempo para discutir as origens do circo, podemos afirmar, através das pesquisas



feitas por outros menos



apressados, que o circo nasceu, praticamente, com o ser pensante. Quiçá não seja anterior a essa fabulosa efeméride, ou seja, do nascer do homo sapiens.

Sua origem perde-se nas brumas da história. Já havia precárias formas de apresentações culturais ou mesmo de apresentações fortuitas de fatos locais ou históricos, esboço de lendas e mitos sendo representados por seres que antecederam o surgimento de civilizações organizadas, de povos que conseguiram, de alguma forma, “registrar a sua história”.



Lá estão eles em desenhos rupestres, em caracteres milenares, em pedras em montanhas, em locais preservados pela natureza. Sim, alguém fazendo mágicas, alguém na corda bamba, malabaristas vestidos ou nus, palhaços, bufões, seres bizarros que tinham a função de fazer rir, de fazer chorar.



Os circos que por aqui passaram, lá pelos idos dos anos vinte, trinta, quarenta, até setenta, mais ou menos, deixaram as suas marcas. Eram bem jovens, conservados, quase todas com lona firme e brilhante, grandes elencos, muitos animais bem ou mal tratados: cães, girafas, gorilas, macaquinhos, elefante, leão, tigre, onça, cavalos árabes, cobras, pa-

tos, pombos (esses três mais para apresentações com mágicos). Alguns já traziam animais judiados, magros, sujos, empoeirados, tristes \_ isso já na época em que



o circo começava a perder o seu prestígio, entrando pelos anos 90 ou 2000. Quase sempre os animais domados iam, em fila, banhar-se no córrego que cercava parte da cidade, ali bebiam água límpida a se fartar ou se contentavam com água levada em barris ou latões. Não havia água canalizada...



Muitos circos eram tão pobres que alguém do elenco se incumbia de pedir, de porta em porta, legumes e verduras para alguns bichos, ossos e carnes para outros. Os açougueiros eram os mais procurados. E aceitavam, de bom grado, panelões de carne cozida, arroz e feijão oferecidos por generosas famílias.

Os famosos não chegavam a lugares como Pirangi. Mas alguns ilustres por aqui passaram: Circo Universal, Circo Ony, Circo do Piolin, dos Irmãos Garcia, Circo Reny (membro do elenco casou-se com jovem da região e foi mais um circense que abandonou o conforto de um lar), Circo dos Irmãos Ayres, Circo Seyssel...



E m quase todos os circos, o pa-





lhaço é o elemento central das atividades. Um bom palhaço mantém o público presente em qualquer lugar onde o circo se instale. Quando o palhaço é fraco, sem graça, o povo ignora o restante da troupe e, pouco a pouco, o circo definha. Por isso, o palhaço, de modo geral, é um membro da

família do dono, quase sempre o próprio dono e, desde a infância, vem aprendendo a arte que o tornará famoso ou o fará cair com o resto do circo. Famosos palhaços não pisaram o solo pirangiense, mas nós rimos muito com quem sonhava com a fama: Piolin, Oscarito, Procópio Ferreira (comediantes os dois últimos), Pitoco, Barnabé, Garotinho, Gravatinha, Carequinha, Aleluia, Atchim, Grande Otelo.

Quase todos os palhaços vêm em duplas: o palhaço verdadeiro que se apresenta caracterizado, roupa brilhante, larga, bizarra, cara pintada, nariz adaptado, vermelho na maioria das vezes, sapatos imensos que dificultam o andar.



O outro comediante é o que dá as “deixas”, que cria as diferentes situações, leva a pior, apanha, é vaiado pelo público, pouco aplaudido. É muito

fácil rir-se da palhaçada que se desenrola no picadeiro.



Em muitos há um palco de tamanho variado, onde as comédias e os dramas acontecem.



O palhaço fica sempre na arena, perto do público e, com a plateia, interage. Há cenas que se repetem em todos os circos, pouca coisa difere. Porém, dependendo do palhaço, o conhecido vira novidade e o público gosta. E do que gosta? Por exemplo, nós ríamos a mais não poder de batida cena: O palhaço antes de entrar em cena, já grita: Vamos, Sansão! É hora de função! Bicho tinosinho, vamos, sai daí. Depois de alguns momentos de suspense, o palhaço surge com grossa corda retesada, como quem puxa um animal teimoso. Vamos, Sansão, senão as coisas vão ficar pretas. Luta com a corda, puxa. É uma luta, a corda vem, a corda volta, o palhaço tropeça ao ser puxado, cai, é arrastado, volta triunfante limpando o pó da roupa, feliz exclamando: Conheceu, papudo! Anda logo, cão do Demo. E, de repente, quando a corda está bem reta, algo se solta lá, o palhaço é jogado na arena com corda e tudo, forte grunhido atrás dos panos e no palco surge pequeno cão amestrado, latindo feliz e percorrendo, a correr todo o picadeiro. Sansão atem outros nomes, mas é sempre um bicho pequeno, por vezes até um minúsculo cão de pelúcia.



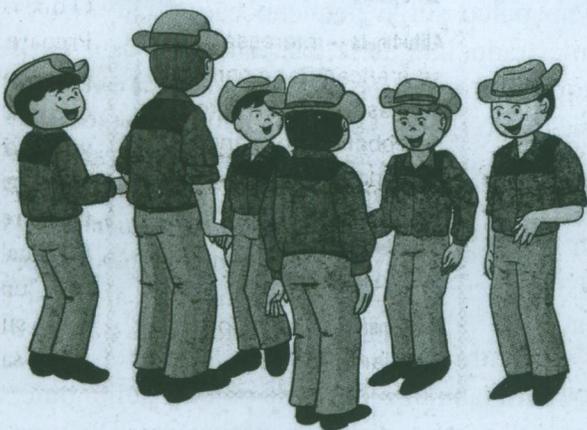
Outra cena comum: O palhaço entra com um tabuleiro cheio de objetos como bule, caneca, xícara, pires, manteigueira. De uma das canecas sai fumaça, dando a impressão de algo fumegante, fervendo. Ele se equilibra precariamente, tudo tilinta como se fosse na bandeja. Ele para perto de alguém, pega uma xícara, faz que despeja algo dentro, oferece a alguém da plateia (combinado, eu creio) e este “bebe” e diz estar ótimo. Então, o palhaço, e saltita alegre, sai cambale-



ando, fumaça ainda saindo, tropeça, quase cai por cima da pes- s o a bem apessoada da plateia. E esta, não avisada, claro, pensa que vai levar um banho fervendo, grita sempre e tenta fugir depressa. Quando percebe que está tudo pregado na bandeja, já é tarde. É motivo de todo o riso da plateia.



Dentre os vários números que são apresentados nos palcos, há muitas danças folclóricas, apresentando, a grande maioria, danças mais internacionais, como tango, flamenco, rumba, minueto, danças portuguesas ou dança do ventre, às vezes danças orientais \_ japonesas e chinesas \_ danças indianas, ou seja, danças que pouco falam das nossas tradições. Mas sempre há algo genuíno \_ uma quadrilha, uma catira ou cateretê, algumas danças de roda do domínio público, muitas danças do Sul e do Norte do País.



Os mágicos são sempre aplaudidos, atraem boa parte do público e existem alguns excepcionais, capazes de iludir tanto que se ouve até os ossos de bela jovem serem serrados por falso serrote. Muitos pombos voam, saindo como que do nada, isto é, saindo de lenços dobrados, de cai-



as fechadas e vistas vazias pelo público. Saem coelhos de chapéus, anéis somem de certos dedos para reaparecerem em inusitados locais. Do nariz do assustado garoto tiram-se moedas de reais, frutas, cartas de baralho. Há músicas especiais para acompanhar os mágicos.

Animais são utilizados, alguns em trabalhos simples como quaisquer cães amestrados sabem fazer: cães que “choram” ao som de certas melodias ou de acordes dissonantes de algum instrumento musical. Há os que dançam só com as patas trazeiras, de pé, que montam em diferentes quadrúpedes. E há os que fazem poderosas apresentações, tão inauditas que é quase impossível crer que tal animal, não pertencente ao reino do homo sapiens, seja capaz de realizar. Os tigres, os leões, as girafas, os elefantes também fazem parte do circo, dobrando-se servilmente aos desejos dos domadores, sempre um ser “poderoso”, vestido como caçador da fauna africana ou semi-nu, com grande chicote, símbolo do poder, do domínio. A criançada teme algumas cenas, mas adora elefantes e aqueles que os montam e os obrigam a agradecer, que se posicionam em suas patas trazeiras, que dançam ritmados ao som de certas músicas. Macacos aprendem curiosas manifestações, mas não são os preferidos da plateia infanto-juvenil.

Já as jovens \_ quando isso existe \_ são belas, de corpos esbeltos, estão bem trajadas, ou melhor, pouco trajadas e se exibem no início das funções, desfilando pelo picadeiro, esquentam a plateia e o circo é tido como muito bom. Mas elas envelhecem, nem sempre outras para substituí-las, tristes figuras, contribuem para a decadência do circo.

Os malabaristas e os ginastas perpetuam as funções circenses, chegando ao seu apogeu com o Cirque de Soleil, especial para pessoas abastadas, fugindo do estilo “sob lonas” de modo quase total, indo para palcos pré-fabricadas ou para locais suntuosos, para público intenso. Redes são coisas do passado os atores, atualmente, só apresentam malabares que extrapolam a vulgaridade. O corpo do atleta é submetido a esforços quase super-hu-



manos, só o "impossível" tem importância. E belíssimo espetáculo, é luz, é cor, é graça, é juventude, é sabedoria, coragem, audácia.



Nada dos pobres poderes dos artistas de outrora. Nada que lembre os palácios romanos ou o Coliseu. Ou os ginastas das grandes cidades greco-romanas \_ Atenas, Esparta, Roma. Nem os ambulantes da Idade Média. Coexistem todos, arcaicos e modernos, ambos na sua estudada competência, atraindo multidões de médias posses ou meros "adoradores" das musas, gente pobre de cidades pequenas que acolhem, com certa alegria, todo e qualquer circo que nela aportar, apesar do preço alto dos terrenos a serem alugados, apesar da falta comum de água e víveres, apesar do pequeno número que mal cobre as arquibancadas. O circo é eterno, o circo é de todos.

E por falar em eterno, vamos falar um pouco sobre palhaços e comediantes, alguns que muito contribuíram para a perpetuação do circo como tal, ou do circo como os novos tempos exigiram.



Carequinha, cujo nome era Georg Savala Gomes, era filho dos trapezistas Eliza Savala e Lázaro Gomes e, já aos cinco anos de idade \_ nasceu a 18 de julho de 1915, em São Gonçalo,

RJ \_ começou a atuar no circo da sua família. Entre 10 a 12 anos, iniciou sua trajetória de palhaço, tendo sido, também, cantor de rádio, lá pelos anos 30 ou 40. À sua troupe pertenceram os palhaços e comediantes Fredy, Zumbú, Meio Quilo. Alcançou o nascer da televisão no Brasil, entrando com afamado programa infantil e que era o preferido dos adultos e jovens dos anos 80. Faleceu com 90 anos.



Torresmo foi outro palhaço brasileiro. Nasceu do dia 04 de abril de 1918, na cidade do Espírito Santo do Pinhal, viveu até agosto de 1996, 78 anos de idade. Seu verdadeiro nome era José Carlos Queirolo, sendo que o circo dessa família se chamava "Irmãos Queirolo". Artista de muitos dotes, foi cantor e grande músico, preferindo o violino e o saxofone. Saíram do e foram re- de Janeiro, ser chama- José e um foi batizado José Carlos mais tarde, -se no gran- Espirito Santo sidir no Rio onde passou a do de Brasil dos seus filhos como Brasil Queirolo. Este, transformou- de palhaço Pururuca, que fixou residência em São Paulo e a televisão foi o "circo" que o acolheu e o eternizou. Um dos seus parceiros como palhaço foi o célebre Fuzarca e, também, os queridos palhaços Chupeta, Chupetinha e Pimentinha. Viajaram por todas as grandes e médias cidades do Estado de São Paulo, depois partiram para vários rincões do Brasil, e Pururuca passou a ser proprietário de badalado restaurante na Serra da Cantareira, local que, por anos, acolheu artistas do circo, do teatro, da televisão e do cinema nacional.



Piolin, outro querido palhaço brasileiro, chamava-se Abelardo Pinto, chagando a ser mundialmente conhecido. Nasceu em Ribeirão Preto, a 27 de março de 1897, vindo a falecer em São Paulo aos 76 anos de



idade, em Setembro de 1973. Armazenou o maior número de d o n s artísticos: foi equilibrista, cantor, ginasta, dançarino, ator de filmes, artista de televisão, um completo astro de múltiplos talentos.

O dia do seu aniversário, 27 de março, foi escolhido para ser o Lia do Circo no Brasil.



“O Largo do Paiçandu terá Escola de circo”, título de artigo do Estadão, do dia 15 de março de 2012. Diz o artigo que o projeto da Escola prevê arquibancadas, museu com biblioteca e auditório iluminado. É de Edison Veiga o artigo e, segundo ele, a Escola receberá o nome de Escola de Circo Piolin e, que no mezanino, haverá um restaurante com vista para o Largo do Paiçandu. Bem, por enquanto, é apenas projeto da atual Prefeitura de São Paulo, porém viável e necessário. Guardará as “joias” que dignificaram o passado e transmitirá o gosto pelas artes populares. Segundo o autor supra citado, o local foi escolhido para guardar o nome de alguns que fizeram história na história do circo. O local em questão abrange o Paiçandu até a Av. São João, chegará à Av. Rio Branco, espaço que dará para construir uma mega escola. O terreno já vem sendo visto como sagrado por, no passado, através de seus bares, boates e restaurantes, acolher todas os artistas da noite: os do circo especialmente. É certo que no Brasil, em diversos estados, já há escolas de circo, porém nenhum projeto tão audacioso quanto esse da Prefeitura de São Paulo. Oxalá vingue.

Arrelia foi outro grande palhaço brasileiro, também descendente de familiares circenses, registrado como Waldemar Seyssel, nome que pouco utilizou. Nasceu em 31 de dezembro de 1905 e faleceu em maio de 2005, quase 100 anos. Um dos bordões que o distinguia era: “Como vai, como vai, como vai? Eu vou bem, muito bem, bem, bem ....” Seu avô paterno, Julio Seryssel, foi professor da Sorbone (Paris, França). Casou-se com uma acrobata

espanhola que fazia malabarismo em cima de um cavalo e, apaixonado, acompanhou-a pelos lugares aonde o circo fosse, tornando-se logo um artista circense. Já empresário, transferiu seu amor pelo circo aos filhos e netos. Vieram parar no Brasil através dos Irmãos Charles, proprietários do Grande Circo Inglês, segundo consta, o que restou do primeiro circo sob lona de que se tem notícia, radicado em Londres. Era neto de Julio Seyssel, aquele que introduziu o circo nas terras brasileiras. Arrelia foi trapézista, acrobata de cama elástica, andou e fez malabarismo na corda bamba, ao lado de seus irmãos Henrique e Paulo.

Temos imenso número de comediantes (palhaços sem quaisquer disfarces: quando muito, algo peculiar que os diferencie do vulgar — uma peruca exótica, um nariz-bolão, uma gravata “móvel”, remendos na roupa. Não é nada determinado). O comediante é conhecido como humorista e o tipo de humor é característica de cada um. Basta pensar no Carlitos, que nem falava, agia de acordo com seus personagens e fez o mundo inteiro gargalhar por anos e anos.

Há diversas escolas que os preparam para entrar em cena, o sucesso chega rápido para alguns e outros tantos apenas sobrevivem no meio artístico e, decepcionados, logo desaparecem. Hoje não há mais aquela unanimidade do riso quanto se está diante de um palhaço atual. Estes podem ser muito elevados para o meio infantil. Assim, o público mirim pode afastar-se deles. Muitos sobem através dos chamados fãs-clubes que, quase sempre, têm imensa força entre a mídia.

Atualmente esses eventos se desenrolam, quase todos, em circos que não têm lona, palcos de clubes, de antigos cinemas, coretos removíveis, sobre trens elétricos ou em cima de tablados pré-fabricados. Porém, o circo está ali, firme como sempre, alerta às novidades, ávidos por coisas que fogem ao comum, circo tão carente de aplausos quanto aqueles que jamais retornarão a estradas poeirentas do interior do território brasileiro.



Nós temos Dedé, Didi, Mussum, Zacarias, Chico Anyzio (os três últimos já falecidos), como também, Golias, Mazaroppi, Costinha, Barmabé, Grande Otelo, todos ainda cultuados pela televisão e pelo cinema e, através de peças teatrais, “renascidos” em imitadores perfeitos. Dedé, hoje Dedé Santana, nasceu com o nome de Manfred Sant’anna, parceiro do Didi.

Didi, Renato Aragão, autodenominado Didi Mocó, é protagonista do quadro “Os trapalhões”, programa cômico da TV Globo há anos sem conta, Mussum (Antonio Carlos Bernardes Gomes) e Zacarias (Mauro Fácio Gonçalves), foram atuantes na turma dos Trapalhões e a falta deles ainda é bem sentida. Mas Didi tem imensa audiência na televisão, no rádio, no cinema, no teatro, em shows pelo país todo. Não se vestem, propriamente, de palhaços, embora usem objetos e coisas próprias dos mesmos: cabeleiras ridículos, narizes enormes, trajes exóticos, armas falsas ou de brinquedo. Caracterizam-se de acordo com o tema da comédia a ser apresentada.



Agora, embora pareça impossível, um certo palhaço de público bem pouco significativo conseguiu, nas últimas eleições, atingir o posto de deputado federal, o segundo mais votado em todo o país nesse pleito: Tiririca, cujo nome verdadeiro é Francisco Everardo Oliveira Silva, 47 anos.

Tiririca trabalhou em circo desde criança, desde os 8 anos de idade, em Itapipora (CE). Apresentava-se em barracas, tipo circo, muito usadas no sertão nordestino. Destacava em sua biografia infanto-juvenil o bordão: “Não percam o homem que vira peixe!”. De fato, durante a função, aparecia com grande espeto de carne assada que ia girando enquanto se mostrava ao público. É claro que a plateia se divertia e, por ser engraçado, perdoava a mentira que lhes diminuía os já poucos recursos financeiros. Ajudado por donos das barracas, gravou um CD

que teve boa aceitação por causa da música que o marcou: “Florentina”. Quando lançou outro CD com a música “Olha o cabelo dela”, tentaram condená-lo sob o crime de racismo, porém, foi inocentado. Passou pelos canais de televisão Record, Manchete, SBT, teve pequeno sucesso como palhaço, a plateia infantil gostou do tipo que representou e teve algum prestígio. Nas eleições, usou os bordões: “O que é que faz um Deputado Federal? Eu não sei, mas vota em mim que eu te conto” e “Pior do que tá não fica, vote em Tiririca”. Tentaram retirar-lhe a grande votação, atacando-o como analfabeto, porém, de alguma forma “alfabetizou-se” da noite para o dia, ficou imune e quase foi nomeado Ministro da Educação e Cultura.

É muito difícil comentarmos sobre todos os palhaços, comediantes, humoristas famosos, pois, por mais esforços que despendêssemos, ainda ficaríamos anos-luz, longe do que gostaríamos de transmitir, isto é, provar que o circo foi o principal meio de comunicação entre os diversos povos que habitaram e que habitam a Terra. Diferenciado, distanciado dos seus primórdios, continua a dar seus agradáveis recados, passando para frente tudo o que agrada. Mas como força viva e regenerável, sem meros saudosismos, afirmamos que o circo ainda é meio útil de comunicação, meio sadio e fácil de ser alcançado por todos os seres pensantes.

Além dos palhaços, o circo sempre foi e será um cadinho de surpresa, de variadas experiências. Seu variado elenco, composto por grande maioria daqueles que trazem no sangue a arte de milenares antepassados que viveram dele, sejam equilibristas, domadores, ginastas, mágicos, bailarinos, cantores, apresentadores, músicos, humoristas, palhaços, todos são atores, atores de 1ª grandeza, não só pela capacidade de agradar a plateia, como pela forma de atrair espectadores das mais variadas camadas populares.

É bom lembrar, ainda, que as grandes atrações do circo: a comédia e o drama, são responsáveis pela perpetuação ou queda de muitos circos. É difícil fazer rir, por isso, a comédia, por vezes, cai em terreno fácil, de pilhérias sujas, de cenas vulgares. O riso não flui do nada. O mesmo acontece com o drama que, mal interpretado, leva à comédia bufa ou ao mero dramalhão. Os atores têm que saber qual a verdadeira forma



de fazer rir ou chorar.



A comédia, pelo menos naqueles circos que frequentei pelo Brasil afora, são quase pastelões, deliciosos alguns, ridículos outros. Mas atingem o público presente, primam pela capacidade com que os artistas enganam a muitos, transformando fatos comuns em hilários acontecimentos. São quase sempre idênticos em todos os circos: a sogra maldosa, o genro que se deixa dominar pela esposa, os “chifres” que ornamentam testas ilustres, a as carências sexuais de ambos os sexos, o apego ao dinheiro, a fome, a miséria, a dor de cotovelo. Por mais batida que seja, faz a plateia gargalhar e aplaudir sempre. O drama, ou a dramatização, ou a representação séria de um fato verídico ou imaginário, já requer um treino mais acentuado. Porém, por mais mambembe que seja o circo, o drama flui, quase sempre, sem dificuldades, o povo entende, sofre com o sofrimento alheio, toma partido no desenrolar dos fatos, os atores são aplaudidos da mesma forma. Há fracassos, assim como os há em filmes, no teatro, em shows, mas a aceitação no circo é quase universal.



Lá, nos distantes meados da memória, surgem cenas de melodramas dos anos 30, 40, palavras quase nítidas como se recém-nascidas fossem: “anda cá, meu Paulo, escuta! És amigo de tua mãe?” \_ “Oh! Minha mãe, que pergunta!”. \_”Pois, bem, vai ver a Velha Vicenza, o amor que o filho lhe tem”. E o drama corre

por aí afora, o jovem implorando à mãe para não matar o assassino, por ser o pai da sua amada Maria. A mãe, ao obriga-lo a usar o punhal, declama: “Parta agora e cumpra as juras... mata aquele que a teu pai matou!” E ele vai, e mata e Maria, desvairada, vem lhe pedir que seja ele a vingar a morte do pai. Quando vê sobre a mesa punhal cheio de sangue, enlouquece, foge para longe dali. “E ainda hoje, que passa no Coliseu, ouve a doida a gargalhadas, vingança pedindo aos céus!” Bem, Coliseu não rima com céu, mas era assim mesmo que fluía...

Quem ficaria sem chorar ante o sofrimento de Maria?



Havia muitos outros dramas memoráveis tal como: “Em um quarto sombrio e quente, pobre demais se não erro, repousa um moço doente, sobre uma cama de ferro”. A história é longa, a mãe pranteia ao lado, o filho angustia-se ante a falta de ar do pai. Em dado momento, sai e volta rápido com um vidro de xarope nas mãos e arremata com o trecho: “Bebe que é doce, papai.” E chorava-se pela morte do moço pobre, pela tragédia da viúva tão jovem, do assustado garoto.

E havia Romeu e Julieta, choro no final da história Shakesperiana ou risos quando era Rometa e Juliêu em comédia bem atrapalhada.

E enquanto escrevia estas linhas para o Anuário do Folclore de Olímpia, veio a notícia de que o grande humorista brasileiro, Chico Anyzio, faleceu.

Nascido no Ceará, em 1931, faleceu no dia 25 de março de 2012, três dias antes do Dia do Circo no Brasil. Chico Anyzio foi um palhaço moderno, caracterizava-se a fim de ser



“outros personagens” criando, segundo a televisão, mais de 200 personagens.



Na sua Escolinha do Prof. Raimundo passaram astros em certa decadência ou esquecimento, astros de projeção em longínquos dias, futuros bons comediantes, artistas conhecidos na rádio, no teatro, em filmes, em shows do passado. Deixa a feliz imagem de um palhaço que pouco atuou sob lona, mas fez o seu poço e o de muitos outros rincões rirem a mais não poder, sendo, portanto, alguém que deixara ilustre nome na história do circo.



Já dissemos, o circo não tem data de nascimento registrada, sua origem se perde na poeira da evolução humana, criou-se por necessidades quase fisiológicas; é necessário rir para viver mais, é o credo de vários meios da medicina e de muitos religiosos. “Rir”, segundo o



provérbio, “é o melhor remédio”.

Na China antiga, há uns cinco mil anos, já havia caracteres para identificar manifesta-

ções de caráter circense: acrobacia, equilibrismo, contorcionismo, mágica, bufões, bobos das cortes, humoristas, imitadores, dançarinos, amestradores, poetas, cantores, saltimbancos. Em rochas, em minerais de varias espécies e tamanhos diversos, em madeira preservada, em certas obras esculturais ou em cerâmica, estão estampados esses perfis eternizados pelo tempo.

No Brasil, o circo só apareceu no século XIX, trazido por imigrantes europeus e asiáticos, o que não significa que alguns habitantes, nativos ou não, já utilizassem algumas manifestações para se fazerem entender ou para facilitar a comunicação. Mas não havia nada que lembrasse um circo, sobre firme madeira, sob lona até então de todos desconhecida.

Chineses, egípcios, gregos, romanos, hindus, quase todas as antigas civilizações



apresentavam manifestações circenses.

Foi no império romano que o circo começou, tendo um recinto próprio, circular, com picadeiro e arena, arquibancadas, apresentação de homens contra homens, homens contra animais, animais contra animais, cenas de frio assassinato de escravos, de pessoas não gratas entre a elite, morte de cristãos em massa, terríveis cenas de estupro de seres humanos, crianças, velhos de qualquer sexo, martírio de donzelas e crianças, lutas mortais entre gladiadores. Circos onde a corte aparecia para gozo da plebe sedenta por riqueza, por jóias e por sangue, lugar onde muitos saciavam seus instintos de puro sadismo.

O Circus Maximus, inaugurado no século VI a.C., em Roma, tinha espaço para cerca de 150 mil pessoas e a sua arena era tão grande que permitia a corrida de velozes carruagens, puxadas por hábeis cavalos, às vezes por escravos brancos, que faziam as vezes dos corceis. Porém, foi quase que inteiramente destruído por um incêndio



e, no ano 40 depois de Cristo, foi substituído pelo Coliseu. Antes mesmo do surgimento do Coliseu, os engolidores de fogo, os adestradores de animais selvagens, as cavalgadas da alta sociedade, os mágicos, os palhaços, já faziam do picadeiro o centro de suas atividades. Os números cômicos, as danças e o malabarismo já encantavam o povo, que aplaudia, enquanto imploravam por pão e água, sinalizavam para os detentores do poder, polegar para o alto se tudo estivesse concorde, polegares para baixo em sinal de desgosto e acinte.

Na Inglaterra surgiu o circo como o conhecemos, o circo que brilhou do século XIX aos nossos dias. Em Londres, segundo consta, em local onde até hoje funciona um circo, graças aos esforços do ex-militar inglês, Philippe Astley, em 1768, inaugurou-se a primeira casa para entretenimentos populares. Se era feito para apresentação de corridas equestres, logo recebeu a ajuda de malabaristas, lutadores, domadores, acrobatas, palhaços e foi se espalhando por outros plagas.

No Brasil, pouco antes do advento do circo, algumas pessoas já haviam participado de certas manifestações circenses, quase todas apresentando algumas aberrações físicas: mulher barbada, homem gorila, anões, gigantes, engolidor de fogo, cartomancia, homens ou mulheres obesos com trajes ridículos, bezerros de um chifre só (ou de três ou mais). Havia domadores de ursos, amestradores de leões, leopardos, elefantes, cavalos, cães, ilusionistas, fantoches de madeira ou de pano.

Segundo relata Alice de Castro, estudiosa do circo na atualidade, dispersos pelo Brasil ainda existe certa de 80 deles, considerados bons e médios e, nos anos anteriores a 2012, mais de 25 milhões de espectadores vivenciaram as experi-



ências e peripécias de artistas circenses. Alguns desses circos têm, hoje, como chamariz, as acrobacias feitas por arrojados motoqueiros em motocicletas na roda gigante ou na bola fixa. Geralmente

duas se intercalam, quase se encontram, fazem horrores para alegria da criançada e de muitos adultos.



O Circo do Sol foi criado, segundo a Wikipédia, a enciclopédia livre, na França, por madame Alice Canton, no século XX. Hoje tem base fixa em Montreal, Quebec, Canadá.



Em Quebec, chegou em 1984, graças a Guy Laliberté e Daniel Gauthier e é, até hoje, dirigido por Laliberté. Cresceu muito o Cirque de 1984 até os dias atuais. Passou de 73 artistas para mais de 3500 funcionários, dispersos por cerca de 40 países, com mais de 15 espetáculos riquíssimos sendo apresentados simultaneamente. Baseia-se mais no equilibrismo rico, sensual, ousado, atrevido, colorido, extravagante, surpreendente, um verdadeiro arsenal de beleza que explode a todos os instantes. É caro para o bolso popular, próprio para quem tem altos salários, mas qualquer sacrifício é compensado pelo alto valor do ingresso que, cerca de dois a três meses antes se esgota.

Igual a ele, ou quase como ele, pouco abaixo, ficava o Carnaval no Gelo, outro “Circo Internacional” de rara beleza.

Nosso cirquinho, coberto de desgastada e desbotada lona, artistas de pouco



renome, pleno de pessoas pouco cultas, rudes quase sempre é, ainda, a mais barata forma de diversão que ao povo é oferecida. Nesse circo, o “homem paga, a mulher entra de graça”. Se são três, um não paga. Quem “ajuda” o circo, de qualquer forma, tem entrada franca. Muitos artistas, durante o dia, transformam-se em bóias-frias e brilham a noite no picadeiro. Chegam a pedir comida nas portas das casas.

E é bom que os amigos dos animais não se deixem influenciar pela elegância de uma girafa, de manso elefante, dançando em duas patas ao som de música ligeira, ou se deleite ao ver foca ou golfinho dando seus shows. Esses belos representantes do reino animal merecem ser tratados com carinho, curados quando doentes, bem alimentados, bem instalados, livres de frio, do calor ou da fome constante, pois são, como disse antigo ministro brasileiro, “humanos como nós”.



O Circo Popular de Marcos Frota, assim como o Soleil de Laliberté, proíbem a utilização de animais em seus espetáculos. Caso se descubra que o circo que passa por sua cidade maltrata os animais, os acorrenta de qualquer forma, deixando-os ao relento, com fome ou frio, é preciso ter coragem e denunciar, ou à prefeitura ou à polícia local.



Você sabia que, para dançar em uma ou duas pernas, o elefante é treinado sobre barras de ferro, quentes, e, para amenizar a dor nas patas, “sapatea” para conseguir algum alívio.

E, ao som de certa música, tendo a chapa quente, dançará em qualquer lugar. E que os ursos também passam por esse “aprendizado”? E que o chicote é usado até “educar” leões, leoas, leopardos, mesmo cães e cavalos?

Não há doma sem sofrimento, é quase lei geral. Os bois de touradas são espetados na virilha até sangrar. Há animais dos quais se extraíram todos os dentes para que não mordam. Porém, se forem bem tratados, nada pode ser feito. Eles enriquecem os espetáculos circenses, atraem as crianças, encantam os adultos, embelezam as pobres bailarinas cujas atrações físicas se perderam no correr dos anos. Merecem, sim, todo o nosso amor e respeito.



E, meio aos trancos, como é do meu feitio, eis o circo que tanto amamos no passado, do qual nos lembramos com carinho e muita, muita saudade. O circo foi para quem, como eu, nasceu lá pelos idos de 1923, em pequeno rincão chamado Pirangi, SP, tão pequeno que a maioria dos mapas sequer registram, o primeiro meio de “comunicação em massa” que conhecemos. Ele nos contou que havia outras terras, outras culturas, contou sem qualquer forma de coerção. E hoje, Dia do Circo no Brasil \_ 27 de março \_ e sabendo que Dom Bosco protege os mágicos, deixo expressa toda a magia que o circo me legou através dos meus quase noventa anos de vida.





aplicação de estratégias e políticas inadequadas, por lustros e lustros durante o século 20, Olímpia não atingiu o progresso aguardado e merecido.

Na atualidade, em termos econômicos, o turismo atrai pelo Clube “Termas dos Laranjais”, pelas atividades culturais; pela monocultura da cana-de-açúcar, de algumas áreas citrícolas, pequenas pastagens, além de atividades industriais pouco significativas, por nunca ter sido essa vocação econômica da comuna.

## Introito ao tema propriamente dito

Há - e não são poucos - os que utilizam o termo provérbio no lugar de ditado. Não aceitamos este posicionamento, por ser uma palavra mais erudita, ter sido estudada até os séculos 17 e 18, por especialistas no gênero. A partir da centúria seguinte, o termo provérbio passou a ser aceito como adágio, aforismo, anexim, ditado, máxima, pensamento, refrão, rifão, sentença, apotegma, além de outros. A tradicional família Lacerda aceita este posicionamento. Destarte, por mais insigne que ela seja, permanecemos com a nossa visão centrada no seio do povo, sem a menor pretensão de impedir (ou dificultar) os que pensam diferente. Purismo?!... Absolutamente nada disto.

Aceitamos vários sinônimos para ditado. Eis o pequeno rol:

Adágio (oriundo do latim) “o que induz a agir”.

Aforismo (do grego) “exprimir de maneira concisa”. É uma rápida sentença que pode enunciar um preceito, uma regra ou uma verdade.

Anexim (do árabe) “sinônimo de adágio”

Ditado (do latim) “aconselhamento, ditando, prescrevendo, recomendando, “sinônimo de adágio ou rifão”.

Refrão (ou sua forma dissimilada rifão, do espanhol e do provençal estribilho, no geral rimado e até por vezes jocoso).



Os ditados, sendo transmitidos oralmente, apresentam - como não poderia ser diferente - inúmeras variantes; além disso, eles têm fator didático, facilita a memorização, podendo apresentar uma estrutura métrica clara: “onde força muito, direito se perde” ou pelo menos a presença rítmica, ou com rima. Exemplo: “não há atalho sem trabalho” ou assonância, semelhança de sons em palavras ou sílabas: “Deus consente mas nem sempre”. Pode aparecer aliteração: repetição dos mesmos sons, no início, no meio ou no fim das palavras que formam um ou mais versos, como: “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

De criação anônima, os ditados são de remota origem. Foram registrados, sem qualquer preocupação, tal qual surgiram, sem mencionar o nome do pesquisador (detestamos as palavras “coletor” e “coletador”, nesta acepção utilizadas por muitos: parece-nos que são mais apropriadas ao setor econômico-financeiro). Desde a mais remota antiguidade os ditados foram coletados pelos egípcios que antecederam vários séculos o surgimento de Cristo. Nas antigas China e Índia serviam para colocar preceitos morais, religiosos e transferir conhecimentos. Entretanto, os hebreus, em seu livro sagrado, o mais famoso, o mais impresso, o mais lido no mundo: a sagrada Bíblia, consagrada por gregos e latinos, consolidando o que estava aceito pelo povo. Desde o Antigo Testamento são encontrados ditados que são utilizados no cotidiano.

Deparamos nos ditos expressões hiperbólicas: “com quem a fama tem perdido, morto anda nesta vida”.



# Paremiologia



É muito comum ouvir-se ditados na circunscrição político-administrativa de Olímpia. Todas as classes sócio-econômicas recorrem aos ditos, diferindo-se apenas em quantidade; muito maior na base e diminuindo à medida que a pirâmide populacional progride em direção ao ápice. Na área pesquisada em nossas andanças e consequentes anotações, arrolamos:

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura

“Amiga” destrói tudo que nem formiga.

A banana de manhã é ouro, à tarde é prata, e de noite mata.

A beleza cega a razão.

À boda nem a batizado se vai sem ser convidado.

A calúnia voa, a verdade anda devagar.

A calúnia voa, a verdade vai bem devagar.

A caridade começa em casa.

A casa onde a galinha canta e o galo cala é triste.

A cavalo dado não se olha os dentes.

A comida da vizinha é mais gostosa que a de casa.



A corda arrebenta sempre do lado mais fraco.

A cutia, de tanto fazer favor, ficou rabiço.

A faca cega não corta.

A festa de jacu não vai inhambu.

A formiga não corta perto do formigueiro.

A formiga sabe que erva corta.

A galinha da vizinha é mais gorda que a minha.

A galinha do vizinho bota ovo amarelinho.

A galinha do vizinho é mais gorda.

A galinha que cantou, botou.

A hora é agora.

A inveja é má conselheira.

A juventude preguiçosa faz velhice vergonhosa.

A língua bate onde o dente dói.

A lua não perde o brilho com os latidos dos cães.

A mãe sempre deve ser amada.

A mentira corre, a verdade é lenta.

A mentira voa, a verdade é lerda.

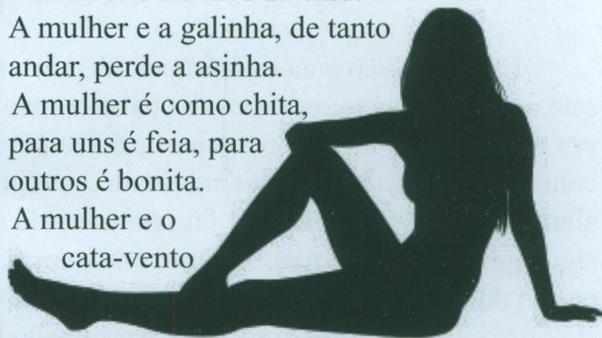
A morte bate em todas as portas.

A mulher é a chave da casa.

A mulher e a galinha, de tanto andar, perde a asinha.

A mulher é como chita, para uns é feia, para outros é bonita.

A mulher e o cata-vento



mudam conforme o vento.

A mulher é o esteio do lar.

A mulher faz o bom marido.

A mulher tem o que quer, se quiser.

À noite os gatos são pardos.

A ocasião faz o ladrão.

A onça não ensina todos os seus pulos.

A palavra amigo é fácil de encontrar, mas a amizade verdadeira é rara.

A palavra é de prata, o silêncio é de ouro.

A palavra que se solta, não volta.

A preguiça é a mãe de todos os vícios.

A pressa é inimiga da perfeição.

A pressa é o grande inimigo da perfeição.

A pressa é o maior inimigo da perfeição.

A quem Deus quer ajudar, o vento é a lenha.

A quem não tem dentes, Deus dá amendoim.

A rapadura é doce, mas não é mole.

A saúde só é sentida depois de perdida.

A terra dá muitas voltas.



A união faz a força.

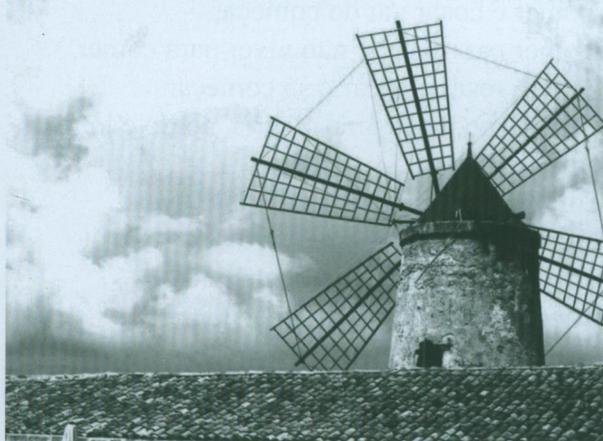
A verdade anda, o boato voa.

A verdade é a mãe do ódio.

A verda- de é que nem o óleo, vem à



tona,  
 A verdura é dura e amarga, como a verdade  
 para o mentiroso.  
 A vida é dura pra quem é mole.  
 A vingança é doce, mas seus frutos são amar-  
 gos.  
 A vingança é uma espada de duas pontas.  
 A vingança é espada de duas pontas.  
 A vingança é uma espada de dois cortes.  
 A viúva rica, casada fica.  
 A voz do povo é a voz de Deus.  
 Acabou-se a galinha, adeus rinha.  
 Acabou-se o que era doce, quem comeu,  
 regalou-se.  
 Acabou-se o resguardo, com o fim da canja.  
 Água fria não escalda pirão.  
 Água mole em pedra dura, tanto bate até que  
 fura.

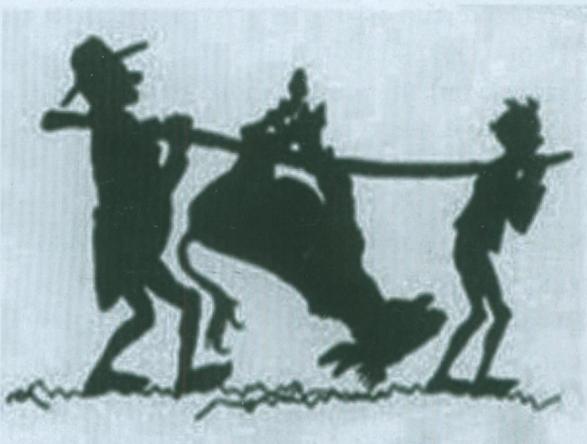


Águas passadas não movem moinho.  
 Ai do amarelo se não fosse o mau gosto.  
 Amar, meditar e rezar, só se casar.  
 Amigo de bom tempo muda com o vento.  
 Amigo de todos e de nenhum, tudo é um.  
 Amigo que não presta, faça que não corta, que  
 se perca, pouca importa.  
 Amigo, vizinho e vinho, o mais antigo.  
 Amigos, amigos, negócios à parte.  
 Amor com amor se paga.  
 Amor é gosto e não coração.  
 Ande com os bons e será um deles; ande com  
 os maus, será pior do que eles.  
 Antes de se casar pense no que fará.  
 Antes que o mal cresça, corte-se a cabeça.  
 Antes que o mal cresça, corte pela cabeça.  
 Antes só do que mal acompanhado.  
 Antes tarde do que nunca.



Ao bom entendedor, meia  
 palavra basta.  
 Ao marido, prudência, à  
 mulher, paciência.  
 Apetece o que é proibido.  
 Aprenda chorando e ria

ganhando.  
 Aprenda chorando, rirá ganhando.  
 Apressada pergunta, vagarosa resposta.  
 As aparências enganam.  
 As árvores com frutos recebem pedradas.  
 As más notícias voam.  
 As paredes têm ouvido.  
 Atira a primeira pedra quem não pecou por  
 amor.  
 Barca, jogo e caminho fazem amigos.  
 Barriga cheia, goiabada tem bicho.  
 Barriga cheia, pé na areia.  
 Bate enquanto o ferro está quente.  
 Beber e comer é só querer.  
 Bem começado, metade feito.  
 Bem vestida, não há mulher feia, nem bonita.  
 Boa vida mora em prato raso.  
 Boas intenções não bastam.  
 Boas palavras custam pouco, mas valem  
 muito.  
 Boca de mel, coração de fel.  
 Boi bravo em terra alheia se faz manso.  
 Boi lerdo bebe água suja.  
 Boi manso é que arromba o curral.  
 Boi solto, lambe tudo.  
 Boi sonso é que arromba curral.  
 Bom amigo é o gato, mas arranha.  
 Bom saber é calar até ser tempo de falar.  
 Bom vento não da casamento.  
 Brigam-se as comadres, descobrem-se as  
 verdades.  
 Burro velho não toma jeito.



Caçadores e pescadores são grandes mentiro-  
 sos.  
 Cachorro que late não toma jeito.  
 Cachorro rajado, baiano ou cigano, sai algum  
 bom por engano.  
 Cada macaco em seu galho.  
 Cada macaco no seu galho.  
 Cada qual com seu igual.  
 Cada qual sabe onde lhe aperta o  
 sapato.



sapato.

Cada roca com seu fuso, cada terra com seu uso.

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

Cada um cria o seu destino.

Cada um dá o que tem.

Cada um em sua casa é rei.

Cada um puxa a brasa pra sua sardinha.

Cada um sabe de si e Deus de todos.

Cada um sabe onde aperta o calo.

Cada um sabe onde lhe aperta a fivela do sapato.

Cada um sai do carro como gosta.

Cala o que deu, fale o que recebeu.

Cale o que deu, fale o que recebeu.

Cama de cão, cama de chão.

Cão de raça, caça.

Cão não é lobo, mas parece.



Cão não rejeita osso.

Cão que late não morde.

Carne de ontem, peixe de hoje, vinho de outro verão, fazem o homem são.

Carro parado não ganha frete.

Casa de ferreiro, espeto é de pau.

Casa o filho quando quiser, e a filha quando puder.

Casa onde falta pão, todos gritam e ninguém tem razão.

Casa sem mulher, corpo sem alma.

Casamento de imposição é de pouca duração.

Casamento e mortalha no céu se talha.

Casamento feito, marido arrependido.

Casamento não é casaca, que se pendura em estaca.

Casar não é casaca.

Casará e amansará.

Cáse a sua filha com o filho do vizinho.

Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém.

Cavalo dado não se olha os dentes.



terra

Cavalo e mulher, quem faz é o dono.

Cedo ou tarde a verdade aparece.

Cesteiro faz cesto, se tiver vime e tempo.

Cesteiro faz um cento, tendo cipó e tempo.

Cesteiro que faz um cesto, faz um cento, basta ter vime e tempo.

Céu pardacento, chuva ou vento.

Chegou a hora da porca torcer o rabo.

Chuva com sol, casamento de espanhol.

Cinelândia não é cracolândia.

Coçar e comer é só começar.

Coco velho é que dá azeite.

Com flor de laranja, tudo se arranja.

Com quem pode não se brinca.

Com tempo tudo tem tempo.

Com uma paulada matou dois coelhos.

Coma para viver e não viva para comer.

Comer e coçar é só começar.

Comer e coçar vai do começar.

Comer para viver e não viver para comer.

Comer, rezar e coçar é só começar.

Como é pequena uma alegria, como é longa uma desgraça.

Comprar fiado é pagar dobrado.

Conhece-se a árvore pelo fruto.

Contra a força não há argumento.

Contra a força não há resistência.

Contra a fotografia não há argumento.

Corrida não é pressa.

Cutucar onça com vara curta.

Cozinheiros em demasia estraga o caldo.

Cria a fama e deita na cama.

Criança brincando, perigo rondando.

Criança e borracho, Deus tem a mão por baixo.

Cuidado com a mulher que fala que nem homem, com homem que fala que nem mulher.

Cuidado com o cão que não late, e homem que não fala.

Dádivas quebram rochas.



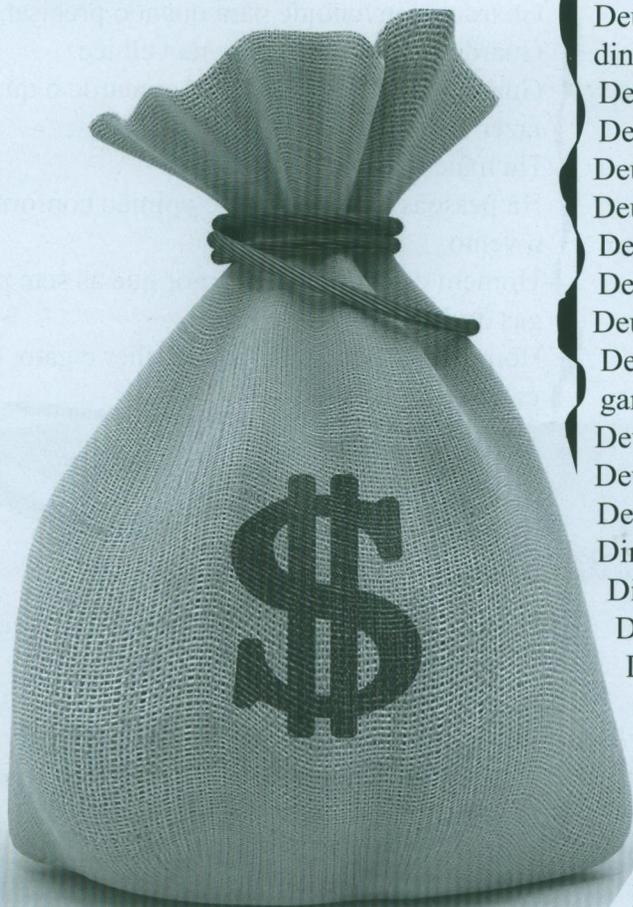
Dança-se conforme a música.

Dar ao aflito consolação, no céu terá perdão.

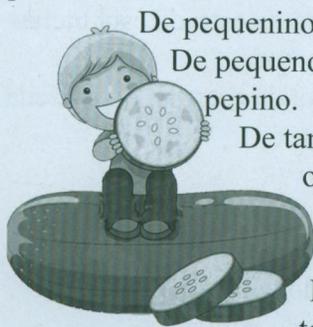
Dar o dito por não dito.



De amarga basta a vida.  
De amor também se morre, mas sem amor não se vive.  
De boas intenções o inferno está cheio.  
De caldo requentado tudo e de amor dado, nunca é bombocado.  
De cobra não nasce passarinho.  
De Deus somos, em caminho estamos.



Dê dinheiro e não conselho.  
De gota em gota, enche-se um latão.  
De grandes idéias o inferno ta cheio.  
De grão em grão a galinha enche o papo.  
De hora em hora Deus melhora.  
De médico e de louco, cada um tem um pouco.  
De médico e de louco, cada um com o seu pouco.



De pequenino é que torce o pepino.  
De pequeno é que se torce o pepino.

De tanto ir a fonte, um dia o vaso se quebra.

De tostão em tostão se faz um milhão.

De verde é o que se torce o cipó.

Defunto quando tem muito quem carrega, não fica pesado.

Depois da lua-de-mel, a lua-de-fel.

 Depois da tempestade vem a bonança.

Descobrir um santo para cobrir outro.

Desculpa de aleijado é muleta.

Deste mato não sai coelho.

Deus ajuda a quem madruga.

Deus cura os doentes, o médico fica com o dinheiro.

Deus cura os doentes, o médico recebe o dinheiro.

Deus dá asas pra quem não sabe voar.

Deus dá frio conforme o cobertor.

Deus dá perna pra quem não quer dar coice.

Deus está em toda parte.

Deus mantém, a quem não tem.

Deus os fez, o diabo os juntou.

Deus tarda mais não "farta"(falta).

Deus tem muito que dar e o diabo que carregar.

Devagar se vai ao longe.

Devagar também chega.

Devagar, que tenho pressa.

Dinheiro alheio chora o seu dono.

Dinheiro chama dinheiro.

Dinheiro e juízo ninguém tem o que precisa.

Dinheiro é ouro.

Dinheiro é sangue.

Dinheiro mal ganho, o diabo leva.

Dizer é fácil, fazer é que são elas.

Do couro sai a correia.

Do couro se faz as correias.

Dois bicudos não se beijam.

Dois proveitos não cabem num saco só.

Dois tatus não vivem no mesmo buraco.

Duro com duro não faz bom muro.

É impossível servir a Deus e ao diabo.

É mais fácil um camelo passar no furo de uma agulha que um rico ir pro céu.

É melhor prevenir do que remediar.

É perigoso enfeitar-se com penas alheias.

É preferível um homem sem dinheiro, ao dinheiro sem um homem.

É preferível uma pessoa sem dinheiro, ao dinheiro sem uma pessoa.

Economia, a base da porcaria.

Economizar tempo é prolongar a vida.

Ele faz a festa e solta os foguetes.

Em boca fechada não se entra mosquito.

Em casa de ferreiro, espeto é de pau.

Em casa onde falta pão, todos gritam e ninguém tem razão.

Em caso de necessidade, casa o padre com a madre.

Em festa  de inhambu não entra jacu.



Em festa de jacu não vai inhambu.  
 Em fevereiro as mulheres falam menos.  
 Em mulher não se bate nem com uma flor.  
 Em tempo de buriti, cada um cuida de si.  
 Em tempo de figos não há amigos.  
 Em tempo de guerra, boato é como terra.  
 Em tempo de guerra, mentira é como terra.  
 Em terra de cego quem tem olho é rei.  
 Em terra de cego quem tem um olho é rei.  
 Em terreiro de galinha, barata não tem razão, não faz festa.  
 Enquanto a caravana passa os cães latem.  
 Enquanto há vida, há esperança.  
 Enquanto vem com milho, o fubá está pronto.  
 Entenda primeiro, fale depois.  
 Entre o dito e o feito há muita diferença.  
 É preferível só que mal acompanhado  
 Ervas daninhas crescem depressa.

Gato de luva, sinal de chuva.  
 Gato escaldado tem medo de água fria.  
 Gato miador não é caçador.  
 Gato não entra em qualquer buraco.  
 Gosto não se discute.  
 Gota a gota o mar se esgota.  
 Gravata de boi é canga, relógio de negro é capanga.  
 Guarde na juventude para quando precisar.  
 Guarde na mocidade para na velhice.  
 Guarde o que comer, mas não guarde o que fazer.  
 Há males que vêm para bem.  
 Há pessoas que mudam de opinião conforme o vento.  
 Homem dentro de casa é pior que as sete pragas do Egito.  
 Homem e cachorro na rua; mulher e gato, em casa.

Faca cega não corta.  
 Faça o bem, sem olhar a quem.  
 Fala pouco e bem, para ser alguém.  
 Fala é fácil, fazer é outra coisa.  
 Falar sem cuidar é atirar sem apostar.  
 Fala pouco e bem, para ser alguém.  
 Falou no diabo aparece o rabo.  
 Faz da noite, noite, e do dia, dia, e viverá feliz com alegria.  
 Feliz é quem contenta com o que tem.  
 Feliz no jogo, infeliz no amor.  
 Fica atrás quem adianta.  
 Fica dito pelo não dito.  
 Filho casado, está danado.  
 Filho criado, trabalho dobrado.  
 Filho do burro, um dia dá coice.  
 Filho de gato caça.  
 Filho de gato pega rato.  
 Filho da onça é malhado.  
 Filho de peixe sabe nadar.  
 Filho de peixe, peixinho é.  
 Filho de tigre sai pintado.  
 Filho puxa o pai só quando o pai é cego.  
 Fogo na canjica, que é de milho branco.  
 Fora da vista, fora do pensamento.  
 Frio e lama, chuva chama.  
 Galinha magra e pequena não tem preço.  
 Galinha velha bota ovos pequenos.  
 Galo onde canta, janta.  
 Garapa dada não é azeda.  
 Gato com fome come até pão duro.  
 Gato com fome come até farofa de alfinete.

Homem e laranja, em todo lugar se arranja.  
 Homem e porto só depois de morto.  
 Homem precavido vale por dois.  
 Imita a formiga e viverá sem fadiga.  
 Indeciso entre duas igrejas, recolhe-se sem ter orado.  
 Ingratidão com ingratidão se paga.  
 Jacaré é pra quem é e não pra quem quer.  
 Jacaré quando está com fome, come o que tiver.  
 Jacaré quando tem fome até barro come.  
 Joga a pedra e esconde a mão.  
 Juventude ociosa, velhice triste.  
 Ladrão que rouba ladrão, cem anos de perdão.  
 Lagartixa sabe em que pau bate a cabeça.  
 Lágrimas de herdeiros, risos secretos.  
 Lágrimas de herdeiros, sorrisos secretos.  
 Lágrimas de rato em enterro de gato.  
 Laranja madura na beira da estrada está bichada ou tem maribondo no pé.  
 Laranja madura na beira da estrada, ou é azeda ou tem maribondo.  
 Lê com lê, crê com crê.  
 Língua comprida faz a vida curta.  
 Lobo não come lobo.  
 Longe da vista, longe do coração.  
 Longe dos olhos, perto do coração.  
 Lua de mel, lua de fel  
 Macaco morre por banana.



Macaco que muito mexe quer chumbo.  
Macaco velho não mete a mão na cumbuca.  
Macaco velho não põe a mão em cumbuca.



Macaco velho não pula em galho seco.  
Macaco, quando se coça, quer chumbo.  
Madrasta, o nome basta.  
Mais fácil se pega um mentiroso que um coxo.  
Mais fere a má língua que a espada afiada.  
Mais pode Deus que o Diabo.  
Mais vale a paciência do que a fúria e a violência.  
Mais vale a pequena paciência que roncões de leões.  
Mais vale a quem Deus ajuda do que quem madruga.  
Mais vale alguns segundos de ler, que muitos anos de lazer.  
Mais vale calar do que falar.  
Mais vale calar, que mal falar.  
Mais vale jeito que força.  
Mais vale penhor no banco que fiador na praça.  
Mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto.  
Mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga.  
Mais vale que Deus ajuda, do que quem madruga.  
Mais vale saber que ter.  
Mais vale tarde do que nunca.  
Mais vale um covarde vivo do que um valente morto.  
Mais vale um momento do que três depois.  
Mais vale um não certo do que um sim duvidoso.  
Mais vale um pássaro na mão do que dois

voando.  
Mais vale um pássaro na mão do que muitos voando.  
Mais vale um toma lá que dois te darei.  
Mais vale uma vista do dono do que cem braços trabalhando.  
Maltratar os animais é sinal de mau caráter.  
Manda quem pode, obedece quem tem juízo.  
Mangueira não é figueira.  
Mão fria, coração frio, amor vadio.  
Marido decente, marido paciente.  
Melhor é o ano tardio que o cedo vazio.  
Mesmo à casa do seu irmão não vá a cada serão.  
Mesmo que seja velho e prudente não despreze os bons conselhos.

Milho em espigas, bom para as formigas.  
Milho plantado tarde, dá pendão, não dá espiga.  
Moça, chita e fita, não tem feia nem bonita.  
Moças, fitas e chitas, não há feias nem bonitas.  
Mocinha ociosa não faz velhice proveitosa.  
Moeda falsa, de noite passa.  
Muita conversa, pouco trabalho.  
Muitas mãos, pouco trabalho.



Muito ajuda quem não atrapalha.  
Muito ouro na boca, pouco dinheiro na bolsa.  
Muito ouro na boca, pouco dinheiro no bolso.  
Muito riso, pouso siso.  
Muito vento é sinal de pouca chuva.  
Muito vento, pouca chuva.  
Muitos caem nos próprios laços que amarraram, para que outros caíssem neles.  
Muitos caminhos levam a Roma.  
Mula que rincha, mulher que sabe latim, é difícil ter bom fim.  
Mulher bela, doce veneno.  
Mulher de janela fala de todos e todos, dela.



Mulher de janela: nem costura,  
nem panela.

Mulher de novela deixa queimar a panela.

Mulher de novela, não serve pra panela, nem  
pra cuidar da vida dela.

Mulher doente, mulher para sempre.

Mulher e cão de caça, escolhe para a raça.

Mulher e laranja em qualquer lugar se arranja.

Mulher e laranja em qualquer parte se arran-  
ja.

Mulher não casa com carrapato, porque não  
sabe qual é o macho.

Mulher que fala grosso, causa alvoroço.

Mulher que não presta, faça que não corta,  
que se perca, pouco importa.

Mulher, cachaça e bolacha em qualquer lugar  
se acha.

Na casa em que entra o sol, não entra o mé-  
dico.

Na margem do atoleiro se conhece o cavalei-  
ro.

Nada como um dia depois do outro.

Nada de ir ao pote com muita sede.

Nada existe que a emoção não dobra e ven-  
ça.

Nada perde quem não tem.

Nada tem, quem não se contenta com o que  
tem.

Não crie cão se lhe falta pão.

Não crie cão, se não sobra pão.

Não dá para acender uma vela a Deus e outra  
ao diabo.

Não dá quem tem, se não quer bem.

Não dê pérolas aos porcos.

Não deixe o amor velho pelo novo.



Não deva ao rico nem prometa ao pobre.

Não é o hábito que faz o monge.

Não é possível servir dois senhores ao mesmo  
tempo.

Não faça ao próximo o que não quer que te  
faça.

Não faça o bem pra ninguém.

Não fale dos velhos porque ficará como eles.

Não gaste vela com defunto ruim.

Não há bem que sempre dure, nem mal que  
nunca se acabe.

Não há domingo sem missa, nem segunda  
sem preguiça.

Não há fartura que não se acabe.

Não há fartura que não traga miséria.

Não há galinha gorda por pouco dinheiro.

Não há grande homem para o seu criado de  
quarto.

Não há mal que sempre dura, nem bem que  
atura.

Não há mal que sempre dure, nem bem que  
não se acabe.

Não há mal tão lastimeiro como não ter di-  
nheiro.

Não há miséria que traga fortuna.

Não há pior desgraça para o homem bem cria-  
do que dever obrigações a um vilão.

Não há rosas sem espinhos.

Não há sábado sem sol, domingo sem missa e  
segunda sem preguiça.

Não há sábado sem sol, nem noiva sem lençol.

Não ofereça osso a cachorro.

Não passe o carro diante dos bois.



Não deixe o certo pelo duvidoso.

Não deixe para amanhã o que pode fazer  
agora.

Não deixe para amanhã o que pode fazer  
hoje.

Não passe os pés na frente das mãos.

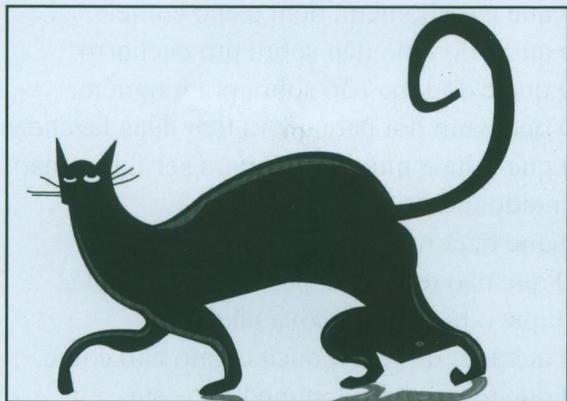
Não perca a oportunidade de fazer o bem.

Não sabendo responder, sabendo perguntar é  
erro igual.

Não se alegre do meu luto; quando



ele for velho o seu será novo.  
Não se fie em cachorro de cozinha, nem em  
moça que anda sozinha.  
Não se gabe de chapéu alheio.



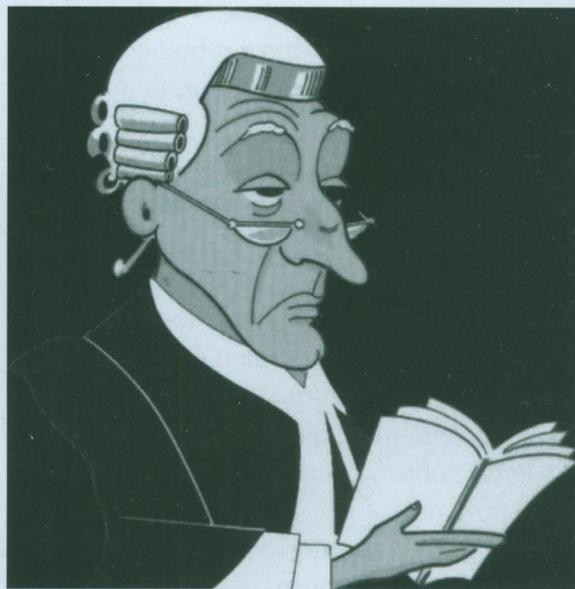
Não se pega o rato, apertando o rabo do gato.  
Não sou branco, mas sou franco.  
Não tire o que não pode dar.  
Neblina na baixa, sol que racha.  
Neblina na serra, chuva que berra.  
Negro de luva, sinal de chuva.  
Negro não casa, ajunta.  
Nem a juventude, nem a beleza, é uma garan-  
tia contra a morte.  
Nem joio no trigo, nem suspeita no amigo.  
Nem por muito madrugar, amanhece mais  
cedo.  
Nem sempre quem cala, consente.  
Nem todas as verdades são ditas.  
Nem todos os dedos da mão são iguais.  
Nem todos os dias são dias - santos.  
Nem todos os homens podem ser grandes, mas  
todos podem ser bons.  
Nem todos os mestres ensinam os segredos.  
Nem todos que estudam são sabidos.  
Nem tudo que parece é, nem tudo que é pare-  
ce.  
Nem tudo que reluz é ouro.  
Nem tudo são flores.  
Nenhum dia é longo demais para o homem  
ocupado.  
Nenhum dia é longo para a pessoa ocupada.  
Ninguém chuta cachorro morto.  
Ninguém conhece a si mesmo.  
Ninguém dá se não o que tem.  
Ninguém é de ninguém. Ninguém faz sucesso  
sozinho.



Ninguém é profeta em sua terra.

Ninguém gaba o toco senão a  
coruja velha.

Ninguém nasce sabendo.  
Ninguém toma para si as verdades que são  
desagradáveis.  
No céu achará galhardão, se tiver razão.  
No céu, Deus onipotente; na Terra, dinheiro,  
minha gente.  
No jogo perde o amigo e ganha o inimigo.  
Nós matamos o tempo e o tempo nos enterra.  
Nova trovejada, um mês de molhada.  
Nunca a carga é pesada para seu dono.  
Nuca deixe o certo pelo duvidoso.  
Nunca diga desta água não beberei.  
Nunca é tarde demais para aprender.  
Nunca é tarde para aprender.  
Nunca falta um chinelo velho para um pé  
torto.  
Nunca passe o carro na frente dos bois.  
Nunca perca a oportunidade de praticar um  
benefício.  
Nunca procure pêlo em ovos.  
Nunca se perde por andar certo.  
O alheio chora o dono.  
O alheio chora o seu dono.  
O amor e a fé nas obras se vê.  
O amor é cego, mas enxerga o bonito.  
O amor é como o pirulito: no começo é doce,  
no fim é só o palito.  
O amor sempre pode.  
O apetite é a boa comida.  
O barato sai caro.



O bem é pago com o bem.  
O bom juiz julga os outros por si.  
O bom julgador é sempre imparcial.  
O bom pai deve ser amado e o mau, aturado.  
O bom vinho não requer mistura.  
O cabri- to ruim deita a perder todo



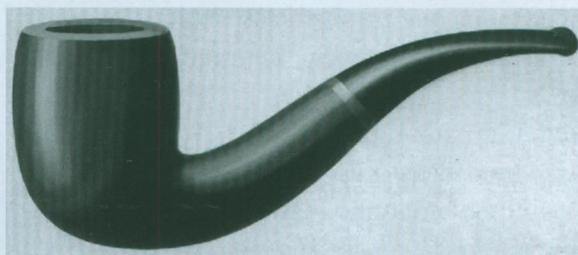
o rebanho.  
O caminho do inferno está cheio de  
boas intenções.  
O carneiro ruim acaba com o rebanho.  
O conselho e a ação não ceiam juntos.  
O coração de mãe adivinha.  
O coração é um sino, o badalo é o sangue, o  
sineiro é o destino.  
O costume vira lei.  
O diabo não é tão feio como é falado.  
O diabo tanto quis consertar o olho do filho  
que até furou.  
O dono do defunto pega na cabeça.  
O galo onde canta, aí janta.



O galo que cantou, botou.  
O homem é conhecido pelo bem que faz, não  
pela roupa que veste.  
O homem e o peixe morrem pela boca.  
O homem não conhece a si próprio.  
O homem põe e Deus dispõe.  
O homem prevenido vale por dois.  
O homem propõe, Deus dispõe.  
O homem vive de esperança.  
O idiota calado, por sábio é reputado.  
O inhambu, de tanto fazer favor, ficou sem  
rabo.  
O justo paga pelo pecador.  
O maior amigo do homem são os dentes, que  
ainda mordem a língua.  
O mal que da boca sai, no seu peito cai.  
O mau cobrador faz mau pagador.  
O melhor machado derruba o maior carvalho.  
O ouro vale um tesouro.  
O ovo ou a galinha, quem chegou primeiro?  
O pão do pobre cai sempre com a manteiga  
pro chão.  
O peixe e a mulher morrem pela boca.  
O peixe morre pela boca.  
O pior cego é o que não quer ver.  
O porco, quando para de comer, vira o cocho.  
O que o berço dá, só a morte tira.  
O que Deus põe, o homem dispõe.  
O que é alheio chama o dono.  
O que é bom nasce feito.



O que é de gosto, regalo da vida.  
O que é de raça, caça.  
O que é de graça não tem valor.  
O que é do cachorro, gato não come.  
O que é do homem, nem o cão come.  
O que é do lobo não sobra pro cachorro.  
O que é do lobo não sobra pra ninguém.  
O que é um boi para quem tem duas fazendas?  
O que falta a muita gente para ser feliz é não  
ter sido infeliz.  
O que fizer hoje, achará amanhã.  
O que não tem remédio, remediado está.  
O que o berço dá a cova não tira.  
O que tem de ser da onça o gato não come.  
O que tem remédio, remediado está.  
O que uma mão dá, a outra mão precisa saber.  
O que vale são obras e não palavras.  
O rico tem confiança em Deus e trabalha com  
o diabo.  
O roto não pode rir do amassado.  
O sábio detesta a lisonja, o convencido a  
adora.  
O saco é como a alma, vai e não volta.  
O sândalo perfuma o tronco que o machado  
cortou.  
O segredo é a alma do negócio.  
O sol nasce para todos.  
O tempo do comércio é suportado pela propa-  
ganda.  
O tempo e a maré não esperam por ninguém.  
O tempo é o melhor remédio.  
O tempo é que cura o queijo.  
O tempo perdido nunca será recuperado.  
O trabalho é o alimento das almas fortes.



O uso do cachimbo faz a boca torta.  
Ofereça ao vilão a ponta do dedo e ele agarra-  
rá a sua mão.  
Olhe com quem anda que direi quem é.  
Onde há ferro, há ferrugem.  
Onde há fumaça, há fogo.  
Onde o dinheiro manda, a moral desanda.  
Onde o galo canta, janta.  
Onde o galo janta, canta.  
Onde o ouro fala, tudo cala.  
Os amigos nos rodeiam quando a nossa bolsa  
está cheia.  
Os ho- mens são como as velas:

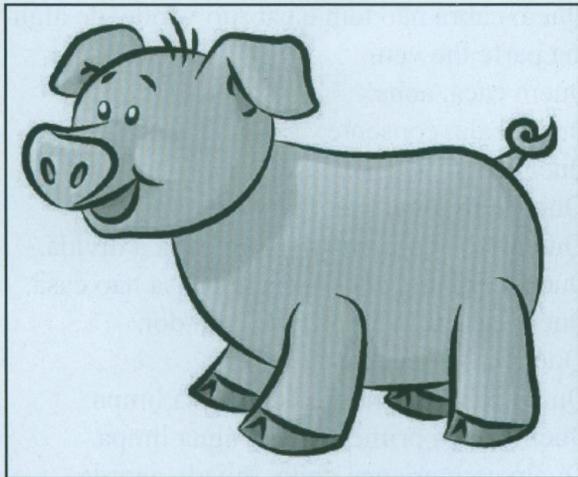


sacrificam-se queimando, para dar luz aos outros.

Os ingratos só sabem pagar o bem com o mal.

Os livros governam o mundo.

Os melhores dias da vida de um homem são os que estão ocupados.



Os olhos do dono engordam o porco.

Os olhos do jacaré chocam seus ovos.

Os parentes são os dentes, quando não doem.

Os pobres e os ricos são iguais perante Deus.

Os pombos e os primos sujam a casa.

Ouro é o que ouro vale.

Ouve primeiro e fala depois.

Ovo dado, ovo gorado.

Ovo gabado, ovo gorado.

Pai rico, filho nobre, neto pobre.

Pai rico, filho remediado e neto pobre.

Panela de muitos, mal cozida e pior mexida.

Panela em que muitos põem a mão, ou sai insossa ou salgada.

Pão novo e vinho bom fazem o homem são.

Papagaio come milho, periquito leva a fama.

Para encontrar o diabo, não precisa levantar cedo.

Para ingrato, ingrato e meio.

Para o ladrão, criou-se o xadrez, para o assassino, a forca se fez.

Para pé torto só chinelo velho.

Para quem sabe ler, um pingo é letra.

Para velhaco, velhaco e meio.

Pé de galinha não mata pinto.  
Pecado confessado está meio perdoado.

Pedir duas vezes é tomar.

Pedra que muito gira, não cria musgo.

Pedra que muito mexe não cria limo.

Pedra que muito rola não tem



lodo.

Pedra que roda não cria lodo.

Pedra que rola muito não cria lodo.

Pensa o ladrão que todos são de sua condição.

Pensam os namorados que os outros estão com os olhos fechados.

Pica-pau não bica poste de cimento.

Pica-pau não fura aroeira.

Pimenta no cu dos outros é bom.

Pimenta no cu dos outros é fresco.

Pimenta nos olhos dos outros é fresco.

Pimenta nos olhos dos outros é colírio.

Pitangueiras não dão manga.

Planta verde pra colher maduro.

Pobre do amarelo se não fosse o mau-gosto.

Pobre quando come galinha um dos dois está doente.

Pobre só anda de carro quando vai pro cemitério.

Pobre só vai pra frente quando a polícia vem atrás.

Pobre só vai pra frente quando cai.

Pobre só vai pra frente quando escorrega.

Pobre só vai pra frente quando tropeça.

Pobre vive de teimoso que é.

Pobre vive de teimoso.

Pobreza não é baixeza.

Por cobiça de florim não se case com mulher ruim.

Por fora bela viola, por dentro pão bolorento.

Por linhas tortas, Deus escreve direito.

Por mais que ladrem os cães, a lua cheia ficará linda.

Por um cravo se perde a ferradura.

Porco do mato não se coça em árvore de espinhos.

Pouco é melhor do que nada.

Pouco vale ganhar se não sabe guardar.

Praga de urubu não mata cachorro gordo.

Praga de urubu não mata cavalo gordo.

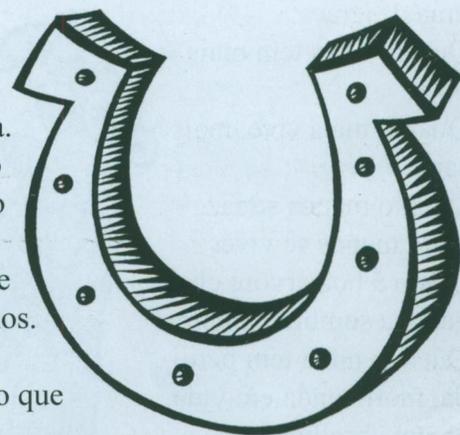
Praga de urubu não pega em boi gordo.

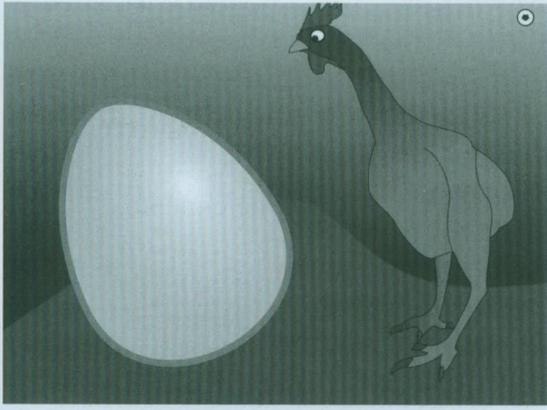
Preguiça não faz casa de sobrado.

Primeiro a obrigação, depois a devoção.

Princípio de cantiga é assovio.

Procura instruir-se onde quer que esteja.





Procurar pêlo em ovo.

Promessa é dívida.

Quando a água bate na bunda é que aprende a nadar.

Quando a água passa do joelho é que se aprende a nadar.

Quando a esmola é grande, desconfia.

Quando mulher domina, tudo se contamina.

Quando chover sopa, pobre está de garfo.

Quando Deus dá farinha, o diabo carrega o saco.

Quando Deus dá farinha, o diabo rouba o pavio do lampião.

Quando Deus não dá os filhos, o diabo dá os sobrinhos.

Quando Deus não quer, o santo não atende.

Quando os olhos não veem, coração não sente.

Quando quer perder-se, a formiga cria asas.

Quando um não quer, dois não brigam.

Quando é breve uma alegria, como é duro uma desgraça.

Quanto mais tem mais quer.

Quanto mais vive, mais sabe.

Quanto menos se faz, tanto menos se vive.

Quem à boa árvore chega, boa sombra o cobre.

Quem a fama tem perdida, morto anda em vida.

Quem abrolhos semeia, espinhos colhe.

Quem adiante não olha, atrás fica.

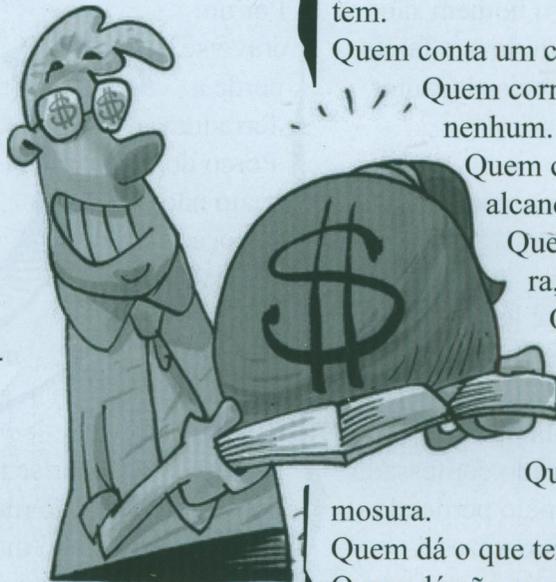
Quem agrada a mãe, conquista a filha.

Quem ama Beltrão, é filho de Adão.

Quem ama Beltrão, ama seu cão.

Quem ama o feio, bonito lhe parece.

Quem anda na garupa não pega na rédea.



Quem aprende chorando, ri ganhando.

Quem aproveita o farelo, não desperdiça o fubá.

Quem avisa amigo é.

Quem cabra não tem e cabrito vende, de algum lugar vem.

Quem cabra não tem e cabrito vende, de alguma parte lhe vem.

Quem caça, acha.

Quem cala, consente.

Quem canta seus males espanta.

Quem carga me tira, favor me faz.

Quem casa com viúva pobre paga a dívida.

Quem casa não pensa, quem pensa não casa.

Quem casa sem amor vive com dor.

Quem casa quer casa.

Quem chega na frente bebe água limpa.

Quem chega primeiro bebe água limpa.

Quem com criança deita, mijado acorda.

Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Quem com ferro mata, com ferro morre.

Quem com muitas pedras mexe, com uma delas se machuca.

Quem com porco se mistura, farelo come.

Quem come a carne, roi osso.

Quem come muito, nada aproveita.

Quem come muito, pouco aproveita.

Quem come sem regra, acaba doente.

Quem compra o que não pode vende o que deve.

Quem compra o que não pode vende o que não deve.

Quem compra o que não pode vende o que tem.

Quem conta um conto, aumenta um ponto.

Quem corre atrás de dois não pega nenhum.

Quem corre, cansa; quem anda alcança.

Quem corre, cansa; quem espera, alcança.

Quem dá aos pobres e empresta, adeus.

Quem dá aos pobres, e empresta, a Deus.

Quem dá gordura recebe formosura.

Quem dá o que tem, a pedir vem.

Quem dá pão ao cão alheio perde o pão e o cão.

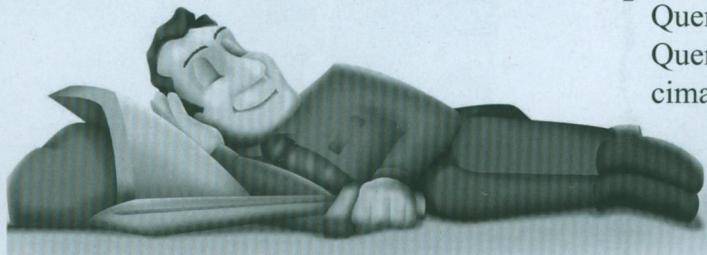
Quem dá é porque não está precisando.

Quem deita com cão levanta com pulgas.

Quem descuida do que tem, um dia a pedir vem.



Quem desdenha, quer comprar.  
Quem desperdiça o que tem, um dia pedir vem.  
Quem deve a Deus, paga o diabo.  
Quem diz o que quer, ouve o que não quer.  
Quem dorme com criança amanhece molhado.  
Quem dorme na preguiça acorda na miséria.  
Quem dorme no mesmo colchão tem sempre a mesma opinião.  
Quem é acanhado morre de fome.  
Quem é boa na cozinha não é em outro lugar.  
Quem é vivo sempre aparece.  
Quem empresta nunca tem.  
Quem empresta quebra a testa.  
Quem enrola o rabo e senta em cima vê os defeitos dos outros.  
Quem errou uma vez, ficou freguês.  
Quem espera sapatos de defunto, anda descalço.  
Quem espera, alcança.  
Quem espera, desespera.  
Quem espera sempre alcança.  
Quem está na chuva é para se molhar.  
Quem está na garupa não fica com a rédea.  
Quem está na garupa não governa a rédea.  
Quem está vivo, aparece.  
Quem fala de mim tem paixão.  
Quem fala o que gosta, escuta o que não gosta.  
Quem fala o que quer, ouve o que não quer.  
Quem faz mal, para si o faz.  
Quem foi a Portugal perdeu o lugar.  
Quem foi ao vento perdeu o assento.  
Quem foi rei sempre é majestade.  
Quem "gospa" para o céu, na cara lhe cai.  
Quem gosta de angu, dança nu.  
Quem guarda, tem.  
Quem levanta cedo bebe água mais limpa.  
Quem longe vai casar, ou leva a manta ou vai buscar.  
Quem longe vai casar, ou se engana, ou vai enganar.  
Quem longe vai se casar, ou vai enganado, ou vai enganar.



Quem madruga, Deus ajuda.  
Quem meu filho beija, minha boca adoça.  
Quem morre de véspera é peru.  
Quem muito dorme, pouco aprende.

Quem muito dorme, pouco faz.  
Quem muito dorme, pouco sabe.  
Quem muito fala dá bom dia a cavalo.  
Quem muito fala, muito erra.  
Quem muito fala, pouco acerta.  
Quem muito fala, pouco entende, por tolo se vende.  
Quem muito fala, pouco faz.



Quem muito jura, muito mente.  
Quem muito olha, pouco vê.  
Quem muito quer saber, mexerico quer fazer.  
Quem muito se abaixa, a bunda aparece.  
Quem na casa de mãe não atura, na da madrasta não espera ventura.  
Quem não ajuda, não atrapalha.  
Quem não ajuda, não estorva.  
Quem não arrisca não petisca, quem não morre não vê Deus.  
Quem não arrisca, não ganha, nem perde, empata.  
Quem não arrisca, não petisca.  
Quem não chora não mama.  
Quem não é dono do que fala é escravo do que foi dito.  
Quem não me apoia, não tem boia.  
Quem não mente não é filho de boa gente.  
Quem não morre não vê Deus.  
Quem não pode com mandinga, não carrega patuá.  
Quem não pode com o tempo, não inventa moda.  
Quem não pode, não inventa moda.  
Quem não pode, não se meta.  
Quem não quer ver estrelas não olha para cima.

Quem não se contenta com pouco, nem com muito.

Quem não se enfeita, se enjeita.

Quem não te conhece, que te compre.

Quem não tem abelhas, como vende mel?  
Quem não tem cabeça, não precisa de chapéu.  
Quem não tem cão, caça com gato.  
Quem não tem vergonha, todo



mondo é seu.

Quem não trabalha não mantém casa.

Quem nunca comeu melado, quando come se lambuza.

Quem o alheio veste, na praça o despe.

Quem o feio ama, bonito lhe aparece.

Quem olha com bons olhos, o corvo é branco, quem olha com maus olhos o corvo é preto.

Quem paga mal, paga duas vezes.

Quem paga mal, paga três vezes, quem paga o bem, ganha duas vezes.

Quem pariu Mateus que o embale.



Quem pega chifre é o dono do boi.

Quem pensa não casa, quem casa não pensa.

Quem perde a saúde, fica sem nada.

Quem perde dinheiro, perde muito, quem perde uma amigo, perde mais, quem perde a alegria, perde tudo.

Quem planta e cria tem alegria.

Quem planta e cria, tem em casa a alegria.

Quem planta, colhe.

Quem pode manda, quem não pode, obedece.

Quem pode manda, quem tem juízo, sabe o que faz.

Quem pode, pode; quem não pode, se sacode.

Quem pouco fala, quase não erra.

Quem precisa faz cara de quem carece.

Quem precisa, anda.

Quem precisa, procura.

Quem procura, acha.

Quem procura, encontra.

Quem quando pode, não quer, quando quer, não pode.

Quem quer alcança, se lutar.

Quem quer alcança, se quiser.

Quem quer bem, de longe vem.

Quem quer faz, quem não quer manda.



Quem quer mais do que tem, perde o que quer e o que tem.

Quem quer vai; quem não quer, manda.

Quem quiser pôr o homem pobre, é passar a fazenda nos cobres.

Quem quiser pôr o homem pobre, é por a fazenda nos cobres.

Quem ri hoje, chora amanhã.

Quem ri por último, ri melhor.

Quem rouba muito é barão; quem rouba pouco é ladrão.

Quem rouba pouco é ladrão, quem rouba muito é barão.

Quem sabe calar, sabe guardar.

Quem se casa mal, continua o carnaval.

Quem se casa por amor mistura prazer e dor.

Quem semeia vento, colhe tempestade.

Quem semeia, colhe o que plantou.

Quem sempre mente, vergonha não sente.

Quem tarde vai ceiar, cedo vai buscar.

Quem tem boca não manda assoprar.

Quem tem boca vai a Roma.

Quem tem capa, escapa.

Quem tem dinheiro compra o que quiser.

Quem tem dó de angu, não cria cachorro.

Quem tem dúvida entre dois santos, fica sem nenhum.

Quem tem fama deita na cama.

Quem tem fé, vai a pé.

Quem tem horta não deve couve.

Quem tem inimigos não dorme.

Quem tem mulher precisa ter cuidado.

Quem tem olho fundo, chora cedo.

Quem tem padrinho não morre pagão.



Quem tem parente político, não lhe falta proteção.

Quem tem telhado de vidro não atira pedra no vizinho.

Quem tem tenda e não vende, bobo é



se a mantém.

Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

Quem trabalha, Deus ajuda.

Quem tudo quer, nada tem.

Quem tudo quer, tudo perde.

Quem usa, cuida.



Quem vai à chuva, se molha.

Quem vai ao ar, perde o lugar.

Quem vai ao vento, perde o assento.

Quem vê a barba do vizinho arder, põe a sua barba de molho.

Quem vê a do vizinho queimar, põe a sua barba de molho.

Quem vê arder a barba do vizinho, põe a sua de molho.

Quem vê cara não vê coração.

Quem vê novela e fica em janela não sabe da vida dela.

Quem viver, verá.

Quem, no meio da multidão, subir nos ombros do vizinho, enxerga mais.

Querer é poder.

Querer não é poder.

Querer nunca foi poder.

Querer, nem sempre, é poder.

Raiva de mulher, fogo de palha e chuva de verão, tem pouca duração.

Raposa perde o pelo, mais não deixa de comer galinha.

Rasto de onça não dá medo em corajoso.

Regra do bem viver: ouça, veja e cale.

Rei morto, rei posto.

Remenda o seu pano, durará outro ano.

Repare no que possui e nunca no que lhe falta.

Resposta branda, quebranta.

Ricos com figos têm amigos.



Ricos não tem amigos, nem inimigos, guardam dinheiro.

Roceiro na cidade é por necessidade.

Rodas e advogados precisam ser besuntadas.

Roma não se fez num dia.

Roupa suja, lava-se em casa.

Ruim como a mãe de São Pedro.

Sabão não ensaboa pixaim.

Sabão não espuma na cabeça do burro velho.

Saco vazio não para em pé.

Sai-se por onde se entra.

Santo de casa não faz milagre.

Santo de casa nunca vez milagre.

Santos do lugar não fazem milagre.

Se a montanha não vem a Maomé, Maomé vai à montanha.

Se a ser rico quer ficar, vá devagar.

Se o conselho fosse bom não era dado, era vendido.

Se não quer casar mal, casa com igual.

Se o homem fosse todo de ouro, ele brigaria por um pedaço de barro.

Se o padre anda com o ladrão, não é o ladrão que fica padre, mas é o padre que fica ladrão.

Se palpite fosse bom, ninguém daria de graça.

Se quer a paz, prepara-se para a guerra.

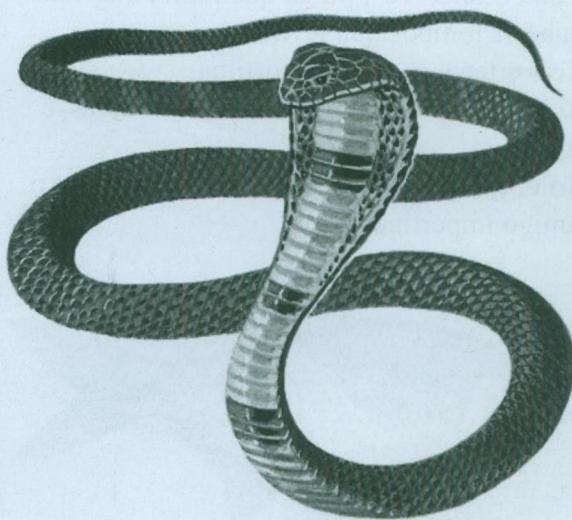
Se quiser ser bem servido, serve-se a si mesmo.

Segredo para mulher é manteiga em focinho de cão.

Segura o touro pelos chifres e o homem pelas palavras.

Seja bom pra alguma coisa.

Seja escravo do seu dever.



Seja simples como as pombas e astuto como as cobras.

Sem causa não há efeito.

Sem juízo ninguém tem o que precisa.  
Semeia que colherá.



Só Deus com jeito e o diabo com o porrete.

Só o tolo cai novamente no mesmo lugar.

Sogra, nem de barro à porta.

Sol com chuva, casamento de viúva.

Soldado velho quando se aperta, deserta.

Sombra de pau não mata cobra.

Sopa sem pão, nem no inferno dão.

Sua alma, sua palma.

Tal pai, tal filho.

Tanto morre o Papa, como o que não tem capa.

Tanto o pote vai à bica, até que um dia lá fica.

Tanto vai a raposa ao moinho, lá deixa o focinho.

Tão bom a tampa como o balaio.

Tão linda pra tão pouca vida.

Tapa de amor não dói.

Tapa de mãe não dói, educa.

Tapa de mãe não machuca.

Tem caroço no angu.

Tem o inferno em casa quem tem mulher passadeira.

Tempo é dinheiro.

Tempo é ouro.

Tempo, remédio pra tudo.

Terra ruim e mulher doente é que quebra a gente.

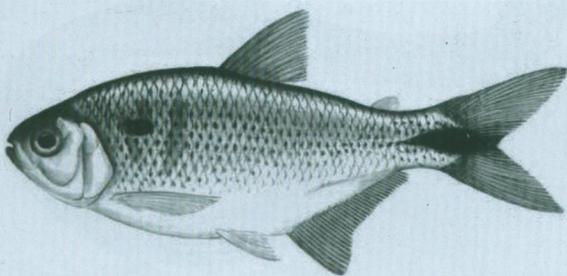
Toda idade é boa para a morte.

Todo mundo vê a pinga que tomo, mas não sabe os tombos que levo.

Todos leem na mesma cartilha.

Todos se casavam, se o casamento durasse um ano.

Tolerável é inimigo mais prudente do que o amigo impertinente.



Traíra velha só come lambaris.

Três vezes na cadeia é sinal de força.

Tudo é manifestação de Deus.

Um asno calado, por sábio é considerado.

Um dia frio e outro quente põe a gente doen-

te.

Um dia vale por dois, para quem diz: já, e não depois.

Um é pouco, dois é bom, três é demais.

Um macaco só em qualquer galho se arranja.

Um olho no prato e outro no gato.

Um pai trata de dez filhos, dez filhos não tratam de um pai.

Um pão não enche o celeiro, mas ajuda o seu companheiro.

Um porco sujo não pode ver outro limpo.

Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

Um real poupado é um real ganhado.

Um sujo se limpa em outro limpo.

Uma andorinha não faz verão.

Uma desgraça não anda só.

Uma fruta podre acaba com as outras.



Uma mão lava a outra e as duas, o rosto.

Uma mulher esperta nunca se aperta.

Uma pequena fenda afunda um grande navio.

Urubu caipora se atola em lajeado.

Urubu no ar, carniça em algum lugar.

Usa, mas não abusa.

Vaca de pataca, boi de mil réis.

Vale mais a prática do que a gramática.

Valem mais a calma e a experiência do que a fúria e a violência.

Vão-se os anéis, ficam-se os dedos.

Vaqueiro novo faz o gado desconfiar.

Vaso ruim não quebra.

Vem a ventura a quem procura.

Vencer sem convencer não é vitória.

Vencer sem perigo é triunfar sem glória.

Vento e ventura, pouco dura.

Ver, ouvir e calar, até ser tempo de falar.

Viagem de boca não faz, despreza.



Vinho e amigo, o mais antigo.  
Visita mais que três ou quatro dias, enfastia.  
Viver bem é não dar satisfação a ninguém.  
Viver não é nada, o difícil é conviver.  
Voz do povo, voz de Deus.  
Xexéu bem é não dar satisfação a ninguém.  
Xexéu é vira-bosta, cada um com o que gosta.  
Quanto mais se vive, mais se aprende.  
Cada qual tem a idade que aparenta.  
As águias não caçam moscas.  
Por um curto prazer muitas dores insuportáveis.  
Por uma pequena satisfação, problemas para solução.  
Do nada, nada se faz.  
Sem fermento não se faz bolo.  
Para fazer pão precisa de fermento.  
De noite todos os gatos são pardos.  
A carne é fraca.  
Quem quer tudo, fica sem nada.

Evidentemente, a coleta efetuada no campo, desde o início do último quartel do século 20, até recentemente, a rigor, pode-se afirmar que há parêmias em desuso (total ou absoluto). Isso em função especialmente da tecnologia que em velocidade enorme atua sobre a vida de todos, na superfície terrestre. Eis alguns exemplos:

#### **1-A cutja, de tanto fazer favor, ficou rabiçó.**



Ora, o animal batizado pelo povo com esse nome é um pequeno roedor, em vias de desaparecimento, especialmente por ser nocivo à economia.

#### **2-Em festa de jacu não vai inhambu.**

Jacu, gênero de galináceos comestíveis do Brasil que compreende várias espécies, das quais as mais notáveis são a jacutinga, jacupema, etc. Inhambu, nome geral de várias cordornas dos campos e matas, também conhecida por nhambu. Por serem comestíveis e pela des-

 truição incontrolada, serão, em futuro próximo, vistas apenas em museus.

#### **3-A mulher é como chita, para uns é feia, para outros bonita.**



Chita, tecido ordinário, de algodão, estampado de em cores. A tecnologia, a rápida mudança cultural do povo, notadamente das classes menos favorecidas,

que gostam de aparentar além da realidade vivida, são os motivos que fizeram as mulheres abandonarem esse tipo de têxtil.

#### **4- Em festa de inhambu não entra jacu.**

É variante do segundo exemplo, já explicado.

#### **5- Em tempo de buriti, cada um cuida de si.**

Buriti é designação genérica de várias plantas brasileiras, como: buriti-do-brejo, buriti-mirim, buriti-palito, etc. Em virtude de motivos variados, esses vegetais estão em vias de extinção.

#### **6- Gravata de boi é canga, relógio de negra é capanga.**

Como praticamente desapareceu o carro de boi, a canga que servia para aproximar cada dupla no afã de executar o pesado serviço, tomou o mesmo rumo. A nossa geração, felizmente, conheceu-os. A atual tem a possibilidade de tomar conhecimento através de alguns livros e em poucos museus (a não ser nesses confins dos sertões).

#### **7- Jacaré quando tem fome, come o que tiver.**

Espécie de crocodilo; nome vulgar de aligátor; está em vias de extinção, podendo ser visto em bosques oficiais, filmes, fotografias e desenhos.

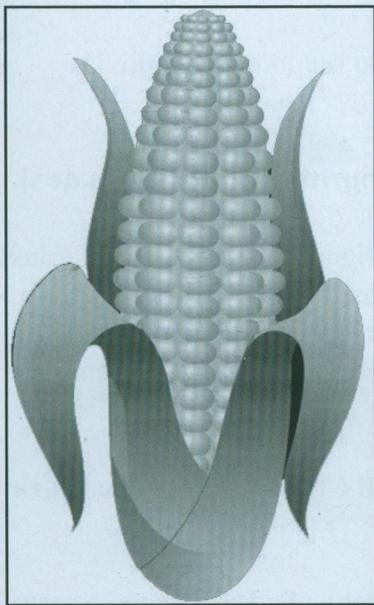


Há outras variantes. A nossa geração teve não só a oportunidade de conhecê-lo solto na natureza, como a de saborear a sua deliciosa carne. Geralmente o couro era curtido para atender fins industriais e comerciais: tapetes, cintos, bolsas, casacos, etc. Na gíria, o termo jacaré significa o rapaz que, ao tentar namorar uma moça, vai sempre na tentativa de encontrá-la.

### 8- Milho em espigas, bom pra formigas.

Está em desuso, nas áreas geoeconômicas mais desenvolvidas, tendo em vista que a lavoura de subsistência deixou de ser praticada. E com a monocultura desse cereal (*Zea mays*), tecnologias evoluíram, inseticidas e outros pesticidas, impedem a ação perniciosa desse e de outros insetos. Na gíria a palavra milho significa dinheiro.

### 9- Milho plantado tarde dá pendão, não da espiga.



Até há poucas décadas, quando o milharal era cultivado para fins de subsistência, vendendo-se ou trocando eventuais sobras, pela inexistência de tecnologias indispensáveis e adequadas, esse dito era válido. A água era indispensável em

determinadas situações: plantio e embonecamento. O atraso do período chuvoso era determinante para a colheita ruim, pois essa ocorrência impedia a formação de boas espigas.

### 10- Muito vento é sinal de pouca chuva.

Todos sabem que o vento, ou seja, o ar em movimento, leva as nuvens e a conseqüente chuva para outro espaço.

O mesmo sentido tem a parêmia que segue:

Muito vento pouca chuva.

Isto ocorreu no passado e continuará

acontecendo sempre que esse fenômeno meteorológico aproximar-se das nuvens.

### 11- Moeda falsa, de noite passa.

À noite, por mais que esteja iluminada pela luz artificial, é bem mais fácil ocorrer o engano, porém, na atualidade, a realidade é outra.

Esta parêmia equivale a:

De noite todos os gatos são pardos.

E tantas outras ... é só ter o tempo suficiente e a paciência indispensável para localizá-las.

Sabemos que os ditados são vivenciados pelo povo no cotidiano. Eles fazem referência aos mais diversos e diferentes assuntos. Exemplificamos:

1- Alimentos: água, banana, caldo, canjica, farofa, fubá, goiaba, galinha, garapa, lambari, laranja, mel, milho, pão, peixe, pimenta, rapadura, ovo, traíra, vinho...

2- Animais: asno (burro), boi, cão (cachorro), cavalo, carneiro, cabra, cabrito, burro, coelho, corvo, cutia, jacaré, lagartixa, lobo, leão, gato, galo, macaco, raposa, onça, porco, porco do mato, peixe, pombo, pássaro, papagaio, raposa, rato, tatu, urubu... diversos desses animais podem ser transformados em alimentos.

3- Árvores: figueira, mangueira, pitangueira...

4- Aves: andorinha, galinha, inhambu, pica-pau... algumas dessas são alimentícias.

5- Frutas: laranja, limão... também são alimentícios.

6- Países: Portugal, França...

7- Crendices.

8- Cores: amarelo.

9- Atividades humanas: festa, calúnia, fotografia, corrida, lua-de-mel, mentira, poder, querer, inveja...

10- Fenômenos da natureza: chuva, céu pardo-cento, frio, neblina, vento...

11- Religião: Deus, diabo, fé,



batizado, inferno, Maomé, Papa, profeta, santo...

12- Valores materiais: dinheiro, florim, moeda, ouro, prata, tesouro.

## Frases feitas

A carne é fraca.

A hora é agora.

A rapadura é doce, mas não é mole.

A terra encobre os erros dos médicos.

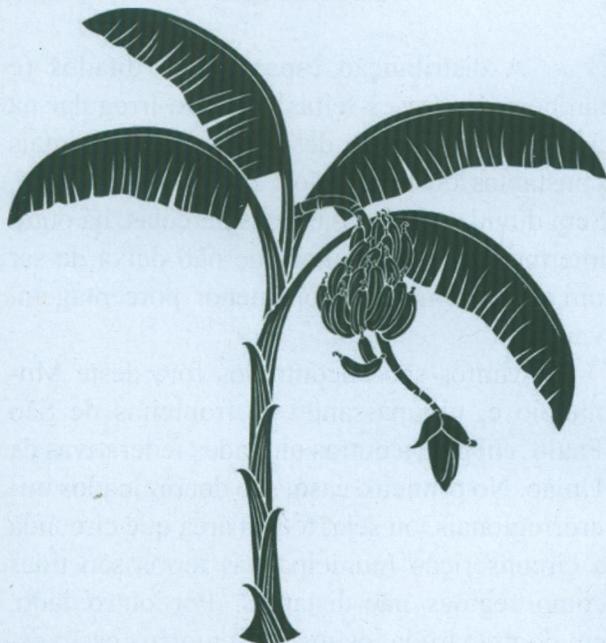
Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo.

Acabo com a tua raça.

Achar o prato feito.

Alguém é de alguém.

Assim caminha a humanidade.



Bananeira que deu cacho.

Beber para esquecer.

Carregar alguém nas costas.

Chover no molhado.

Cinelândia não é cracolândia.

Coçar a cabeça.

Com a orelha quente.

Com a pulga atrás da orelha.

Corintiano, nem por engano.

Cozinheira de mão cheia.

Dar nomes aos bois.

De tão bom é um pão.

Depois dos 45 minutos do segundo tempo.

Deu chabu.

Deus é o dinheiro, para muitos.

Deus que o marcou.

Deus sabe o que faz.

Doce de coco.

E o vento levou.

Engraxar as mãos de alguém.  
Esco-lhido a dedo.  
Faça o que mando, não o que faço.



Falou de cabeça quente.

Fecha-se as cortinas, termina o tempo de jogo.

Fogo de palha.

Jogar verde para colher maduro.

Mais folgado que pente de careca.

Mão de vaca.

Me engana que eu gosto.

Na dúvida, não faça.

Não dá fogo.

Não encha o saco.

Não misture alhos com bugalhos.

Não ser relógio de repetição.

Nem mentir sabe.

Nem morta(o).

Ninguém é de ferro.

Ninguém é de ninguém.

Ninguém merece.

No apagar das luzes.

Panela velha é que faz comida boa.

Para um fato, duas ou mais versões.

Pare de encher o saco.

Parece ter Deus na barriga.

Pôr a mão no fogo.

Por cima da carne seca.

Procurar agulha no palheiro.

Quem meu filho agrada, adoça minha boca.

Quem meu filho beija, minha boca adoça.

Rainha da cocada preta.

Rasto de onça.

Sair com alguém nas costas.

Sair com três quentes e quatro fervendo.



Solta a franga.



Tirar o cavalo da chuva.  
Torcer as orelhas.  
Vá amolar outra pessoa.  
Virar a casaca.

## Informantes

Sem contar os anônimos, obtivemos valiosas informações das seguintes pessoas: Amélia dos Santos, Adélia da Silva, Amália Reis Souza, Aparecida do Brás (Cida), Alice Érica Padrão, Virgínia Castelo Branco, Maria Lúcia Zucca, Roseane Nunes, Ester Teixeira de Almeida, Maria Jesus de Miranda, Rosani Alves Covre, Jesuína Carola Carvalho, Zélia Madeira, Adélia Vieira Olivieri, Benedita de Fátima Lima (Ditinha), Maria José Barreto (Zezé), Neiva da Penha Mendes, Olívia Tezini Mazoti, Olícia Marconi, Durvalina de Almeida Neves, Marina Lenir Sacioto, Amanda Lucato, Marilene Siqueira, Cícera Benvinda Cintra, Tatiana Nuno (Tati), Assunta Ulian Cardozo (Sunta), Wilma Perez, Nalcina Queiroz, Ondina Ulian Cortiço, Vera Ferlim, Rose Castorina, Rosemary Costa, Avelina Rivalda, Alexandra Modesto, Adriana Nóbrega, Paula Amorim, Leila Josefa do Prado, Marilda Rue-la Assis, Iracema Castores, Nara de Andrade, Marilena Borges.

## Bibliografia

Almeida Renato. *Inteligência do Folclore*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1967.

Almeida, Renato. *Manual de Coleta Folclórica*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore, 1965.

Cabrál, Oswaldo B. *Cultura e Folclore*:

*Bases Científicas do Folclore*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1954.

Cascudo, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª edição, São Paulo: Global, 2000.

Coluccio, Félix. *Dicionário Folklórico Argentino*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1981.

Oliveira, Sebastião Almeida. Contribuição à Paremiologia Matrimonial Luso-Brasileira, in *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, Ano IV, Volume XLV, março, São Paulo, 1938.

Rossato, José Carlos. *Nosso Folclore*. São Paulo: Soma Ltda., 1987.

## Considerações finais

A distribuição espacial dos ditados (e também das frases-feitas) é muito irregular na área estudada. Parte desses dísticos são mais constantes ou repetitivos; outros, o contrário. Sem dúvida, entre essas duas parcelas, há outra intermediária e irregular que não deixa de ser um misto, em maior ou menor porcentagem, variando.

Muitos são encontrados fora deste Município e, ultrapassando as fronteiras de São Paulo, chegam a outras unidades federativas da União. No primeiro caso, são denominados microrregionais, ou seja, toda a área que circunda a circunscrição municipal, as terras são tidas como regiões não-distantes. Por outro lado, em contrapartida, os macrorregionais estão espalhados em áreas geográficas mais extensas, maiores.

Não localizamos nenhum utilizado apenas e tão-somente na nossa comuna. Nem poderia existir algo semelhante. É muito simples: a transmissão é oral, passada de boca a ouvido, no cotidiano. Além disso, temos que considerar a função exercida pelos meios de circulação de massa: rádio, televisão, jornal, revista, além de outros (até os mais modernos).

A tradição da expansão e da ação dos ditados perderam-se no decorrer dos séculos. Existem muitos considerados bem anteriores a Jesus Cristo, marco histórico fundamental para a nossa civilização.

As pessoas que nos conhecem sabem que não temos nenhuma forma de preconceito, condição indispensável ao inquiridor.



# Calemburando

André Luiz Nakamura

Departamento  
de Folclore - Olímpia/SP

“Calembures”, ou “Calemburgos”, são trocadilhos nos quais se brinca com a polissemia de vocábulos, especialmente nomes de artistas famosos, notórios políticos, profissionais do esporte, e personagens de obras de ficção, enfim, celebridades, e também marcas de renomados produtos.

Quem aprecia o ato de “calemburar” é chamado de “calemburista”.

Muitos calembures (a exemplo de: “Eu como caju, a Camila Pitanga”) evocam o uso que se faz da vírgula como indicadora da supressão de uma palavra subentendida (“geralmente o verbo”, segundo Celso Cunha e Lindley Cintra, em “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, 2ª edição, Nova Fronteira, p. 628).

No âmbito da Gramática, elipse é a denominação utilizada nos casos em que certo termo, embora não expresso, se pode subentender.



Napoleão Mendes de Almeida ensina que zeugma “vem a ser o caso de elipse em que se subentende um termo ou termos já anteriormente enunciados na frase”, e que a vírgula é também empregada para “indicar o zeugma do verbo” (“Gramática Metódica da Língua Portuguesa”, 44ª edição, Saraiva, p. 477 e p. 574), citando o seguinte exemplo:

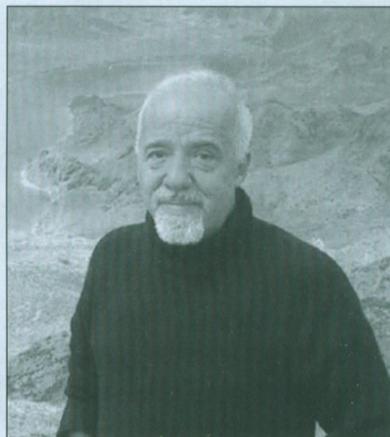
“A Pedro dei uma pêra, e a João, uma maçã” (A Pedro dei uma pêra, e a João dei uma maçã).

No entanto, nos calembures que logo se exibirão, também há de se considerar subentendida a vírgula de que se faz uso como indicativa do zeugma do verbo, pois, se fosse utilizada, iria seccionar o nome da pessoa com que se calembura.

Por exemplo: “Fulano tem gatos, e o Paulo, Coelho” (se assim fosse, iria se “quebrar” o trocadilho com o nome desse célebre escritor, lembrando ainda que, por se tratar de nome próprio, deve ser grafado com letra maiúscula).

De longa data e de incerta origem, muitos se afiguram, naturalmente, “datados”, pois se referem a fatos específicos de uma determinada época, relacionados a celebridades efêmeras ou preteridas.

Em 1994, por exemplo, bem antes das recentes e severas leis antifumo, Paulo Salim Maluf, então prefeito de São Paulo, expediu, “anticonstitucionalissimamente”, decreto municipal que proibia o consumo de cigarros e outros produtos combustíveis do fumo, em bares e restaurantes da capital paulista.



Vigorava, na época, uma



lei nesse Município determinando a criação de áreas reservadas para fumantes nos referidos estabelecimentos, e, como é notório, um decreto não deve dispor além dos preceitos da lei, pois, somente em virtude desta, nos termos da Constituição Federal, alguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer algo. Maluf apoiava, para sua sucessão, a candidatura de Celso Pitta (1946-2009), Secretário Municipal das Finanças, na ocasião (e que viria a sucedê-lo na Prefeitura de São Paulo). Daí surgiu: “Maluf é contra o fumo, mas o Celso Pitta”.



Notadamente contemporâneos, por outro lado, são os calembures em que se verifica o uso de vocábulos próprios da linguagem que se pratica no âmbito da informática e da rede mundial de computadores, assim como os que tratam de nomes estrangeiros cuja pronúncia é semelhante a algum termo em português.

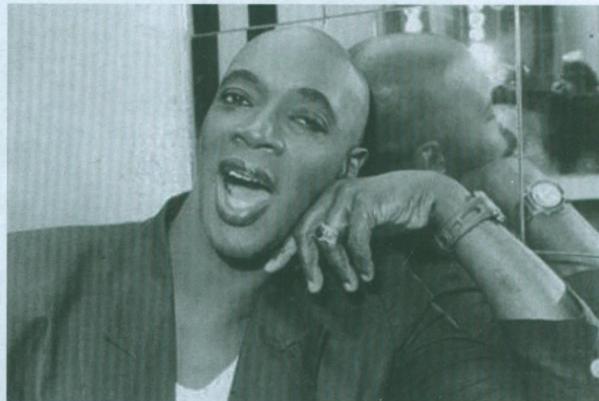
Apreciaremos, a seguir, centenas de calembures, tanto antigos (ou esquecidos) como “datados” e atuais, para demonstrar que o povo sempre calemburou, e continua calemburando.

Ninguém queria pagar a conta, a Cassia Kiss.  
Eu vi o Chapolin, o Hugo Chaves.  
Eu não tenho, mas o Frankstein.

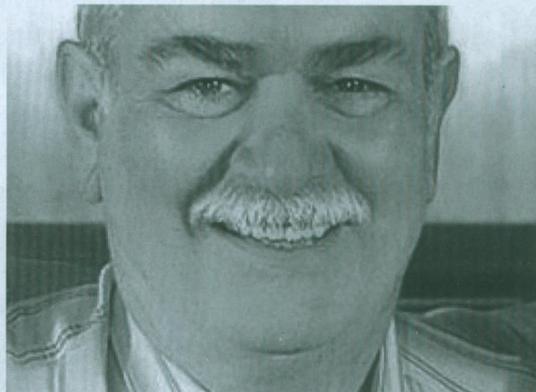


Tudo late, até Parmalat.  
Eu uso enxada, o Cleber Machado.

Eu como maçã, a Marília Pêra.  
Eu não vi, mas o Clodovil.  
Eu estou aqui, Rita Lee.  
Eu amo inverno, a Vera Verão.



Eu não vou furar, o Juca Kfourri.  
Eu danço bolero, o Exaltassamba.  
Eu corto, o José Serra.  
Gosto de azul, a Chapeuzinho Vermelho.  
Prefiro laranja, a Fernanda Lima.  
Eu tacho barro, o Dalai Lama.  
Eu não lato, mas o merthiolate.  
Eu como carne, o Lula Molusco.  
Estudo próton, Jimmy Neutron.  
Fui 2º colocado, Dom Pedro I.  
Eu quebro mansões, mas Tati Quebra Barraco.  
Tenho gato, a Patricia Coelho.  
Prefiro prato, a Cléo Pires.  
Eu gosto de calor, o Milton Neves.  
Gosto de café, a Cláudia Leite.  
Louvo Montes Claros e a Fernanda Montenegro.  
Sou negro e José Augusto Branco.



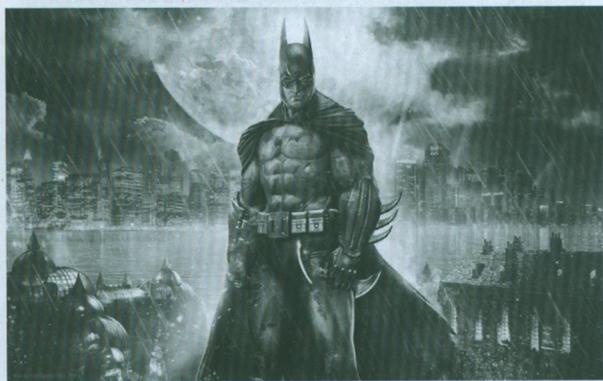
Você faria papel de trouxa? A Betty Faria.  
Variante:  
Eu não fiz, mas a Betty Faria.  
Eu visitei Roma, a Mel Lisboa.  
Eu sou paulista, o Junior Baiano.  
Sou da cidade, Vanessa da Mata.  
Amo Opala e o Dedé Santana.  
Fui roubado, Nelly Furtado.  
Sou pequeno e Paulo César Grande.  
Eu vou de ônibus, o James Bond.



Eu sou terrestre, Roberto Marinho.  
Como canela e Leila Cravo.  
Eu encho o balde, mas o Valderrama.  
Eu gosto de chá gelado, o Clark Kent.



Eu tenho caminhão, e o Alexandre Frota.  
O cavalo come capim, o André Matos.  
Eu não sei, mas Kassab.  
Anuncio mortes e Milton Nascimento.  
Eu quero guerra, a Bárbara Paz.  
Gosto de Flores, o Tony Ramos.  
Variante:  
Eu tenho cipós, e o Tony Ramos (substantivo).  
Eu moro em Copacabana. O Tony Ramos (referência ao bairro carioca).  
O Pateta usa o teclado, e o Mickey Mouse.  
A minha sandália é velha, a da Penélope Nova.  
Eu uso Bom Bril, o Bob Esponja.  
Eu gosto das noites e o Nei Gonçalves Dias.  
Eu louvo José e a Nívea Maria.  
Eu não digo, mas Bee Gees.  
Eu não vou catar, que o Alicate.  
Você já esteve na Europa? A Adriana Esteves.  
Gosto de cidades e a Taís de Campos.  
Eu não peço, mas o mouse-pad.  
Eu prefiro o Batman, o Luciano Huck.



Na minha casa tem piscina, vem Canadá.  
Em mim não dói, mas no Oscar Roberto Godoy.  
Me dê 1 e pro Marcelo D2.

 Eu sou mínimo e o Ângelo Máximo.

Sou do bairro, o Martinho da Vila.

Variante:

A Maria é da cidade, o Martinho da Vila.



Eu pulo do barranco, o Luciano do Valle.  
Eu vou à igreja e o Otávio Mesquita.  
Eu prefiro carne, o Felipe Massa.  
Adoro comer maçã, a Dani Bananinha.  
Sou brasileiro, o pão francês.  
Eu limpo com sabão, a Maria Cândida.  
Eu pinto paredes, o Jânio Quadros.  
Eu conto meses, a Cameron Diaz.  
Você riu dessas piadas? Não? Mas o Damon Hill.  
Sou daqui, Salvador Dali.  
Você já morou nos EUA? A Marilyn Monroe.



Todo mundo só morre uma vez, mas a Alanis Morissette.  
Eu sou brasileiro, o Renato Russo.  
Não vote em branco, vote em Pitta (trocadilho “politicamente incorreto” que surgiu na eleição de 1996 para a Prefeitura de São Paulo).  
Tudo volta, até John Travolta.  
Eu aperto o stop, o Coldplay.  
Eu acho legal, o Felipe Massa.  
Eu sou calmo, o Johnny Bravo.  
Eu não uso drogas, o Cazuzu.  
Eu mexo com argila, o Gilberto Bar-



ros.

Prefiro vinho tinto, a Deborah Secco.  
Plantei jacarandá e a Bete Carvalho.



Eu subo a montanha, a Marisa Monte.

Variante:

Eu como um pouco, a Marisa Monte.

Tudo na vida ama, até fliperama.

Vou comprar um Passat, o Carlos Santana.

Como camarão, o presidente Lula.

Eu sou honesto, o Sérgio Malandro.

Eu não gosto, mas a Isadora.

Cachorro late, academia.

Eu vou de ônibus, a Rita Cadilac.

Variante:

Meu pai gosta de fusca, a Rita Cadilac.

Sou daqui, Fafá de Belém.

Eu uso Havaianas, a Tomb Raider.

Meu carro é a gasolina, o do Vin Diesel.

Eu curto funk, o Chris Rock.

A Fátima Bernardes ganhou de presente um gato, e a Sandra "Passarinho".

Eu estava de carro e o Ed Motta.

Eu uso o AVG, o Edward Norton.

Fui ao estádio levando foguetes, o Antônio Banderas.

Para manter a forma, o "Schwarza" faz musculação, já o Gary Cooper!

Em seu último filme, Julia Robertis fez uma dança erótica, a Meryl Streep.

O Roberto Carlos só usa calças, o Martin Short.

Eu curto Ivete Sangalo, o Bradd Pitty.



Você escreve, enquanto eu e a Ruth Lemos.

Eu gosto de gato, Paulo Coelho.

Variante:

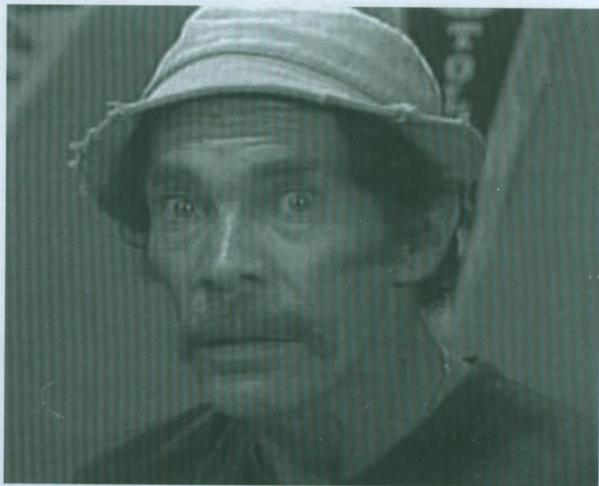
Ele cria galinha. O Paulo Coelho.

Eu estou aqui, Muhammad Ali.

Eu escovo os dentes 4 vezes ao dia, o Joãozinho Trinta.

Eu ando de Biz, a Daniele Suzuki.

Eu durmo, o Seu Madruga.



Eu não vi, mas o navio.

Você não tem, mas o Frankstein.

Eu fui assaltado e o Alcides Furtado.

Aquilo todo mundo viu, até o Clodovil.

Todo mundo só morre uma vez, mas a Alanis Morrisette.

Ela é dama, Antônio Silva Cavalheiro.

Eu tenho fé, Oswaldo Esperança.

Ao ver uma modelo você fala que ela é bonita.

O Miguel Falabella.

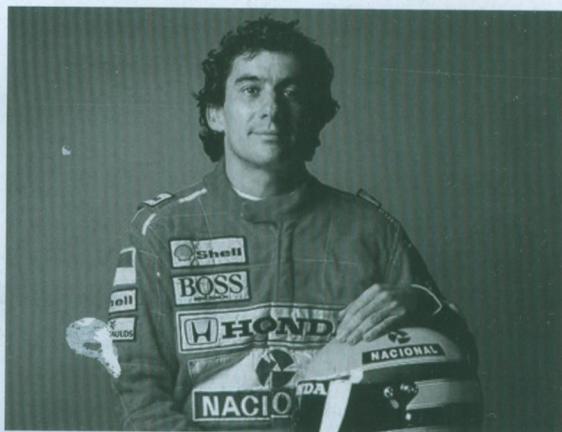
Eu gosto de sopa, o Carlos Massa.

O Pateta usa o teclado e o Mickey Mouse.

Eu gosto de chá gelado. O Clark Kent.

Eu como pão Seven Boys. O Bill Pullman.

Eu aposto na quina. O Ayrton Senna.



Eu não matei. Mandei o Mauricio Mattar.

O marido da Hilda Furacão é o Tony Tornado.

Eu uso Seda, o Eri Johnson.

Minha origem é inca e a do Tim Maia.

Eu estudo tigres, e o Ivan Lins.

Na estrada eu peguei o ônibus e o Djavan.

Traga um cavalo que a Marisa Monte.

Marcianos são verdes. O Samuel Rosa.

Gosto de tubarão, a Cláudia Raia.

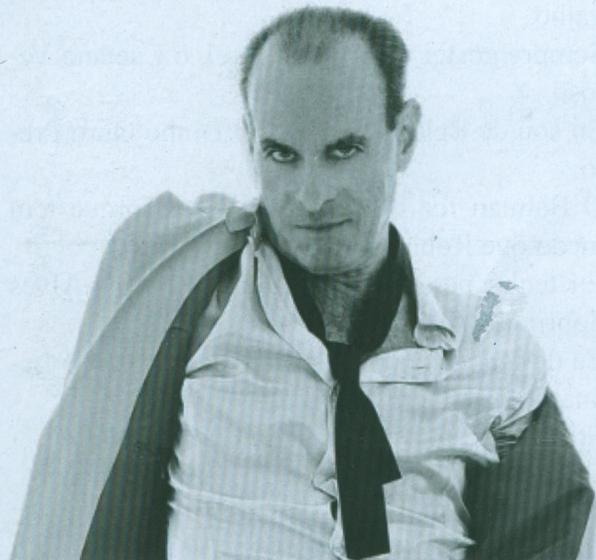
Variante:



Eu tentava pescar jundiá. A Cláudia Raia  
 Eu sou Bezerra de Menezes e Sidney Franco  
 da Rocha.  
 Você pula do barranco? A Natália do Vale.  
 Marcianos são verdes. O Samuel Rosa  
 Você está mal? O Galvão Bueno.  
 Tenho apenas um carro, mas o Marcos Frota.  
 Plantei diversas flores e o Murilo Rosa.  
 Adoro samba, porém, Zeca Pagodinho.  
 Algumas pessoas são desonestas, o Roberto  
 Leal.



Minha casa é pequena, mas Carlos Casagran-  
 de.  
 Ao nadar apareceu minhas costas, mas da Susy  
 Rego.  
 Encanto-me com mares e a Miriam Rios.  
 Admiro o mar, Koyo Ilha.  
 Gosto de Manjar, mas o Silvio Caldas.  
 Eu planto cravo branco, Antônio Carlos Grova-  
 nelli Cravo Roxo.  
 Moro no Pará, mas Ney Mato Grosso.



Gosto do rio, Ilha são Paulo.  
 Estudo cavernas, mas Marta Rocha.  
 Adoro cachorro, mas Edu Lobo.  
 Sou muito pobre e o José Rico.  
 Admiro edifícios, mas Fernanda Torres.  
 Eu uso faca, Marcelino Romano Machado.

Eu sou navegador, Geraldo Ma-  
 rinhei- ro.  
 Eu uso xícaras, Ivo Mário Isac Pires.  
 Gosto de mostarda, mas Ivan Cury.  
 Passeio nas planícies e o Marcelo Cerrado.  
 Tenho criação de codornas e a Bete Coelho.  
 Moro no Bonfim e a Maitê Proença.



Faço tarefas desordenadas porém Ana Paula  
 Padrão.  
 Adoro montanhas e o José Serra.  
 Sou palmeiras, o Silvio Santos.  
 Variante:  
 Eu torço pro São Paulo. O Silvio Santos.  
 Eu sou grosseiro e o Raul Cortês.  
 Faço coleção de selos e o Juca Chaves.  
 Eu sou mentiroso e o Moacir Franco.  
 Eu temo leão, o Rui Lobo.  
 Escrevo, não sou do ramo, mas Patrícia Poeta.  
 Adoro feriado de finados o Sérgio Reis.  
 Sou maleável, mas Marieta Severo.  
 Eu leio Raimundo Correia e Thomaz Gonçal-  
 ves Dias.  
 Esquio no gelo nas Aécio Neves.  
 Resido em Montes Claros e Osvaldo Monte-  
 negro.  
 Faço orações e a Goretti Milagres.



Eu uso mertiolate e Felipe Mercúrio.  
 Mangueiras me fascinam mas Thierry Figueira.  
 Gosto de diversos tipos de árvores



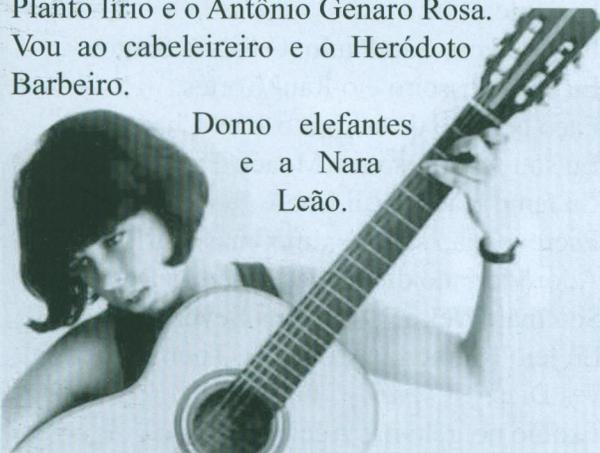
mas Helô Pinheiro.

Eu aprecio escuro, Saulo Ramalho Luz.  
Amo os animais e o Rodrigo Pessoa.



Planto macieira, Fortunato Figueira.  
Gosto de calor, José Francisco das Neves.  
Escalo muro e a Patrícia Pillar.  
Faço de tijolos e o Ademar de Barros.  
Eu fabrico fechaduras e o Aureliano Chaves.  
Adoro laranja pêra, mas Sonia Lima.  
Curei minhas alergias e o Walmor Chagas.  
Aprecio picanha a Miriam Leitão.  
Gosto de limão e o Chopin Tavares de Lima.  
Planto lírio e o Antônio Genaro Rosa.  
Vou ao cabeleireiro e o Heródoto Barbeiro.

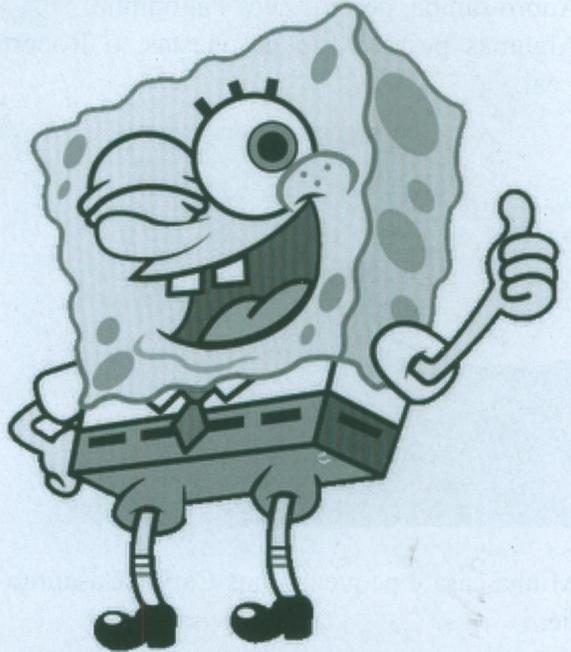
Domo elefantes  
e a Nara  
Leão.



Vou a Portugal e o Emílio Santiago.  
Minha preferência e Levis, mas Rita Lee.  
Fiz em meu sítio uma lagoa e a Betty Lago.  
Eu disse credo, o Oswaldo Cruz.  
Que Deus olhe por mim e que Celso Portioli.  
Vou a Berlim, a Mel Lisboa.  
Tem gente que fala de morte, o Capitão Nascimento.  
Meu colar é comprado, o da Nelly Furtado.  
Torço pelo Flamengo, a Ana Botafogo, o Marcos Palmeira, o André Vasco, o Irwin São Paulo e o Stanislaw Ponte Preta.  
Gosto de comer torresmo, o Kevin Bacon.  
Eu queria me chamar Francisco, o Erasmo Carlos.  
Meu sobrenome é Pereira, o do Fausto Silva.  
Eu assisto ao Campeonato Paulista, o Ronal-

dinho Gaúcho.

Eu adoro chiclete, o Carlinhos Bala.  
A Maria é da cidade, a Vanessa da Mata.  
Você faria papel de trouxa? O Reginaldo Faria.  
Eu como pitanga, o Paulo César Caju.  
Eu sou odiado, o Jorge Amado.  
Gosto mais de cães, o Villa-Lobos.  
Eu prefiro Bom Bril, o Bob Esponja.



Eu conto meses, a Cameron Diaz.  
Eu tenho fé, Oswaldo Esperança.  
Eu toco trombone, o Adolphe Sax.  
A Angélica ganhou o prêmio Celebridade do Ano, o Alfred Nobel.  
Construo viadutos, Marcos Pontes.  
Eu plantei um ipê, Eduardo Bettencourt Carvalho.  
Sempre gostei mais do Taffarel, o Caetano Veloso.  
Eu sou de Belo Horizonte. O Dinho Ouro Preto.  
O Batman fez o seguro do carro porque tem medo que Robin.  
Eu tenho neto, Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho.  
Eu dou 3 reais por um pacote de pipocas, o Leonardo da Vinci.  
Errei 5 questões na prova, o Cacá Rosset.  
Eu vou para Buenos Aires, o Fábio Assunção.  
Eu tomo Biotônico importado. O Ary Fontoura.  
O Sílvio gosta de Azul escuro, o Roberto Marinho.  
Ele corta com serra, o Renato Machado.  
João era pipoqueiro, o Zeca Baleiro.  
Eu vou ao Shopping, o Walter Mercado.



Eu aprecio Napoleão e a Lília Cabral.  
Eu sou executivo, o Diego Ferreiro.  
Vou viajar no ano que vem, a Marjorie Estiano.



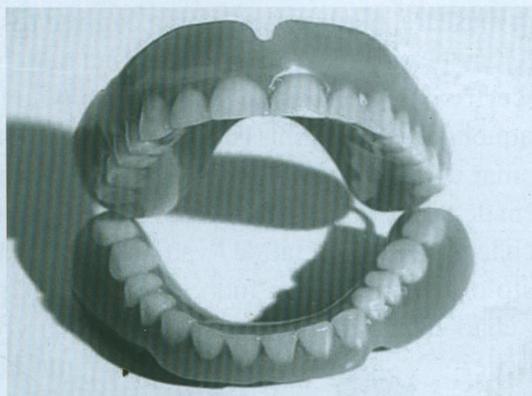
Todo mundo se atrasa, só o Jorge Pontual.  
Eu sou pai, o Geraldo Augusto de Siqueira Filho.  
Eu passo requeijão no pão, o Guido Mantega.  
Eu sou fanho, a Lady Gaga.  
Sou da Dinamarca e Chico Buarque de Holanda.

Às vezes calembures que tratam de nomes de famosos dão origem a narrativas sucintas, como essa: O pai ia dar ao filho prestes a nascer o nome de Edson, mas, quando do nascimento do menino, seu pai acabou batizando-o de Pelé. Intrigados, os amigos perguntaram: "Ué, não era pra ser Edson?". Ao que o Pai respondeu: "Não, Edison era antes do Nascimento".

Os calembures se mostram também em forma de adivinha: Qual é o nome do profissional montador de presépios: Armando Nascimento de Jesus.

As seguintes não tratam de pessoas ou marcas famosas:

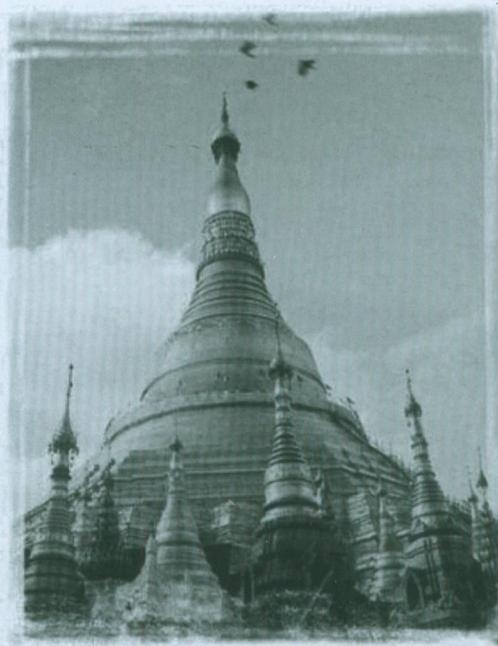
Tudo cola, até sacola.  
Todo mundo é pato, até sapato.  
Todo mundo mente, até semente.  
Tudo muda, até bermuda.  
Tudo boia, até jiboia.  
Tudo dá, até abadá.  
Tudo dura, até dentadura.

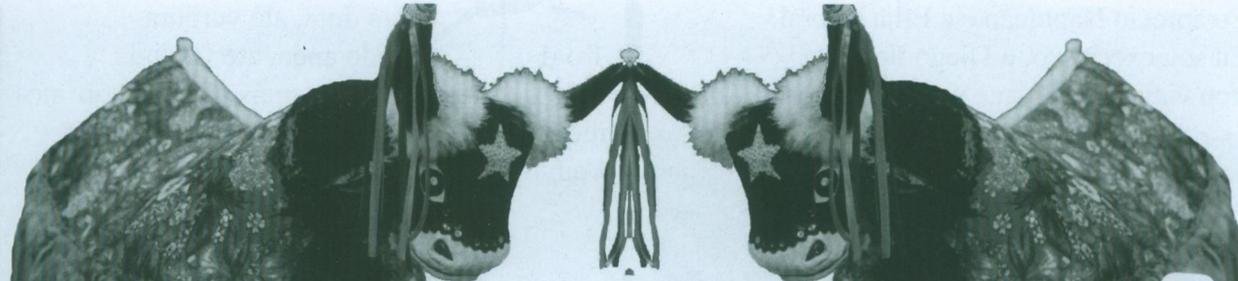


 Tudo dura, até verdura.  
T o d o mundo anda, até varanda.  
Para finalizar, vejamos mais alguns, com nomes de lugares estrangeiros:  
Vem tirar minhas Bermudas.



Na minha casa tem piscina vem Canadá.  
Aii que frio... No armário os Casaquistão.  
Aqui fica o leitão, lá a Letônia.  
Proteja bem os Países Baixos.  
Eu saí com a Amanda, ele com a Geórgia.  
O melhor treinador que nós tivemos foi o Luxemburgo.  
A garota disse: vem me Catar.  
Cuidado com a Granada.  
Vou fazer um omelete Kosovo.  
Na ceia de nata vai ter Peru.  
Manda o Dina marcar que o Dinamarca.  
Quer açúcar, pede a cana, que a Canadá.  
O pão perguntou se já ia, eu respondi Japão!  
Ô, meu, tô com Gana de te matar..  
Por que finge não Myanmar?





# BOI-BUMBÁ

*Wel Bueno de Camargo*

*Departamento de Folclore - Olímpia/SP*

Comecei a saber algo sobre a brincadeira do Boizinho no começo dos anos 60, quando, em Ubatuba, com um grupo da ACM (Associação Cristã de Moços de São Paulo), lá estava com um grupo de moças e rapazes durante um feriado. Eu trabalhava na ACM como auxiliar de programação.

Corria o dia 27 de setembro, e vimos uma correria de pessoas que nos disseram que a “Festa do Boizinho” iria começar, principalmente por ser, nesse dia, a Festa de Cosme e Damião. Disseram também que a comida iria correr solta até altas horas. Não nos fizemos de rogados e corremos atrás da turba.

Sabíamos que, em alguns lugares, nessas festas também era comum apresentar a brincadeira do “Boizinho”, ou “Bumba-Bumbá”, ou “Bumba-meu-Boi”. E foi assim que tivemos nosso primeiro encontro com um “Boizinho”. Lá estava ele, todo paramentado com a fantasia de boi, sendo carregado às costas por uma espécie de caixão recoberto com chitão bem estampado, bem colorido, com cabeça de boi e belos e grandes chifres. O tal Boizinho não parava de dançar, ao som ruidoso de matracas, bumbos e pandeiros. Entramos imediatamente na folia e, com todo o pessoal da cidade, pusemo-nos a dançar e cantar.



sendo carregado às costas por uma espécie de caixão recoberto com chitão bem estampado, bem colorido, com cabeça de boi e belos e grandes chifres. O tal Boizinho não parava de dançar, ao som ruidoso de matracas, bumbos e pandeiros. Entramos imediatamente na folia e, com todo o pessoal da cidade, pusemo-nos a dançar e cantar.



Ninguém nos explicava o que estava acontecendo. Não sabíamos o porquê da presença de um “doutor”, vestido de branco e trazendo, na mão, uma maleta que parecia a maleta de um médico de verdade. Aí surgiu um tal de “Catilina”, um homem vestido de mulher, com máscara, peruca preta e uma enorme rosa a enfeitar-lhe a cabeça. Usava saia preta bem justa, curtíssima, mostrando suas pernas peludas. (Naquela época, a minissaia estava começando a tomar conta do mundo...). Com blusa de chita cheia de flores, o Catilina dançava e requebrava

sem parar à volta do Boizinho, que jazia deitado no chão. Víamos um tal de “vaqueiro” puxando o rabo do Boi, e continuávamos a não entender direito o que significava tudo aquilo. Logo, porém, alguém nos disse que o Boizinho estatelado no chão estava morto, e que todos à sua volta tentavam fazê-lo ressuscitar. Fomos convidados a participar da criançada que não parava de ganhar balas, pirulitos, co-

par da festança, junto com cadas, brinquedos e bolas



coloridas.

Sentamo-nos nas bancadas ou nas cadeiras que os moradores traziam de suas casas, aguardando a comilança. Tudo cheirava bem demais, e o estômago estava pronto para saborear os quitutes das velhas senhoras vestidas de baianas. Os pratos chegavam às nossas mãos e lembro-me que, na primeira vez em nossa vida, comemos um bom prato de “bobó de camarão”, “caruru”, “vatapá” e “acarajés”. Eu, desde sempre muito interessada pela culinária brasileira, procurei sentar bem perto das cozinheiras, ávidas por saber se estávamos gostando dos pratos oferecidos. Não perdi tempo e fui perguntando a elas como haviam preparado aquelas delícias.

Disseram-nos elas que quase todas eram originárias da Bahia, do Piauí, de Belém, do Ceará ou do Amazonas. Muito felizes, não se fizeram de rogadas e começaram a nos ensinar, ali mesmo, a fazer aquelas iguarias. A essa altura, o homem que estivera o tempo todo sob a fantasia de Boizinho já estava ali também, comendo conosco. Anos depois, em um curso com o professor e folclorólogo Rossini Tavares de Lima, com quem muito aprendi no Ibirapuera, em São Paulo, vim a saber muitas coisas sobre folclore e, principalmente, sobre o tal Boizinho e o porquê de haver tantos figurantes naquela dança.



Diz a lenda, contada no Norte e no Nordeste, que a Mãe Catilina estava grávida e sentiu um irresistível desejo de comer língua de boi. Com medo de que o filho nascesse doente, o marido, Pai Francisco, matou o boi preferido do patrão. Este, irritado, mandou capturar e prender Pai Francisco. Depois de sofrer muito no cativeiro, foi libertado por um padre e um médico que ressuscitaram o boi. Na representação, o urro do animal de volta à vida é celebrado com palmas, música e dança. E assim foi que, daquele dia alegre e festivo dos anos 60, só restaram as belas recordações daquele nosso grupo, que ali estava para o que desse e viesse.

Pesquisando aqui e ali, viajando de férias para Bahia, Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, e quase bem perto de Teresina (Piauí), em Itapagé, nos confins do Ceará, minha irmã Iseh, nossa amiga Rejane Gabriel, de Pirangi, e eu, fomos nos inteirando sobre a culinária, o artesanato, as belezas naturais e, principalmente, o folclore de cada lugar. Conhecemos as variedades locais do Boizinho de cada cidade em que estivemos, os diferentes “sotaques” (isto é, os tipos de brincadeira de cada região), as mudanças de instrumentos, ritmos, indumentárias etc. Hoje, na internet, basta um clique para encontrarmos praticamente tudo sobre o Boi-Bumbá ou “Bumba-dos-Reis” (Espírito Santo), “Boi-Calemba” (Rio Grande do Norte) ou “Boi-de-Mamão” (Santa Catarina), para ficar apenas em alguns estados. E, neste ano de 2012, o Grupo Parafolclórico do Ceará (o “Terra da Luz”) virá ao Festival do Folclore de Olímpia para homenagear o professor Santana.

Já faz muitos anos que eles divertem a criançada toda com seus bichos, cada qual com o “Toureiro e seu Boizinho”. O Bumba-meu-Boi do Maranhão, mais parafolclórico do que folclórico, devido a suas plumas e paetês, mostra sua suntuosidade através dos seus dançarinos, todos perfeitos, e de um Boizinho muito bri-



lhante e iluminado - um

espetáculo sempre digno de ser ver. Mas em todos os anos eles v ê m  
abrilhantar o Festival do Folclore de Olímpia.  
É um grupo de beleza pura que faz a plateia  
inteira se entusiasmar, aplaudindo.



No Rio de Janeiro, recebe o nome de “Boi Pintadinho” e em Belém, onde fomos em outra ocasião ver de perto, chama-se “Boi-Bumbá”, muito ligado até hoje às quadrilhas que ano a ano se tornam mais lindas e exuberantes. No Amazonas, em Manaus, também recebe o nome de “Boi-Bumbá”, mas aí o espetáculo foi perdendo sua força quando a cidade de Parintins surgiu, e seu Boi-Bumbá foi se tornando mais grandioso a cada ano. “A encenação do Boi-Bumbá é, muitas vezes, definida como um auto popular e, no âmbito do folclore, há diferentes formas teatrais, cuja ribalta é a rua ou a praça pública. Em entrevista dada em 7/04/1999, Moreira Souza lembra-se de ter visto os Bumbás de Manaus quando ainda era criança, antes do começo dos festivais, na década de 1950.

Diz ele: “O Bumbá ensaiava nos currais e, depois que treinava, saía nas ruas, se apresentando em casas, atendendo a pedidos de políticos ou pessoas ricas da cidade, ou, então, a comunidade se juntava para fazer uma cota e pagar a apresentação, que durava de quatro a cinco horas. Uma às seis horas, outra lá pelas onze da noite. Os componentes tinham uma postura guerreira, não só saíam, saíam para brigar, um grupo com o outro, sendo um ‘Boi rival do outro’”.

Belém, na foz do Rio Amazonas, e Manaus, no lugar do conhecido encontro com as águas barrentas do “Rio-Mar”, são os principais centros urbanos da Amazônia. Na última década do século XX, porém, um desses Bumbás, o de Parintins, vem despertando a atenção dos pesquisadores. Na década de 1990, alguns

estudiosos do folclore começaram a chamar a atenção dos antropólogos para o grande e deslumbrante espetáculo que acontece anualmente nessa cidade. Nos anos recentes, de fato, Parintins vem representando claramente o espaço de troca e integração cultural que faltava a essa grande tradição brasileira que se mantém desde o século XVIII – o Bumba-meu-Boi.

Assim, fomos nós, aqui do Sudeste, percebendo nesses encontros do Boi-Bumbá, o surgimento de grandes e renomados artesãos que começaram a produzir e aumentar, ano a ano, a beleza de suas apresentações, especialmente as Escolas de Samba de São Paulo no Sambódromo, como no Rio de Janeiro, no Sambódromo da Marquês de Sapucaí. Os diretores das Escolas de Samba, ou foram para Parintins, aprender com os artesãos de lá, ou os trouxeram para cá, num vaivém e numa troca sem fim. Todos que, como eu, assistiram aos desfiles das Escolas de Samba no Rio de Janeiro e São Paulo, ficam extasiados com a beleza de seus carros, com a grandiosidade do artesanato que encanta a gregos e troianos.



Hoje, Parintins não brilha apenas lá no Amazonas, mas em tudo o que os artistas locais estão trazendo para o Sudeste e todos os recantos deste país. No ano passado, 2011, antes do Festival do Folclore de Olímpia, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, nossa coordenadora \_ que há tempos vem ocupando com grande brilhantismo o lugar do saudoso Prof. Santana \_ foi de Manaus a Parintins de barco. Além de encantar-se com as belezas da Amazônia, ela adorou tudo o que viu em Parintins e voltou com um enorme arsenal de conhecimentos e informações para nos transmitir, a nós que tanto amamos o folclore. O formato atual da festa de Parintins vem dos anos 60, quando a rivalidade entre duas torcidas acabou resultando na criação de dois grupos rivais: o



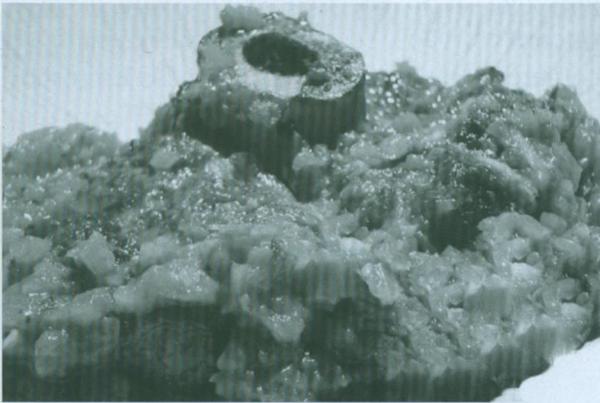


### Modo De Fazer:

Esquente o óleo e frite o alho e a cebola. Acrescente o sal e a pimenta. Junte o camarão limpo. Deixe refogar bem. Coloque água fervente que cubra os camarões. Mexa bem. Acrescente a massa de tomate, o colorau e o caruru (ou a escarola) cortadinhos. Junte o cheiro-verde (que pode ser cebolinha e coentro cortadinhos, ou cebolinha e salsa batidinhas). Deixe ferver bem. Acrescente o quiabo sem as pontas, cortado em dois ou três pedaços. Junte o azeite de dendê. Vá colocando, aos poucos, a farinha de mandioca. Mexa bem e sirva bem quente, com arroz branco. Fica delicioso. C

## CORREDOR DE PERNAMBUCO

Em Caruaru, aprendemos a fazer esse delicioso prato. Vejamos:



### Ingredientes:

3 kg de ossobuco / Sal a gosto / 3 cebolas grandes, batidinhas / 2 cabeças de alho, grandes e socadas / Pimenta dedo-de-moça e do reino / 1 colher (sopa) de cominho / 2 kg de tomates, batidinhos / Coentro a gosto (opcional) / Salsa e cebolinha, picadas (1 maço) / 2 pimentões verdes, 2 amarelos e 2 vermelhos / Azeite de dendê à vontade / Óleo para fritar parte da cebola e do alho / Colorau para deixar a carne bem vermelha / Água fervente para ser colocada aos poucos, sobre a carne / Massa de tomate (opcional) / 2 kg de farinha de mandioca crua.

### Modo de fazer:

Frite o alho e a cebola no óleo, com um pouco (cerca de duas colheres (sopa)) de dendê. Junte as pimentas e o cominho. Acrescente o coentro ou salsa e cebolinha. Junte o tomate batido, a massa de tomate, o sal a gosto, os pi-

mentões em cubinhos e o colorau. Deixe ferver bem, juntando água fervente até que a carne do ossobuco fique macia, quase se desprendendo dos ossos.

### Modo de servir:

Para dez pessoas, coloque dez pratos fundos com três colheres (sopa) de farinha em cada prato; por cima, coloque um osso ou a carne do ossobuco com bastante molho por cima. Depois, aos poucos, vá batendo com uma colher grande sobre cada prato, o tutano dos ossos que ficaram na panela. Por esse motivo (o de estar sempre servindo as pessoas), o grupo não deve ser grande. Quando o molho da panela vai terminando, coloca-se mais água e os demais pertences.

Experimentem fazê-lo e não se arrependarão. Se estiverem em uma Festa do Boi, estarão com o “bucha cheio” e, portanto, bem preparados para correr atrás do Boizinho, dançando e festejando.

Em Belém (1974), antes de irmos ver a apresentação do “Bumba-meu-Boi”, parávamos nas esquinas, nas “tacacazeiras”, onde mulheres experimentadas nas lides da cozinha regional preparavam o famoso tacacá. Em Olímpia, durante o Festival do Folclore, sempre experimentávamos o tacacá com o grupo vindo de Belém, “Os Baioaras”, liderado pelo grande cantor, dançarino e amigo Edson de Belém. Íamos tomando o tacacá e dançando o carimbó com o grupo.

## RECEITA DE TACACÁ



O tacacá é um prato regional, diferente, preparado com o jambu e o tucupi. Sabemos que no Estado de São Paulo não existe nem jambu (a verdura) nem tucupi, mas



também sabemos que é possível encontrá-los em algumas “Casas do Norte”, ou encomendá-lo no Sacolão ao lado do Mercado de São Paulo (o Mercadão), na capital. Se não encontrarmos o jambu, podemos usar talos de agrião e a goma de mandioca (tipo de farinha com o gosto do jambu), igualmente encontrada no Mercado acima citado.

### Ingredientes:

1 litro de tucupi (se possível, trazido da Feira do Ver-o-Peso, em Belém, ou então comprado nas boas “Casas do Norte”, em São Paulo, ou ainda nos grandes centros urbanos) / 2 cabeças grandes de alho, socados / 2 maços de jambu / Sal e pimenta-de-cheiro a gosto / 1 kg de camarão seco, tirado o sal / 1 xícara (chá) de goma de mandioca / 1 maço de chicória ou acelga / Alfavaca a gosto.

### Modo de fazer:

Ferva, juntamente com o tucupi, a chicória, a alfavaca (folhas) e sal a gosto. Deixe ferver bem. Cozinhe por aproximadamente 30 minutos. Cozinhe o jambu em água fervente, com uma pitada de sal, até que os talos fiquem macios. Reserve. Acrescente o camarão que deve estar sem o sal e a cabeça, já ficado em água fervente. Dissolva a goma de mandioca (opcional) em água fervente, com sal a gosto. Vá colocando a água até conseguir um pirão ou mingau.



### Modo de servir (geralmente, em cuias):

Em cada cuia, coloque três colheres (sopa) rasas do molho de tucupi. Junte o pirão com folhas de jambu, cozidas. Acrescente uma porção do camarão e pimenta, ao gosto do freguês. Quando preparado pelas “tacacazeiras”, esse é um prato bem barato em Belém. Às vezes, ali pela Estação do Brás, em São Paulo, encontramos, ao lado de lojas nortistas, alguém vendendo tacacá em cuias. Contudo, isso vem ficando cada vez mais difícil de encontrar. No entanto, estando em São Paulo, procure um restaurante ou uma “Casa do Norte” que sejam especialistas nesse e em muitos outros pratos da culinária de Belém.



## ARROZ DE CUXÁ

(prato encontrado principalmente em São Luís, capital do Maranhão, nas festas do “Bumba-meu-Boi”)



### Ingredientes:

1 maço de vinagreira (encontrado em todo o Maranhão (em São Paulo, às vezes encontrada no Sacolão atrás do Mercado Municipal) / ½ litro de azeite (pode ser misturado com um pouco de azeite de dendê) / 1 pimentão verde, um vermelho e um amarelo, picadinhos / Pimenta-de-cheiro, a gosto / 200 g de camarões frescos, sem casca e tripinhas, cozidos em 2 litros de água com 1 pitada de sal / 3 gomos de gengibre, picadinhos / 6 xícaras de arroz cozido, soltinho / Cheiro-verde, cortadinho (pode ser substituído por coentro ou salsa e cebolinha) / 2 colheres (sopa) de gergelim / 2 cebolas picadas e 1 cabeça de alho socado.

### Modo de fazer:

Em óleo quente, refogue o alho e a cebola. Junte o cheiro-verde. Reserve. Coloque a vinagreira cortadinha em dois litros de água fervente, com sal a gosto, deixando que ela murche. Escorra e reserve. Em uma assadeira, misture ao arroz o camarão, o gengibre, o cheiro-verde, o gergelim, o pimentão e a vinagreira. Regue com o azeite e leve ao forno. Sirva bem quente. Esse prato também é servido em muitos encontros do Bumba-meu-Boi.

## VATAPÁ

(O vatapá é servido em quase todos os recantos do Nordeste, principalmente na Bahia, mas também é encontrado em outros Estados do Brasil. Até em Pirangi (SP), a 70 km de Olímpia, costumamos servir, em nossas festas ou jantares, um gostoso



vatapá. Nos encontros do “Boizinho”, no Nordeste, dificilmente esse prato deixará de aparecer). Apresentarei aqui uma receita bem simples de vatapá à minha moda, que aprendi a fazer em Salvador, nos anos sessenta, quando o Restaurante “Dona Flor” estava em moda, na Praça Castro Alves... (Mais adiante, apresentarei uma receita mais completa).



Ingredientes (ou melhor, modo de prepará-lo): Faça 1 kg de sobrecoxa de frango em molho com temperos como: duas cebolas batidas, uma cabeça grande de alho socado, sal e pimenta a gosto. Óleo para fritar a cebola e o alho, uma lata de massa de tomate. Água que cubra o frango, deixado no fogo até que fique macio e saboroso. Deixe esfriar, desfie. Coloque os pedaços de frango no molho e reserve. Faça 1 kg de camarão médio, limpo, sem a cabeça e tripinhas, temperado com cebola, alho, sal a gosto, cheiro-verde e tomate. Frite os temperos, coloque os camarões e deixe refogar. Junte 1 lata de massa de tomate e pimenta a gosto. Acrescente uma xícara (chá) de amendoim sem a casca e a pele, batido. Junte uma xícara (chá) de castanhas de caju (batidas no liquidificador).

Experimente o sabor e acrescente um vidrinho ou duas colheres (sopa) de azeite de dendê. Mexa bem. Abaixar o fogo e junte o camarão com o frango, em panela maior. Mexa bem. Vá colocando, aos poucos, para engrossar, o creme de arroz (encontrado em bons supermercados). O vatapá é uma pasta deliciosa para comer com arroz branco, tomando-se, como o tomávamos em Salvador, o aperitivo “Xixi de Anjo”. Talvez, até o “Boizinho” gostaria de experimentá-lo...

## “XIXI DE ANJO”

(Em Salvador, nos anos 60, essa bebida nos era servida em “peniquinhos” de cerâmica

que, para nós, eram para lá de folclóricos).

Coloque no liquidificador: 2 copos americanos de pinga / 2 copos de licor de cacau / 1 copo duplo de groselha / 1 vidrinho de leite de coco / 1 lata de leite condensado. Bata bem e, antes de saborear o vatapá, delicie-se com esse aperitivo.



Em Parintins e em todo o Norte e Nordeste, a maior parte dos pratos é à base de peixe, principalmente o famoso tambáqui, recheado e assado. Essas receitas, porém, ficam para outra ocasião. Hoje, vários pratos nortistas e nordestinos estão levando, em grande escala, o açai. Tudo isso é encontrado em São Paulo. Assim, podemos dizer que:

*Este Brasil tão grande e amado  
é nosso país idolatrado.  
Terra de amor e tradição,  
sempre verde, sempre tão bela.*

Se essas comidas dão água na boca nos gulosos do Sudeste e de todos os recantos deste imenso Brasil, fazendo a alegria de todos os turistas que vêm conhecer nosso país, é bom nem pensar no seu prazer ao tomarem conhecimento das delícias do folclore culinário... Apresento, a seguir, uma receita mais completa de vatapá.

## RECEITA DE VATAPÁ À MINHA MODA (PARA 20 PESSOAS)

Ingredientes: 2 kg de sobrecoxa de frango / 2 kg de camarões médios, com casca / 2 kg de tomates maduros sem pele / 1 maço de cheiro-verde (grande) / 1 maço de coentro / 5 cebolas grandes (batidinhas) / 5 cabeças de alho (amasadas ou socadas) / 6 tabletes de caldo de galinha / 250 g de castanha de caju (moída ou cortadinha) / 1 limão / óleo / 250 g de amendoim sem casca, sem pele, assado e moído / 2 latinas de purê de tomate / sal, pimenta-do-reino e pimenta vermelha (dedo-de-moça) a



gosto / 2 ou 3 pacotes de creme de arroz / 1 vidro pequeno de azeite de dendê / 2 vidrinhos de leite de coco.



Modo de fazer: Lave bem o frango e retire as peles. Coloque-o numa panela grande com 3 cebolas batidinhas, 3 cabeças de alho batidinho, 1 lata de purê de tomate, o tomate batidinho, a metade do maço de cheiro-verde, 4 tabletes de caldo de galinha, sal e pimenta-do-reino a gosto, 2 litros de água. Mexa bem. Leve ao fogo, tampando a panela. Mexa de vez em quando. Deixe ficar até que a sobrecoxa fique bem macia. Desligue. Deixe esfriar. Retire os pedaços de frango, desfie-os e coloque-os de novo na panela grande. Reserve. Lave bem os camarões. Retire as cascas, reservando-as. Retire as tripinhas dos camarões. Lave-os, escorra-os e tempere-os numa bacia ou vasilha de plástico, com 1 cebola batidinha, 1 cabeça de alho socado, sal e pimenta-do-reino a gosto, a metade do cheiro-verde restante e o caldo de 1 limão. Mexa bem. Deixe descansar por meia hora. Numa panela média, coloque 4 colheres de óleo. Leve ao fogo. Coloque 1 cebola batidinha, 5 dentes de alho, 1 colher de sobremesa de sal. Quando fritar, acrescente as cascas dos camarões (bem lavadas e escorridas). Junte dois litros de água. Acrescente algumas folhas de coentro, salsinha e cebolinha. Deixe ferver até que o caldo fique pela metade. Desligue.



Escorra. Jogue as cascas e reserve o caldo de

camarão. Coloque 4 colheres (de sopa) de óleo numa panela. Deixe esquentar. Acrescente 1 cebola batidinha e 1 cabeça de alho socada. Deixe dourar. Junte todo o camarão. Mexa e deixe ferver por uns 10 minutos. Desligue. Com uma escumadeira, retire os camarões (deixe apenas uns 10 deles na panela), deixando-os reservados num vasilhame à parte. Junte o caldo de camarão reservado a esses poucos camarões que ficaram na panela. Deixe ferver. Junte esse molho à panela grande, onde está o frango desfiado, já no molho. Leve a panela ao fogo. Acrescente 1 lata de purê de tomates, o coentro batidinho, 2 tabletes de caldo de galinha, sal, pimenta-do-reino e pimenta vermelha a gosto. Deixe ferver por uns 15 minutos. Junte o amendoim e a castanha de caju. Vá mexendo sempre, com uma colher de pau. Acrescente o leite de coco (com duas caixas de creme de arroz nele dissolvido). Vá colocando devagar, sem parar de mexer, até conseguir uma pasta consistente. Abaixar o fogo, junte 3 colheres (de sopa) de azeite de dendê e os camarões cozidos e reservados. Mexa bem. Experimente. O sabor da pimenta deve "aparecer" pelo menos um pouco (mesmo que a pimenta seja servida à parte). Desligue. Sirva o vatapá com arroz branco ou com o acaçá (um "mingau" feito com 2 caixinhas de creme de arroz (dissolvidas em 1 litro de leite), 2 vidros de leite de coco. Se ficar muito mole, dissolva duas colheres de maizena num copo americano com água, e acabe de engrossar o mingau).



# UM ESTRANHO CASO DE VAMPIRISMO



## ITAMBI

## EM

*Francisco Gabriel  
Junqueira Machione  
Departamento de Folclore  
Olimpia/SP*

**H**istórias de vampiros existem há muito tempo. Civilizações da Mesopotâmia, Roma, Grécia, em várias culturas antigas já apresentavam contos sobre os seres sobrenaturais que se alimentavam de sangue e tinham vida eterna. A atração do mundo por histórias de vampiros é recorrente, com lançamentos de livros e filmes sobre o assunto.



Os livros que fizeram maior sucesso foram: 1. “Drácula”, de Bram Stoker escreveu, em 1897, o livro sobre vampiros com mais adaptações para o cinema. Baseada na história de Vlad III Draculea, O Empalador, a obra definiu vários hábitos e origens dessas criaturas e a Transilvânia como a terra dos seres da noite. 2. “Crônicas de Rice” – de Anne Rice. Ela escreveu dez livros conhecidos como “As crônicas vampirescas”. O primeiro deles, “Entrevista com o vampiro”, de 1976, foi para o cinema em 1994. 3. “Vampiros na escola”, de L. J. Smith. Ela escreveu diversos livros sobre sanguessugas adolescentes. 4. “Os sete”, de André Vianco, um dos mais bem-sucedidos escritores do universo vampiresco no Brasil. Editou o livro em 2000. 5. “Anita Blake”, de Laurell Kaye Hamilton. Ficou conhecida pela série “Anita Blake: vampire hunters”, sobre uma humana que caça vampiros maus. 6. “O historiador”, de Elizabeth Kostova, é ambientado nos anos de Guerra Fria, quando uma menina encontra documentos

dando conta de que Drácula estaria vivo e sai atrás do vampiro. 7. “Noturno”, inaugurou a trilogia vampiresca do ator e cineasta mexicano Guillermo del Toro (“Hellboy”), em parceria com Chuck Hogan e 8. “Crepúsculo”, os quatro livros da série mais badalada do momento (“Crepúsculo”, “Lua Nova”, “Eclipse” e “Amanhecer”), da americana Stephenie Meyer.

Na televisão brasileira podemos citar personagens como Vlad, Natasha e Bento Carneiro. Em 1991, o público brasileiro conheceu o terrível Conde Vladimir Polanski, um Vampiro que marcou época na televisão brasileira. Interpretado por Ney Latorraca, Vlad era o maior dos vilões da novela “Vamp”, escrita por Antônio Calmon e dirigida por Jorge Fernando. Na história, a cantora de rock Natasha (vivida por Cláudia Ohana) vende sua alma ao terrível vampiro para conquistar um lugar no estrelato. Arrepentida, a vampira Armação dos Anjos, onde acaba sendo perseguida pelo

procura abrigo na cidade de cruel Vlad.



Os fãs de Chico Anysio não vão esquecer a frase “Minha vingança será maligrina!”.



Bento Carneiro, o Vampiro Brasileiro, o único ser das trevas que morava “aquém do além adonde que veve os mortos”. O personagem era um vampiro atrapalhado e foi criado pelo humorista na década de 1980.

Na região norte do estado de São Paulo, ouvimos algumas lendas sobre vampiros e vamos relatá-las.

## Os morcegos de Itambi

Lá pelas bandas do Itambi, bordejando o ribeirão Passa Tempo, as coisas desdobraram-se rápidas. Todas as áreas limítrofes aos desbarrancados gigantescos se abriam em socavões profundos.

Nesta região tão povoada de acidentes contrastantes foi onde tudo aconteceu. Aliás, a natureza parece que ali endoideceu de vez.

Na área do Itambi muitos fenômenos começaram a dar sinal de presença tétrica. Na noite anterior a estes acontecimentos, após uma chuva batida, dia inteiro, empapando caminhos, áreas enormes, córregos, fazendas

completas, os elementos da natureza pareciam em conluio para que tudo aquilo acontecesse.

E aconteceu. Inundação enorme tomou conta de toda a redondeza, que ficou assolada por grandes enchentes nunca vistas naquelas paragens, pois ali eram terras altas, de altiplanos, sem tendência ao perigo de invasão das águas.

Tudo incomodava pelo absurdo do fato.

Foi então que eles apareceram. Era uma revoada de morcegos, milhares e milhares deles, perseguindo o gado, cavaleiros, no meio do dia e da noite, em correrias de gente, a pé, pelas estradas, espavorida.

Desnorteada a caboclada, crente e supersticiosa, rezava encafuada nas casas, pedindo proteção aos céus. Aqueles seres de asas enormes, membranosas, revoavam pelas fazendas até altas madrugada.



Eram morcegos do tamanho de um homem que caçavam àquelas horas nos lugares ermos. Ao fim, as autoridades competentes foram alertadas. Uma investigação séria teve início. Primeiramente uma comissão foi constituída e saíram em campo.

Na primeira noite foi um rebuliço nas verificações. No próximo dia, a comissão em peso era demissionária. Então, em vez de grupos de investigação, optaram em criar grupos de pesquisa autônomos.

Uma coisa era real. As revoadas dos morcegos continuavam cada vez mais nutridas, numerosas e atrevidas. Agora exibindo milhares de indivíduos em massa compacta quando enxameava o céu na sua passagem e o bombardeio resultante de sua passagem era asqueroso. Estes animais eram, pasmem os senhores, da altura de um homem, como dissemos e asas de envergadura três vezes maior.



Quem estava ali e embaixo saía pipocado por eles, ou seja, defecado.

Depois de uma semana de buscas dos locais infestados, os habitantes da região passaram a procurar os bandos de hematófagos e exercer uma vigilância severa sobre eles. E foi assim que descobriram sua volúpia pelo sangue. Uma forma bisonha. Um dia localizaram dois enormes machos carregando nas garras uma jovem.



Um dos homens, hábil atirador, visou um deles com sua espingarda e depois o outro. Ambos caíram desamparados no solo. Examinada a jovem recém morta, pudera constatar que sua genitália tinha sido devorada. Daí tudo se esclareceu. Os animais eram sugadores de sangue e devoradores de carne e tinham preferência pela carne próxima à região vulvar. O cheiro do sangue putrefato praticamente deixava-os alucinados.

Dois pesquisadores vindos da capital confirmaram que aquela espécie era realmente sugadora de sangue e devoradora de carne humana. A notícia ficou alguns dias em sigilo e depois passou a circular. Soldados armados acompanhavam os grupos de pesquisas nas escaladas nas montanhas em busca dos animais perigosos. Três vezes foram alvos de bandos

de morcegos.

A primeira vez os soldados mataram vários animais que atacavam saídos das grimpas abaixo. Depois de tiroteio feroz, foram mortos dezesseis espécimes e nenhum homem se feriu. Foram usados cartuchos calibre 12 com chumbo grosso nesse encontro.

Outra coisa terrificante foi a descoberta na saliva dos morcegos de determinado vírus que inoculado acabava causando a morte de pessoas em horas.

Agora ficava uma coisa apenas por elucidar: a razão daquele susto e o porquê do desaparecimento daquela espécie considerada vinda sabe lá de onde e de conseqüências tão funestas para a humanidade. Cabia agora estudar melhor seu ciclo evolutivo, as condições de subsistência e se era migratória ou não.

Os estudos continuaram e três dias depois veio a bomba: os morcegos emigraram em massa novamente. Toda noite eram numerosos evoluindo nos céus. No quarto dia a migração terminou e não se viu nenhum mais revoando. Tinham mudado todos. Para onde? Ninguém se interessou por este detalhe.

Aliás, a maior expectativa que se poderia esperar da humanidade depois do risco de pandemia iminente, o resto o tempo deixou para o esquecimento.

Como todos os fatos inexplicáveis, tudo aconteceu do nada, e, assim como aconteceu, desapareceu.

Todos da região, até hoje, confabulam os fatos ocorridos, mas ninguém explica nada, até que eles caíram em esquecimento completo.

E a paz e a normalidade voltaram a dominar a região do Itambi.

## Os morcegos e a boiada

Antes dos morcegos irem embora, outros fatos aconteceram que amedrontaram os habitantes da vila, como o caso de uma boiada que vinha seguindo pelo corredor boiadeiro, tangida por vários peões.

Gado vinha embolado, cerca de quinhentas cabeças para engorda a empastar. Perto do desbarrancado, a boiada descontrolou e estourou. Peonada tentando conter o fluxo da gadaria que vinha desenfreada. Assustada não se sabia de quê.



Foi quando um peão mais ardiloso olhou para cima e vislumbrou, abismado, vários seres voadores, carregando uma novilha que se imiscuiu na boiada, aprontando um rebuliço no gado.



Os peões viram a cena inusitada da novilha carregada por enormes morcegos. Só não viram a cena mais assombrosa que aconteceu logo adiante, umas quatro lombadas dali.

Ali, numa ravina, as aves monstruosas, depois de depositar sua presa no chão, avançaram todo o grupo sobre ela e só se deram por satisfeitas quando a devoraram com apetite, deixando a rês aos ossos limpos.

Ensanguentada e nos últimos estertores de vida, a pobre morreu. Quatro gigantes morcegos guinchando saciados alçaram voo.

No dia seguinte, os campeiros encontraram um macabro ritual. Uma vaca parida, que perdera sua cria e vinha seguindo sangrando no vaso, foi a próxima vítima. Pois bem, esta vaca foi à noite apanhada pelos diabólicos ratos de asas e praticamente devorada viva nas partes genitais.

O pobre animal em tão lastimável estado ficou, que o capataz da fazenda resolveu sacrificá-lo.

Estes animais buscavam as galinhas nos ninhos. Era comum ver chegar alguns deles carregar uma galinha do ninho gritando, as outras esconjurando, enquanto a primeira era carregada para longe, onde seria estraçalhada.

Fato curioso, mas digno de ser citado, era quando os homens procuravam arvoredos, latrinas improvisadas onde pudessem se abrigar para fazer suas necessidades fisiológicas. Se o odor exalado agradasse os monstros, momentos depois estariam tentando localizar a fonte.

Nos primeiros dias rondavam próximos, mas nas casas não chegavam. Com o tempo ficaram atrevidos e passaram a procurar toda espécie de animais. Entretanto, sua preferência,



era sempre sangue putrefato.

## Os morcegos e outros ataques

Uma senhora, numa fazenda, notou, pelo anoitecer, no telhado de sua casa, a presença de um vulto. Sua sorte foi a presença do marido na casa. Quando dois machos enormes começaram a tentar levantar as telhas da casa, brigando entre si, o marido alvejou os dois, com um tiro cada um.



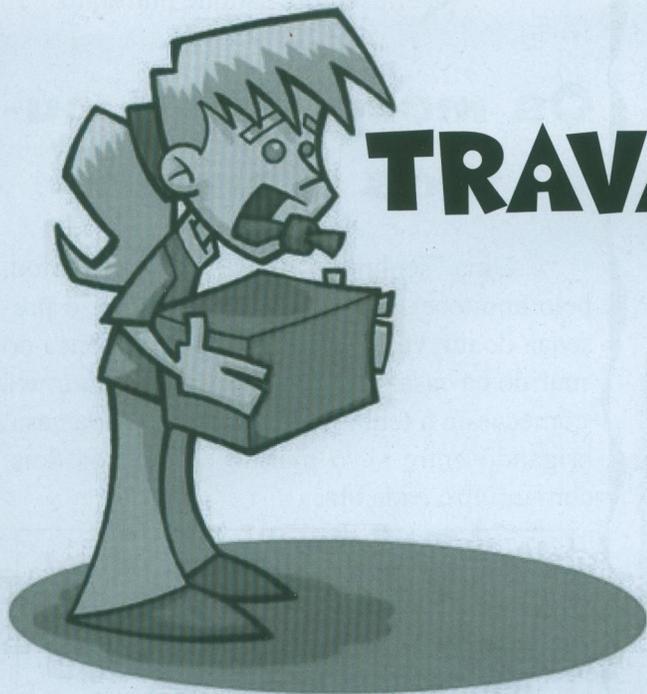
Num sítio próximo dali, havia uma cachorrinha esperta que não tinha medo de nada: boi bravo, vaca parida, cachorro louco, fosse quem fosse, ela escorava. Pois bem, uma noite, um morcego resolveu pegá-la. Esta cachorrinha magricela esperneou, ganiu, gemeu, pulou, mordeu, até que o monstro se assustou com aquela resistência inesperada, indo embora céu afora. Nunca mais voltou tentar a coragem da cadelinha valente.

Um fator criou uma situação no Itambi. Com as notícias chegando e a ingenuidade do povo, sua paixão pelo maravilhoso, pelas coisas que nascem inesperadamente da mente popular, dos acontecimentos banais, aumentou. Ali foi o que realmente aconteceu.

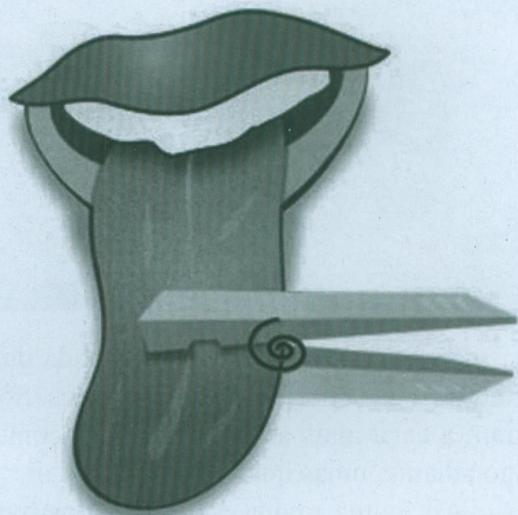
É assim que nascem os milagres. É assim que se sucedem os fatos prodigiosos. Mais uma vez grupos fanatizados, instigados por fé doentia, se dirigiam para o local, para tentar sentir a presença do maravilhoso: velhas desganhadas, crianças de caras inexpressivas, adultos trêmulos, murmurando preces em clima de descontrole emocional, exacerbado.

Uns postergados por terras, ajoelhados, se ofereciam ao sacrifício, gemendo ao som de litânias confusas, mas pronunciadas com palavras sufocando nas gargantas, outros chorando emocionadíssimos ante a evidência (eles acreditavam) do altíssimo. Este era o exemplo da fé exteriorizada.





# TRAVALÍNGUAS



*Luis Fernando Rabatone*  
*Departamento de Folclore - Olímpia*

No ar desde 22 de agosto de 1999, quando idealizamos o Portal do Folclore Brasileiro - iFolclore, resgata e compartilha o maior acervo on-line sobre os mais variados temas do folclore brasileiro.

Um dos setores mais visitados do site é justamente o que trata dos divertidos Travalínguas\*, que, segundo o amigo André Nakamura, “são expressões de difícil articulação, especialmente se ditas com rapidez, usadas como recreação/disputa, para ver quem não ‘trava a língua’, isto é, não gagueja ou troca sílabas dessas expressões (ou quantas vezes é capaz de dizê-la, sem ‘travar’), pronunciando-as repetidas vezes, e rapidamente”, acrescentando que “além de modalidade lúdica”, “representam um bom exercício para aperfeiçoamento da pronúncia” (“Literatura Oral”, Anuário do 42º Festival do Folclore, p. 11).

No decorrer dos anos de existência do site foi justamente a interatividade e a colaboração dos visitantes que fez crescer o acervo e resgatar muitas variações desta divertida brincadeira que além de aperfeiçoar a pronúncia, serve para divertir e provocar disputa entre amigos. São embaraçosos, provocam risos e é diversão garantida.

Segue abaixo, com suas variantes, uma infinidade de exemplos desta culta, saudável e deliciosa brincadeira.

Divirtam-se!

## TRAVALÍNGUAS CLÁSSICOS

### “A R A N H A”

Num jarro há uma aranha. Tanto a aranha arranha o jarro como o jarro arranha a aranha. Se a aranha arranha a rã, se a rã arranha a aranha, como a aranha arranha a rã? Como a rã arranha a aranha?

Aranha, tatanha, aranha tatinha, tatu é que arranha a tua casinha.

A aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha. A aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha; nem a aranha arranha a jarra nem a jarra arranha a aranha.

\*grafia utilizada pelo Prof. José Sant’anna, no Anuário do 29º Festival do Folclore, p. 20.



A aranha arranha a rã. A rã arranha a aranha. Nem a aranha arranha a rã. Nem a rã arranha a aranha.



nha a aranha.

A aranha arranha a rã, A rã arranha a aranha. Arranha a aranha a rã? A rã a aranha arranha?

Lá em cima daquele morro tem uma arara e uma aranha. Quando a aranha arranha a arara, a arara arranha a aranha.

Lá em cima daquele morro tem uma arara e uma aranha. Tanto a aranha arranha a arara como a arara arranha a aranha.

Num jarro há uma aranha. Tanto a aranha arranha o jarro como o jarro arranha a aranha. Tanto a aranha arranha a arara como a arara arranha a aranha.

Se a aranha arranha a rã, se a rã arranha a aranha, como arranha a aranha a rã? Como a rã arranha a aranha?

Debaixo da cama tem uma jarra, dentro da jarra tem uma aranha, Tanto a aranha, arranha a jarra, como a jarra arranha aranha.

## “OS MAFAGAFOS”

Em cima daquela árvore tem um ninho de mafagato, e quem lá chegar encontrará quatro mafagatinhos mamando na mafagata o leite mafagatoso. E quem o desmafagatar será um grande desmafagatador.

Em um ninho de mafagafos havia sete mafagafinhos; quem amafagafar mais mafagafinhos, bom amafagafador será.

Um ninho de mafagafa, com cinco mafagafinhos, quem desmafagar o ninho, bom desmafagador será.

Um ninho de mafagafos, com cinco ma-

fagafinhos, quem desmafagafizar os mafagafos, bom desmafagafizador será.

Num ninho de mafagafos tinha seis mafagafinhos, quem os desmafagafar será o maior desmafagafador.

Num ninho de mafagafos, cinco mafagafinhos há! Quem os desmafagafizá-los, um bom desmafagafizador será.

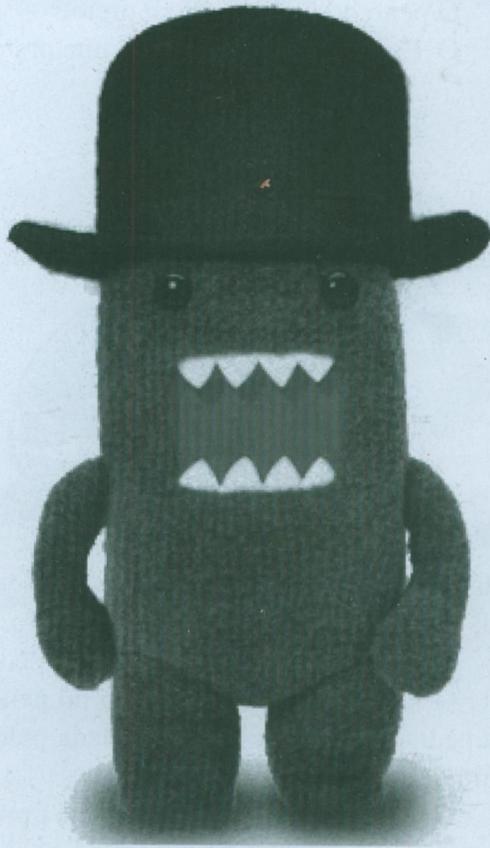
Um ninho de mafagafas tinha seis mafagafinhos. Tinha também magafaças, maçagafas, maçafinhos, mafafagos, magaçafas, maçafagas, magafinhos. Isso além dos magafafos e dos magafafinhos.

Um ninho de manfagafas, com nove manfagafinhos. Quando a ifagafa fala falam todos os manfagafinhos.

Um ninho de magarfagafa com cinco magarfagafinhos; quando a magarfagafa guincha, guinçam os cinco magarfagafinhos. Quem os desmagarfagafizar, bom desmagarfagafizador será.

Um ninho de mafaguifos, com sete mafaguifinhos, quem tirar um mafaguifo, bom desmafaguifador será.

Um ninho de mafagafa, com cinco ma-



fagafinhos, quem desmafagar o ninho, bom desmafagador será.

Num ninho de mafagafas, com cinco mafagafinhos, quem desmafagar o ninho, bom desmafagador será.



Num ninho de mafagafos tinha seis mafagafinhos, quem os desmafagafar será o maior desmafagafador.

Encontrei um ninho de mafagafo, com três mafagafinhos. Quem desmafagafar o ninho, será um bom desmafagafador.

Num ninho de mafagafos tinha seis mafagafinhos, também tinha magafaças, maçafafas, maçafinhos, mafafagos, magafaças, maçafagas, magafinhos, isso além dos magafafos, e dos magafafinhos.

Em cima daquela árvore tem um ninho de mafagato, e quem lá chegar encontrará quatro mafagatinhos mamando na mafagata o leite mafagatoso. E quem o desmafagatar será um grande desmafagatador.

## “PEDRO”

A lontra prendeu a tromba do monstro de pedra e a prenda de prata de Pedro, o pedreiro.

O peito do pé do pai do padre Pedro é preto.

O peito do padre Pedro é preto.

O Padre Pedro preto tem um prato de



prata.

O Pedro pregou um prego na pedra.

O Prato de prata não é do Padre Pedro.

O Padre Pedro preto peludo no peito levou pedrada na perna quebrada dada pelo pedreiro, no terreiro!

O padre Pedro tem um prato de prata, o prato de prata não é de Pedro.

O peito de Pedro é preto. Quem disser que o peito de Pedro é preto terá o peito mais preto do que o peito de Pedro.

O peito do pé de Pedro é preto. É preto o peito do pé de Pedro. Pedro tem o peito do pé,

preto. Quem tem o pé do peito preto, é Pedro!

O peito do pé de Pedro é preto. Quem disser que o peito do pé de Pedro é preto, tem o peito do pé mais preto do que o peito do pé de Pedro.

O Peito do pé de Pedro, o preclaro preto de pedra preta, é preto. É preto o peito do pé de Pedro, o preclaro preto de Pedra Preta.

Paty, pede pro papai pegar a pá e o pote de patê de presunto na primeira prateleira da padaria do primo Pedro.

Pedro preto peludo no peito levou pedrada na perna quebrada dada pelo pedreiro, no terreiro!

Pedro tem o peito preto. Preto é o peito de Pedro. Quem disser que o peito de Pedro não é preto, tem o peito mais preto que o peito de Pedro.

Pedro Paulo Pereira Peixoto, pobre pintor português, pinta perfeitamente portas, paredes, portais, painéis, paisagens por pequenos preços, pois pretende partir para Portugal passando por Paris.

## “TIGRE”

Dê o trigo para os três tigres no prato de



prata.

Em três pratos de trigo comem três tristes tigres.

Num prato de trigo três tigres tristes comiam. Um tigre, dois tigres, três tigres.

O menino deu trigo ao tigre e o tigre comeu todo o trigo.

Tire o trigo dos três tigres.

Três pratos de trigo para três tigres tristes.

Três tigres tristes para três pratos de trigo.

Trazei três pratos de trigo para três tigres comerem.



Um saco de trigo para três tigres tristes.  
Um tigre, dois tigres, três tigres.  
Um prato de trigo para os três tigres.  
Um tigrinho, dois tigrinhos, três tigrinhos.

## “RATO”

O rato a roer roía.  
O rato roeu a roupa do rei Artur.



O rato roeu a correia da carroça do rei de Roma.

O rato roeu a roupa do Rei de Roma. A Rainha com raiva resolveu remendar.

O rato roeu a rede rubi da roseira da mãe do grande guerreiro da quarta guerra.

O rato roeu a roupa do rei da Rússia; a rainha de raiva roeu o resto.

O rato roeu a roupa do rei de Roma, o rato roeu a roupa do rei da Rússia, o rato roeu o rabo do Rodovaldo....

O rato roeu a rolha do remédio e a roupa do rei de Roma, e a rainha, de raiva, roeu o resto.

O rato correu, correu, correu, bateu com a barriga no barranco e morreu.

Em rápido rapto, um rápido rato raptou três ratos sem deixar rastros.

Paga o pato, dorme o gato, foge o rato, paga o gato, dorme o rato, foge o pato, paga o rato, dorme o pato, foge o gato.

## “TEMPO”

O tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem. O tempo respondeu pro tempo, que o tempo tem tanto tempo, quanto tempo o tempo tem.

O tempo perguntou pro tempo qual é o tempo que o tempo tem. O tempo respondeu

pro tempo que não tem tempo  
p r a dizer pro tempo que o tempo do tempo é o tempo que o tempo tem.

## “LIMÃO”

Meio milhão, dez limões, dois milhões, nove limões, três milhões, oito limões, quatro milhões, sete limões, cinco milhões, seis limões, seis milhões, cinco limões, sete milhões, quatro limões, oito milhões, três limões, nove milhões, dois limões, dez milhões, meio limão.

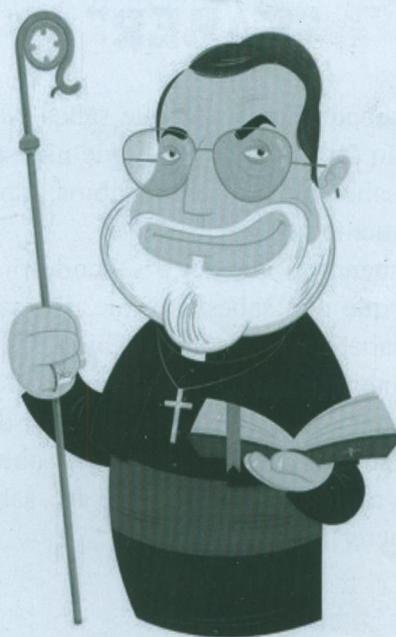
Um limão, dois limões, três limões.

Um limão, dois limões, três limões, meio limão.

## “DESCONSTANTINOPLA”

Se o príncipe de Constantinopla quisesse se desconstantinopolizar, qual seria o desconstantinopolizador que iria a Constantinopla para desconstantinopolizá-lo?

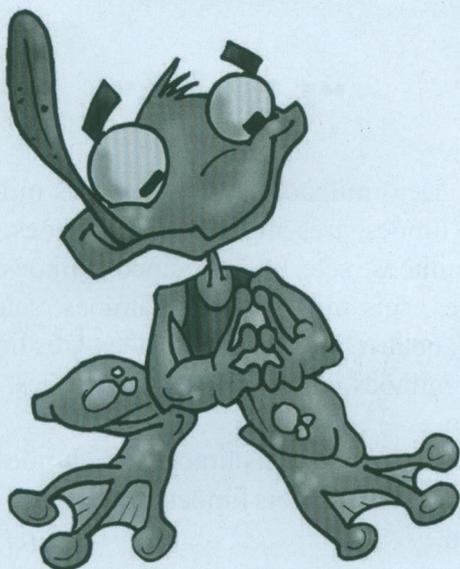
O arcebispo de Constantinopla será desarcebispoconstantinopolizado; quem o desarcebispoconstantinopolizará? Quem o desarcebispoconstantinopolizar, bom desarcebispoconstantinopolizador será.



Se o bispo de Constantinopla a quisesse desconstantinoplatanilizar, não haveria desconstantinoplatanilizador que a desconstantinoplatanilizaria desconstantinoplatanilizado-ramente.



## “SAPO”



O sapo Sabino sabia da sua saborosa sopa. O Sapo Sapudo só sabia que o Sapo Sabino sabia. O Sapo Sabino não sabia que o Sapo Sapudo sabia que ele sabia. A saborosa sopa suculenta tinha até polenta!

Um sapo dentro de um saco, o saco com o sapo dentro, o sapo batendo papo e o papo cheio de vento.

Olha o sapo dentro do saco, o saco com o sapo dentro, o sapo batendo papo e o papo soltando vento.

## “SABER”

Sabendo que sei, o que sabes e que sei, o que não sabes e que sei, o que não sabemos ambos, saberemos se somos sábios, sabidos ou simplesmente sagazes.

Sabendo o que sei e sabendo o que sabes e o que não sabes e o que não sabemos, ambos saberemos se somos sábios, sabidos ou simplesmente saberemos se somos sabedores.

Saber e querer, quem sabe vivi de saber querer saber, quem não sabe quer saber viver, vivendo a vida de saber e que é o saber sem saber querer!

## “P”

Pedro Paulo Pereira Pinto, pequeno pintor português, pintava portas, paredes, portais. Porém, pediu para parar porque preferiu pintar panfletos. Partindo para Piracicaba, pintou pra-

teleiras para poder progredir. Posteriormente, partiu para Pirapora. Pernoitando, prosseguiu para Paranavaí, pois pretendia praticar pinturas para pessoas pobres. Porém, pouco praticou, pois Padre Pafúncio pediu para pintar painéis, porém posteriormente pintou pratos para poder pagar promessas. Pálido, porém personalizado, preferiu partir para Portugal para pedir permissão para permanecer praticando pinturas, preferindo, portanto, Paris.

Partindo para Paris, passou pelos Pireneus, pois pretendia pintá-los. Pareciam plácidos, porém, pesaroso, percebeu penhascos pedregosos, preferindo pintá-los parcialmente, pois perigosas pedras pareciam precipitar-se principalmente pelo Pico, pois pastores passavam pelas picadas para pedirem pousada, provocando provavelmente pequenas perfurações, pois, pelo passo percorriam, permanentemente, possantes potrancas. Pisando Paris, pediu permissão para pintar palácios pomposos, procurando pontos pitorescos, pois, para pintar pobreza, precisaria percorrer pontos perigosos, pestilentos, perniciosos, preferindo Pedro Paulo precatar-se. Profundas privações passou Pedro Paulo. Pensava poder prosseguir pintando, porém, pretas previsões passavam pelo pensamento, provocando profundos pesares, principalmente por pretender partir prontamente para Portugal.



Povo previdente! Pensava Pedro Paulo... Preciso partir para Portugal porque pedem para prestigiar patrícios, pintando principais portos portugueses. Passando pela principal praça parisiense, partindo para Portugal, pediu para pintar pequenos pássaros



pretos. Pintou, prostrou perante políticos, populares, pobres, pedintes.

— Paris! Paris! — proferiu Pedro Paulo — parto, porém penso pintá-la permanentemente, pois pretendo progredir.

Pisando Portugal, Pedro Paulo procurou pelos pais, porém, Papai Procópio partira para Província. Pedindo provisões, partiu prontamente, pois precisava pedir permissão para Papai Procópio para prosseguir praticando pinturas. Profundamente pálido, perfez percurso percorrido pelo pai. Pedindo permissão, penetrou pelo portão principal. Porém, Papai Procópio puxando-o pelo pescoço proferiu:

Pediste permissão para praticar pintura, porém, praticando, pintas pior. Primo Pinduca pintou perfeitamente prima Petúnia. Por que pintas porcarias? — Papai — proferiu Pedro Paulo — pinto porque permitiste, porém preferindo, poderei procurar profissão própria para poder provar perseverança, pois pretendo permanecer por Portugal.

Pegando Pedro Paulo pelo pulso, penetrou pelo patamar, procurando pelos pertences, partiu prontamente, pois pretendia pôr Pedro Paulo para praticar profissão perfeita: pedreiro! Passando pela ponte precisaram pescar para poderem prosseguir peregrinando. Primeiro, pegaram peixes pequenos, porém, passando pouco prazo, pegaram pacus, piaparas, pirarucus.

Partindo pela picada próxima, pois pretendiam pernoitar pertinho, para procurar primo Péricles primeiro. Pisando por pedras pontudas, Papai Procópio procurou Péricles, primo próximo, pedreiro profissional perfeito. Poucas palavras proferiram, porém, prometeu pagar pequena parcela para Péricles profissionalizar Pedro Paulo. Primeiramente Pedro Paulo pegava pedras, porém, Péricles pediu-lhe para pintar prédios, pois precisava pagar pintores práticos. Particularmente Pedro Paulo preferia pintar prédios.

Pereceu pintando prédios para Péricles, pois precipitou-se pelas paredes pintadas.

Pobre Pedro Paulo, pereceu pintando...

Permitam-me, pois, pedir perdão pela paciência, pois pretendo parar para pensar...

## TRAVALÍNGUAS DIVERSOS

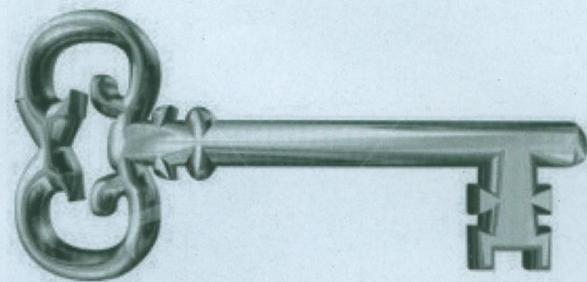


A vaca malhada foi molhada por outra vaca molhada e malhada.

A mulher barbada tem barba boba babada e um barbado bobo todo babado!

A rua de paralelepípedo é toda paralelepipedada.

A chave do chefe Chaves está no chaveiro.



A pipa pinga, o pinto pia.

A pipa pinga, o pinto piará babá boba bebeu o leite do bebê.

Blusa de ceda preta.

Caixa de graxa grossa de graça.

Cozinheiro cochichou que havia cozido chuchu chocho num tacho sujo.

Chega de cheiro de cera suja.

É muito socó para um socó só coçar.

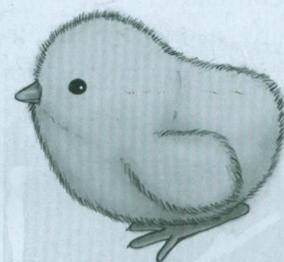
E a Rosa Rita Ramalho do rato a roer seria!

Eu cantarolaria. Tu cantarolarias. Ele cantarolaria. Nós cantaroláramos. Vós cantarolaríeis. Eles cantarolariam.

Eu congelo a água gelada com gelo que tem selo à prova d'água.

Em cima daquele morro tem um ferreiro velho que tem um fole velho.

Embaixo da pia tem um pinto que pia. Quanto mais a pia pinga mais o pinto pia!



Embaixo da pia tem um pinto, enquanto o pinto pia, a pia pinga.

Debaixo daquela pia tem um pinto; pia o pinto, pinga a pipa; a pipa pinga, o pinto pia.

Fui à loja do Sr. Bolas comprar bolas. Ora bolas para o Sr. Bolas que não tinha bolas na loja das bolas.

Joguei o jogo no jóquei João.

O júri jurou ante os jurados.

Jurema jogou a jarra no jacaré.

Lá de trás de minha casa tem um pé de umbu butando umbu verde, umbu maduro, u m b u seco, umbu secando.

Maria-mole é molen-



ga. Se não é molenga, não é maria-mole. É coisa malevolente, n e m mala, nem mola, nem maria, nem mole.

Norma nina o nenê da Neuza.

Nunca vi um doce tão doce como este doce de batata-doce.



Não confunda a obra de arte do mestre Picasso com a pica de aço do mestre de obras.

Não sei se é fato ou se é fita. Não sei se é fita ou fato. O fato é que você me fita. E fita mesmo de fato.

Num ninho de maçarico três maçaricozinhos há. Quem os desmaçariquizar, bom desmaçariquizador será.

Pode passar, porteiro, para pegar peixe piau.

O desinquivincavacador das caravelarias desinquivincavacaria as cavidades que deveriam ser desinquivincavacadas.

O dedo do Dudu é duro.

O doce perguntou ao doce qual o doce mais doce e o doce respondeu ao doce que o doce mais doce é o doce de batata-doce.

O Jurista ou jurisconsulto? Jurisprudência, Júri, Jurídico, Jurisdição, Juris Tantum, Juti et Juri... Juro, é jurisconfuso!

O marteleiro acertou Marcelo com o martelo. Martelo, marteleiro,



martelada, Marcelo, dor que não quero!

O original nunca se desoriginou e nem nunca se desoriginalizará.

O princípio principal do príncipe principiava principalmente no princípio principesco da princesa.

O pato Patolino deu patada na pata Patativa!

O prestidigitador prestativo está prestes a fazer uma prestidigitação prodigiosa e pres-

tigiosa.

O Papa papa o papo do pato.

O tocador foi tocado com um taco tacado por um trocador!

O sabiá não sabia. Que o sábio sabia. Que o sabiá não sabia assobiar.

Quando eu digo, digo, não digo, Diogo? Quando digo, Diogo, não digo! Digo, por isto eu digo: digo ou Diogo?

Paca, tatu, cutia, não.

Paulo Pereira Pinto Peixoto, pobre pintor português, pinta perfeitamente, portas, paredes e pias, por parco preço, patrão.

Pia o pinto, a pipa pinga. Pinga a pipa, pia o pinto. O pinto pia e a pipa pinga.

Pode passar, porteiro, para pegar peixe piau.

Quando o velho toca o fole, tanto fede o velho fole, como o velho fole fede.

Quem nasce em Itaquaquecetuba é itaquaquecetubense, quem nasce em Caraguatutuba é caraguatatubense.

Quem com ferro, fere, com ferro, será ferido.

Quando lhe fala dá falha, falha-se a fala.

Rebola reboladeira, menina reboladora. Rebolando é que se rebola, cuidado para não pegar o "amigo" do ébola!

Se o papa papasse pão, se o papa papasse papa, se o papa papasse tudo, seria um papa papão!

Se o papa papasse papa, se o papa papasse pão, o papa tudo papaya, Seria um papa papão.

Se vai-e-vem vai e vem, vai-e-vem vai, se vai-e-vem vai e não vem, vai-e-vem não vai...

Se o caricato caracterizasse a caricatura do caricato, com que o caricato caractiraria a caricatura do caricato.

Seiscentos e sessenta e seis sucessivos sucessos sociais sensacionais.

Sou rouco e mouco um pouco louco.

Sofia, você sabia que o sábio não sabia que a sábia não sabia que o sabiá sabia assobiar?

Sucessos sucessivos sucederam em Sus-suí, para soluçante Suzana.

Tacho sujo, chuchu chocho.

Taquibaquígrafo aqui não grafa, sem garfo, girafa e garrafa, taquigrafou no telégrafo, até que taquicardia atacou!

Tati tatibitate, no Tibet titubeou,



em Itatiba bateu botas, em Itumbiara Itaqua-  
quecetubou!

Três papos de pato num prato de prata.

Triste trolha atrapalhado, de trepar tanta  
trapeira, consertar tanto telhado, estragar tanta  
goteira.

Troca o trinco, trás o troco, traz o troco,  
troca o trinco.

Uma espingarda lazarina, quem a desla-  
zarinizar um bom deslazarinizador será.

Uma trinca de trancas trancou o Tancre-  
do.

Uma placa de prata pregada numa pedra  
preta.

Um grego é gago, outro grogue é gagá.  
Tem um grego gagá e um grogue gago. Tem  
também grogue e um gago gagá.

Um pé de gabiropa "bem gabirobadi-  
nho". Quem bem o desengabiobar, bom de-  
sengabiobador seria.

Xuxa! A Sasha fez xixi no chão da sala.

Toco preto, porco crespo.

Tinha tanta tia tantã. Tinha tanta anta  
antiga. Tinha tanta anta que era tia. Tinha tanta  
tia que era anta.

O sabiá não sabia que o sábio sabia que o  
sabiá não sabia assobiar.

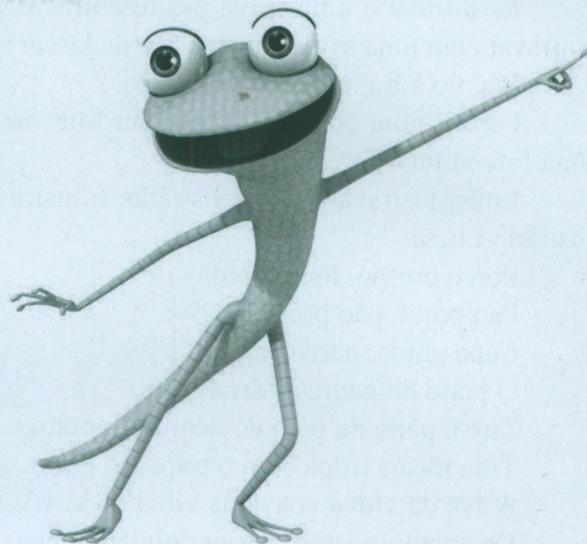


Disseram que na minha rua tem parale-  
lepípedo feito de paralelogramos. Seis parale-  
logramos tem um paralelepípedo. Mil parale-  
lepípedos tem uma paralelepípedovia. Uma  
paralelepípedovia tem mil paralelogramos.  
Então uma paralelepípedovia é uma paralelo-  
gramolândia?

Lalá, Lelé e Lili e suas filhas, Lalalá, Le-  
lelé e Lilili, e suas netas Lalelá, Lelalé e LeLa-  
li, e suas bisnetas, Lilelá, Lalilé e Lelali, e suas  
tataranetas Laleli, Lilalé e Lelilá cantavam em  
coro LALALALALALALALÁ.

Não confunda ornitorrinco com otorri-  
nolaringologista, ornitorrinco com ornitologista,

ornitologista com otorrinolarin-  
golo- gista, porque ornitorrinco é orni-  
torrinco, ornitologista é ornitologista e otorri-  
nolaringologista é otorrinolaringologista.



Larga a tia, lagartixa! Lagartixa, larga a  
tia! Só no dia que sua tia chamar lagartixa de  
lagartinha!

Cinco bicas, cinco pipas, cinco bombas.

Tira a boca da bica, bota na boca da  
bomba.

Bote a bota no bote e tire o pote do bote.

Quem a paca cara compra, paca cara  
pagará. Quem compra paca cara, pagará cara  
paca.

Quem cara a paca compra, paca cara  
pagará. Quem compra paca cara, pagará cara  
paca.

Se cada um vai à casa de cada um é por-  
que cada um quer que cada um lá vá. Porque se  
cada um não fosse à casa de cada um é porque  
cada um não queria que cada um fosse lá.

Gato escondido com rabo de fora está  
mais escondido que rabo escondido com gato  
de fora.

Lá vem o velho Félix com o fole velho  
nas costas, tanto fede o velho Félix, quanto o  
fole velho nas costas do velho Félix, fede.

A vaca malhada foi molhada por outra  
vaca molhada e malhada.

A vida é uma sucessiva sucessão de su-  
cessões que se sucedem sucessivamente, sem  
suceder o sucesso...

Atrás da porta torta tem uma porca mor-  
ta.

A naja egípcia gigante age e reage hoje,  
já.

A babá boba bebeu o leite do bebê.

B a - gre branco, branco bagre.

Devora dor doída,



distante da dor desmedida, daqui-lo dista dimensões, do devorador distinto!

É preto o prato do pato preto.

Essa trava é uma trova prá te entravar.

Entravar com uma trova é uma trava de lascar!

Fia, fio a fio, fino fio, frio a frio.

Farofa feita com muita farinha fofa faz uma fofoca feia.

Luiza lustrava o lustre listrado; o lustre lustrado Luzia.

Porco crespo, toco preto.

Pau preto, pão preto.

Capa parda, parda capa.

O peito do padre Pedro é preto.

Tire o papo do pato de dentro do prato.

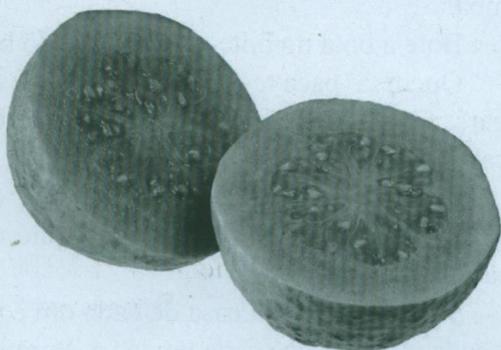
Titia toca a tropa com o trapo do prato.

A ave da viúva voava na viola do vovô.

Desinquivincaria, desinquivicaríamos, desinquivincaríeis.

Troque o trinco e traga o troco. Traga o troco e troque o trinco.

Um tatupeba. Quem o destatupebatizar, bom destatupebatizador será.



Uma goiaba verdolenga, quem desverdolengá-la um bom desverdolengador será.

Sou um original que não se desoriginalizará, nem quando todos os originais estiverem desoriginalizados.

Sabendo o que sei e sabendo o que sabes e o que não sabes e o que não sabemos, ambos saberemos se somos sábios, sabidos ou simplesmente sabedores.

Pedro Pereira Pedrosa pediu passagem para Pirapora.

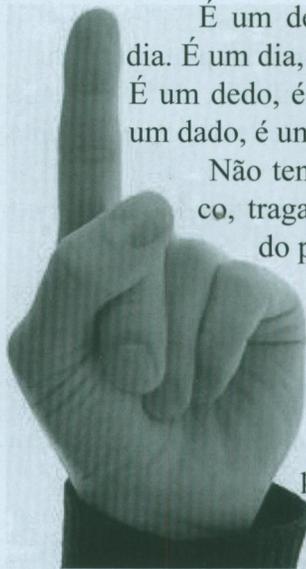
Essa pessoa assobia, enquanto amassa e assa a massa da paçoca de amendoim.

Debaixo daquela pia tem um pinto; pia o pinto, pinga a pipa; a pipa pinga, o pinto pia.

A pia pega e pinga. o pinto pega e pia, quanto mais o pinto pia, mais e mais a pia pinga

O padre Pedro partiu a pedra no prato de prata. A pedra partiu o prato de prata do padre

Pedro.



É um dedo, é um dado, é um dia. É um dia, é um dado, é um dedo. É um dedo, é um dia, é um dado. É um dado, é um dedo, é um dia.

Não tem truque, troque o trinco, traga o troco e tire o trapo do prato.

Tire o trinco, não tem truque, troque o troco e traga o trapo do prato.

Pardal pardo, por que palras? Pairo porque sempre parei, porque sou pardal pardo, palrador del-rei.

Pardal pardo, por que parlas? Parlo porque sempre parlei, porque sou pardal pardo, parlador del-rei.

Em cima daquele morro tem um ferreiro velho que tem um fole velho. Quando o velho toca o fole, tanto fede o velho fole, como o velho fole fede.

O cantarolador tagarelava depois de cantarolar. Se o cantarolador só cantarolasse, ele não tagarelaria.

Uma taça de chifre simples foi a acha para entrada no circo chinês.

A arara é alada. A arara paira. Paira ou não pairará, arara alada?

Pôr o rabo de barro num burro sem rabo.

Fale rápido, apressado: se ela foge, também fujo.

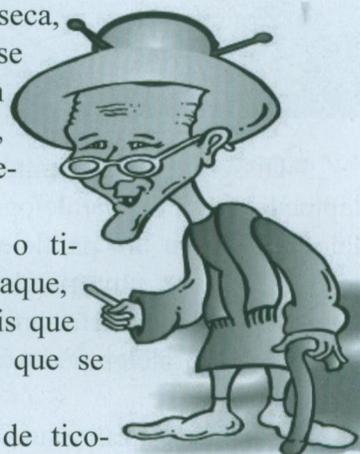
Um porco preto comendo chuchu chocho em tacho sujo.

Uma velha seca, seca, seca, se casou com um velho seco, seco, seco, seco, se secou.

Para ouvir o tique-taque, tique-taque, tique-taque, depois que um tique toca é que se toca um taque.

Um ninho de tico-tico com cinco tico-tiquinhos, quem tirar um tico-tico bom descoticotizador será.

Quando eu penso que tu pensas que eu já não penso mais em ti, esse pensar me faz pensar que já não pensas mais em mim.



O marteleiro acertou Marcelo com o martelo. Martelo, marteleiro, martelada, Marcelo, dor que não quero!

O padre pouca capa tem, porque pouca capa compra.

O que é que Cacá quer? Cacá quer caqui. Qual caqui que Cacá quer? Cacá quer qualquer caqui.



O tatuador tatuado tatuou a tatua do tatu. Tatua tatuada enfezada tatuou o tatu e o tatuador já tatuado!

Para ouvir o tique-taque, tique-taque, tique-taque, depois que um tique toca e que se toca um taque.

Sabia que a mãe do sabiá não sabia que o sabiá sabia assobiar?

Se a liga me ligasse, eu ligava a liga, mas como a liga não me liga, eu não ligo a liga.

Língua custosa eu sei falar: água cheira chitangua tanguarita oratangua.

Quando toca a retreta na praça repleta se cala o trombone se toca a trombeta.

Atrás da pia tem um prato, um pinto e um gato. Pinga a pia, apara o prato. Pia o pinto e mia o gato.

Tecelão tece o tecido em sete sedas de Sião. Tem sido a seda tecida na sorte do tecelão.

Verbo "tagarelar" no Futuro do Pretérito: Eu tagarelaria, Tu tagarelarias, Ele tagarelaria, Nós tagarelariamos, Vós tagarelariéis, Eles tagarelariam.

Há quatro quadros três e três quadros quatro, sendo que quatro destes quadros são quadrados, um dos quadros quatro e três dos quadros três, e os três quadros que não são quadrados, são dois dos quadros quatro e um dos quadros três.

O Pedrinho é um bom piadeiro e eu sou Piadeiro Profissional! Piadeiro por profissão,

mas não sou só piadeiro não! Pedrinho também é piadeiro dos bons!

O tico-tico é amigo do Tico e do Téco. O Tico gosta mais do tico-tico e o Téco mais do Tico. Com o tico-tico, Tico e Téco tudo dá certo!

Perlustrando patética petição produzida pela postulante, prevemos possibilidade para pervencê-la porquanto percebem pressupostos primários permissíveis para propugnar pelo presente pleito pois prejulgamos pugna pretárita perfeitíssima.

Se sessenta e seis cerras cerram sessenta e seis cerejeiras, seiscentos e sessenta e seis cerras cerrarão seiscentos e sessenta e seis cerejeiras.



Vento veloz e vingativo varre a várzea com violência voraz.

Taquigrafia para quem não tem boa grafia. Bom taquígrafo não é bom grafador. Grafia por grafia, não tem haver com serigrafia nem com monografia!

Toco cru embaixo d'água. Toco cru pegando fogo. Toco cru embaixo d'água. Toco cru pegando fogo. Toco cru embaixo d'água. Toco cru pegando fogo.

Vida difícil é a vida de um homem que vive a vida envolvida na vida de uma mulher da vida.

Casa suja, chão sujo.

Fontes:

\*Acervo Luís Fernando Rabatone

\*iFolclore (Portal Folclore Brasileiro)

(<http://ifolclore.vilabol.uol.com.br/>)

\*Colaboradores iFolclore

\*Anuários do Folclore (FEFOL, Olímpia-SP)



# A VOZ NA FOLIA DE REIS: EXEMPLOS DO REISADO DE OLÍMPIA

*Jacqueline Ruzzene Falchetti*, *Thais dos Guimarães*  
e *Suzana Reck Miranda*

*Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)*

*"Agradeço a sua oferta  
Dada de bom coração  
Santo Reis é poderoso  
Ponha outra em vossa mão"  
Companhia Estrela da Guia, 2011*

## Introdução

**P**retende-se neste artigo apresentar os resultados iniciais da pesquisa de iniciação científica que está sendo realizada na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP), que investiga as características vocais das Companhias de Reis. Em janeiro de 2011 foram coletados materiais audiovisuais de três companhias de Reis de Olímpia, sendo elas: "Estrela da Guia", liderada pelo Mestre Valdevino, "Viajantes de Belém", do Mestre Natal, "Reis do Oriente", do Mestre Antônio. O objetivo é destacar o uso da voz no que diz respeito à cantoria, a aprendizagem e transmissão da tradição.

## Olímpia e a manifestação de Reis

Município do interior de São Paulo, Olímpia desde seus primeiros povoados foi caracterizada como uma terra fértil. Primeiramente, foi habitada por indígenas e imigrantes europeus. A partir de 1856, têm-se registro dos desbravadores dos sertões neste local, que buscavam novas terras e cultivos, vindos do nordeste Paulista e de Minas Gerais. Junto com eles vieram também os costumes religiosos, como o de erguer uma cruz nas terras que possuíam e construir uma capela para homenagear algum santo. No início, não havia religião estabelecida, mas o catolicismo possuía notável influência. Faziam-se cultos a alguns santos católicos, inclusive aos Reis Santos e o Natal era comemorado (MARANGONI, 2001, 2002, 2003). Olímpia é conhecida como "Cidade Menina Moça" e Capital Nacional do Folclore por ceder desde 1965 o Festival de Folclore, idealizado pelo Professor e Pesquisador José Sant'anna. A cidade também conta com um Museu de História e Folclore - chamado "Maria Olímpia". No local há objetos das folias de Reis da cidade, como: instrumentos, figurinos, bandeiras, máscaras, entre outros. As folias são consideradas as manifestações tradicionais mais características deste município (NUNES & SCARPINETTI, 2009, p. 53), local



**Museu Maria Olímpia**

<sup>1</sup> **Jacqueline Ruzzene Falchetti** é graduanda em Educação Musical (UFSCar) e bolsista FAPESP de Iniciação Científica.

<sup>2</sup> **Thais dos Guimarães Alvim Nunes** (co-orientadora) é doutoranda em Música (UNICAMP) e Professora Assistente do Departamento de Artes e Comunicação da UFSCar.

<sup>3</sup> **Suzana Reck Miranda** (orientadora principal) é Professora Adjunta do Departamento de Artes e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som, ambos da UFSCar.



que também é conhecido pelo grande número de Companhias de Reis residentes. Entretanto, este número vem se reduzindo. De acordo com 28º Anuário do Festival do Folclore, em 1991 a cidade promoveu o primeiro encontro de Folias de Reis reunindo 32 companhias locais. Já em 2010, segundo informações do Departamento do Festival, constavam somente 13 folias residentes.

## Folias de Reis

Folias de Reis são cortejos religioso-populares realizados entre o Natal e a Festa de Santos Reis que acontece no dia seis de janeiro, período no qual os participantes reproduzem a viagem dos Reis Magos a Belém. Conforme relatos bíblicos, estes Reis vieram do Oriente, guiados por uma estrela para adorar o menino Jesus que havia nascido durante o reinado de Herodes. Segundo Cavalheiro (2005) a passagem que narra esta história dos Três Reis é muito breve, deixando espaços para o imaginário popular, constituindo fértil terreno para a manifestação oral, que cria e recria diferentes versões. O Mestre da Cia. de Reis “Estrela da Guia”, em entrevista concedida especialmente para esta pesquisa, narra a seguinte versão:

*“Foi o dia do nascimento do menino Jesus, quer dizer 25 de março Maria concebeu, 25 de Dezembro Deus Menino nasceu, né? Ai da meia noite pro dia o galo deu sinal, surgiu a estrela da Guia, a estrela da guia foi até os três Reis do oriente, avisando que o menino Deus tinha nascido, e aí era: Berchior, Baltazar e Rei Gaspar. Logo que eles souberam da estrela da Guia foram visitar e anunciaram que o menino havia nascido. Ai cada um arriou seu camelo e saíram pra viajar, à procura do menino Jesus” (Mestre Valdevino, CIA de Reis Estrela da Guia, Abril de 2011).*

Tomando como base a transmissão através da memória, Cassiano (1998), dialogando com Brandão (1985), relata que as folias de Reis originaram-se da combinação entre os costumes das comunidades rurais, fatos bíblicos e celebrações da Igreja Católica. Cavalheiro (2007) também ressalta que a manifestação é feita através das contribuições da tradição oral e interpretações dos documentos apócrifos. Por tratar-se de uma manifestação da cultura popular, a pluralidade de influências e a transmissão oral devem ser consideradas. Portanto, torna-se diferente em cada ambiente.

A maior parte da bibliografia pesquisada (bem como as observações em campo) considera a estrutura da manifestação através de dois momentos: o giro e a festa de Reis. No giro, os participantes percorrem as casas arrecadando donativos para a festa final. Na festa dos Santos Reis - que encerra o ciclo das folias - os foliões comemoram os santos, agradecem as graças alcançadas e mais um ano de Folia.

As companhias em sua maioria são formadas por integrantes de uma mesma família, pois entre outras coisas, acredita-se que vão continuar repassando a tradição. As funções são divididas entre os seguintes personagens: o mestre (ou embaixador), o bandeireiro (quem carrega a bandeira), os instrumentistas, os cantadores e os palhaços (ou bastião, fardados, soldados, mascarados), variando a formação de acordo com as regiões.

O mestre é quem lidera o grupo, quem transmite os ensinamentos, quem cultiva a tradição e quem combina as responsabilidades e/ou compromissos com os participantes e os devotos. O bandeireiro tem como obrigação levar a bandeira e prezar por ela, uma vez que ela é considerada um objeto sagrado e importante, já que carrega a imagem dos Reis Santos. Na bandeira também estão os objetos dos devotos - fitas, fotos, dinheiro, flores, entre outros, que simbolizam as promessas.

Já os fardados (palhaços ou bastião) dançam freneticamente a cada verso entoado pelas flautas e, findado o canto, declamam alguns “salves”, louvando aos três Reis, a companhia, a Deus e aos devotos que os recebem. Eles também têm a função de arrecadar os donativos e convidar as pessoas das casas visitadas para a grande festa dos Reis.

Os instrumentistas executam as toadas para as cantorias, geralmente em instrumentos de cordas e percussão. Os cantadores são os “mensageiros” que cantam as profecias e costumam estruturar-se como um conjunto vocal, com a harmonização das vozes variando de região para região, de



Companhia de Reis  
Estrela da Guia

4 Histórias dos Reis Magos e do nascimento de Jesus de acordo com as passagens bíblicas (CAVALHEIRO, 2007).



toada para toada.

Vale reforçar que todos os integrantes/personagens têm sua funcionalidade e sua responsabilidade a ser cumprida em prol da companhia e dos Santos Reis. A devoção aos santos é feita através de promessas, que na sua maioria são cumpridas no período de sete anos. Os pagantes são os foliões, festeiros ou outros devotos.

A manifestação de Folia de Reis é secular e os rituais, danças e cantos foram se enraizando no imaginário popular. Conforme dito anteriormente, tais tradições costumam transformar-se no intuito de se adaptarem e dialogarem com vários contextos culturais. Por isso, mesmo com muitas características em comum, as companhias possuem diferenciações. Variam de região para região e até mesmo entre companhias de uma mesma cidade.

## A música de Reis: os tipos de toada

A música é fundamental neste tipo de manifestação, e cumpre o papel de preservação e fixação de valores, da memória de antepassados, da reiteração de ideais coletivos, muitas vezes religiosos. As manifestações e festividades populares agem de forma positiva na comunidade, pois valorizam a participação de cada indivíduo, fazendo com que estes se sintam integrantes ativos (IKEDA, 2004, p. 151).

Os elementos musicais da manifestação de Reis organizam-se de acordo com as toadas. Cavalheiro (2005) e o mestre da Cia. “Estrela da Guia” destacam que são basicamente três os tipos de toadas de Folias de Reis: a mineira, a paulista e a baiana. A organização vocal em cada uma delas é a seguinte:

- Na toada mineira, o mestre é o improvisador dos versos, o contramestre responde aos versos improvisados e também coordena as outras vozes, o contrato ajuda o contramestre, o tipe é a 3ª voz, o contratipe é como se fosse a voz do tenor cujo timbre é mais agudo, e o requinta (ou turina, tripa, tala) é a voz considerada sopranino, que emite a nota mais aguda na cantoria. Esta toada é de caráter lento, em comparação às outras (PORTO, 1982).

- Já a toada paulista possui o coro menos numeroso que a mineira, e o andamento é mais rápido. Organiza-se em quatro vozes, e tem como vozes principais a do mestre e do contramestre. As outras duas vozes são os respondedores (CAVALHEIRO, 2005).

- A cantoria da toada baiana é organizada somente com duas pessoas - o mestre e o contramestre - que cantam juntos. Não há coro respondedor, pois quem faz a resposta dos cantos são os instrumentistas (como as flautas), e o andamento é bem mais rápido que o das outras toadas. Este tipo de toada é muito comum na cidade de Olímpia. Nela o mestre improvisa e o contramestre canta simultaneamente. O Mestre Valdevino, da Cia. Estrela da Guia, destacou que uma das dificuldades da toada baiana é sua rapidez no ritmo e na improvisação dos versos, e que o bom resultado depende do alinhamento entre os dois cantadores.

Um fato peculiar da toada baiana são suas interações com a música caipira. De acordo com Tremura (2004) e com as análises do material coletado em Olímpia, a música caipira e a música da folia de Reis têm muitas características semelhantes, como as melodias melancólicas, as progressões harmônicas, uso da viola e do violão, a forma de cantar em dupla, a abertura das vozes, a preferência por tonalidades maiores, tempos binários, entre outras.

É interessante destacar que uma manifestação pode ter influenciado a outra. Ou seja, as folias de Reis, por serem manifestações seculares, podem ter fornecido a base para a música caipira, como relata Téo Azevedo no trabalho de Nepomuceno (2000) (apud TREMURA 2004, p. 03). Por outro lado, ao utilizar o rádio como meio de difusão, a música caipira alcançou espaços inimagináveis, o que pode ter contribuído para o acréscimo de outros elementos na música das Folias de Reis atuais (SAENGER, 2002, apud TREMURA, 2004, p. 03). As relações entre as duas manifestações são tênues, ficando por vezes impossível falar de uma sem citar a outra.

O Sr. Natal, Mestre da Companhia de Reis “Visitante caipira como influência em comum nas cantorias das folias

tes de Belém” cita a música de Reis, e destaca a seme-



lhança na abertura das vozes feita pelo mestre e contramestre, na toada baiana, com as vozes das duplas caipiras.

Em Olímpia, a toada baiana possui ainda outra característica peculiar: a presença das flautas. Os “flauteiros”, como são chamados, tocam e introduzem as melodias que antecedem as canções.

## A cantoria e o improviso

Nas Companhias de Reis, a performance vocal é vital, pois é através desta que os conteúdos são transmitidos e que a memória é fixada e reinventada. Zumthor (2005) acredita que em uma performance vocal o cantor “amolda fisicamente” o que uma palavra quer dizer. O cantor, ou declamador, através das características da sua vocalidade, seria capaz de reproduzir de um modo peculiar o fato que está cantando/contando. A força do seu discurso, da sua performance, é fundamental para o entendimento do que é dito/cantado. O canto libertaria as limitações da palavra, configurando transformações e novas sociabilidades. (ZUMTHOR, 2005, p.101). Estas colocações fazem sentido quando se observa a emoção e a fé com que os foliões transmitem os cantos de Reis. O canto incisivo demonstra a força e



Companhia de Reis do Oriente

crença no que dizem, e a intensidade é mantida do início ao fim dos rituais. A recepção dos fiéis também é sempre muito emocionada e carregada de fé.

As performances vocais das companhias ocorrem no giro e na festa de Reis, como já foi citado. Cada uma delas possui suas peculiaridades,

desde os aspectos visuais (como as roupas vestidas pelos foliões em cada ocasião), o tempo de duração de cada canção, as declamações do presépio, as saudações dos fardados e as cantorias para cada momento.

De um modo geral, no giro a cantoria ocorre da seguinte forma: canto de chegada, de louvação, de pedido e de agradecimento. Cada tipo de canto segue um conteúdo direcionado. Por exemplo, no canto de chegada o mestre canta pedindo para o devoto deixar a companhia entrar em sua residência. No canto de louvação do presépio, é preciso contar as histórias dos santos. No canto de oferta, o mestre pede um donativo para a festa de Reis e agradece através do canto de agradecimento.

Durante as pesquisas de campo, pode-se notar que a cantoria de Reis é o principal canal de comunicação entre os foliões, os devotos e os Santos Reis, ocupando lugar de destaque nas atuações das companhias, que se constituem e que têm como elemento especial o improviso.

Em muitas manifestações populares, o improviso ocorre na criação instantânea dos versos sobre uma mesma melodia. Entretanto, como discorrem Pimentel & Corrêa (2008), “Improvisar não é a arte de inventar todo o tempo versos e estrofes inéditas. Muitas vezes sua “artesanaria” está no fato de saber combinar palavras, frases e mesmo silêncios, recorrendo ao acervo de versos da tradição de que dispõe o poeta ou o cantador” (PIMENTEL & CORRÊA, 2008, p. 4).

O improviso, por ser uma ação do presente, só ocorre no ato da performance. Sendo assim, é no momento da performance (nas casas ou na festa de Reis) que o mestre cria os versos, textos que transmitem os fundamentos da manifestação. O improviso torna a tradição (remetente ao passado) completamente viva, em constante movimento, pois a cada novo ciclo de atuação da manifestação criam-se novos cantos.

Neste sentido, a expressão das Folias de Reis de Olímpia se dá nos “versos”, que são cantados e criados para os integrantes exporem sua crença, seus valores e sua gratidão aos santos.



Quase sempre narram o roteiro de como a manifestação se realiza e podem servir para compreensão, construção e reconstrução de suas histórias e finalidades (NUNES & SCARPINETTI, 2009, p.54).



**Companhia de Reis Estrela da Guia - Mestre e Contramestre**

*“A gente canta a palavra bem falada né? A pessoa tá [sic] ali ta entendendo tudo que a gente tá cantando, às vezes até acompanha junto pra ver se tá tudo certo o que a gente ta falando. O canto narra tudo que tá acontecendo (Mestre Valdevino, dezembro de 2011)”.*

O acervo de melodias dos foliões é muito vasto e o mestre, por ser quem conduz a cantoria, precisa ter conhecimento de todas elas. Por exemplo, durante quatro dias de giro da Cia. Estrela da Guia, foram coletadas 15 melodias diferentes.

Na toada baiana o improviso aparece como destaque e desafio. Trata-se de uma toada mais rápida que exige maior destreza do mestre, que improvisa, e do contramestre, que canta simultaneamente. O dueto pode ser visto como uma espécie de jogo cuja regra é organizar e encaixar frases ao longo da cantoria, de acordo com a percepção do ambiente ao redor. Apesar de haver textos e melodias recorrentes, o mestre e contramestre lidam, a todo o momento, com variadas percepções: auditivas, visuais, táteis. Conforme relato do Mestre Valdevino:

*“A gente quando chega numa casa primeiramente a gente olha tudo que tem né? Às vezes você encontra uma ferradura, às vezes você encontra uma imagem, às vezes você encontra qualquer tipo de coisa que seja natalina, né? Da época de natal. Então você tem que ficar prestando atenção, assim em termo de entrar pra ver o que você vai encontrar né? (Mestre Valdevino, dezembro de 2011)”.*

Há uma organicidade entre mestre e contramestre. O contramestre precisa acertar as palavras e cantar no intervalo correto durante a cantoria. Sua voz não deve soar mais aguda do que a do mestre. Para cumprir todas as “exigências”, eles cantam um de frente para o outro. Segundo relato do Mestre Natal, repete-se a primeira frase criada pelo mestre para que, na segunda vez, o contramestre possa cantar com mais segurança.



# Considerações finais

A transmissão de conteúdo através da voz é uma prática que remonta aos primórdios da história das civilizações e que ainda ecoa, de diferentes formas, nos mais diversos contextos culturais. A voz é vista como uma das formas de expressão mais resistentes do mundo atual, claro que via novas perspectivas, diferentes das formas tradicionais (ZUMTHOR, 2007, p. 62). Como aponta Valente (1999), a voz em sua posição atual, dita ou cantada, pode operar no meio ambiente como elemento de comunicação com o sagrado, como importante componente do ritual das manifestações e como forma de socialização, o que se confirma em situações coletivas com a Folia de Reis.

Para grupos sociais como os envolvidos no reisado, pode-se dizer que uma “memória” se constitui através da voz. Sendo assim, não há dúvida de que a voz ocupa lugar e função importante nestas comunidades. Ela é um elemento fundamental tanto para a transmissão desta memória como para a sua manutenção e continuidade.

## Referências

CASSIANO, Célia M. Memórias Itinerantes: um estudo sobre a recriação das folias de Reis em Campinas. Dissertação de Mestrado em Multimeios. Universidade Estadual e Campinas. Instituto de Artes, Campinas, 1998.

CAVALHEIRO, Carlos C. Nos passos da Folia de Reis. 2005. Disponível em: [http://www.crearte.com.br/carlos\\_textos\\_t05.htm](http://www.crearte.com.br/carlos_textos_t05.htm). Acesso em: 24 de mai. de 2011.

\_\_\_\_\_. Folia de Reis de Sorocaba. Sorocaba: Edição do Autor, 2007.

IKEDA, Alberto T. Música na Terra Paulista: da viola caipira a guitarra elétrica. In: Manifestações Artísticas e celebrações populares no estado de São Paulo. São Paulo, Imprensa Oficial, 2004. (vol. 3 Coleção Terra Paulista)

MARANGONI, José Maria de Jesus (org.). Olímpia – Cidade Menina Moça 1857-1941. Olímpia: Centrograf: 2001. Vol. I.

\_\_\_\_\_. Olímpia – Cidade Menina Moça 1941-1965. Olímpia: Centrograf: 2002. Vol. II.

\_\_\_\_\_. Olímpia – Cidade Menina Moça 1966-2003. Olímpia: Centrograf: 2003. Vol. III.

NUNES, R. da Silva; SCARPINETTI, A. José. História oral de vida e tradição oral: Manifestações tradicionais culturais de Olímpia – O anônimo se faz público. Olímpia: Anuário, 2009.

PIMENTEL, Alexandre; CORRÊA, Joana. (Org.). Na ponta do verso: Poesia de Improviso no Brasil. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2008.

TREMURA, W. Alves. A música caipira e o verso sagrado na folia de Reis In: Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o estudo da Música Popular, 2004. Disponível em: [www.hist.puc.cl/historia/iaspm/iaspm.html](http://www.hist.puc.cl/historia/iaspm/iaspm.html). Acesso em: 10 de novembro de 2010.

VALENTE, H. de Araujo Duarte. Os cantos da voz: entre o ruído e o silêncio. São Paulo: Annablume, 1999.

ZUMTHOR, Paul. Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. Performance, recepção, leitura. 2ª Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.



# AS FOLIAS E SEUS ENCONTROS



*Luis Ricardo Gonçalves  
Jornalista e Diretor Cultural - Ubarana/SP*

Quando falamos de um grande encontro com muito colorido, animação, música e fé, com certeza falamos dos tradicionais encontros de Folias de Reis espalhados por todo país. Trata-se de uma bonita festa, que contagia muita gente e que faz parte da tradição de louvar os Três Reis Magos, que visitaram Jesus em sua mangedoura, levando ouro, incenso e mirra.

Em Ubarana, cidade localizada a 100km de Olímpia, o tradicional encontro já acontece há 19 anos e reúne muita gente no mês de junho para prestigiarem as diversas companhias vindas de toda região.



As companhias chegam pela manhã e logo são recebidas, um almoço é servido a todos os foliões, em média 800 refeições. A sequência do encontro se dá com a afinação dos instrumentos e a contemplação do 1º arco, este feito de bambu e enfeitado com flores artesanais. São três arcos e uma média de 10 minutos em cada um para que a companhia ali se apresente e cumpra a tradição.

O palco é o destino de todas as companhias onde ali são recebidas com muito carinho e aplausos para que façam sua participação principal.

Quanta alegria dos coronéis, que com suas máscaras e roupas floridas divertem a todos du-

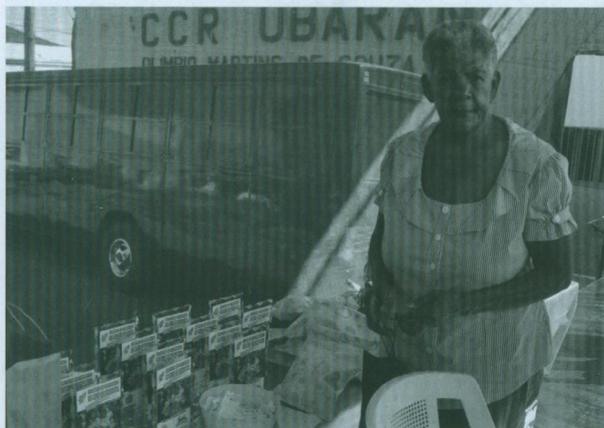
rante a apresentação! São pulos, palmas, piruletas e lutas com suas espadas, simbolizando os guardiões do Menino Jesus e da Bandeira de Santos Reis.

As canções são entoadas com muita fé e é possível ver isso em cada integrante, que, com gritos e olhos fechados, levam ao céu suas orações em versos cantados.

Em Ubarana, destaco a figura do saudoso “Tião Canela”, uma figura ilustre, que, com seu violino, levou muita alegria em suas apresentações com a Companhia de Reis “Caminho de Belém”. Tião não sabia muitas notas, mas com o que sabia, tocava de coração para o público, mas tocava principalmente para ele, Santos Reis e para Deus.



O encontro da cidade conta com uma turma animada, composta por “enfeitadeiras”, arrumadeiras e cozinheiras, várias senhoras que 3 meses antes já começam a fazer as flores e bandeirinhas de papel, enfeitar instrumentos e deixar tudo pronto para decorar o local do encontro, a praça da matriz da cidade.



A incansável Iracema é presença confirmada na organização do encontro e se encarrega de quase tudo: ligar para companhias, pedir brindes, fazer enfeites, um grande serviço que todas as cidades precisam realizar para que o encontro aconteça. Nota-se o amor com que a Dona Iracema faz tudo isso, juntamente com outros vários colaboradores e devotos de Santos Reis.



A Companhia da cidade é presença confirmada todos os anos no FEFOL de Olímpia. Os integrantes fazem questão de ir e participar deste fantástico evento que a cada ano fortifica ainda mais nossa cultura.

Olímpia também comparece ao encontro em Ubarana quase todos os anos e leva a beleza em suas canções e vestimentas.



Este ano o encontro de Foliagens de Reis da Cidade aconteceu no dia 17 de junho e mais uma vez foi um grande sucesso. Várias companhias abrilhantaram o evento e o público compareceu para ver mais uma vez esta manifestação religiosa e folclórica.



O olimpiense André Nakamura foi nosso convidado especial este ano durante o encontro de Ubarana. André é muito querido por todos da companhia e durante algumas horas, pôde ver de perto aquela maravilhosa festa e homenagear algumas companhias com um lindo troféu, objeto dado a todos os mestres das foliagens presentes como lembrança do encontro realizado na cidade.



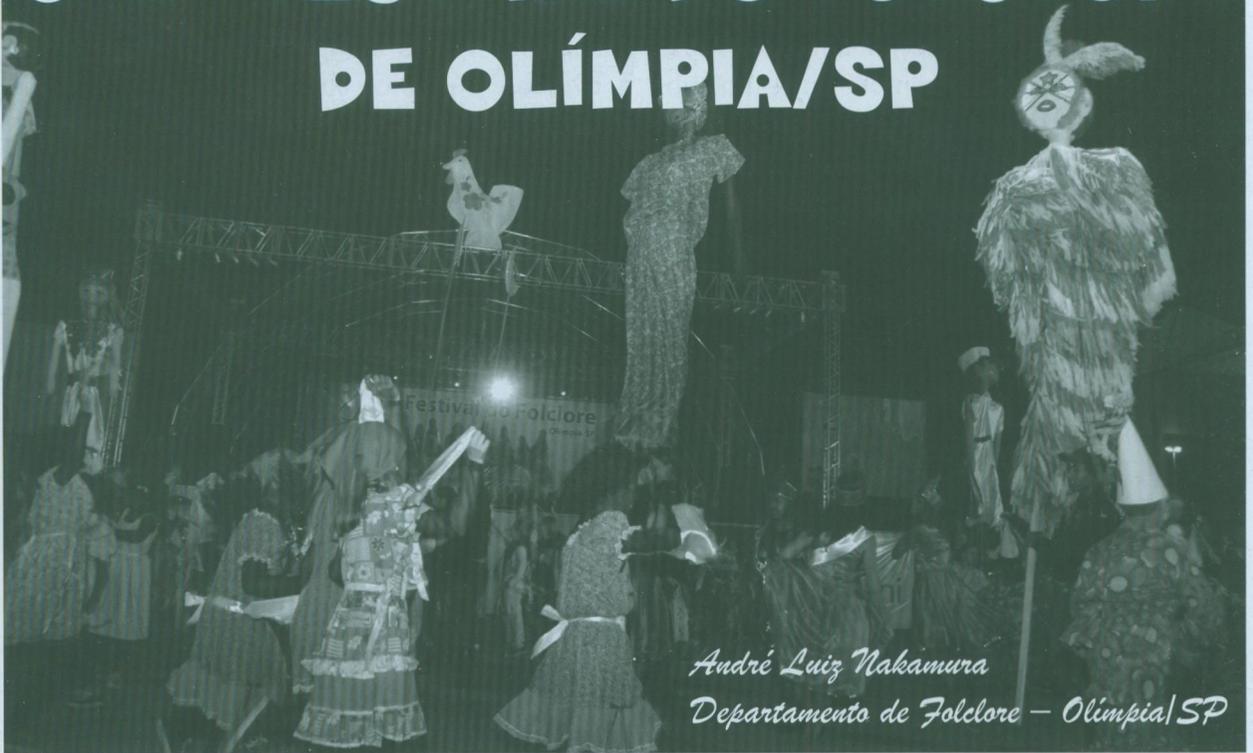
Uma grande atração cultural que com certeza cultua a fé de muitos devotos de Santos Reis. É a maneira que o povo simples traz em seus rostos e seus movimentos para demonstrar sua devoção. O respeito a nossas tradições e a continuidade devem ser passados para gerações futuras, a fim de fortalecermos cada vez mais nossa cultura e nosso folclore.



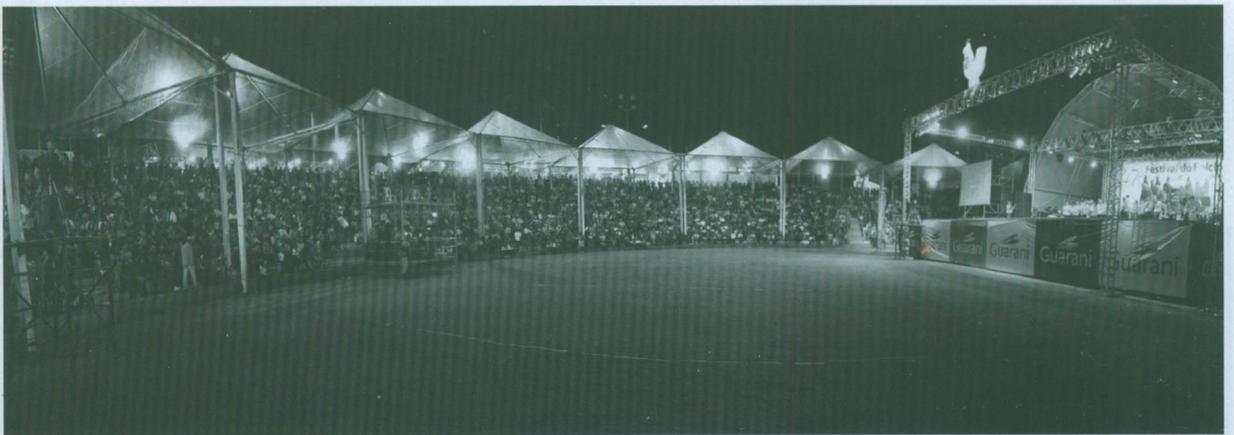
Companhia de Reis “Caminho de Belém” - Ubarana-SP



# O 47º FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA/SP



## ESPETÁCULO DE ABERTURA



Depois dos discursos oficiais e do hasteamento das bandeiras, teve início o espetáculo de abertura do 47º Festival do Folclore, realizado pela Secretaria Municipal de Educação de Olímpia/SP, cujo tema foi “Olímpia se veste com as cores potiguares para receber o Brasil”, em



alusão ao Estado homenageado nessa edição de nossa festa maior, o Rio Grande do Norte. Cerca de 195 crianças da rede municipal de ensino participaram do espetáculo, além de 20 dançarinos do Grupo de Danças Parafolclóricas “Frutos da Terra”, 40 integrantes do Grupo de Dança “São Gonçalo”, ambos de Olímpia/SP, 30 dançarinas do Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina, de São Gonçalo do Amarante-RN e diversos artistas do Estado do Rio Grande do Norte, presentes no 47º FEFOL. Aproximadamente 290 participantes petáculos de abertura, na

diretos esmeraram-se na realização desse sensacional es-





arena e no palco principal da Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”. Fizeram parte das atrações: alegorias de mamulengos e do “Galo Branco”, símbolo do folclore potiguar, crianças vestidas como palhaços de Folias de Reis, o poeta potiguar, Paulo Varela, declamando versos sobre os eminentes e inesquecíveis folcloristas Luís da Câmara Cascudo e José Sant’Anna, seguido de um vídeo exibindo no telão um pouco da história desses dois grandes nomes do Folclore brasileiro. Em seguida, Alex Ivanovich, o Palhaço “Xapuletata”, anunciou a entrada das pastorinhas, interpretadas por alunas da rede municipal de ensino de Olímpia-SP, e das dançarinas do Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina, de São Gonçalo do Amarante-RN (motivo do cartaz do 47º FEFOL). As crianças fizeram representações coreográficas inspiradas no folguedo do Boi que é típico dos potiguares, o Boi Calemba, e na Dança do Coco, encerrando o espetáculo com o “Pastoril da Rede Municipal de Ensino”, ao som da música “Pastoril Feliz”, de autoria de Edward Marques da Silva (Prof. Wadão), numa homenagem a todos os grupos do Rio Grande do Norte.



A criação de elementos cenográficos foi da Profª Maria Aparecida Pereira, e a Coordenação Artística e Coreográfica, do Prof. Tiago Pessoa Lourenço, com a Coordenação Geral da Profª Eliana Antônia Duarte Bertonecello Monteiro, Secretária Municipal da Educação. Também merecem nossos cumprimentos as inúmeras pessoas que colaboraram na confecção de roupas, acessórios e elementos cenográficos, entre diretoras e coordenadores de escolas, funcionários, pais de alunos, supervisoras de ensino, coordenadores pedagógicos, motoristas, enfim, um extenso número de colaboradores que auxiliaram na preparação do belíssimo espetáculo de abertura da 47ª edição da nossa festa maior.



# APRESENTAÇÕES NO PALCO

Diversamente de todas as outras edições do Festival do Folclore, o 47º FEFOL se realizou no mês de julho, visando a um público maior, em razão da presença de muitos turistas em Olímpia por ocasião das férias escolares fruídas nesse mês, e também para que não houvesse interrupção das aulas na rede municipal de ensino, visto que as dependências das unidades escolares eram utilizadas durante o evento.



Caboclos de Major Sales/RN, Boi Calemba Pintadinho, Rei de Congo, de Major Sales/RN São Gonçalo do Amarante/RN, Companhia Macambirais, de Passa e Fica/RN e o Balé Popular Mário Covas, também de Passa e Fica/RN.

No decorrer da semana, a partir das 20 horas, grupos folclóricos e de projeção folclóricas se apresentaram no palco principal da Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna, cuja arquibancada foi coberta para recepcionar o público de modo ainda mais acolhedor:

Dia 24/07/2011 - Domingo: Terno de Moçambique São Benedito - Olímpia/SP; Cia. de Reis “Magos do Oriente” - Olímpia/SP; Cia. de Reis “Lapinha de Belém” - Olímpia/SP; Recomenda das Almas - Olímpia/SP; Grupo da Terceira Idade - Olímpia/SP; Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina - São Gonçalo do Amarante/RN; GODAP - Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” - Olímpia/SP; Grupo Parafolclórico “Andora”, da Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória/ES; Grupo Folclórico “Filhos da Terra” - Palhoça/SC; Grupo de Projeção Folclórica “Kuarup” - Parauapeba/PA; Grupo Folclórico “Boi Calemba Pintadinho” - São Gonçalo do Amarante/RN; Grupo de Carimbó “Sancari” - Belém/PA; Grupo de Expressões Parafolclóricas “Flor da Serra” - Chã Preta/AL; Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Serra” - Osório/RS; Grupo Parafolclórico “Sabor Marajoara” - Belém/PA.



festação Cultural “Mayaná” - Ananindeua/PA; Cia. de

Dia 25/07/2011 - Segunda-feira: Cia. de Reis “Mensageiros da Paz” - Olímpia/SP; Cia. de Reis “Os Filhos de Maria” - Olímpia/SP; Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina - São Gonçalo do Amarante /RN; Grupo Parafolclórico “Andora” da Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória/ES; Grupo Folclórico “Lindroamor Axé” - São Francisco do Conde/BA; Rei de Congo - Major Sales/RN; Balé Popular “Mário Covas” - Passa e Fica/RN; Caboclos de Major Sales/RN; Grupo de Mani-Danças e Cultura Popular





Dia 26/07/2011 – Terça-feira: Cia. de Reis “Caminho de Belém” – Olímpia/SP; Cia. de Reis “Estrela Guia” – Olímpia/SP; Cia. de Reis “Viajantes de Belém” – Olímpia/SP; Bacamarteiros – Carmópolis/SE; Grupo Folclórico Pastoral Dona Joaquina – São Gonçalo do Amarante/RN; Associação Cultural Ambiental e Desportiva “Balé Folclórico Paramazon” – Belém/PA; Boi Calemba Pintadinho – São Gonçalo do Amarante/RN; Grupo de Expressões Parafolclóricas “Sabor Marajoara” – Belém/PA; Grupo Parafolclórico “Frutos da Terra” – Olímpia/SP; Congos de Oeiras/PI; Grupo de Carimbó “Sancari” – Belém/PA.

Dia 27/07/2011 – Quarta-feira: Cia. de Reis Incenso, Ouro e Mirra – Olímpia/SP; Cia. de Reis Estrela da Guia – Olímpia/SP; Grupo “São Gonçalo” – Olímpia/SP; Cia. de Reis Fernandes – Olímpia/SP; Grupo da Terceira Idade – Olímpia/SP; Associação Cultural “Anastasis” – Artes, Ciência e Solidariedade – Olímpia/SP; Cia. de Dança e Cultura Potiguar “Macambirais” – Passa e Fica/RN; Rei de Congo de Major Sales/RN; Grupo Caboclos Marajoaras – Salvaterra/PA; Grupo Folclórico Caboclos de Major Sales/RN; Grupo “Anjos da Guarda” – Maringá/PR; Grupo Parafolclórico “Frutos do Pará” – Belém/PA; Grupo Parafolclórico “Papanguarte” - “Balé Popular de Bezerros” – Bezerros/PE.



Dia 28/07/2010 – Quinta-feira: Terno de Congada “Chapéu de Fitas” – Olímpia/SP; Cia. de Reis “Os Visitantes de Belém” – Olímpia/SP; Associação de Capoeira “Raízes de Olímpia” – Olímpia/SP; Pastoral “Dona Joaquina” – São Gonçalo do Amarante/RN; Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” - GODAP – Olímpia/SP; Repente Paulista (Zé Antonio e Wagner) – Porto Feliz/SP; Grupo Universitário de Danças Parafolclóricas “Fogança” – Maringá/PR; Grupo Parafolclórico “Vitória Regia” – Cáceres/MT; Grupo Folclórico “Reisado de Zabele” Zabelê/PB; Associação Cultural - Maracatu “Az de Ouro”, com participação especial do Grupo Parafolclórico “Terra da Luz” – Fortaleza/CE; Grupo de Manifestações Culturais Mayaná – Ananindeua/PA.

Dia 29/07/2011 – Sexta-feira: Grupo Folclórico Pastoral “Dona Joaquina” – São Gonçalo do Amarante/RN; Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Serra” – Osório/RS; Grupo de Reisado Mirim “Mestre Zacarias de Matos” – Guarujá/SP; Associação Cultural “Anastasis” – Artes Cênicas e Solidariedade – Olímpia/SP; Grupo Parafolclórico



“Papanguarte” - “Balé Popular de Bezerros” - Bezerros/PE; Grupo de Cultura Popular do Maranhão “Boi de Palha” - São Luís/MA; Grupo Parafolclórico “Frutos da Terra” - Olímpia/SP; Grupo Parafolclórico DTG Pai João - Água Santa/RS.

Dia 30/07/2011 - SÁBADO: Grupo de Reisado Mirim “Mestre Zacarias de Matos” - Guarujá/SP; Grupo Folclórico de Fandango de Chilenas dos Irmãos Lara - Capela do Alto/SP; Associação Folclórica Reisado Sergipano e Bumba-meu-boi - Guarujá/SP; Grupo Folclórico Samba Lenço - Mauá/SP; Grupo Folclórico Jongo de Piquete - Piquete/SP; Grupo Folclórico “Caiapós” - São José do Rio Pardo/SP; Grupo Folclórico “Unidos a São Benedito do Parque Bandeirantes” - Taubaté/SP; Congada “Marinheiros de Franca” - Franca/SP; Congada “Unidos de Patrocínio” - Patrocínio Paulista/SP; Grupo Folclórico Moçambique “o Manhoso” - Ibiraci/MG; Terno de Congo “Os Marinheiros de Itaú” - Itaú de Minas/MG; Companhia de Reis “Unidos dos Marinheiros de Itaú” - Itaú de Minas/MG; Terno de Congada da Coroa do Menino Jesus “Família do Jerominho” - Passos/MG; Terno de Congo “Xambá” - São Sebastião do Paraíso/MG; Grupo Folclórico “Reisado de Zabelê” - Zabelê/PB; Grupo Folclórico Moçambique Diamante - São Sebastião do Paraíso/MG; Grupo Folclórico Pastoral Dona Joaquina - São Gonçalo do Amarante/RN; Associação Cultural Ambiental e Desportiva Balé Folclórico Paramazon - Belém/PA; Cia. de Dança e Cultura Potiguar Macambirais - Passa e Fica/RN; Grupo Folclórico Boi Calemba Pintadinho - São Gonçalo do Amarante/RN; Grupo Universitário de Danças Parafolclóricas “Fogança” - Maringá/PR; Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Serra” - Osório/RS; Grupo de Expressões Parafolclóricas “Flor da Serra” - Chã Preta/AL; Grupo de Expressões Folclóricas Caboclo Marajoara - Salvaterra/PA; Grupo Folclórico “Filhos da Terra” - Palhoça/SC; Grupo Folclórico “Lindroamor Axé” - São Francisco do Conde/BA; Grupo Parafolclórico “Vitória Regia” - Cáceres/MT; Associação cultural Maracatu “Az de Ouro”, com participação do Grupo “Terra da Luz” - Fortaleza/CE; Grupo de Cultura Popular do Maranhão “Boi de Palha” - São Luís/MA; Grupo Parafolclórico “Papanguarte” - “Balé Popular de Bezerros” - Bezerros - PE; Grupo de Projeção Folclórica “Kuarup” - Parauapeba/PA; Grupo “Anjos da Guarda” - Maringá/PR; Congos de Oeiras/PI; Grupo Parafolclórico “Pai João” - Água Santa/RS; Balé Popular “Mário Covas” - Passa e Fica/RN; Caboclos de Major Sales/RN; Batalhão de Bacamarteiros - Carmópolis/SE; Rei de Congo de Major Sales/RN; Grupo Parafolclórico “Frutos do Pará” - Belém/PA.



# APRESENTAÇÕES NO PALCO



# 22º SALÃO DE ARTES

Tendo por objetivo estimular a produção artística em Olímpia, foi realizada mais uma edição do Salão de Artes, concorrido evento que configura uma exposição que resulta de um concurso realizado na semana que antecede o Festival do Folclore.



Na manhã do dia 20/07/2011, na Casa da Cultura “Álvaro Marreta Cassiano Ayusso”, foram selecionadas as obras dos artistas para o 22º Salão de Artes.

A abertura do 22º Salão de Artes ocorreu no sábado, dia 23/07/2011, por volta das 19 horas, na Praça de Atividades Folclóricas Professor José Sant’anna.

As obras escolhidas pelos jurados, em conformidade com o regulamento e em condições de exposição, obedecem ao tema “Folclore Brasileiro – Crençices, Usos e Costumes”. As modalidades são pintura, artesanato, escultura, literatura, poesia e fotografia.

A artista plástica Reunivevones Brunhara Puttini, “Reonique”, coordena o evento.

Eis o resultado do Concurso:

## **Categoria Pintura Acadêmica**

1º Lugar: “Pataxó”, Kelly Riguetti

2º Lugar “Bacamarteiros”, Gustavo A Capellari

## **Categoria Pintura Moderna**

1º Lugar: “Folguedos Infantis”, Benedita C. Konkowski

2º Lugar: “Cartaz de Folclore”, Roberto Gomes

## **Categoria Escultura**

1º Lugar: “Festa Popular”, Romeu Ângelo Tamelini

2º Lugar: “O Curupira”, Suelen Najara de Melo

## **Categoria Artesanato**

1º Lugar: “Encontro de Bandeiras de Santos Reis”, Delfina Ribeiro Marcel

2º Lugar: “Presépio”, Eva Rodrigues de Souza

## **Categoria Fotos**

1º Lugar: “Jeca Tatu”, João Norberto Gianotto

2º Lugar: “Feitiço Sertanejo”, Paulo de Tarso Pereira

## **Categoria Poesia**

1º Lugar: “A Importância é a Essência do Evento”, Edward Marques da Silva

2º Lugar: “Da Infância ao Folclore”, Telia Conceição Prado Rodrigues



# 27º MINIFESTIVAL DO FOLCLORE

De 25/07/2011 a 29/07/2011, segunda a sexta-feira, das 14h30 às 16h, realizou-se mais uma edição do Minifestival do Folclore, evento promovido pela Secretaria Municipal de Educação, no qual se verifica uma apropriada seleção das atividades desenvolvidas no palco principal do FEFOL, a qual se destina a estudantes, cujo objetivo é incentivá-los a conhecerem e apreciarem a cultura popular brasileira. No Minifestival também ocorre a participação direta dos próprios alunos por meio da apresentação de danças e folguedos que aprenderam e praticaram nas unidades escolares municipais.



No dia 25/07, segunda-feira, participaram a Escola Municipal de ensino Básico - EMEB “Maurício César Alves Pereira”, com o tema “Feira de Mangaio”; a EMEB “Dona Luiza Seno de Oliveira”, com variadas danças populares; a EMEB “Theodomiro da Silva Melo”, com danças paraenses. A seguir, apresentaram-se os seguintes grupos: Centro de Tradições “Estância da Serra”; Grupo Folclórico Boi Calemba Pintadinho; Grupo Folclórico “Filhos da Terra” e Grupo Parafolclórico “Papanguarte” - “Balé Popular de Bezerras”.



**Dia 26/07/2011:** EMEB “Washington Junqueira Franco” - Catira, Dança do Coco e Araruna; EMEB “Professor Reinaldo Zanin” - Bois de Reis; EMEB “Professora Zenaide Rugai Fonseca” - Coco de Praia e Carimbo; Grupo Parafolclórico DTG “Pai João”; Grupo de Expressões Folclóricas “Caboclos Marajoara”; Grupo Folclórico “Lindroamor Axé”.



**Dia 27/07/2011:** EMEB “Professor José Sant’Anna” – Pastoril; EMEB “Santo Seno” - Xaxado, Frevo e Bumba Meu Boi; EMEB “Jardim Hélio Cazarini” - Danças Gaúchas; Grupo Folclórico “Cabocolinhos”; Grupo Parafolclórico “Vitória Régia; Grupo Parafolclórico PAPANGUARTE “Balé Popular de Bezerros”; Grupo de Cultura Popular do Maranhão “Boi de Palha”.

**Dia 28/07/2011:** EMEB “Joaquim Miguel dos Santos” - Dança do Coco; EMEB “Dona Luiza Seno de Oliveira” - Apresentações Diversas; Projeto de Danças Folclóricas da Secretaria Municipal da Educação de Olímpia - Pastoril Dona Luiza; Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Serra”; Grupo de Manifestação Cultural “Nayaná”; Grupo de Carimbó “Sancari”; Grupo de Expressões Folclóricas Caboclo Marajoara; Grupo Folclórico “Lindroamor Axé”.



**Dia 29/07/2011:** Grupo Parafolclórico “Vitória Régia”; Grupo de Projeção Folclórica “Kuarup”; Associação Cultural Ambiental e Desportiva “Balé Folclórico Paramazon”; Grupo de Cultura Popular do Maranhão “Boi de Palha”.



# GOVERNADOR DE SÃO PAULO NO 47º FEFOL



O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB) visitou o Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, na manhã do dia 28 de julho de 2011, por volta das 9h20, onde foi efusivamente recepcionado por mais de mil pessoas, entre agentes políticos, servidores públicos, populares, e centenas de integrantes de grupos folclóricos e parafolclóricos participantes do 47º FEFOL.

“Foi uma das recepções mais calorosas que recebi, não só do povo de São Paulo, mas também do Brasil através dos participantes do Festival de Folclore”, declarou o governador.

Mais de duas mil pessoas, incluindo grupos folclóricos e parafolclóricos de 16 Estados foram recepcionar Alckmin, que chegou de helicóptero no Recinto do Folclore.

## CASA DO CAIPIRA



Em todos os dias do Festival, a partir das 17 horas, houve rodas de violeiros e encontros com Companhias de Reis e outros grupos folclóricos, na Casa do Caipira, em cuja ‘comissão de frente’ estão o Prof. Roberto Arruda, Aparecida Zamperlini Zuliani, Maria Marlene Storto, Leda Ribeiro, Eudirce Bordon Benatti e Ângela Alencar, além das colaboradoras Vera Lúcia Storto, Lúcia Pereira Tosta e Maria Aparecida Nascimento.

Com apresentação do ‘sargento’ Correia e Moisés Macedo, da Rádio Menina AM, houve as seguintes apresentações: dia 23/07: Grupo de Violeiros “Mensageiros de Cristo”, Marcos Paulo e Cassiano, Dico e Guimarães; dia 24/07: Raimundo da Viola, Violeiros de Cajobi, Mario e Marinho, Fátima e Fernanda, Cia. de Reis “Magos do Oriente”; dia 25/07: Ferreira e Colinense, Garganta de Prata, Sr. Geraldo e Paula, Cia. de Reis Mensageiros da Paz; dia 26/07: Du Paloma e Palomita, Everton e Cia. de Reis “Caminho de Belém”; dia 27/07: Coral Raízes – Guaira/SP, Cia. de Reis Incenso, Ouro e Mirra; dia 28/07: Vinícius da Viola, Cheiroso, Cia. de Reis “Os Visitantes de Belém”; dia 29/07: Gaúchos/Tertúlias, Grupo Folclórico Pastoral Dona Joaquina; dia 30/07: Junior e Matheus, Márcio e Marcílio, Grupo de Reisado Mirim - Mestre Zacarias de Matos/Guarujá/SP.



# CORETO E CASA DE TAIPA



No Domingo, dia 23/07, foram inaugurados o Coreto e a Casa de Taipa, situados próximos à Casa do Caipira.

O Coreto foi doado pelo SESC de Catanduva (SP) e totalmente reformado pela Prefeitura de Olímpia.

A Casa de Taipa foi construída pelo poeta popular Paulo Varela, de Assú/RN, com a colaboração das mulheres do Projeto “Mãos à Obra”, de Olímpia/SP.

## SELOS COMEMORATIVOS

O lançamento o selo comemorativo do 47º Festival do Folclore de Olímpia se realizou no dia 23 de Julho, às 19 horas, na Praça de Atividades Folclóricas, no Pavilhão Cultural, fazendo parte dos eventos comemorativos da abertura da nossa festa maior.

O selo circulou nos dias em que se deu o evento, quais sejam, de 23 a 31 de julho, e o tema escolhido foi o brasão tradicional dos festivais \_ idealizado pelo Prof. José Sant’anna, criador do FEFOL \_ tendo feito par com o mapa do Brasil estampado com o Ipê Amarelo, tradicional árvore da flora brasileira, presente em nossa região.



das coleções dos olimpienses Éden Pereira, Akio

Na ocasião também ocorreu o lançamento de quatro selos (de emissão especial) em que se retrataram mitos do folclore brasileiro (Mãe-do-ouro, Boto, Mula-sem-cabeça e Curupira, em concepção pictórica de autoria do artista Jô Oliveira), além se um selo personalizado em comemoração ao evento que foram utilizados nas postagens de correspondências da Prefeitura Municipal de Olímpia e da Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro (6.012 selos personalizados foram produzidos).

Foram impressas 50 mil minifolhas, com valor facial de R\$ 1,10 cada selo (R\$ 4,40 a minifolha). Com relação aos selos, a tiragem foi de 300 mil unidades (75 mil quadras)

Também foi realizada a XXIII Olimpex – Exposição Filatélica de Olímpia, em que ficaram expostas, no Pavilhão Cultural, peças Abe e Omar de Nadai, inte-

presidido por Éden.



# CICLO DE PALESTRAS SOBRE FOLCLORE



Ana Maria Cascudo (filha do eminente Luís da Câmara Cascudo) em Olímpia/SP.

Ciclo de Palestras sobre folclore, realizado de 25/07/2011 a 28/07/2011, das 9h às 11h30, do qual participaram o Professor Severino e Dra. Ana Maria Cascudo Barreto, José Augusto Costa Junior e Wescley Cunha, Kahdynn Mendes de Melo, Prof.<sup>a</sup> Maria Tezera de Oliveira e Prof.<sup>a</sup> Sephora Maria Alves Bezerra

## OUTRAS ATIVIDADES



Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis



Campeonato do Truco



Campeonato de Malha



Campeonato de Bocha



Lançamento do Anuário do 47º FEFOL. Da esquerda para a direita, Paulo Duarte, Presidente da Comissão Executiva do FEFOL, André Nakamura, Diretor Executivo e de Edição do Anuário, e Cidinha Manzolli, Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia/SP.



Peregrinação Folclórica – Folclore na Rua



# RAINHA DO 47º FESTIVAL DO FOLCLORE



Em 2010, retomou-se a eleição da Rainha do Festival do Folclore, que se realizou de 1970 a 1976, nos respectivos festivais dessas ocasiões. Na época, todavia, cada agência bancária da cidade lançava sua candidata, que era eleita pela venda de votos, cuja renda auferida era revertida para a nossa festa maior.

Para o 47º FEFOL, o concurso foi realizado no Thermas dos Laranjais, às 20h, no dia 30 de junho de 2011.

Com figurino e apresentação inspirados nas regiões do Brasil, foram estas as participantes: Região Norte (Estado do Pará) - Escola Prof. Dalva Vieira Itavo, representante: Tayná Antoniassi Reis; Nordeste (Estado Rio Grande do Norte) - Escola Prof. Alzira Tonelli Zacarrel: Tiene dos Anjos; Centro-Oeste (Goiás) - Escola D. Anita Costa: Flavia Vicente Martinnuci; Sudeste (São Paulo) - Escola D. Anita Costa: Nathaly Francis Micheli; Sul (Rio Grande do Sul) - Escola Dr. Antonio Augusto Reis Neves: Yara Cristina Daroz.

Flávia Vicente Martinussi foi a vencedora.

A organização do evento ficou a cargo do Dr. Gilsom Carlos Miranda, integrante da Comissão Executiva do 47º FEFOL.



## SEPHORA FALA SOBRE A HOMENAGEM DO 47º FEFOL AO RIO GRANDE DO NORTE



“Todos os povos do mundo possuem um patrimônio de tradições e de costumes. Diferentes entre si, mas movidos pela mesma força inspiradora: a sabedoria espontânea que se aprende vendo e ouvindo os mais velhos. Alguns povos a mantêm acesa e viva dessa mesma maneira, outros precisam de homens diferenciados que, muitas vezes sacrificam suas vidas pessoais para que jamais esqueçamos a importância do que realmente sustenta a vida em grupo.

A cidade de Olímpia é um lugar privilegiado por Deus: primeiro, por ter vivido aqui um homem chamado Prof. José Sant’anna que amava essa sabedoria popular e cujo sonho mantém acesa a esperança de todos os povos unidos em prol de um folclore; segundo, por não medir esforços para inspirar ou-

mesmo deslumbramento: outros povos e outras gentes



a importância da paz que advém das manifestações populares. Todos os que aqui se chegam se deslumbram com a dedicação e a importância dada ao folclore.

Em 2011, na 47ª. Edição do Festival de Folclore, Olímpia se vestiu com as cores potiguares para receber e encantar o Brasil, mas, fomos nós os potiguares que nos encantamos com todo o calor e a alegria que nos receberam e nos aceitaram.

Desfilamos pelas ruas de Olímpia com as bandeiras mais significativas de nossa cultura, cantando e dançando ao som de tambores, violões e rabecas; vestindo sedas e fitas coloridas; brilhando pelos espelhos bordados nas vestes; encantando pela simplicidade dos gestos, dos sorrisos e dos nossos caminhos traçados com dignidade, antes de nós, pelos nossos ancestrais.

O Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina jamais esquecerá a importância de tantas e tão significativas homenagens. Os laços criados com o povo de Olímpia nos motiva ainda mais para mantermos acesas, por muitos e muitos anos, as chamas dos conhecimentos que aprendemos com nossas mães e avós.

Grupos centenários desfilaram suas histórias em Olímpia: o Boi Calemba Pintadinho, com seus 105 anos de história; o Pastoril Dona Joaquina, herdeiro de uma história também centenária; os Caboclos de Major Sales, com sua imponente batida; o Rei de Congo e sua alegria contagiante; os meninos dos Macambirais e sua representação de nossos bois e danças semi-desaparecidas e a força sensual do batuque dos cocos do Bale Popular Mário Covas, além de mestres e mestras que estiveram ali conosco.



Em Olímpia o Rio Grande do Norte passou a ser conhecido além das belas dunas e lindíssimas praias. Apresentamos um pouco da sapiência do nosso Luis da Câmara Cascudo pelos livros e textos apresentados, mas especialmente pelos seminários que trataram de seus estudos: As Cartas entre Mário de Andrade e Luis da Câmara Cascudo, ministrada pela Dra. Anna Maria Cascudo, sua filha; O Pioneirismo Potiguar nos Estudos do Folclore, ministrado pelo Prof. Severino

Vicente – Presidente da Comissão Norte-rio-grandense de Folclore; Os Gêneros da Literatura Oral do Rio Grande do Norte foram apresentados pelo Prof. José Augusto Costa Junior; Os pesquisadores Wecley Cunha e Ked Mendes apresentaram relevantes temas da contemporaneidade: o primeiro falou sobre Cultura Popular e Juventude e Ked Mendes, importante artesã do nosso Estado apresentou seu vasto conhecimento sobre o artesanato potiguar na palestra intitulada Trançando as Sabedorias Potiguares. Da cidade de origem do Pastoril Dona Joaquina, a Profa. Maria Tereza de Oliveira ministrou a palestra versando sobre a Valorização das Manifestações Culturais de São Gonçalo do Amarante-RN, tendo em vista que a cidade é considerada pelos mais renomados estudiosos como o berço da cultura popular no Rio Grande do Norte.

Em forma de poesia a riqueza cultural potiguar foi

apresentada por grandes



nomes da fotografia: o fotógrafo Wagner Varela nos brindou com duas exposições bastante premiadas: Dona Militana: Imagens e Versos e São Gonçalo do Amarante: O País do Folclore; o pesquisador Carlos Alexandre Feliciano apresentou As Feiras Livres Potiguares; o historiador e fotógrafo Gibson Machado contribuiu com Rendeiras de Jacumã; Folclore de Ceará Mirim: Força de Uma Terra de Canaviais; o Padre Antonio Murilo de Paiva – Capelão dos Mártires de Uruaçu – trouxe para Olímpia uma coletânea de fotografias de sua autoria denominada Os Mártires de Cunhau e Uruaçu – A Saga da Fé; do premiado fotógrafo Anchieta Xavier, As Marias, e sobre o grupo homenageado foram apresentadas ao público com o título Tradição e Contemporaneidade; A História do Pastoril Dona Joaquina - dos fotógrafos Antonio Scarpinelli (SP), Teotônio Roque, Isaias Carlos, Jr Figueiredo e do Acervo Particular do Prof. Deífilo Gurgel; Folclore Potiguar - Acervo Particular da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore, além de fotografias e objetos do Acervo Particular - Prof. Deífilo Gurgel; da cidade de Major Sales/RN vieram coletâneas sobre os Caboclos de Major Sales e Rei de Congo.



Destacamos o Acervo do Memorial Câmara Cascudo sobre a História de Câmara Cascudo, gentilmente cedido por sua diretora Daliana Cascudo. Some-se a Mostra de Vídeos e Documentários da Cultura Popular e do Folclore do Rio Grande do Norte, além da exposição e venda de livros de importantes autores potiguares, dentre eles, Câmara Cascudo, Anna Maria Cascudo, Deífilo Gurgel, Severino Vicente e Padre Antonio Murilo de Paiva.

Chamou a atenção de todos a Casa de Taipa, moradia típica do sertanejo potiguar, a arte do poeta popular Paulo Varela e a magnífica exposição do artesanato potiguar.

Não há palavras suficientes para agradecermos aos que se juntaram a nós nessa empreitada, mas, especialmente as seguintes instituições e pessoas que não mediram esforços para diminuir nossa tarefa de homenagear o solo potiguar: a Secretária Extraordinária de Cultura do Rio Grande do Norte – Isaura Amélia Rosado Maia; Secretário de Estado do Trabalho, Habitação e Assistência Social – Luiz Eduardo Carneiro Costa; Comissão Norte Rio-grandense de Folclore – Severino Vicente; Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo – Anna Maria Cascudo, Daliana Cascudo e ao Senhor Camilo Barreto; Fundação José Augusto, a Fundação Capitania das Artes; ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, as Prefeituras de São Gonçalo do Amarante, de Mossoró, de Major Sales e de Passa e Fica; a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Agradecemos, ainda, à Senhora Maria Aparecida Manzolli e equipe, à Profa. Eliana Bertocello e equipe, que nos propiciaram momento ímpar em nossas vidas, mas, eu, especialmente, agradeço ao apoio e a dedicação da artesã Ked Mendes que abriu mão de momentos importantes familiares para juntar-se a mim para apresentar aos Olimpienses as cores, as formas, os brilhos, a delicadeza da cultura potiguar e, certamente, sem seu apoio constante tudo teria sido mais difícil”.

*Prof.ª Sephora Maria Alves Bezerra*



# MARACATU “AZ DE OURO” E “TERRA DA LUZ” HOMENAGEARAM O PROF. FREITAS



No dia 26/08/2011, o “Terra da Luz” prestou homenagem (in memoriam) ao Prof. Freitas, em uma participação especial no Maracatu “AZ de Ouro”, de Fortaleza/CE, coordenado por Marcos Gomes, o qual veio pela primeira vez à nossa festa maior em 2008 (44º FEFOL). Convidado pelo próprio Prof. Freitas, Marcos veio, na ocasião, fazer pesquisas folclóricas e, como não poderia deixar de acontecer, ficou maravilhado com o evento.

No 47º FEFOL, veio com o Maracatu AZ de Ouro, trazendo alguns integrantes do “Terra da Luz”.

Vale ressaltar que o “AZ de Ouro” é o Maracatu mais antigo em atividade no Ceará, com 75 anos de existência. Aliás, foi a primeira vez que o FEFOL trouxe, na íntegra, um Maracatu do Ceará.

A homenagem foi realizada no mesmo palco em que Freitas, inúmeras vezes, discorreu sobre a cultura popular do Estado do Ceará.

O “Terra da Luz” apresentou várias danças e exibiu algumas imagens de Freitas no telão, em meio a emocionantes declarações sobre esse grande folclorista.



Francisco Silva de Freitas, criador e coordenador do Grupo Parafolclórico “Terra da Luz”, faleceu no dia 30 de novembro de 2010. Cearense de Fortaleza, Ceará, nasceu em 17/02/1947. Casado com Dona Ângela Lúcia, com quem viveu até seus últimos dias, deixa quatro filhos: Freitas Jr., Paulo Henrique, Ronald e Pedro Gabriel. Dona Ângela, ex-aluna do Prof. Freitas, depois se tornou sua companheira na vida e na arte, tendo herdado, naturalmente, o legado deixado pelo

eterno mestre do “Terra da Luz”, sempre ao seu lado, apoiando-o, na manutenção e resistência desse grupo muito querido dos olímpenses.

Amizade de longa data o ligava ao Prof. Sant’anna, que conheceu em Barretos, na década de 70, com o grupo de danças do SESI de Fortaleza, que Freitas coordenava, antes de criar o “Terra da Luz”, na década de 80. Em 2001, o grupo foi cartaz em sua 37ª edição. Embora o grupo fosse parafolclórico,

do Festival do Folclore o Prof. Freitas \_ grande





conhecedor da cultura popular brasileira \_ não descurava do conteúdo folclórico nas manifestações que reelaborava, mantendo-lhes a fidelidade possível. Bem humorado, alegre, espirituoso, entusiasta do folclore brasileiro, suas palavras ecoarão nesta arena sempre que um grupo cearense aqui se apresentar, em especial o Terra da Luz, que demonstra de modo espetacular a luminosidade das terras do Ceará.

Hoje, o Grupo Parafolclórico "Terra da Luz" está sob a Coordenação Geral da Prof.<sup>a</sup> e Folclorista Flaudenia Mendonça,

que teve o prazer de ter convivido e aprendido muito com o Prof. Freitas. Ela conta com total apoio de Ângela, e de Delaneo Batista, que é um forte colaborador administrativo, ressaltando-se, ainda, segundo Flaudênia, "os fiéis seguidores e aprendizes de muitos anos do Prof. Freitas e também muito conhecidos de Olímpia: nosso queridíssimo Zacarias, que é pura emoção, autor da



música oficial do 'Terra da Luz' no FEFOL ('Olímpia, voltei para te ver, Olímpia que saudades de você...'), Luizão (eterno Lampião), Vanusa (nossa eterna Mulher Rendeira), Enoc (músico, ex-

dançarino \_ diga-se de passagem que é um dos primeiros alunos do Prof. na época do SESI), Benício Júnior (ex-dançarino e hoje músico), Carlão (dançarino), Fábio Genuca (dançarino e orientador coreográfica), Israel Ribeiro (músico e orientador musical), Cicero Augusto (ex-dançarino, responsável pela cenografia e logística), sem esquecer os demais componentes do 'Terra da Luz', tanto os neófitos quanto os veteranos do grupo, todos compromissados em dar continuidade ao legado do grande mestre Freitas".



# DESFILE

A partir das 8 horas do dia 31 de julho de 2011, na Avenida Aurora Fórti Neves, realizou-se mais uma edição do sensacional Desfile que reúne os grupos folclóricos e parafolclóricos que participam da nossa festa maior.



Após a passagem do carro do corpo de bombeiros, dos policiais militares em motos e carro da polícia, houve as seguintes participações: um dançarino personificando o Curupira, com grupo de animação realizando malabarismos; uma porteira carregada por dois homens, a cada trinta metros, aproximadamente, “abria” alas para o carro da Rainha do 47º Festival; bandeira de



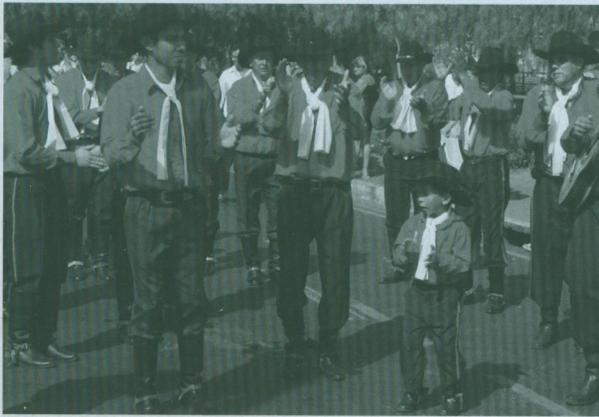
Olímpia carregada por quatro integrantes de grupos gaúchos; carro alegórico do Estado homenageado – Rio Grande do Norte (cartaz, a bandeira do Estado e o grupo “Pastoril Dona Joaquina”, motivo do cartaz do Festival); Fanfarra Municipal de Ubarana/SP; bandeiras de todos os Estados brasileiros carregadas por integrantes do Tito de Guerra de Olímpia; carro da Rainha do FE-FOL; “Ala de Sensibilização” em que participaram cadeirantes, integrantes do grupo da 3ª idade olimpiense, seguidos do carro alegórico composto pela Miss Olímpia, Miss Terceira Idade, Mister Olímpia e Mister Terceira Idade; “Ala Parafolclórica”, dividida em 5 regiões – Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, cada região com seu carro alegórico respectivo, intercalando grupos parafolclóricos das mencionadas regiões; Carro de mitologias e crenças – carro dos orixás, feito pelo grupo parafolclórico olimpiense “Frutos da Terra”; Ala das homenagens, a Zecca Scura, e ao Prof. José Sant’anna, criador do Festival; todos os grupos folclóricos presentes no evento, encerrando com grupos de violeiros.



O Desfile é coordenado pelo Dr. Gilsom  
Carlos Miranda.



# DESFILE



# GODAP COMEMORA 45 ANOS DE SUCESSO



No 48º Festival do Folclore, o GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça”, criado e presidido pela Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Araújo Manzolli, celebra seu Jubileu de Prata Dourada, comemorando seus 45 anos de sucesso.

O GODAP, cuja história é repleta de felizes êxitos, ostenta o nome de Olímpia de maneira espetacular em diversas partes do Brasil e do exterior, representando condignamente a nossa “Capital do Folclore”. Aliás, ostenta duplamente o nome de Olímpia em sua própria denominação, tanto no gentílico quanto no aludido epíteto (“Cidade Menina Moça”, que antecedeu o hodierno “Capital do Folclore”).



Esse grupo sensacional apresenta danças folclóricas paulistas, não mais praticadas espontaneamente, que seriam desconhecidas do grande público, se não fosse sua brilhante atuação; um grupo que leva e eleva o nome de Olímpia para inúmeros pontos do Brasil, e também do exterior.

## CIDINHA MANZOLLI - A CRIADORA DO GODAP



O GODAP, cujo repertório contém danças de todas as regiões brasileiras, foi criado e é até hoje dirigido por uma empreendedora e exímia folclorista, a Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Araújo Manzolli, que se distingue por sua diplomacia e por seu grande carisma.

Uma das primeiras seguidoras do Prof. José Sant’anna, a Prof.<sup>a</sup> “Cidinha Manzolli”, que participa do Festival do Folclore desde sua primeira edição, em 1965, com efeito, faz parte da história da nossa festa maior, como uma de suas protagonistas.

Como se disse no espetáculo de abertura do 38.º FEFOL, “se Deus fez um José, fez também uma Maria”.

Professora de Educação Ar-

tística, quase simultane-



amente com o Prof. José Sant'anna deu início a atividades artísticas e culturais com crianças e jovens, que ainda hoje desenvolve, com o GODAP.

Conforme consta do Programa-Convite do 31.º Festival do Folclore, programa que durante várias edições do evento produzíamos e o subscrevíamos com o Prof. José Sant'anna, esta história se iniciou há muitos anos, em 1967.

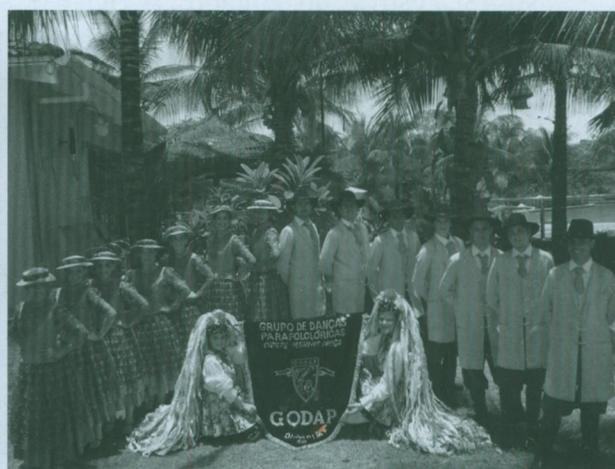
Antes, em meados da década de 50, em salas de aula do extinto Colégio Olímpia, o grande expoente olimpiense desenvolvia com seus alunos atividades e pesquisas concernentes à cultura popular, enquanto a Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli \_ que também sempre teve aquela força interior para o estudo da cultura do povo, segundo o mestre \_ acompanhava o trabalho por ele realizado com grande atenção e interesse.

Professora de música e canto em Guaraci-SP, amiga do grande luminar olimpiense, e admiradora do seu trabalho, a convite do grande folclorista, Prof. Sant'anna, procedeu à elaboração dos pentagramas de obras folclóricas como “Anjo Lindo” e “A Mosca e a Moça”.

A exemplo de Sant'anna, procurava inspirar o apreço e o interesse pelo folclore em seus alunos (dentre os quais, tivemos o grande prazer de estar, na década de 80).

Ao participar de um curso (“Folclore Musical”), promovido pelo Sindicato Rural de Olímpia, demonstrou, com seu acordeão, as diversas modalidades da música folclor. Sant'anna incumbiu-se da exposição teórica e Cidinha, da parte musical.

Em 1967, contagiada com o entusiasmo do criador do Festival do Folclore de Olímpia, instou junto a seus alunos que participassem da nossa festa maior.



Essa participação fez com que Cidinha e Sant'anna decidissem que um grupo fixo fosse então constituído.

Crianças e adolescentes da E.E.P.S.G. “Antônio Augusto Reis Neves”, e E.E.P.G. – “Capitão Narciso Bertolino” integram esses primeiros grupos. Ensaios e algumas apresentações se realizavam na quadra da antiga escola “Reis Neves” (era o começo de uma história repleta de êxitos do grupo parafolclórico de Cidinha).

Em 1968 – informa a Profª Iseh Bueno de Camargo – “Cidinha vai para o Rio Grande do Sul, em Caxias, entrando em contato com o CTG ‘Rincão da Lealdade’, apreciando as danças e informando-se, diretamente com Barbosa Lessa e, de forma indireta, com Paixão Cortes e sua obra musical. Trouxe do sul as danças seculares que popularizaram o gaúcho, os pampas, adaptou-se ao jeito paulista sem despersonalizá-la, entretanto. Mais tarde \_ prossegue Iseh \_ após a vinda de grupos do Norte e Nordeste, introduziu danças desses extremos do país: Asa Branca, Mulher Rendeira, Maneira-o-pau... A Dança do Bambu foi pesquisada em Ibitinga-SP sob o estímulo da diretora Marilena Ferreira Costa Neves, transmitida por uma professora de Educação Física da cidade. Danças paulistas, mais tarde ampliam os trabalhos, à luz das pesquisas de Maria Amália Giffoni: Chimarrita, Café, Cana Verde... Muita pesquisa foi feita com o pessoal das regiões onde as danças foram preservadas e um belo trabalho de montagem de coreografia, a fim que essas danças apresentassem, como hoje, a graciosidade dos olimpienses, a arte de Cidinha Manzolli, o folclore musical brasileiro”.

Desde então, acompanhando de perto as pesquisas Cidinha nelas busca subsídios para as atividades de seu

do Prof. José Sant'anna, grupo, sempre enriquecen-



do a indumentária, a música e a coreografia das manifestações que apresenta, sem, contudo, fugir ou desviar-se da essência folclórica, mantendo-lhe a fidelidade.

O grupo inicialmente foi denominado “Pau de Fitas”, mas, pouco depois, passou a chamar-se “Cidade Menina Moça”.

O Prof. José Sant’anna no Anuário do 33.º Festival do Folclore (capa), assim se pronunciou sobre o GODAP e a Dona Cidinha:

“Logo após a criação do Festival do Folclore de Olímpia (1965), a Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Araújo Manzolli, mais conhecida por Cidinha Manzolli, que sempre teve uma notável força interior para o estudo da cultura do povo, acompanhava nosso trabalho, revelando seu interesse e dedicação pela arte folclórica. Criou o grupo de danças, cujo objetivo era o de destacar o valor das danças e folguedos folclóricos, depois de ter viajado por grande parte do nosso país. Acompanhou-nos de perto e reuniu material para aplicação no seu projeto de trabalho. O material foi coletado junto a grupos folclóricos, com absoluta fidelidade, em observação direta, ou ensinado por mestres e dirigentes das danças e folguedos do folclore nacional. O grupo jamais descurou da essência folclórica, aproximando-se, ao máximo, da autenticidade possível. É trabalho que desenvolve e incrementa em nosso meio o hábito da dança do povo, existente em todo o território nacional, como atividade por excelência indicada para a integração social na comunidade. O objetivo é a educação rítmica, a estética e o exercício físico. Temos certeza de que a Prof.<sup>a</sup> Cidinha Manzolli atingiu a meta desejada e, assim sendo, muito podemos esperar do seu espírito de dedicação: culto, dinâmico e criador. É executante exímia, professora dedicada e resoluta. Sempre se nos afigurou uma curva ascensional. Desde criança a vemos em franca atividade, vivendo em busca do seu ideal, sobretudo no campo da música e da dança. O seu trabalho nos encanta, porque é sincero



e compreensível, lidando sempre com crianças e jovens na projeção da beleza simples das danças e folguedos do folclore brasileiro. São mais de 60 manifestações que o grupo apresenta. Para fins de demonstração, tira-se o máximo efeito da indumentária e movimentação do grupo. Já se apresentou em diversos estados do país, inclusive em programas de televisão. Hoje é grupo tradicional e conhecido em quase todos os pontos do Brasil”.

Em 1997, Sant’anna participou do I Festival Internacional da Laguna, Espanha, para o qual foi especialmente convidado e incumbido de designar um grupo que nele representasse o Brasil. O grupo que o mestre indicou foi o GODAP, da Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Araújo Manzolli (a qual se tornaria Presidente da Comissão Executiva do Festival Internacional de Folclore - FIFOL).

A partir daí, Sant’anna passou a ser membro do CIOFF, juntamente com o grupo, adquirindo o direito de realizar em Olímpia Festivais CIOFF – o consagrado Festival Internacional de Folclore, que completou sete edições, sob o comando de Cidinha Manzolli.

No 38.º FEFOL, por meio de Lei Municipal nº 2964/02, cujo projeto de Lei é de autoria do então Vereador, Dr. Vicente Augusto Batista Paschoal, a Arena da Praça das Atividades Folclóricas passou a denominar-se “Maria Aparecida de Araújo Manzolli”.

A homenagem foi tributada à Prof.<sup>a</sup> Cidinha Manzolli durante a abertura do 5.º Festival Internacional de Folclore, no dia 14 de abril de 2002.

Na entrada principal da arena foi instalada uma placa de bronze com as inscrições concernentes à denominação do local, em meio a notas musicais.

Atualmente, com as merecidas credenciais que ostenta, já ressaltadas pelo próprio Sant’anna, magno bastião da cultura em Olímpia, Cidinha, que presidiu é Coordenadora Geral do Setor de Folclore em nosso município.



# SUCESSOS DO GODAP

Em meados da década de 60, foi iniciado um trabalho de pesquisa, de abrangência nacional, coordenado pela Profª Cidinha Manzolli, para coletar músicas, danças, trajes e instrumentos musicais brasileiros.



“Em virtude de o Festival do Folclore ser realizado em nossa cidade (Olimpia-SP), decidiu-se criar um grupo de danças para apresentações durante o evento. Esse grupo pioneiro foi denominado Pau de Fitas e, posteriormente, Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas ‘Cidade Menina Moça’ (GODAP)”.

“A iniciativa tinha por objetivo o ensino do folclore como meio de formação educacional. Esse trabalho teve continuidade graças à dedicação e ao amor de seus participantes pela dança e pela música. Posteriormente, com a realização de cursos de folclore nas salas de aulas, houve maior engajamento de jovens e adolescentes. A partir daí, o grupo iniciou as apresentações públicas em praças, ginásios de esportes e recintos de festas em todo o Estado de São Paulo e por todo o Brasil”, segundo a própria Dona Cidinha (Anuário do 40.º Festival do Folclore, pág. 100).

Desde sua criação, esse grupo vem encantando pessoas de todos os níveis culturais e financeiros. Acompanhado e divulgado por jornais, rádios e TV, apresentou-se como convidado especial para presidentes da República, governadores, ministros, parlamentares e secretários de Estado.



O GODAP, que sempre teve o grande e determinante apoio do Prof. José Sant’anna, ao longo destes anos já contou com a participação de mais de 2.500 jovens, tem um repertório de danças folclóricas de quase todo os Estados brasileiros, dando ênfase às danças paulistas. São 80 bailarinos, 15 músicos que realizam cerca de trinta apresentações anuais, totalizando mais de mil durante sua existência.



Emocionante foi a homenagem realizada no 33.º FEFOL (em que o grupo era o cartaz do Festival) na qual os primeiros integrantes do GODAP \_ todos então com mais de quarenta anos, alguns bem “fora de forma”, como disseram na oportunidade \_ homenagearam a D. Cidinha Manzolli dançando no palco principal da arena que hoje leva o nome dessa grande folclorista.



Ensaïaram em segredo. Ninguém sabia de nada (apenas eles e o Prof. Sant’anna). Entraram de repente, no breve intervalo entre a apresentação de uma dança e outra do GODAP. Ela estava tocando acordeão, o qual se soltou de suas mãos e caiu de seu colo no momento em que ela percebeu o que estava acontecendo.

Já participou de inúmeros eventos, por vasta extensão do território nacional, em dezenas de cidades paulistas, por mais de uma ocasião, e em outros Estados do Brasil.

As danças que o grupo apresenta atualmente, entre outras, são as seguintes: Xote Carreirinho, Tatu, Tirana-do-lenço, Chula, Maçanico, Dança dos Facões, Roseira, Balaio e Malambo (da região Sul do Brasil); Balainha, Bambu, Café, Quadrilha, Pau de fitas, Chimarrita, Cana-verde de passagem e Tamboril (do Sudeste); Asa Branca, Xotes Pé-de-Serra, Mulher Rendeira, Baião, Caninha-Verde, Xaxado e Maneiro Pau (do Nordeste) e Xote Bragantino e Vaqueiro de Marajó (do Norte).

Com efeito, o GODAP, esmeradamente dirigido por Cidinha, é detentor da mesma projeção nacional que seu amplo repertório de manifestações apresenta, representativas do folclore de todas as regiões do país.



Um grupo espetacular, que vem se aprimorando cada vez mais, apresentando-se em vários eventos, festivais de folclore e programas televisivos, por quase todo o Brasil, e, nos últimos anos, também no exterior: Festival Internacional de Folclore, Laguna, Espanha, 1997; Festival Internacional de Folclore, França, nas cidades de Gueugnon, Romans, Burg Saint Maurice, Mios e Montguyon, 1999; Festival Internacional de Ayolas, Paraguai, 1999; 2.º CIOFF World Folkloriada, Japão, 2000; Festival Internacional de Folclore do México 2001; Festival Internacional de Folclore do Chile (2003); “Abril em Tarija”, Bolívia (2007) e participará do Festival Internacional de Folclore “Dancemos o Mundo”, na região de Basilicata, Itália, de 06 a 20 de agosto de 2012.

Ao GODAP e à Prof.ª Cidinha Manzolli patentecemos nossas mais entusiásticas congratulações pela comemoração de seus 45 anos de exemplar sucesso.



# DEFALQUES PARA O FEFOL



Manoel dos Santos, “Nelito”, o mais antigo e respeitado jornalista de Olímpia, faleceu no dia 29 de junho de 2012, aos 83 anos de idade. O “Tabloide da Nova Paulista”, jornal por ele fundado, circula há 51 anos na cidade. Foi nele, aliás, que se deu a publicação dos primeiros artigos do Prof. José Sant’anna sobre folclore. “Apesar da idade, era um ‘faz tudo’ de seu jornal: escrevia, diagramava, comandava e até entregava parte da circulação, atravessando a pé a cidade”, ressalta Leonardo Concon em seu blog. “Sua ética era a razão de ser querido por todos em todas as épocas traduzidas em mais de 50 anos de trabalho e devotamento à informação, criando fórmulas de enaltecer a vida social olimpiense, formando cidadãos de respeito àqueles que ao seu lado labutaram. A beleza de seus contos de verdade, muito engrandeceram o registro da história de Olímpia, cujos textos não poderão deixar de ser publicados como homenagem póstuma, pois é a verdade retratada em fatos singulares de uma sociedade fraterna amoldada no respeito e sabedoria popular e no folclorário brasileiro”, complementa, em seu blog, o Dr. Mário Montini.

Na tarde de 22 de maio de 2012, faleceu Jorge Maluly Neto, médico, empresário, fazendeiro e o político brasileiro com o maior número de mandatos consecutivos, 12 no total. Foi prefeito de Mirandópolis (1964-1966), deputado estadual (1967-1979) deputado federal (1979-2000) e foi prefeito de Araçatuba de 2001 até setembro de 2008. Foi filiado ao PSD, à ARENA, ao PDS, e, desde 1985, fez parte do PFL, tendo sido um dos seus fundadores, atual DEM. Em 1997, suas instâncias junto ao então Ministro da Cultura Francisco Correia Weffort fizeram com que este comparecesse à nossa festa maior. Em 2010, participou novamente do Festival do Folclore de Olímpia, divulgando o livro “Maluly Neto, por excelência”, biografia cuja autora é a jornalista Roselana Tolentino, publicado pela Editora T&A Comunicações. “Sempre atendo às nossas reivindicações, o Dr. Jorge apoio nossa cidade de diversas, especialmente nossos Festivais. Muito incentivou, também, o GODAP, sempre presente, apoiando-nos nas viagens nacionais e internacionais”, ressalta a Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Araújo Manzolli.



O poeta e folclorista potiguar Deífilo Gurgel, que faleceu na manhã do dia 06 de fevereiro de 2012. No ano passado, em que o Estado do Rio Grande do Norte foi homenageado pelo FEFOL, a que não pôde comparecer devido a problemas de saúde, Deífilo publicou artigo neste Anuário em que discorre sobre a cultura popular potiguar. No seu mais conhecido livro “Espaço e Tempo do Folclore Potiguar, dentre as personalidades a que o dedica, incluiu o Prof. José Sant’anna – ao qual amizade de longada o ligava – mencionando o “intenso trabalho” por ele desenvolvido em Olímpia. No Anuário do 42º Festival do Folclore, José Carlos Rossato salientou que “Deífilo Gurgel está se saindo como o Segundo Mestre norte-rio-grandense, depois de Luís da Câmara Cascudo”.

Ana Cynara Peres Maia, integrante do Grupo Parafolclórico “Terra da Luz”, Fortaleza/CE, faleceu no dia 28 de maio de 2012. “Nasceu em 26/ 01/ 1975 em Fortaleza Capital do nosso Ceará... Filha de Maria Socorro Gonçalves Peres e Francisco Maia de Sousa, os pais já faleceram, tinha quatro irmãos (Antônio Carlos, Ricardo, Kleber e Cristina). Era casada havia 13 anos com Davi Ramos, ele também integrante do Grupo ‘Terra da Luz’. Cabelo escuro por profissão, professora do Senac, era coreógrafa, pesquisadora do folclore brasileiro, tendo sido fundadora de quadrilha junina e grupo de cultura popular. A partir de 1987, passou a integrar o grupo do SESI/CE e, posteriormente, o ‘Terra da Luz’, do nosso eterno professor Freitas. Carinhosamente era chamada por todos de Cynarinha. Foi chamada por Deus às 23h30 do dia 28 de maio de 2012, deixando um enorme vazio no coração de todos...”, ressalta a Prof.<sup>a</sup> Flaudenia Mendonça, atual coordenadora do grupo “Terra da Luz”.

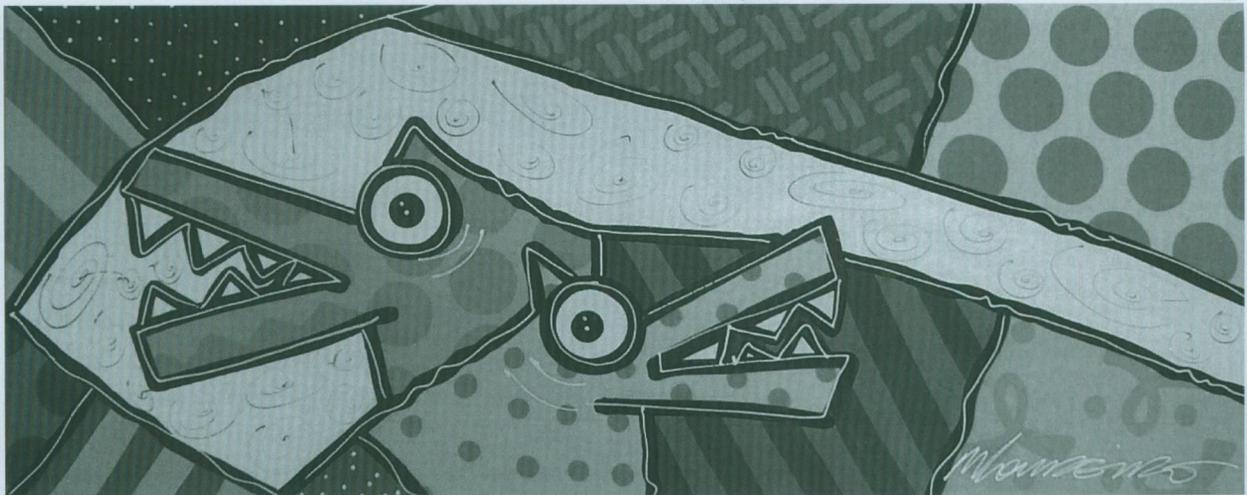


Olímpia, juntamente com Prof. Freitas. Faleceu no dia 24 de maio de 2011, acometido de câncer da próstata”.

A Prof.<sup>a</sup> Flaudenia Mendonça também comunica o falecimento de Raimundo Nonato da Silva, “nascido em 15 de setembro de 1942, na localidade de Umarituba, município de São Gonçalo do Amarante. Primogênito de quatro irmãos (Antonio, Ielda e Francisca já falecida), já muito cedo mostrava o gosto e talento para a sanfona. Jovem, casou-se com D. Helena e teve um filho de nome Ney Gabriel. Depois ficou viúvo. Participou do Grupo de Danças Rondas Populares do SESI, do qual também foi funcionário. Participou de várias edições do Festival de Folclore em

de maio de 2011, acometido





# O Dinâmico Folclore

*José Carlos Rossato*

*Departamento de Folclore Olímpia/SP*



## Cultura - inclusão e diversidade

A paulistana Editora Moderna, na série polêmica, lançou o título: Cultura Inclusão e Diversidade, de Sílvia Cintra Franco (2006) 88p. É leitura destinada aos pesquisadores iniciantes de Folclore e de outras ciências sociais.

A obra está estruturada, assim Introdução para quem é só para quem é / 1 - Cultura segundo a antropologia e a sociologia. / 2- Cultura e sociedade. Relatividade cultural. Tolerância. / 3- Cultura e política. Cruzamento ou confronto de cultura? / 4- Inclusão cultural e suas manifestações. Arte e estética. / 5- Políticas públicas e inclusão cultural. /

6- Considerações finais. Bibliografia.

A cultura é a criação humana, em suma. No entanto, ter em mente que essa palavra é perigosa, pois poderá ser interpretada de modo inconveniente, deve ser pensado. Não é instintiva, mas adquirida, aprendida e produzida por nós, seres humanos. Dessa forma, todos têm direito a cultura. Para Jaime Pinshy: “cultura é o patrimônio que a humanidade acumula a cada geração”.

Ralph Linton-“as sociedades se perpetuam ensinando aos indivíduos de cada geração os padrões culturais referentes às posições que se espera que ocupem na sociedade. Os novos maridos, chefes ou artesões e assim perpetuam essas posições e com elas o sistema social como um todo”.

Existem culturas mais conservadoras, mais resistentes às mudanças; outras, mais dinâmicas.

## João do Rio - Catálogo Bibliográfico

Foi batizado com o nome de João Paulo Alberto Coelho Barreto. Por ter nome muito longo, passou a ser chamado Paulo Barreto. Nasceu no Rio (1881), filho de mãe carioca e pai gaúcho; faleceu (prematuramente) em 1921.

Paulo Barreto estreou na imprensa ainda adolescente. Com idéias avançadas e também por ser um inovador

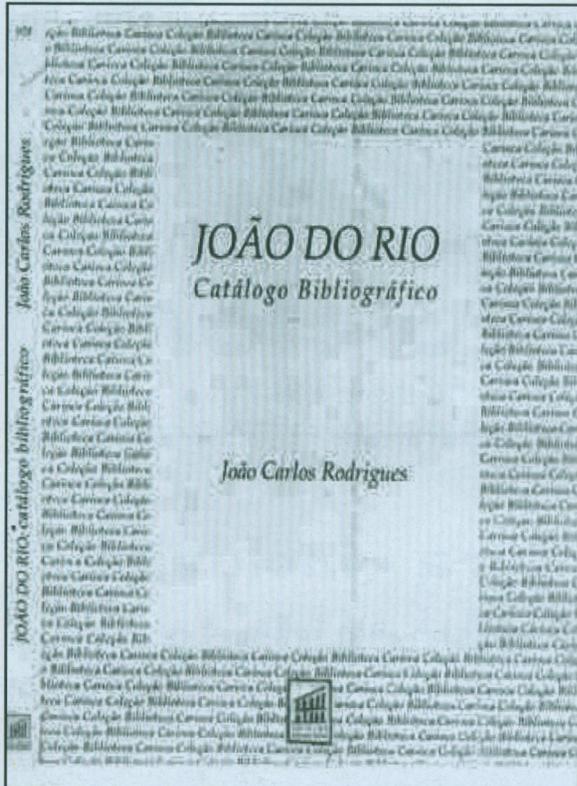
*Anuário do 48º Festival do Folclore de Olímpia*

Logo atingiu êxito enorme no jornalismo, introduziu

*Página 121*



e aperfeiçoou a entrevista, a reportagem e a crônica/reportagem em vários órgãos de imprensa – “A Cidade do Rio”, “Gazeta de Notícias”, “O Paiz”, “A Pátria”, “A Notícia”, “A Revista da Semana”, além de outros.



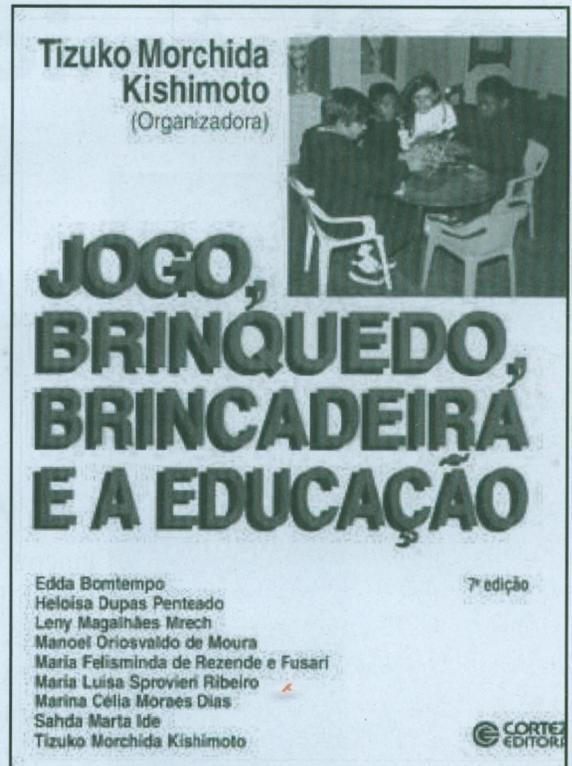
Foi celebrizado pelos pseudônimos utilizados – “Claude” (critico naturalista), “José Antônio José” (crônica social e mundana), “Joe” (variedades) e, especialmente, “João do Rio”, com o qual assinou todos os seus livros, sendo os principais: As religiões no Rio (1904), O momento literário (1904), A alma encantadora das ruas (1908), Dentro da noite (1910), Os dias passam... (1911), Vida vertiginosa (1912), A mulher e os espelhos (1919) ...

O mais importante de tudo, para nós pesquisadores de Folclore, são as crônicas que João do Rio publicou na imprensa carioca. E, em nossa ótica, todo folclorólogo que se preze deve conhecer as principais crônicas de João do Rio, que nos interessam, pois foi muito eclético

A obra (1994) citada, 230p, apresenta sugestões de leitura sobre João do Rio e a relação das 2467 crônicas deixadas. É o volume 28 da Coleção Biblioteca Carioca, série instrumentos de pesquisas, editada pelo Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural (Divisão de Editoração). Publicação institucional com pequena tiragem, esgotada desde o século passado, essa é do jornalista João Carlos Rodrigues.

## Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação

A Cortez Editora (de São Paulo) entregou a 3ª edição dessa obra (1999). Tizuko Morchida Kishimoto foi responsável pela organização da obra. A apresentação é da coordenadoria e cada capítulo foi executado por um pesquisador. Eis a relação dos títulos e seus respectivos autores:



- 1 - O Jogo e a educação infantil (Tizuko Morchida Kishimoto) / 2- Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicação para a educação pré-escolar (Marina Célia Moraes Dias) / 3- A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário (Edda Bomtempo) / 4- A séria busca no jogo: do lúdico na matemática (Manoel Oriosvaldo de Moura) / 5- O jogo e o fracasso escolar (Sahda Marta Ide) / 6- O uso de brinquedos e jogos na intervenção psicopedagógica de crianças com necessidades especiais (Leny Magalhães Mrech) / 7- O jogo na organização curricular para deficientes mentais (Maria Kuisa Sprovieri Ribeiro) / 8- Brincadeiras e brinquedos na TV para crianças: mobilizando opiniões de professores em formação inicial (Maria Felisminda de Rezende e Fusari) / 9- Jogo e formação de professores:



videopsicodrama pedagógico (Heloísa Dupas Penteado). Em seguida, a bibliografia e a apresentação dos autores. Há algumas ilustrações.

As atividades folclóricas e parafolclóricas, muitas vezes estão relacionadas ao jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. Daí, a leitura da obra ser indicada aos educadores.

## Xuruê

A Pongetti editora carioca que foi famosa, porém desapareceu do mercado editorial. Ela lançou o livro Xuruê, do folclorólogo e antropólogo Mário Rizério Leite (1970), 206p. São lendas e contos. Além de ser interessado em tudo que é do povo, Rizério é médico. Após andar muito pelo interior, nos anos setenta, quando o conhecemos, estava morando em Goiânia, exercendo a medicina e lecionando em faculdade; nem assim desprezava a cultura espontânea do povo. Escreveu outras obras.



O leitor encontrará: A Mãe-da-lua / O Negro D'Água / A Caipora / O Seringueiro e a Boiúna / O Tesouro da Chapada / Simplício Mão de-Ouro / A lenda do Capitão-mor / A lição do galo / O despacho do Juiz / João do Ouro / Zeca lavrista / Mãe Marinha / O casamento de Malaquias / O Delegado e os Periquitos / A maior caçada / Paixão de um cearense / Um baiano em São Paulo / Enterro no Sertão / Zé-quinha de Calção-de-Couro / Bomba e Pescaria / Pacto com a Morte / Esperteza de um eleitor / Catulino Boa-pinta / Brasão / Os dois esper tos / Patos no cerrado / O defunto Bonifácio / A Sucuri / A "sorte" do vaqueiro / A arapuca de João Macêdo / Não Ganhou na Loteria ... / Falso Vigário.

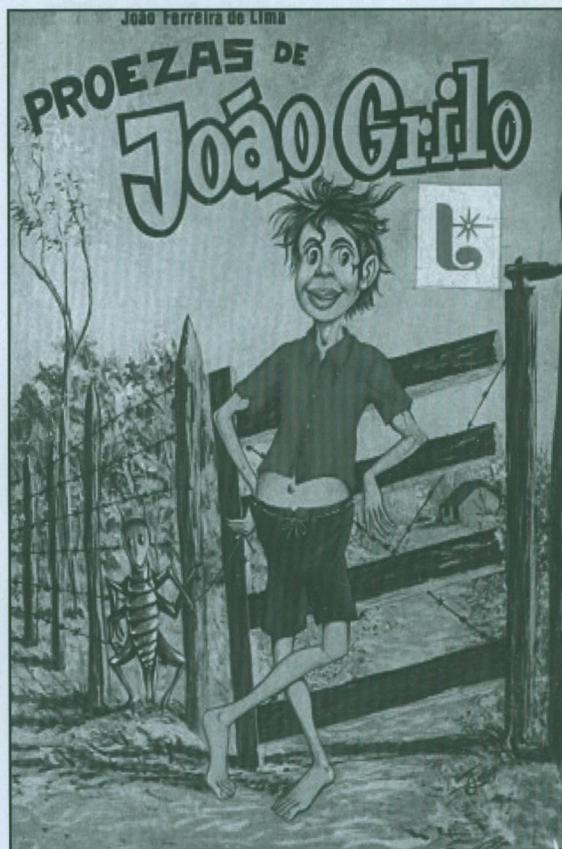
São páginas colhidas na boca do povo do planalto central brasileiro.

## Proezas de João Grilo

É o volume três da série tradição popular, da Editora Moderna (2003), 48p. Autor:

Anuário do 48º Festival do Folclore de Olímpia

João Ferreira de Lima. É literatura de cordel que entrou em modismo ultimamente, com uma roupagem melhorada, ou seja, com aparência para atrair a atenção dos leitores.



A organização e apresentação de Marisa Lajolo, com ilustração de César Landucci. Capa em cores e papel de qualidade.

O autor era pernambucano (1902-73), continua respeitado e querido pelo povo. Existem diversas composições do autor recolhidas em diversas variedades das melhores antologias do gênero. A biografia de João Ferreira de Lima consta do Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada organizado por Átila de Almeida e José Alves Sobrinho.

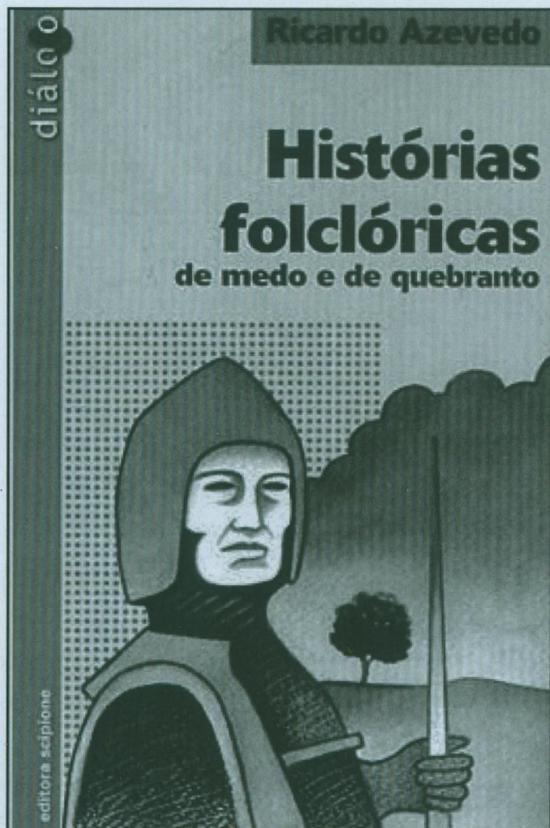
Ele é autor de variadas publicações. Destacamos: O Casamento de Chico Tingole e Maria Fumaça / O pinto pelado / O aparecimento de Pe. Cícero Romão ao Pe. Frei Damião no Juazeiro da Bahia / O Brasil na Guerra / Dois glosadores-Azulão e Borborema-João Ferreira de Lima com Lino Pedra Azul / Histórias de Mariquinha e José de Souza Leão / Discussão de um matuto com um fiscal.

É, dentre outros do gênero, um expoente entre os citados pela crítica. Esse é um opúsculo bem procurado.





# Histórias folclóricas de medo e de quebranto.



É o volume três da série “A palavra da gente”, Editora Scipione, São Paulo (2003), 80p. O autor Ricardo Azevedo não é folclorista, nem folclorólogo, porém, bom autor. A obra apresenta-se: Introdução / A vida e a outra vida de Roberto do Diabo / A viagem assomburada de João de Cabais / Maria Gomes / A moça de Bambuluá.

A primeira história (Câmara Cascudo) narra “um jovem marcado, desde o nascimento, por um pacto feito entre sua mãe e o diabo. O enredo descreve os crimes cometidos por este jovem que, através da busca por autocohecimento, parte para a reconstrução de uma nova vida”.

A seguinte “herói popularizando pela literatura de cordel, fala de um jovem audacioso que parte pelo mundo, enfrenta inúmeros perigos, é traído e, no fim, ajudado pela própria morte, consegue restabelecer a justiça. Esse conto pertence ao ciclo do Morto Agradecido”.

O terceiro “Maria Gomes”, também vítima de um pacto feito por seu pai, é aprisionada num castelo no fundo do mar, apaixonou-se por uma sombra, volta ao mundo real e, a

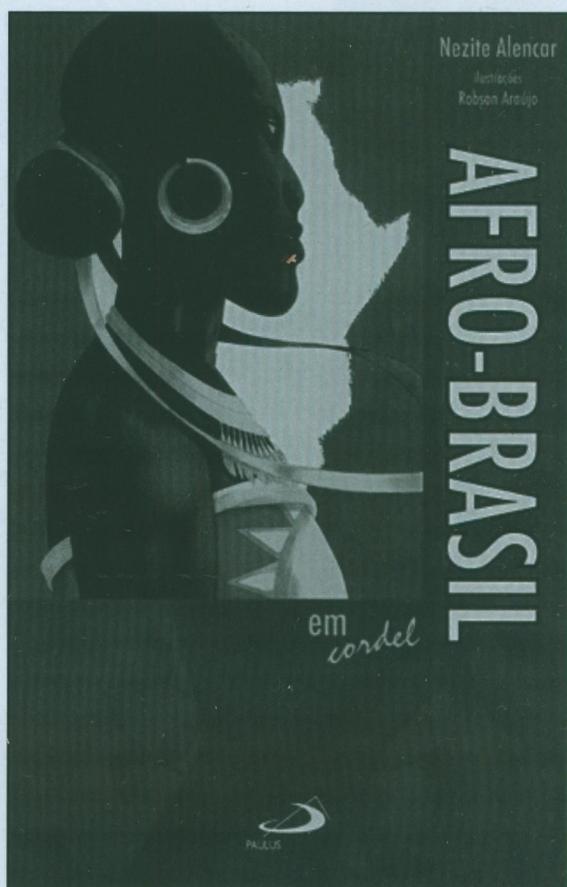
partir daí, vestida de homem, vive inúmeras e complexas aventuras. A personagem Diadorim de Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, é possivelmente inspirada na heroína desse tipo de narrativa, que, por sua vez, tem elos com o mito de Eros e Psiquê.

O último “A moça de Bambuluá” aborda a trajetória de um jovem aventureiro que, após salvar certa moça enfeitiçada, se vê diante inúmeros testes e desafios. Aprende a tocar um instrumento mágico, acaba amadurecendo e, assim, conseguindo conquistar seu verdadeiro amor.

O final feliz acontece em todos os quatro contos.

## Afro-Brasil em cordel

A tradicionalíssima editora Paulus, São Paulo, lançou (2007) a obra de Nizete Alencar (com ilustração de Robsin Araújo), 40p.



A literatura de cordel chegou ao nosso País, através dos colonizadores portugueses, desde o início do século 17. Contudo, as fontes mais antigas dessa manifestação literária estão na Alemanha, nos séculos 15 e 16, espalhando pela Holanda, Espanha, França e In-



glaterra. Na Alemanha, os folhetos eram editados em tipografias avulsas e se destinavam ao grande público, sendo vendidos em mercados, feiras e tabernas, diante dos templos religiosos e das universidades. Suas capas, como ainda ocorrem na atualidade, no nordeste brasileiro, as xilogravuras, apresenta aspectos do tema tratado na publicação.

Apenas no final do século 19, partindo de 1890, o cordel apareceu no nordeste, onde se fixou como manifestação peculiar da cultura regional, tendo como temática desses romances tradicionais até assuntos históricos, fatos ligados à religiosidade do povo, ao misticismo, à política, desastres e crimes, ou acontecimentos da atualidade mundial; existe também a ciclo heróico, destacando-se neste as histórias do cangaço nordestino e também o ciclo maravilhoso, que narra acontecimentos fantásticos.

“Literatura de Cordel”, inicialmente usado no Nordeste e posteriormente espalhado pelo País. Esse título deve-se ao fato de os folhetos serem pendurados em cordões nas feiras e outros pontos populares por Manuel Caboclo e Silva, além desse tipo de literatura “feita com as cordas do coração do poeta”.

O cordel é a expressão viva da sabedoria do povo, um veículo de comunicação popular de ampla abrangência e ressonância. As pessoas ouvem rádio, veem televisão e esquecem; leem o jornal e jogam fora; mas o cordel, leem e guardam. Daí sua força extraordinária de divulgação.

A definição mais simples para esse tipo de literatura é esta: poesia narrativa, popular, impressa. Todavia, vale ressaltar que, apesar de ser literatura escrita, o cordel não é senão a forma gráfica da poesia essencialmente oral, cantada nas feiras e nos desafios de viola das noites sertanejas. O fato de ser escrito em verso, com estrofes de métrica e rimas constantes torna o cordel um texto agradável de ler, ouvir e cantar. O tipo de estrofe mais usado nesse gênero são as sextilhas (estrofe de seis versos), onde o segundo verso rima com o quarto e este com o sexto; e a septilha, oriunda da sextilha, com acréscimo de um verso, rimado com o quinto.

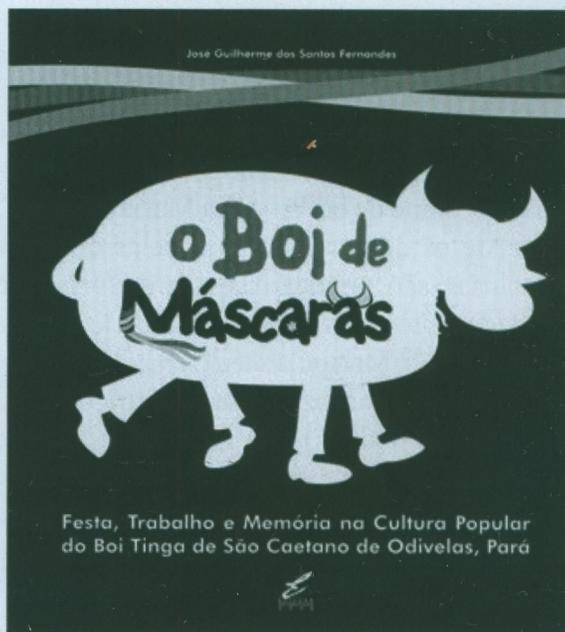
É importante lembrar que a literatura de cordel, ao recolher, registrar e interpretar fatos da vida real, é preciosa fonte de informação e por isso mesmo tem sido objeto de estudo de cientistas sociais e historiadores, que dedicam cada vez mais atenção às fontes populares de informação.

Através dessa coleção, a Editora pretende dar espaço a essa genuína forma de expressão da cultura popular, em sintonia com amplos seguimentos da sociedade sensíveis a isso e que percebem que a cultura de massa cada vez mais sufoca e restringe a cultura popular e sua autenticidade. Além disso, a editora proporciona aos jovens estudantes e ao público em geral uma maneira muito interessante e agradável de tomar conhecimento de temas importantes. A despeito de quem ache que o cordel se restringe ao Nordeste, cremos que ele já ganhou todo o Brasil e pela sua riqueza e criatividade merece difundir-se ainda mais, especialmente neste tempo em que tanto se busca a valorização da diversidade e pluralidade cultural.

A Paulus, pretende, oportunamente, lançar outros volumes nessa série.

## O Boi de Máscaras

José Guilherme dos Santos Fernandes é o autor desse livro, 188 p. editado pela Universidade Federal do Pará, situada em Belém (PA). Saiu do prelo em 2007.



A obra desse professor está composta de: Prefácio, Apresentação, Introdução e cinco capítulos: Dando nomes aos bois (Entre o muro e as torres) / A ópera da floresta ou a peleja dos bois contrários / Da unidade do homem às culturas populares / O boi de máscaras (Caminhos, paisagem e cenário) / Quando o Tinga sai / Boi-bumbá ou Boi de Máscaras? / Aboian- do (Do festim ao festival) / Em fes- ta, trabalho e pão / Cultura



pular e cultura espetacular (Além do espelho e do espetáculo) / O retorno à aldeia / Epílogo ou uma tentativa de conclusão / Referências bibliográficas / Anexo.

É ilustrada e, às vezes, em cores.

## “Sá” Mariinha das Três Pontes



Essa obra de João José de Oliveira Veloso (que contou com a colaboração de Pedro de Alcântara Aparecido Veloso), 99p., foi editada pelo Centro de Cultura e Tradição de Cunha (1994), da cidade de mesmo nome.

O autor pesquisou a vida da Curandeira e vidente, que atendia pelo cognome “Sá Mariinha, cujo nome de batismo era Maria Guedes”.

Até os dias que correm, velas e preces silenciosas são conduzidas, como forma de agradecimento à alma da venerada curandeira e vidente “Sá” Mariinha das Três Pontes .

Na igreja matriz Nossa Senhora da Conceição de Cunha, o nome de “Sá” Mariinha (ou Maria Guedes) é lembrado todos os dias e não apenas em datas especiais. Ela faleceu em 1959 e de lá para cá o nome dela não é esquecido pelos fiéis e pelo povo em geral.

Essa curandeira usa de todos os seus conhecimentos espirituais, rezas, simpatias, mandingas, magias e feitiços em seus trabalhos. Benzia as crianças “aguadas” que estavam com desejo de comer algo que estava nas casas das outras pessoas. Os maus-olhados, também eram curados. Enfim, benzia de tudo e o povo acreditava no fim dessas maldades.

O bairro rural Três Pontes, provavelmente, tephá se formado pela afluência de pessoas (muitas de locais distantes) à procura

dessa curandeira.

O livro está dividido em partes (orgânicas entre si) para facilitar o entendimento. Ei-los: A região das Três Pontes, / Descrição da área / A família Guedes nas Três Pontas / A enfermidade da jovem Mariinha / Os Benzimentos / A igreja de Nossa Senhora Aparecida das Três Pontes / Depoimentos sobre “Sá” Mariinha / Vidência / O Receituário / Frutos, Ervas, flores, brotos de flores, raízes e outros / Fortificantes, xaropes e depurativos / Doses (homeopantias) / Mezinhas / Purgante (purgos) / Banhos / A morte de “Sá” Mariinha / O túmulo de “Sá” Mariinha / Análise sobre o curandeirismo no município de Cunha / Informantes / Referência bibliográfica.

## Mestres navegantes de São Luiz do Paraitinga

Os “Mestres navegantes” de São Luiz do Paraitinga com o patrocínio da Natura, realização de Coletivo Navegantes e apoio do Ministério da Cultura (Lei de Incentivo à Cultura) lançaram um álbum com seis CDs. Essas joias são Festas do Divino; Congada; Jongo; Folia, adoração, brão e calango; e o último Textos, vídeos e rádio. Além de um disco há um pequeno texto, produzido em 2010.



No da Festa do Divino estão gravados: Moçambique do Belém / Congada de São Benedito de Cotia / Moçambique do Mestre Paizinho / Congada de Santa Ifigênciade Mogi das Cruzes / Pinga, pinga estrelinha (mestre Paizinho) / Moçambique de Lorena / Congada Mirim de Ilhabela / Moçambique Mirim dos Alvarengas / Congada do Raizeiro de Pindamonhangaba / Moçambique do Bairro da Ponte Nova / Senhora do Rosário (Zé Baiano) “Homenagem à Dona Divina”/ Toada da Saudade (Jorge Landim) / Moçambique de Cunha / Senhora Aparecida (Roldão de Souza) / Grupo de Adoração aos Presépios do Mestre Paizinho.

“A Festa do Divino adquiriu no Brasil feições próprias e se transformou em um encontro que tradicionalmente mais reúne



grupos populares de diversas origens, tornando-as uma espécie de síntese desde riquíssimo ambientes da cultura popular, carregado de simbologias, identidades e de um espírito coletivo que a mantém pulsante até os dias atuais”.



As congadas estão presentes notadamente nas festas populares das cidades do interior paulista e mineiro, apesar da existência em outras unidades federativas.

Adaptaram e mesclaram sua cultura, língua, rituais e crenças e, ao longo dos tempos, passaram a louvar os santos que guardaram maior afinidade com suas entidades originárias. São Benedito, Nossa Senhora de Aparecida, Nossa Senhora do Rosário, entre outros.

A origem do jongo está ligada aos hábitos da cultura africana dos bantos, os primeiros escravos de Congo-Angola que vieram, no Brasil colônia, para trabalhar nas fazendas cafeeiras do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas. Os bantos deixaram influências marcantes na música, na culinária e nos costumes brasileiros. Integraram o CD: Peço licença (Dona Tó) / Saudação (Dona Tó) / Bate bate coração (Dona Tó) / Berram meus filhos, berram meus netos (Dona Tó) / Despedida (Dona Tó) / Acendi minhas candeias na areia (Totonho) / Minha pele é cor morena (Totonho) / Chora meu sino (Totonho) / Mãe África (Totonho) / Zé Maria (Jefinho) / Quilombo (Jefinho) / Pode mandar (Dona Tó).



Algumas manifestações são casa vez mais rarefeitas: Adoração aos Presépios, Contos de Brão, Calangos e Folias de Reis. Essa tem, na cultura brasileira, papel mais vasto, desde a chegada dos lusos. No antigo continente era comum fazer presépios e visitar as pessoas entre o dia de Natal e o de Reis. Aqui eles continuaram. Eis as gravações: Toada de chegada (Renô Martins). Padecimento de Cristo (Renô Martins). Adoração aos Presépios, com características diferentes das Folias de Reis. Eis os títulos das gravações: A chegada (mestre Paizinho) / Homenagem ao Menino Deus (mestre Paizinho) / A Despedida (mestre Paizinho).

Brão marcado pela liberdade de com-

posição. No bairro da Cachoeirinha, onde reside Seu Renô Martins, as pessoas que desconhecem a tecnologia, no afã de sobreviver, utilizam-se mutirões. O Canto do Brão é cantado em duplas, cada uma com sua toada característica, funcionando como um refrão. Começam o trabalho no mutirão cantado e saudando o dono da casa, sua família, os colegas cantadores até que uma das duplas começa desafio em linguagem improvisada e repleta de metáforas. Muitas vezes nas refeições, durante ou após o trabalho seguem cantando.



O Calango é uma dança popular, que sintetiza a mistura cultural do povo brasileiro. Tem certa irmandade com o Fandango (originário dos brancos), muito ligado ao rural. Dois exemplos de Calango (musical: Calango e Saudade). Moçambique: uma variação das congadas de origem na África negra. O Moçambique é um grupo de importância para a cultura brasileira. Carrega com muita simbologia muitos elementos de tradição religiosa e musical, estão presentes nos grupos de folias do Divino e de Reis, louvando notadamente São Benedito. Eis as gravações: Moçambique de Belém, parte da chegada (Zé Maria) / Maneja da Companhia (Zé Maria) / Homenagem à libertação dos escravos (Zé Maria) / 1º parte de despedida – Com Deus nós viemos (Zé Maria) / Lição de pai pra filho (mestre Paizinho) / Homenagem ao saudoso Paizão (mestre Paizinho) / Foi São Benedito quem nos trouxe aqui (mestre Paizinho) / Diferença entre Moçambique e Congada (mestre Paizinho) / A Companhia vai (Mestre Paizinho) / Inspiração do Pai (mestre Paizinho) / Moçambique do pai (Mestre Paizinho) / Moçambique do Parque Bandeirantes (Mestre Paizinho) / Bate o tambor (Mestre Bira) / Descendente de negro eu sou (Mestre Bira) / Rosa Amarela (Mestre Biru) / Folclore é vida (Mestre Bira) / Uma Parte desse Moçambique (Mestre Bira) / Música de chegada (Seu Raul) / “Marrá” paia (Raul Pires) / Devoto de São Benedito (Raul Pires) / Verso de agradecimento (Raul Pires)



/ Devoto de São Benedito (Raul Pires) / Verso de agradecimento (Raul Pires) / Ai, meu Deus parte da vida (Jorge Landim) / São Benedito de tanta alegria (Jorge Landim) / Nasceu numa manjedoura (Roldão de Souza) / Quando eu deixar este mundo (Roldão de Souza).



No volume textos, vídeos e rádios encontramos: Dança dos escravos (Mário Aguiar) / Outra dança de escravos (Mário Aguiar). Grupos de Congada: Congada de São Benedito de Cotia / Congada de Santa Ifigênia (Mogi das Cruzes) / Congada Mirim de Ilhabela / Congada do Raizeiro de Pindamonhangaba / Congada do Alto do Cristo de Taubaté. Grupos de Moçambique: Moçambique do Belém / Moçambique do Mestre Paizinho / Moçambique de Lorena / Moçambique Mirim do Bairro dos Alvarengas / Moçambique do Bairro da Ponte Nova de Lagoinha / Moçambique de Cunha. Eis outras faixas: Tó, Totinho, Dona Mazé, Togo, Jefinho, Folia de Reis da Cachoeirimja, Grupo de Adoração aos Presépios do mestre Paizinho e Calango.

Esses 6 CDs foram gravados em São Luiz do Paraitinga e cidades da região do Vale do Paraíba (SP), entre maio a julho de 2010. Trata-se de acervo valioso, para os estudiosos do assunto.

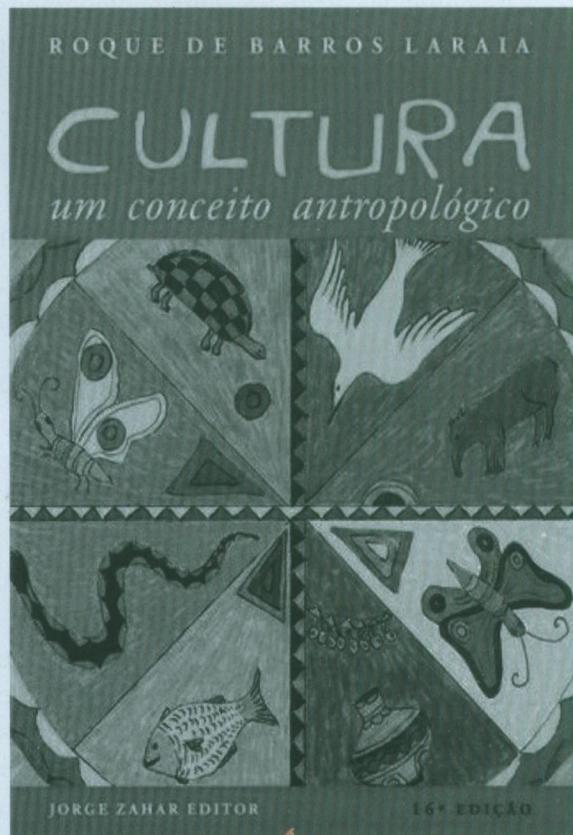
## Cultura - um conceito antropológico

Essa publicação de Roque de Barros Laraia, 20ª edição, Zahar Editor, Rio de Janeiro (2006), 117p., está inserida na coleção Antropologia Social, dirigida por Gilberto Velho. Ambos são nossos conhecidos.

O objetivo desse livro é introduzir o leitor ao conceito antropológico de cultura, tema

central, entre os antropólogos, nos últimos cento e tantos anos.

É de fácil compreensão, claro, simples e objetivo. Sempre que possível os exemplos utilizados referem-se à nossa sociedade e às tribais que, num mesmo território, compartilham conosco. Todavia, há os empréstimos de outros autores que pesquisaram em outras áreas do planeta.



O entendimento do conceito de cultura é indispensável para se compreender a vasta diversidade cultural dos humanos, mostrando o paradoxo, quando necessário.

Na primeira parte refere-se ao desenvolvimento do conceito de cultura, do iluminismo até os tempos hodiernos. Na segunda procura demonstrar como a cultura influencia o comportamento social e, apesar da comprovada unidade biológica da humanidade, aparecem os diferentes tipos de cultura.

A intenção do conhecido autor foi a de facilitar o entendimento de cultura nos cursos da área de ciências sociais. Para tal meta o autor contou com a colaboração dos colegas-docentes da Universidade de Brasília. Foi na Universidade Católica de Goiás, situada em Goiânia, que encontramos com o autor desta útil publicação, no vernáculo. É evidente que há outras editadas em outros idiomas, todavia esta além de ser boa, é de mais fácil compreensão.



# A sombra e o mal nos contos de fada

A SOMBRA E O MAL  
NOS CONTOS DE FADA

Marie-Louise von Franz



É a 2ª edição da obra citada, lançada ao público pela Editora Paulinas, São Paulo (1985), 349p. Consta que a tiragem estaria esgotada, porém é possível encontrá-la nos bons sebos e nas livrarias virtuais. A autora é Marie-Kouise van Franz (tradução Maria Christina Penteado Kujariski). Essa publicação, dividida em duas partes: “O problema da sombra nos contos de fada” e “Lidando com o mal nos contos de fada”. A leitura é agradável, porém não é destinada aos principiantes.

“Os contos de fadas são criações simples e espontâneas do espírito”. Destarte, quase sempre, as pessoas consideram ingênuos, servindo apenas como veículo de comunicação, objetivando a diversão, distração, entretenimento ou para acalantar a petizada. Entretanto, se forem observados em profundidade, podem ser vistos como espelhos da experiência, sempre mergulhada na complexa trama dos problemas e possibilidade dos humanos. A autora com excepcional clareza, leva o leitor à compreensão do potencial analítico existente nessas divertidas histórias que podem servir para

uma reflexão acerca das questões centrais (a sombra e o mal). E não tem que ser especialista, apenas boa relação com a cultura geral, vontade, atenção e determinação para aproveitar bem a leitura.

## CD da Rosa de Ouro (paraense)

Recebemos de um fantástico pesquisador o CD (Compact disc) intitulado: “Lendas, Mitos, Assombrações” do amigo Walcyr da Amazônia Monteiro. Enredo: João Alves / Mary de Rosa, da Associação Carnavalesca “Rosa de Ouro”, gravada na capital do Estado do Pará. Essa gravação é do Carnaval 2011. É conveniente lembrar que o nome adotado pelo pesquisador, em suas produções (Livros, opúsculos, gravações, etc.) foi simplificado para Walcyr Monteiro.

## Carretas e carreteiros

A Fundação Instituto Gaúcho de Tradição Folclore, sediada em Porto Alegre (RS), publicou (1984) o livro cujo título é o desta nota. A pesquisa de campo teve a coordenação geral de Lilian Argentina (que não carece de apresentação aos folcloristas). O trabalho de coleta de dados foi efetuado entre o 2º semestre e 1980 ao ano seguinte. Foi um ano de trabalho de campo. A obra de 102p. relata o resultado dos estudos de campo e bibliográfico no município de São Gabriel. A apresentação, muito rica em dados foi de Caio Flávio Prates da Silveira. O livro está constituído: Introdução / São Gabriel (traços de sua história, aspectos físicos aspectos socioeconômicos) / Transporte (rastros históricos, breves consideração sobre o carro de bois, a carreta no Rio Grande do Sul) / Carretas se São Miguel (estrutura da carreta e acessórios, capacidade e carga, juntas de bois, amansia e adestramento) / Carreteando / Literatura oral (trovas, mi-  
Informantes / Lista de ilustrações / Bibliografia.



## Minha terra: suas lendas e seu Folclore

Essa extraordinária publicação foi editada (1985) pela Prefeitura Municipal de Paracatu (MG); é a 2ª edição. O autor Antônio de Oliveira Mello é autor de vasta produção, ao redor de 20 livros. Ele é mais conhecido por Oliveira Mello. A obra está assim constituída: Prefácio / Introdução / Lenda e Folclore / O Poço do Criminoso / Irmandade das Almas / O Ourives Damião / A história das Cabaças / o Baruzeiro / A Morte do Bispo / A Carta da Excomunhão / O Encontro / A mulata Fidalga e a Assassina Redimida / O Avô que Casou com a Neta / Samba Bate - Moleque / Duelo entre Escravos / A Mulher e o Diabo / A Visão da Lapa / A Tapuiada / Festa da Senhora do Rosário / Festa de Santo Antonio / Festa do Divino / Festa de São Benedito / Festa de São João / Folia de Reis / Congado / Mutirão e Traição / Ô de casa / Arriei o meu cavalo / Enxada do cabo fino / Ai Dolô / Limoeiro chora / menina, este teus olhos ; Chove, Chuva Miudinha / Filha do Mato / Maruca do Sertão / Este samba / Mutum / Senhora Dona de Casa / As Lavadeiras / Casamento na Roça / Alimentação / Folclore da Pinga / Os Animais no Folclore / O Curandeiro / Gravidez / Simpatia e Feitiçaria / Superstições / Prevérbios / Adivinhações / Filosofia dos Para-Choques / Brinquedos de Roda e Outros Folguedos de Crianças / A Rosinha é Linda / Encontrei três as três / Senhora Dona Sancha / Nesta Rua / Atirei o pau no gato / Escravos de Jó / Na Bahia tem / Eu vi uma baratinha / Já viram a menina / Sinhaninha / Ah! Ah! Minha Madrinha / Ciranda, Cirandinha / Capelinha de Melão / Carneirinho, Carneirão / Chicochico de mim não gosta / São Jerônimo / Miudinho / A Barquinha / A Dança da Carranquinha / O Bobão / Vou passear na floresta / Quero ver a Margarida / Ratinho / Que pau é este / Boca de Forno / Queimada / A direita está vaga / Ofício / Pica-pau do Sertão / Corre Cutia / Olha que linda laranja / Chicotinho Queimado / Anelzinho / Ai Jesus, caí no poço.

É raro, mas não impossível encontrar esse livro em sebos. É bem ilustrado e até há pentagramas, nas 334 páginas.

## Companhias de Reis de Ribeirão Preto: relatos de devoção e fé

A Fundação Instituto do Livro de Ribeirão Preto levou ao público (2011) a publicação de 67p. de Artur César Ferreira de Barros e Carmen Luiza de Rezende. Vários nomes foram homenageados: Darcy Vera (Prefeita Municipal), Adriana Silva (Secretária da Cultura), Edvaldo Arantes (Presidente da Fundação Instituto do Livro), Cristiane Framartino Bezerra e Maria Conceição Ferreira Barros (revisão). A apresentação é da Secretária da Cultura. Bem ilustrada e em cores (na maioria).



Artur César relembra através da História Oral o “rico universo da tradição popular”. Lembra fatos ocorridos no seio da família, de mostrando a origem e a migração para Sales de Oliveira. Dessa cidade foi para a região de Franca, na zona rural.

A tradição foi abandonada pela família, sem deixar vestígios.

Essa obra foi dividida em várias partes: Ribeirão Preto e sua história / Da formação ao perfil de cidade de turismo / Turismo cultural e preservação do patrimônio / Manifestação folclóricas / Companhia de Santos Reis de Ribeirão Preto / Homens e mulheres de fé / Companhia Irmãos Rodrigues / Companhia Estrela Guia / Companhia União / Companhia Irmãos Vieira / Companhia Os Mineiros / Companhia Irmãos Adolfo / Companhia Vitória / Antonio Paulo Oliveira da Silva \_ o vermelho \_ uma lenda. Referências bibliográficas. Deve-se ressaltar que casa Companhia foi entrevistada por um cida-  
-dão.



# Luís da Câmara Cascudo

## Bibliografia comentada 1968/1995



A Editora da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), mais conhecida por EDUFRN, lançou (1996) de Vânia Gico, com 388p. Ela é graduada em Biblioteconomia pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco).

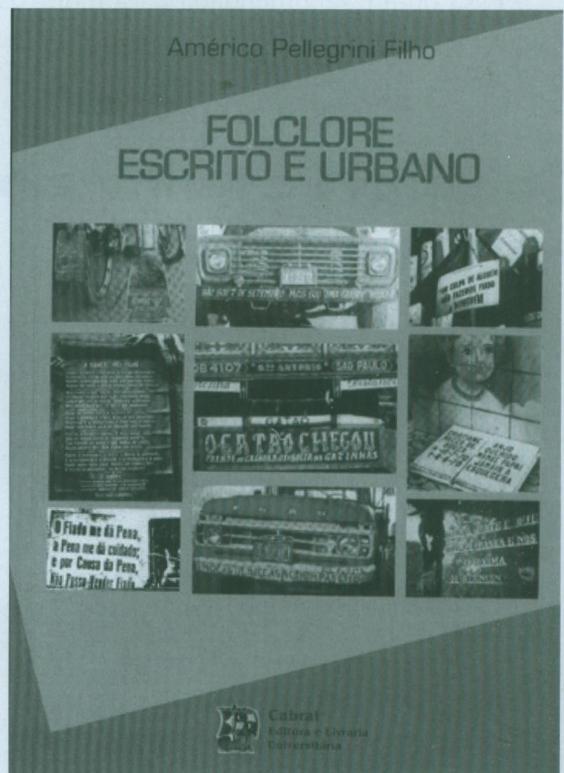
Essa obra traz acréscimos ao fantástico trabalho realizado por Zilá Mamede, que recebeu o título “Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918/1968”. A autora, consoante José Willington Germano (mestre do departamento de Ciências Sociais, da mesma universidade) “contempla dimensões novas, sobretudo no que diz respeito aos comentários bibliográficos.” É uma obra bem ilustrada.

Após a apresentação, Luís da Câmara Cascudo perfil intelectual / Bibliografia comentada de Luís da Câmara Cascudo – 1968/1995 (ordem alfabética) / Bibliografia comentada de Luís da Câmara Cascudo 1968/1995 (ordem cronológica) / Livros, coletâneas, biografias, capítulos de livros, verbetes, entrevistas, correspondências (Luís da Câmara Cascudo e seus comentadores – ordem cronológica 1968/1995) / Índice de autor.

É uma obra que deve marcar presença no acervo de todo folclorista.



## Folclore Escrito e Urbano



A Cabral Editora e Livraria Universitária, sediada em Taubaté, interior paulista lançaram esse título (2007), 280p. O autor é conhecidíssimo: professor universitário aposentado pelo USP/ECA (Universidade de São Paulo / Escola de Comunicação e Artes). Américo Pellegrini Filho, paulistano, jornalista pela Cásper Líbero, apresentou a dissertação de mestrado, defendeu doutorado, livre docência e foi titular da instituição citada. Pesquisou Patrimônio Natural e Patrimônio Cultural (incluindo Folclore), desde 1974 na USP/ECA. Publicou vários trabalhos: Folclore paulista (2ª edição, 1985), Ecologia, cultura e turismo (7ª edição, 2001), além de outras, todas requisitadas pelo público-alvo. Essa obra é um texto resumido do doutorado (1987).

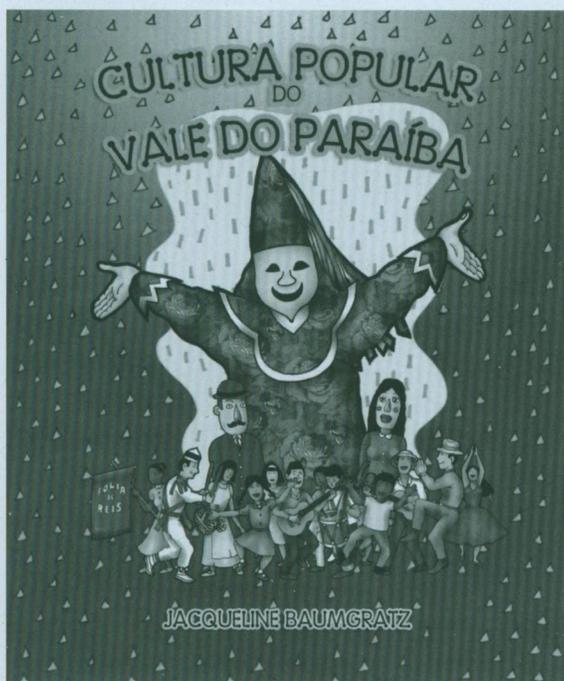
Após o esclarecimento, vem a apresentação da diretora presidente do Centro de Estudos da Cultura Popular, a professora Leila Gasperazzo Ignatius Grassi, o sumário, a introdução e o desenvolvimento propriamente dito da obra: Folclore-problema teóricos / O não escrito e o escrito / Epitáfios populares / Fórmulas de fiado / Frases de veículos / Grafitos em papel – moeda / Inscrições religiosas / Latrinália / Apêndice 1 (Mensagens jornalísticas sobre grafitos em vias



públicas) / Apêndice 2 (Iniciativa de agentes da cultura erudita relativas a grafitos) / Apêndice 3 (Jornais pesquisados) / Bibliografia.

Essa obra é recomendada para todos os pesquisadores de Folclore, que evidentemente abordarão esses assuntos.

## Cultura Popular do Vale do Paraíba



Essa obra de Jacqueline Baumgratz, com 120p. foi editada (2005) pela Digimax Studios, São José dos Campos (SP). Após apresentação do “mestre Paizinho e do título:” “O povo sempre há de pintar por aí” (de Paulo Rafael de Aguiar Godoi) inicia-se a introdução mostrando a distribuição espacial do Vale do Paraíba desenhado. A partir daí, em ordem alfabética para facilitar eventuais consultas, a autora principia por Aparecida (que o povo acrescentou ao longo do tempo do Norte), Arapeí, Areias, Bananal, Caçapava, Cachoeira Paulista, Canas, Cruzeiro, Cunha, Guaratinguetá, Igaratá, Jacareí, Jambeiro, Lagoinha, Lavrinhas, Lorena, Monteiro Lobato, Natividade da Serra, Paraibuna, Pindamonangaba, Piquete, Potim, Queluz, Redenção da Serra, Roseira, Santa Branca, São José do Barreiro, São José dos Campos, São Luiz do Paraitinga, Silveiras, Taubaté e Tremembé. Adentra nos aspectos culturais do Vale do Paraíba (Paulista), descreve “A alma índia mora no vale” / “Que gente branca é essa?” / “Brasil negro,

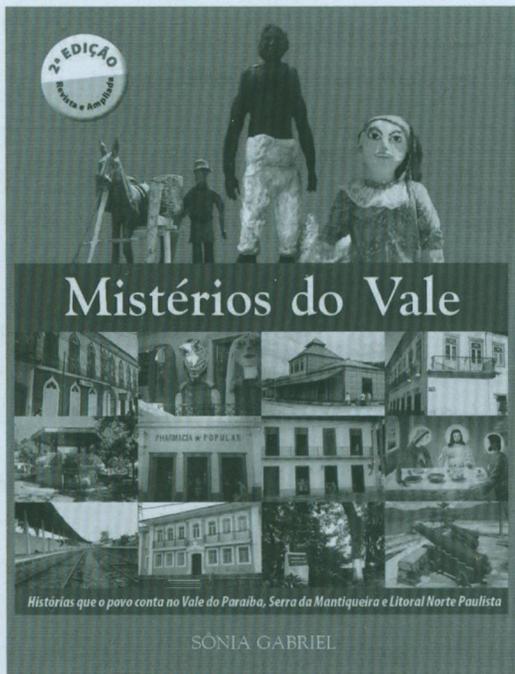
enquanto descansa, carrega pedra” / “A escola e a cultura popular” / “As festas juninas” / “A dança e a música regional” / “Atividades escolares para o ciclo junino” / “Algumas brincadeiras juninas” / “Curiosidades no vocabulário rural” / “Culinária típica do vale” / “Principais manifestações da cultura popular do vale do Paraíba” / “Moçambique com manejo de bastão” / “Folia do Divino” / “Folia de Reis” / “Pastorinhas” / “A árvore de Natal e o presépio” / “Congo e Congada” / “Jongo ou Caxambu” / “Batuque ou Tambu” / “Dança de São Gonçalo” / “Catira” / “Dança de Fitas” / Procissões nas águas do Paraíba” / “Procissões nas terras do vale” / “Romarias” / “Cavalgadas” / “Cavalcadas” / “Paixão de Cristo” / “Desfile de carros de bois” / “Festa de Santa Cruz” / “Festa da Carpição” / “Boneções ou pereirões” / “Carnaval” / “O artesanato do Vale Paraibano” / “A viola do vale” / “Causos do vale” / “Cada qual com a sua sabença” / Resposta ao amigo sobre o esquecimento do cabo de enxada prometido” / “Campos de São José” / Manifestações culturais que não são mais encontradas, transferiram-se ou não são representativas da região do vale do Paraíba” / “Caninha Verde” / “Moçambique” / “Umbigada ou batuque de umbigada” / “Caiapó” / “Recomendas das almas” / “Boizinho” / “Calango”.

Segue com as considerações finais. Apresenta diversos fotos coloridas, a saber: Vale do Paraíba e serra da Mantiqueira / Imagem de Nossa Senhora Aparecida / Amigos de São Luiz do Paraitinga / “Folião de Reis do Bairro da Água Quente (Taubaté)” / “Culinária Caipira (três fatos)” / “Companhia Moçambique (São José dos Campos)” / “Moçambique São Benedito (Lorena)” / “Festa do Divino (São Luis do Paraitinga)” / “Folia do Divino (Taubaté)” / “Folia de Reis (Mestre Zé Maria)” / Encontro de Bandeiras (Cada do Divino) / “Instrumentos da Folia de Reis” / “Folia Três Reis Magos do Oriente (São José dos Campos)” / “Companhia de Reis Bola de Meia (São José dos Campos)” / “Aparecida do Norte” / “Marombos da Folia de Reis (Caraguatatuba)” / “Marombos (Cruzeiro)” / “Marombos da Folia de Reis (São Luiz do Paraitinga) Marombos (São José dos Campos)” / “Marombos (Companhia bola de meia)” / “Marombo Luis Bueno de Nova Resende (MG)” / “Folia Altos de Santana (Idem)” / “Coroação do Reis e Rainha Congo 2004, Revelando São Paulo (Parque Bandeirantes, Taubaté)” / “Congada” / “Congada



(São Luiz do Paraitinga) / “Congada Baiano” / Jongo do Bairro Tamandaré (Guaratinguetá), uma com os tambores, outra com integrantes do grupo / Dança de São Gonçalo (São José dos Campos) / Dança das Fitas (São Luiz do Paraitinga) / Procissão (Taubaté) / Corpus Christi (Cacapava) / Corpus Christi (Redenção da Serra) / Paixão de Cristo (Redenção da Serra) / Carro de Boi (Cunha) / Cavalgada (São José dos Campos), duas / Cavalhada (São Luiz do Paraitinga) / Cavalhada (São José dos Campos) / Festa do Divino (São Luiz do Paraitinga) / Sala do Império e casa do Império / Pau de selo / Bonecões / Carnaval (Guaratinguetá) / Carnaval (São Luiz do Paraitinga) / Moçambique (Taubaté) e Moçambique (São Luiz do Paraitinga). Encerra o livro com as referências bibliográficas. Convém esclarecer que cultura popular não é sinônimo de Folclore. Tudo que é Folclore é Popular, mas nem tudo que pertence ao povo é Folclore. Essas poucas palavras são endereçadas aos eventuais leitores que supõem a sinonímia à autora. Nós não a conhecemos pessoalmente, todavia temos a plena convicção de que ela sabe bem diferenciar os dois aspectos culturais.

## Mistérios do Vale



No último Congresso Brasileiro de Folclore realizado em São José dos Campos, obtivemos o livro citado em 2ª edição. Nele Sônia Gabriel narrou histórias que o povo conta no Vale do Paraíba, Serra do Mar e Litoral Norte Paulista.

A JAC Editora de São José dos Campos (2011) foi responsável pelo lançamento da obra de 160p. Após o prefácio de Fábio de Oliveira Ramos (diretor – presidente do Instituto Ecocultural de Educação Patrimonial), Sônia Gabriel descreve a visão panorâmica da área: Aparecida, Arapeí, Areias, Bananal, Caçapava, Cachoeira Paulista, Campos do Jordão, Canas Caraguatatuba, Cruzeiro, Cunha, Guararema, Guaratinguetá, Igaratá, Ilhabela, Jacareí, Jambéiro, Lagoinha, Lavrinhas, Lorena, Monteiro Lobato, Natividade da Serra, Paraibuna, Pindamonhangaba, Piquete, Potim, Queluz, Redenção da Serra, Roseira, Santa Branca, santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São José do Barreiro, São José dos Campos, São Luiz do Paraitinga, São Sebastião, Silveiras, Taubaté, Tremembé, Ubatuba, encerrando com Nossa Senhora e a Gambá. Agradece pessoas envolvidas no trabalho e, finalmente, arrola as referências bibliográficas.

Bem ilustrado é o livro, cujas fatos pertencem à coleção particular da autora. Eventuais interessados podem contactar com a editora (12) 3928-1555 ou com a autora (12) 3934-8027.

## Miçangas Folclóricas

Essa publicação em 102p., lançada pela Empresa Gráfica Editora Taubaté Ltda. \_ sem data. O autor Francisco Pereira da Silva que a partir da década de 50 teve contatos diretos com o povo anotando em suas cadernetas de campo e gravando em fitas foi acumulando materiais para compor, no futuro, um livro. Esse acervo caiu nas mãos do folclorista Rossini Tavares de Lima, que o apoiou, orientando-o na situação de técnico e professor. Mesmo encorajado não teve a devida força para enfrentar e lutar pelo objetivo. Passou e escrever na imprensa de São José dos Campos até que surgiu a possibilidade de publicar (1975) essa obra. Nela são encontradas: Mitos e lendas / Curandeirismo e crendice / Religiosidade e santos populares / Ritos / Histórias / Costumes / e algo mais



## De Peneira e Bateia



Essa obra com 183p., de Guilherme Talarico, pertence à série prosa. A publicação contou com o apoio cultural da Prefeitura de Goiânia. A edição foi de responsabilidade da Kelps (muito conhecida pelas pessoas que leem) e pela editora da Universidade Católica de Goiás. O autor pertenceu à Comissão Goiana de Folclore (1948-1978). Saiu do prelo em 2009. Não poderia ficar sem o nome do amigo, folclorista e um dos mais destacados nomes da pesquisa folclórica de Goiás, que deixou o subtítulo “O Acaso e o Caso” como introdutório à obra.

Após a introdução, o estudo foi institucionalização de um campo de estudos.

1-Apontamentos sobre a constituição do Folclore das pesquisas iniciais à institucionalização de um campo de estudos.

2-Um histórico da Comissão Goiana de Folclore: a correspondência com a Comissão Nacional.

3-Entre a História e a Tradição: o papel da Comissão Goiana de Folclore na criação de uma identidade regional.

Seguem:

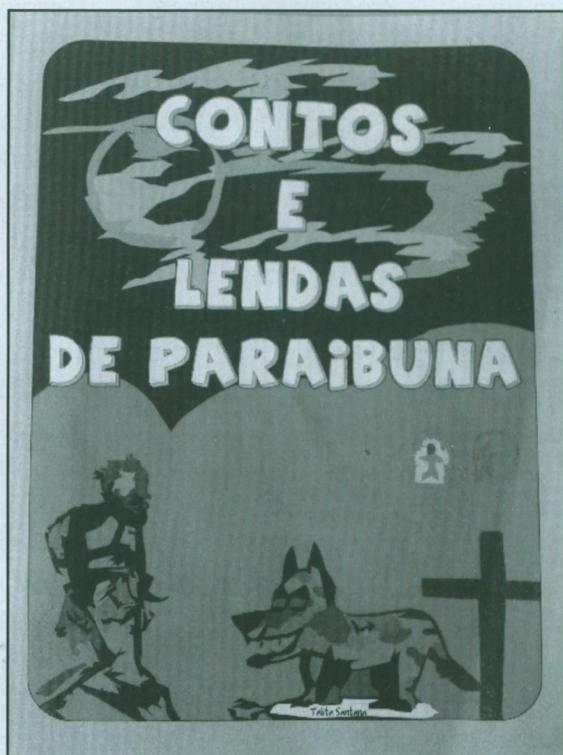
Consideração Finais / Fontes / Referências bibliográficas.

## Imperador Cristão

Fátima Paraguassu, atual presidente da Comissão Goiana de Folclore, estudou a mais antiga cavalhada daquele estudo da área central do Brasil. O opúsculo com 43p. foi lançado pela conhecida Editora Kelps, Goiânia (GO), em 2011; é bem ilustrada. Na capa dessa obra destacam-se as palavras de Alberto da Paz: “Gosto de ser poeta, gosto de ser do povo”.

A autora estudou os aspectos da cultura popular, abarcando os seguintes títulos: Linhagem / Orfandade Profissões / Casamento e concubinato / Dupla Sertaneja / Primeiro contato com danças e músicas folclóricas / Preferência pelas Cavalhadas / Imperador cristão / Rei Mouro / Primeiro dia de encenação das cavalhas - sábado - Festa de Nossa Senhora do Rosário / Embaixada cristã / Batismo dos mouros / Consideração finais / Referências.

## Contos e Lendas de Paraibuna



Esse opúsculo de apenas seis páginas nasceu da criação pela Comissão de Literatura da Fundação Cultural “Benedito Siqueira e Silva” e realizado em parceria com as escolas municipais desse município do vale do Paraíba paulista.

São os seguintes os títulos do material levantado: “O Corpo Seco” – “O Jipe” – “A Caçada” – “Correntes do caixão” – “Os dois compadres” – “Estrelas do Cemitério” – “A Lenda Encantada da Pedra” – “A Lenda da Rocha” e “A Sandra mal assombrada”.

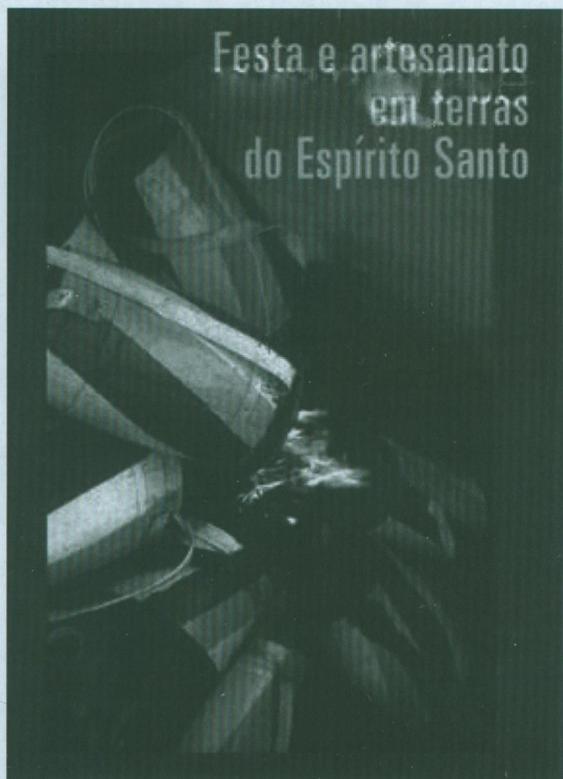
Nota-se que não é obrigatório iniciar por grandes projetos, necessariamente.

## Festa e artesanato em terras do Espírito Santo

A sala do artista popular situada no Museu de Folclore Edison Carneiro, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Iphan/Ministério da Cultura publicou o opúsculo 137, com o título desta nota. É uma publicação bem ilustrada e foi lançada em 2007.



O folclorista e amigo Eliomar Carlos Mazoco, então presidente da Comissão Espírito-santense de Folclore foi o autor do texto. Ele repartiu a obra em várias partes, ligadas organicamente entre si.



Eis a relação dos subtítulos: Pequenos estados, grande cultura (para adentrar ao título propriamente dito). Prosseguindo, Mazoco: É dia de festa / Viva São Benedito! / A celebração / A história / As bandas de congos / Instrumentos e artesanatos / O congo de máscaras / O ticumbi / A dramatização / A celebração / São Benedito das Piabas / A vila de Itaúnas / A história / Instrumentos, trajes e artesanato / Vivam os Santos Reis / As folias-de-reis / A celebração / O palhaço / A história / Trajes, adereços e artesanato / Os reis-de-boi / A celebração / O vaqueiro e o boi / Mãe Catirina / A bicharada / A história / Instrumentos, trajes e artesanatos / Artesanato promocional. Bibliografia.

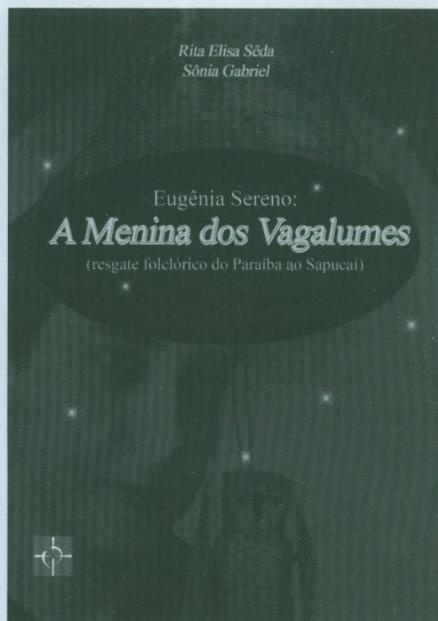
## Eugênia Sereno: A Menina dos Vagalumes

(resgate folclórico do Paraíba ao Sapucaí)

Rita Elisa Sêda e Sônia Gabriel deram as mãos. Daí nasceu o título citado, livro de 304p, lançado pela COMDEUS Servos da Imaculada, São José dos Campos (SP), 2010.

A princípio não gostamos do termo “res-  
Anuário do 48º Festival do Folclore de Olímpia

gate” para o Folclore, pois é uma ciência viva, dinâmica, atuante. O verbo “resgatar” equivale a “recuperar”. Ora, procura-se recuperar o que está perdido. Acreditamos que ele se encaixa bem na pesquisa histórica. Sabemos que elas não são as únicas criaturas que usam o referido verbo (vindo do latim) dessa forma.



Esse ensaio biográfico foi bem planejado e executado pelas pesquisadoras. Depois da concisa introdução, dividiram a obra em partes e essas sofreram subdivisões. Iniciaram com a Mantiqueira; na segunda, os símbolos (O vagalume, a coruja e o sino); a seguir O caipira do Vale do Paraíba, Jeca – um Paradigma Valeparaibano; a quarta, a Linguística Eugeniaiana; a quinta, nascimento de Ditinha, brincadeiras e culinárias; sexta parte: O Folclore de Mororó é o do Brasil, lendas e causos, lendas de tesouros; sétima: Magistério, musicista; oitava: Aulas na escola rural, educadora sanitária; nona: Uma sanitarista em Mororó-mirim, curas pra que te quero - falecimentos infantis, fim das aulas na escola rural; décima: Casamento, festas populares, viva a Pátria; repetiu-se talvez por lapso, a dez: A escrita como salvação, a doença; décima primeira: a morte em Eugênia Sereno, a morte em Mororó-mirim; a penúltima: A vida continuou no solar Graciotti, a ligação do casal Mário e Ditinha, Mausoléu da rua São Geraldo; e a última: imortalidade de Eugênia, rua Eugênio Sereno, Academias, livro dos ilustres, Prêmio Eugênia Sereno, Jabuti.

É de leitura agradável, não obstante as notas (que devem ser lidas), bem ilustrada, rica em referências biblio-



gráficas. Recomendamos que a leia sem pressa para aproveitar o valor dessa publicação.



## Dona Narciza, excelente informante

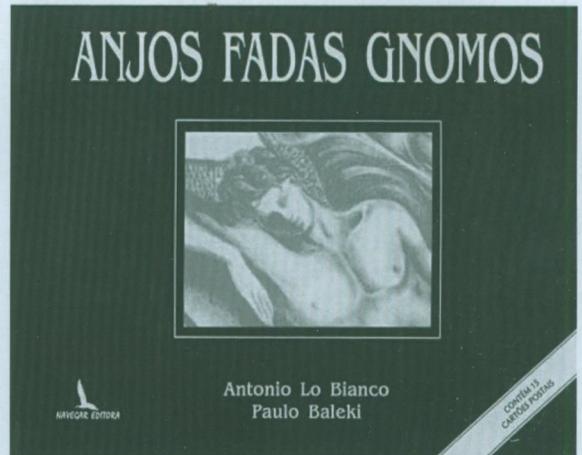


Nascida em Olímpia em treze de maio (dia da Abolição da Escravatura) de 1920, Narciza Baptista de Carvalho casou-se (1937) com Jesus Francisco de Miranda (mais conhecido pela alcunha de “Chico Vato”). Passou assinar Narciza Batista de Miranda; desse consórcio nasceram: João, Francisca, Therezinha, Maria (oxalá a mais conhecida de todos, em função das atividades em organizar o Museu de História e Folclore de Olímpia, além de ser informante de quilate), Rosa, Sebastiana, Luiz (conhecido por Luizinho, violeiro dos bons e bem relacionado com os olimpienses), Benedita, José e Paulo. Nem todos residem na “Cidade Menina-Moça”.

Dona Narciza é uma excelente informante (conhece muito bem o nosso Folclore), não só foi valiosa para as pesquisas do mestre Sant’Anna (que a descobriu nessa função), como de outros pesquisadores, inclusive nós. Não obstante a idade avançada, encontra-se plenamente lúcida, apenas com alguns problemas de saúde comuns para quem já passou das 90 primaveras. Sentiu muito com a morte do marido (2006). Mesmo assim, continua sen-

do uma extraordinária informante do Folclore olimpiense. Que o Criador dê a essa figura humana muitos anos de vida terrena.

## Anjos – Fadas – Gnomos



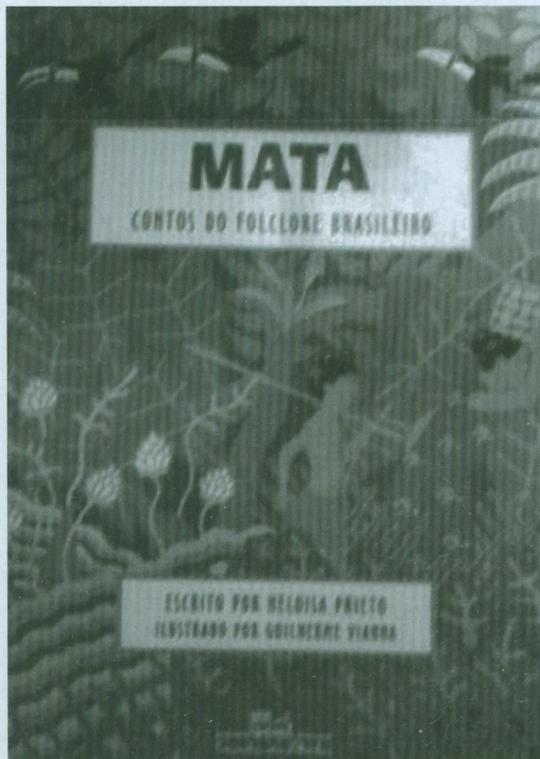
A Navegar Editora de São Paulo (1995) lançou um álbum de Antonio Lo Bianco e Paulo Baleki, sem numeração de páginas, no formato 13x24. Os autores levam-nos de volta à infância. Retiramos da obra algumas frases por considerá-las interessantes. Ei-las: “Os anjos são brincalhões, para que sejamos bem-humorados”. “Não existem Anjos do Mal, existem pensamentos maus que se atribuem a supostos Anjos Maus”. “A toda hora, em qualquer lugar, milhões de pessoas estão se comunicando com seu Anjo da Guarda”. “O Sol faz o dia mais claro, mas a luz e que faz o dia”. “Pegue a varinha de Condão e seja uma fada”. “As fadas nos levam ao mundo real”. “As crianças vêm as Fadas a todo instante”. “Gnomos e Duendes são pequeninas criaturas da felicidade”. “Os momentos mágicos mudam nossa vida. É o poder dos seres imaginários”. “Os gnomos fazem de brinquedo no topo de uma árvore imita a vida”. “A felicidade não foi feita para ser vista a olho nu”.

Sugerimos que meditem após a leitura de cada frase.

A obra é bem ilustrada e oferece alguns cartões postais. Está esgotada, no entanto, é possível encontrá-la nas boas bibliotecas e em sebos qualificados. Em linguagem simples é de salutar leitura, é indicada para os primeiros quatro ou cinco anos do curso fundamental. Entretanto, os professores podem usá-la em outras séries, no afã de colocar em prática a formação dos educandos.



# Mata - Contos do Folclore



A Companhia das Letrinhas de São Paulo publicou o citado título (2001) de Heloisa Prieto, com ilustrações coloridas de Guilherme Vianna, 63p.

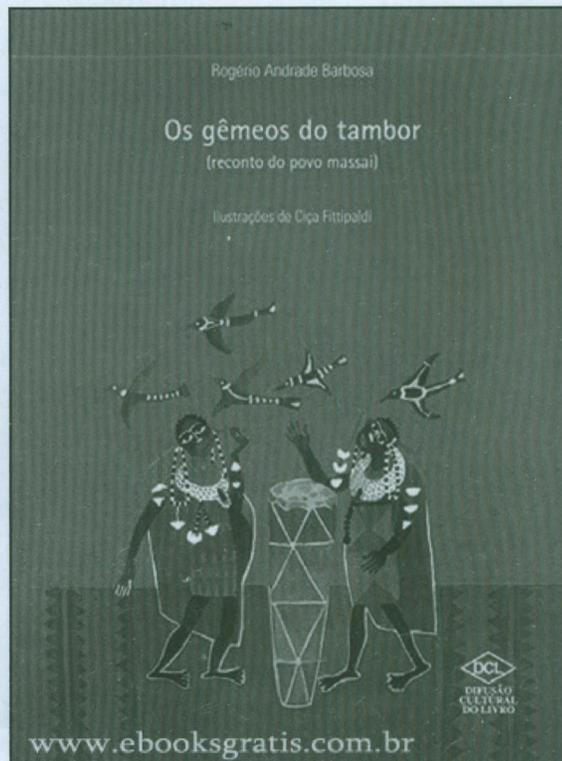
Lilia Moritz Schrvarcz promoveu a apresentação: Bate-papo com o folclore. O restante da obra está assim dividido: No mundo dos encantados / O pote / Pó de jararaca / O chapéu / A noite do nunca – mais / O cachinbo / Amiga da morte / O frasco / Sete fios d'água / O travesseiro / Conselhos da noite / O anel / Além da vida, antes da morte / O presente Posfácio: Dona Mariana Encantada.

## Os gêmeos do tambor

Rogério Andrade Barbosa publicou-o pela Difusão Cultural do Livro (DCL). Os gêmeos do tambor (reconto do povo massai), São Paulo (2006), 39p. As ilustrações da veterana Ciça Fittipaldi, bem coloridas.

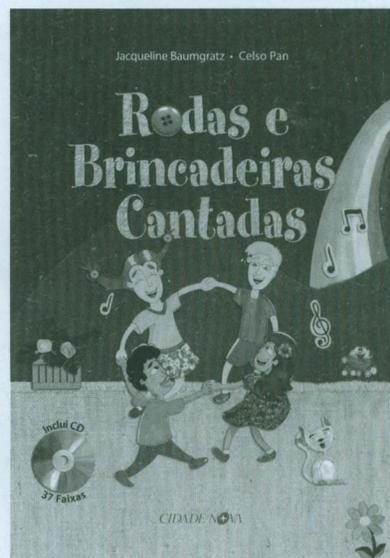
Kume e Kidongoi são os gêmeos do tambor, desde pequenos. Eles cresceram, tornaram-se robustos, verdadeiros guerreiros. Sabiam de tudo sobre gado e fenômenos da natureza, porém ignoram o próprio passado.

O autor convida o leitor para descobrir a história que originou esse conto massai, seguindo o caminho ao contrário de que corre o rio. Com detalhes e cores, o leitor é conduzido a história visual criada pela narrativa.



É indicado para as séries iniciais do ensino fundamental; as ilustrações favorecem a leitura.

## Rodas e Brincadeiras Cantadas



Esse manual de Jacqueline Baumgratz, com direção musical de Celso Pan, 104p., foi editado pela Cia.





Cultural Bola de Meia (2006), São José dos Campos, SP. É ilustrado em cores e o acompanha um CD. Certamente, por esses motivos é caro. Todavia, é indicado para quem trabalha no ensino fundamental especialmente nas primeiras séries. Após os indispensáveis: Prefácio (Lili Figueira) e a Introdução (Jacqueline Baumgratz, Ricardo Balieiro e Celso Pan). O sentido da educação (Jacqueline Baumgratz), O risco da poesia (Ricardo Balieiro), Eu canto, tu cantas, nós cantamos (Celso Pan), Canção feita para celebrar (Paulo Raphael A. Godói), Parceria rela e compromisso social (Gilberto Antônio Vasconcelos Silos), Parceria de sucesso (Luiz Sergio Cardoso de Oliveira), Roda de escolha. Lagarta pintada e Sugestões de como brincar, que servem para iniciar as práticas pretendidas, vêm as divisões da obra. Ei-las: Adivinhas / Rodas de versos: Peneira, Sereia, Dança do Vilão, Versos, Senhor caçador, Monjolo, Minha veia, Aí vem a chuva / Rodas de escolha / Brincadeiras cantadas: Camaleão, Boi Sarapintado, Saci, No pé de Cambará, Catira do passarinho / Cantigas de roda: Pisa moreninha, Indo eu, A roseira, Tindolelê, Canção do peixe Piaba/ Histórias cantadas: História de Caveira, Calango de chegada, Pagode no Caiu, Trava-línguas/ Histórias de chegada, Pagode do Cauí / Trava-línguas / Historias cantadas de Eco: Sardinha / Músicas cifradas / Agradecimentos / Fichas / Técnica do CD / Referencias bibliográficas / Referencias fonográficas / músicas do CD.

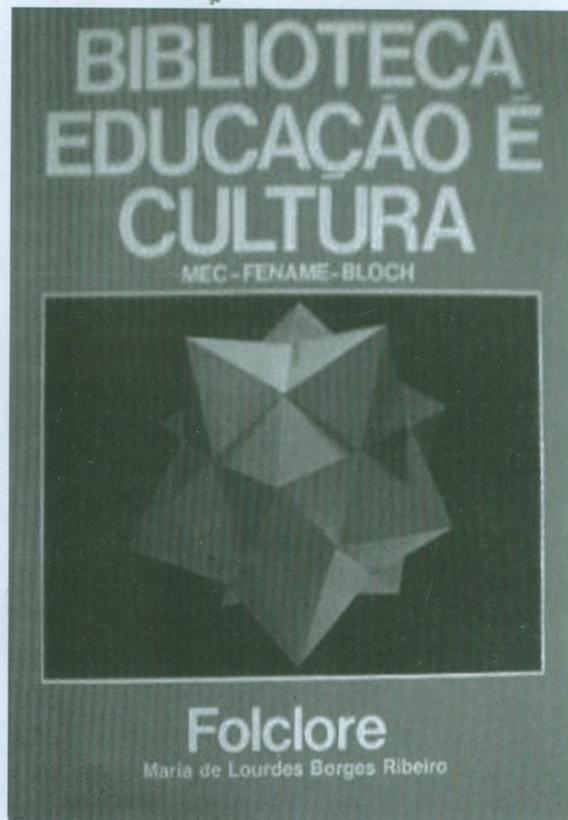
Além disso, há diversas sugestões de como brincar.

## Donde vem o homem?

Não é demais lembrar que os estudiosos do Folclore devem ter conhecimentos de antropologia (especialmente a cultural) e etnografia. A publicação dessa obra de H. de Saint - Blaquat, é mais um volume (43) da Enciclopédias Diagramas, foi impressa na tipografia Guerra, Viseu, Portugal (1967), 118p. A tradução de Frederico Montenegro. É ilustrada e foi Editorial Estúdios Cor lançou-a ao mercado consumidor.

Na introdução: O homem e os homicídios. A obra propriamente dita é composta por

sete capítulos, a saber : De Buffon a Darwin / À procura do elo que falta / Como o homem se tornou possível / As testemunhas de um nascimento / Dos “homens-macacos” aos primeiros homens / Donde vem os homens modernos / As novas sendas da paleontologia humana.



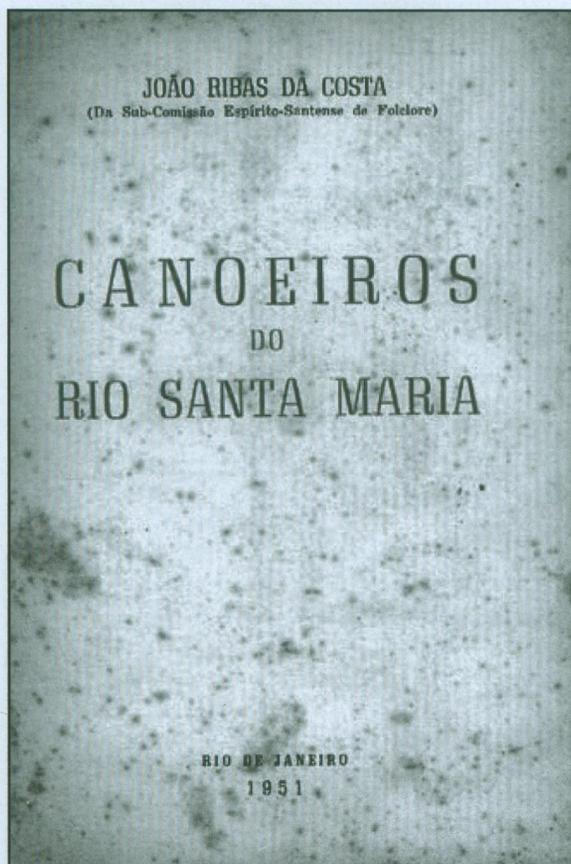
## Folclore

Esse livro de bolso, escrito por Maria de Lourdes Borges Ribeiro, editado pelo MEC-FENAN-BLOCH do Rio de Janeiro (1980), 64p., integra a Biblioteca Educação é Cultura. Não obstante esteja há anos esgotado, não é difícil encontrá-lo nos bons sebos (físicos e virtuais).

É excelente para o principiante. Consta dos seguintes itens: Apresentação / A palavra Folclore / A aceitação da palavra folk-lore / O fato folclórico e as suas características / Onde o folclore / Dinâmica cultural / O folclore e as ciências / Metodologia / Elementos formadores do folclore brasileiro / Precursores dos estudos de folclore no Brasil / O folclore e os órgãos oficiais / Aplicação do folclore na escola / Literatura oral / magia, credences, superstições e tabus / Religiões populares / Medicinas popular / Música folclórica / Danças Folclóricas / Folguedos Folclóricos / Artesanatos Folclóricos/ Teatro do povo / Orientação para o professor / Glossário.



# Canoeiros do Rio Santa Maria



A Prefeitura Municipal de Santa Leopoldina, Fundação Ceciliano Abel de Almeida e a Universidade Federal do Espírito Santo lançaram a 2ª edição (fac-similada) da obra, há muitos anos esgotada, de João Ribas da Costa. Trata-se de Canoeiros do Rio Santa Maria, 92p. Essa edição é de 1982 e a primeira de 1951. O prefácio é do eminente Nelson Omegna: “o campo de estudo escolhido é o mesmo que Graça Aranha elegeu para situar a sua Canaã. “O livro é bem ilustrado; é o volume 4 da coleção Estudos Capixabas.

O autor compartilhou a publicação em três partes: A Terra / O Rio e O Homem. Na primeira ele focou o cenário, a colonização e a Idade de ouro. Na seguinte tratou: a via fluvial, caminhões à vista e declínio. Na última: perfil coletivo, trabalho e diversões, música e poesia. Terminou com o epílogo e a bibliografia.

## Os Homens de Deus

Estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Editada pela Zahar, Rio de Janeiro (1983), 127p.

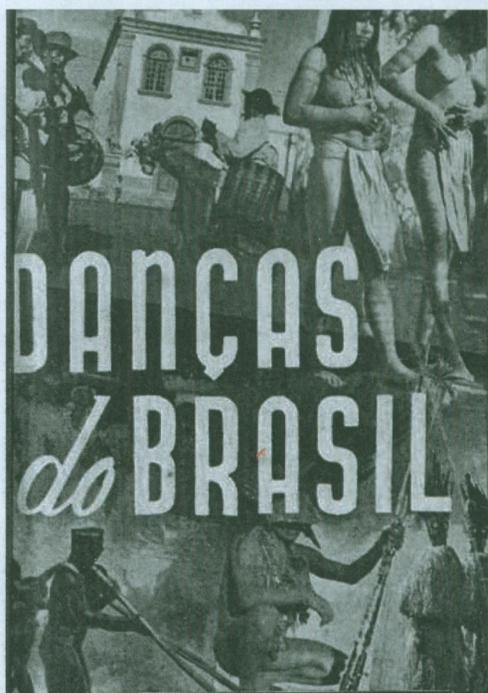


Essa obra de Alba Zaluar integra a coleção Antropologia, dirigida por Gilberto Velho. Carlos Brandão – então professor da Unicamp – inicia com o título “Sobre Homens e Seus Deuses”. Segue com a introdução. A pesquisadora dividiu a publicação em capítulos.

Capítulo I – A religião e a linguagem simbólica. No seguinte: as relações sociais nas localidades. No III: Os santos e suas festas. No IV: Promessas e milagres dos santos. O último os homens e as mulheres de Deus. Conclusões. Finaliza com a bibliografia.

É de grande valor para conhecer a religiosidade.

## Danças do Brasil



Com 163 p., o livro é ilustrado e traz danças indígenas e folclóricas. Quem escreveu a obra usa o pseudônimo Felicitas. Foi publicado pela Editora Tecnoprint, Rio de Janeiro, sem data. O prefácio é de Paschoal Carlos Magno. Na introdução, Felicitas, entre outros aspectos, afirma que viveu em contato direto com o povo e diversas tribos de índios Gavião, Urubu, Xavante, Carajá, Xerente e outros. A obra está dividida em partes; a primeira (danças indígenas): A dança como elemento de autoexpressão na vida do indígena brasileiro. Na parte seguinte (danças folclóricas): Outras danças brasileiras que carecem de maior importância. Encerra com a bibliografia.



# Caiçaras de Itanhaém



Essa é a segunda edição do “romance folclórico” de 122p., sem ilustração, republicada (1985). O autor é Antenor Coradi. A bela capa é de Mácio Coradi (desenho).

Depois do histórico indispensável aparecem os seguintes títulos: Caiçaras de Itanhaém / Ester / O novo lar de Ester / A tempestade / O Casamento / o Parto / Rosinha / O Batizado / Férias / Ilha das Cobras / Peruíbe / A Tentativa / Primavera / Passeio a Santos / Maria / Tônico / Rio de Janeiro / A Vedete / A Enferma / A Formatura.

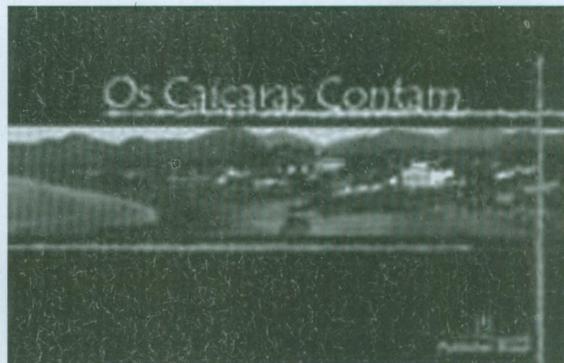
Para quem aprecia romances, é uma oportunidade, pois é uma das especialidades do autor (publicou outros: O Espelho e Odisséia de um Craque). Para os demais, as informações são sempre válidas para os pesquisadores. A cultura caiçara é bem interessante para ser estudada pelos folcloristas e folclorólogos.

## Os Caiçaras Contam

A Publisher Brasil com o apoio da Prefeitura de Ubatuba e a Fundart lançaram o livro, cujo título é o do desta nota. Bem ilustrado, 80p, saiu do prelo no ano 2000. Evidentemen-

te está esgotado.

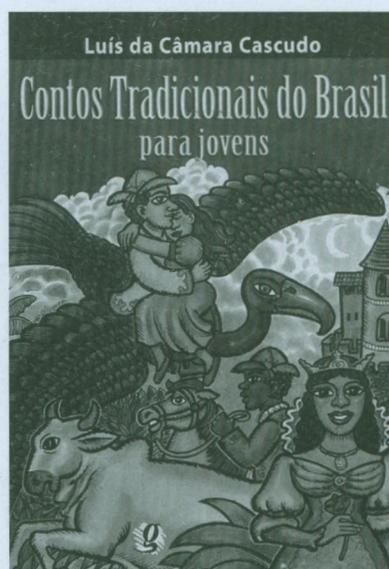
A apresentação é de Eliana Ingleses (presidente da Fundart). Tratou o assunto com os seguintes títulos (ou capítulos): Naquele Tempo / O Imaginário Caiçara / Mar / Festas / O Barulho das Armas / Letras / A Cura / Tempos Modernos / Caminhos / Posfácio / Perfis dos Entrevistados. É bem ilustrado esse livro.



Um dos entrevistados disse “Sou do tempo em que uma Folia de Reis e uma Festa do Divino eram acontecimentos comuns, que não tenham esse...”.

Na simplicidade dessa publicação o leitor encontrará “causos”, crendices, Saci, Lobisomem, superstições, historias de pescador, festas (juninas, Reis, Divino, carnaval...), danças de roda, etc. De fácil leitura, porém é divertida...

## Contos Tradicionais do Brasil para jovens



Só pelo nome do autor, deve ser lido. Essa antropologia direcionada à juventude reúne contos tradicionais recolhidos por Câmara Cascudo do povo potiguar. Foram divididos em temas diversificados. Assim, o leitor encontrará contos de adivinhações, encantamento, etiológico, religioso, além de outros. É



evidente que esses contos podem ser recontados pelo povo de outras áreas geográficas.

A edição (primorosa) da Global Editora (São Paulo), 2008 (3ª impressão), 123p. Eis a compartimentação da obra. Contos de Encantamento (Os Compadres Corcundas / O Fiel Dom José / A Princesa de Bambuluá / O Espírito Mágico / A Princesa e a Serpente / O Peixe Encantado / Pedro José e João). Contos de Exemplo (Maria de Oliveira / A Menina dos Brincos de Ouro / O Bem se Paga com o Bem / Os quatro ladrões / O Velho Ambicioso / O Boi Leição). Contos de Animais (O Touro e o Homem / Decreto Libertador / O Sapo com Medo D'Água / A Raposa Furta e a onça Paga / O Bicho Folharal). Contos Religiosos (Quem tudo quer tudo perde / Viva Deus e Ninguém Mais! / Como a Aranha Salvou o Menino Jesus / Uma Lição do Rei Salomão). Contos Etiológicos (A Causa das Secas no Ceara / A Maraçapeba / Por que Cachorro é Inimigo de Gato.. E gato de Rato / A Goela e o Rabo da Baleia). Contos de Adivinhação (O Filho Feito sem Pecado / Frei João sem Cuidados / A Princesa Adivinhona). Contos Acumulativos (O Menino e a Avó Gulosa / O Macaco perdeu a Banana), além de outros agrupamentos: Facécias, Mortes, Demônios Logrados, etc.

## Batata cozida, mingau de cara

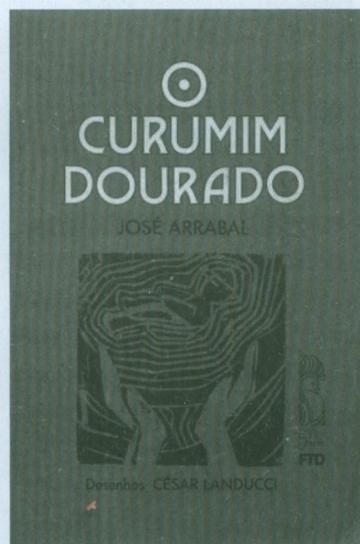


Eloí Elisabete Bocheco, na série Literatura para Todos. Edição (2006) do ministério da Educação. A seleção que compõe o livro

foi retirada da tradição oral. Eis alguns dos títulos que estão nessa obra: Vaca malhada / A cutia / Pisa-pilão / Quebra o coco / Lenços / Dizeres rimados / Beija-flor / Preguiça / Caçarola / Ciganinha / Recados / Marinheiro / Mulinha / Sarapico / Sal / Jardineiro / Serenata / Trem de tróia. Essa publicação é ilustrada e destinada para os que estão iniciando o estudo da cultura espontânea do povo e não oferece novidade para os folcloristas.

## O curumim dourado

Com as ilustrações do desenhista César Landucci, da Editora FTD, São Paulo, na Coleção Jovem, 54p. Sem data de publicação. O autor é bacharel em Direito. Publicou diversas lendas, sem títulos, sem maiores indicações. Vale dizer



que é um curioso, jamais um folclorista.

Não deixamos de citar para leitura do tipo água com açúcar.

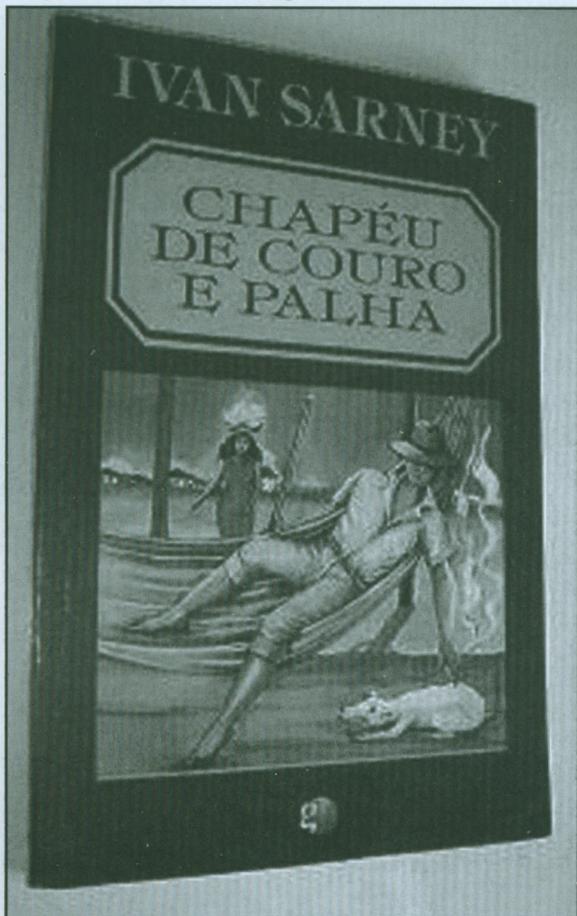
## Chapéu de Couro e Palha

A Global, na série Singular e Plural, lançou ao público Chapéu de Couro e Palha, de Ivan Sarney (1987), 135p.

A introdução é de Nelson Werneck Sódre, que a intitulou. Os cromos de Ivan Sarney (lembrou Mário de Andrade e Guimarães Rosa). Os contos são: O desabafo do compadre Ernestino ao juiz Sereno / Quando o sol incrisou nos olhos de Mané "Ferreiro" / A juriti e o vaqueiro na beira do riacho / Como o Cavalo Campolino cobriu a égua castanha / A memorável história de "Colete Curto" / O rumo-



a nega Domingas / O pösseiro das terras Várzea Alta e o janguço / Os filhos do Juiz Serrano e as moças vacas, nas terras de “Vargem Bonita” / Um dia do “Divino” / O carcará e o bezerro fugindo da morte / Incurções da onça caetana nos sertões de Padim Ciço e Capitão Virgulino / Florentino e a noi-vinha na Vaquejada / O Curto e trágico amor de Zezinho “Santeiro” com a filha do Coronel Valente / A repetida fuga dos homens contra a morte / A triste sorte de “Caniço” num dia de caça / Quando a dor se anuncia pelo pio do rasga-mortalha / A sorte que Crescenço tirou num dia de ferra / e O corpo encruzado de Pestimol / A cascavel que se atravessa no caminho dae Januário / A morte de “Primorosa”, rainha das vacas da fazenda “Vargem Grande”.



Todos os contos são ilustradas; a leitura dever ter a visão crítica da obra.

## Homenagem ao Folclore

Como tem acontecido nos últimos lustros as Loterias Caixa têm lembrado a cultura espontânea do povo brasileiro em diversas oportunidades. Das últimas ocorrências regis-

tramos:

1 - A extração nº4463-6, de 03/07/2010, na série Manifestações do Folclore brasileiro, o Boitatá:

“Diz a lenda que o Boitatá é uma cobra-de-fogo gigante que vive nas águas e pode se transformar numa tora em brasa. Boitatá protege as florestas das pessoas que provocam queimadas”.



2 - Na mesma série, em 18/06/2011, a extração nº4563-2, estampa o Bicho-Papão:

“O bicho-papão é a personificação do medo, um ser mutante que pode assumir qualquer forma de bicho. O bicho-papão está sempre à espreita e é atraído por crianças desobedientes”.



3 - Em 29/10/2011, a extração nº4601-9, a Lenda do Açaí foi homenageada:



“A índia ‘Iacá’ chorava todos os dias com saudades do filho, que havia sido sacrificado por causa da falta de alimentos na tribo. Um dia, chorou abraçada à Palmeira de Açaí e teve uma visão do indiozinho. Desde aquele



dia, a árvore passou a dar frutos e alimentar novamente toda a tribo”.

4 - Por várias vezes, ocorreu a série museu Casa do Pontal, que o conhecemos bem, após efetuar três ou quatro demoradas visitas.

Em 28/05/2011, a extração nº4557-8 apresentou a obra de Adalton Lopes, intitulado: Jogo de damas.



5 - Prosseguindo a série apresenta em 02/07/2011, extração nº 4567-5, a Lenda da Mandioca:

“A indiazinha Mani morreu doente, porém sorrindo. Seus pais enterraram-na em sua oca e regaram sua cova com água e amor. Um dia, perceberam que ale nascia uma plantinha de casca marrom e polpa branquinha, quase da cor de Mani. Vamos chamá-la de Mani-oca”.



6 - A extração nº4594-2, em 05/10/2011, foi a vez da Catira:



“É uma dança do folclore brasileiro, em que o ritmo musical é marcado pela batida dos pés e mãos dos dançarinos”.

7- A Lenda do Guaraná foi lembrada na extração nº4608-6, em 23/11/2011:



“A mãe da índia chorava desesperadamente após seu único e tão desejado filho ter sido morto pela inveja de Jurupari, um espírito mau. Quando acharam o corpo, trovões explodiram no céu. A mãe entendeu aquilo como uma mensagem de Tupã para plantarem os olhos da criança. No “lugar do plantio nasceu um lindo pé de Guaraná”.

8 - A lenda da Caipora foi celebrada em 17/12/2011, extração nº4615-9:

“Conta a lenda que Caipora é um espírito que parece sob a forma de menino nu e peludo, montado num porco-do-mato. Assim como o Curupira, com quem tem parentesco, ele protege animais selvagens e a flora. Ataca os caçadores que não cumprem os acordos de caça feitos com ele e é capaz de ressuscitar animais mortos com o ferrão de sua lança”.



9 - Em 14/01/2012, na extração nº 4.623-0, homenageou-se o dia de Reis (os três Reis Magos). Aliás, eles raramente não são lembrados no início de cada ano civil pela Caixa.



# COMISSÃO EXECUTIVA DO 48º FEFOL

## DECRETO N.º 5.249, DE 26 DE JUNHO DE 2012

Constitui a Comissão Executiva do 48.º Festival do Folclore a ser realizado no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna" (21 a 29 de julho de 2012).

EUGENIO JOSÉ ZULIANI, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais,

### DECRETA:

**ARTIGO 1.º** - Fica constituída a Comissão Executiva do 48.º Festival do Folclore de Olímpia, a ser realizado de 21 a 29 de julho do de 2012, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, com os seguintes membros:

**Presidente:** Paulo Duarte Ferreira

**Vice-presidente:** Sonia Ap. Najem Gallette

**1.º Secretário :** Dalva M. Ferreira

**2.º Secretário:** Zuleica C. Zangirolami

**1.º Tesoureiro:** Rosi Aparecida Esteves More da Silva

**2.º Tesoureiro:** Antônio Alves da Silva Filho

**Subcomissão Financeira:**

Angelina Gaetano de Alencar  
Antônio Alves da Silva Filho  
Fábio Eugênio Calvo Vidal  
Flavio Augusto da Silva Santos  
João Carlos Amaro de Souza  
Jorge Luiz de Freitas Carvalho  
Jose Procopio Ribeiro  
Paulo Cesar Pedroso  
Paulo Duarte Ferreira  
Rosi Aparecida Esteves da Silva

**Subcomissão de Hospedagem e Alimentação:**

Antônio Clemêncio da Silva  
Aparecida Zamperlini Zuliani  
Eliana Antonia Bertoncelo Monteiro  
Eudirce Benatti  
Fátima Bernardes  
Luiz Fernando Cintra  
Luiza Alves Tosta  
Nelciley Alves Tosta  
Paulo Duarte Ferreira  
Paulo Roberto Marcondes  
Sérgio Abe  
Vera Lúcia Storto Garcez

**Subcomissão de Decoração:**

Leda Maria de Lima Ribeiro  
Milene Gonçalves  
Reoniquevones Brunhara Puttini

**Subcomissão de Seleção de Interessados para Autorização de Uso do bem público em referência:**

André Luiz Nakamura  
Cássia Cristina Recco  
Paulo Roberto Marcondes

**Subcomissão de Organização Cultural:**

Antônio Clemêncio da Silva  
Eliana A. Duarte Bertoncello Monteiro  
Maria Aparecida de Araújo Manzolli  
Maria Marlene Storto  
Marise Ap. Andreo E. F. Carvalho

**Subcomissão de Desfiles:**

André Luiz Nakamura  
Clarismundo Sant'Anna  
Dalva Marques Ferreira  
Gilsom Carlos Miranda  
João Carlos Amaro de Souza  
Neusa Aparecida Pereira dos Santos  
Roberto Arruda

**Subcomissão de Apoio:**

Cleber José Cizoto  
João Paulo Poliselso  
Luiz Gustavo Pimenta  
Sílvia Elisabeth Forti Storti  
Paulo Roberto Marcondes  
Marcelo Soares Paschoal  
Marco Antônio Loureiro Barboza  
Walter José Trindade

**Subcomissão de Manutenção e Limpeza da Praça de Atividades Folclóricas:**

Adilson Ribeiro Guimarães  
Aloizio Aparecido Louzada  
Aníbal Tomazine  
João Norberto Gianotto  
Marcelo Renato Silva  
Mário Covello

**Subcomissão de Recepção:**

Maria Marlene Storto

**Subcomissão do Estacionamento:**

Antônio Alves da Silva Filho  
João Carlos Amaro de Souza  
Jorge Luiz de Freitas Carvalho  
Paulo Roberto Marcondes

**Subcomissão de Barracas:**

André Luiz Nakamura  
Cássia Cristina Recco  
Flavio Augusto da Silva Santos  
Sidnei Carlos Schalc  
Paulo Roberto Marcondes

**ARTIGO 2.º** - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Registre-se e publique-se.  
Prefeitura Municipal de Olímpia, em 26 de Junho de 2012.

EUGENIO JOSÉ ZULIANI  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado no setor competente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 26 de junho de 2012.

CLÉBER LUIS BRAGA  
Supervisor de Expediente

**ASSESSORIA DE IMPRENSA**

Divulgação:  
Andressa Carla Maieiros Rodrigues  
Ana Lúcia Eschiapati  
Leonardo Concon

Webmaster e Fotógrafo: Jonas Olmos  
imprensa@folcloreolimpia.com.br





Criado em 02 de abril de 1968, o CTG - Centro de Tradições Gaúchas "Estância da Serra" procura divulgar a cultura do povo gaúcho, estabelecendo um intercâmbio cultural por meio de suas tradições e de seus costumes.

No segmento de danças tradicionais, o grupo do CTG "Estância da Serra" tem obtido excelentes classificações no ENART - Encontro de Artes e Tradição Gaúcha, ressaltando-se que tem disputado a final nos últimos cinco anos.

O grupo representa o CTG em diversos eventos nacionais e internacionais. Realizou excursões pelo Uruguai, pela Argentina, pelo centro do país, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, participando também de festivais de danças folclóricas, na Holanda e na Alemanha.

Apoio:

